

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

**UM PAPA EM REDE:
Francisco e as Redes Sociais**

Eduardo Silva

Rio de Janeiro/Joinville

2016-2019

Eduardo Silva

UM PAPA EM REDE:

Francisco e as Redes Sociais

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Tavares d'Amaral

Rio de Janeiro / Joinville

2016-2020

**ATA DA QUADRIGENTÉSIMA OCTOGÉSIMA SÉTIMA SESSÃO PÚBLICA
DE EXAME DE TESE DE DOUTORADO DEFENDIDA POR EDUARDO
SILVA NA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ**

Aos vinte e nove dias do mês de abril de dois mil e vinte, às quatorze horas, através de videoconferência, foi realizada a defesa de tese de doutorado de **Eduardo Silva**, intitulada: "**Um Papa em Rede: Francisco e as redes sociais**" perante a banca examinadora composta por: **Marcio Tavares D'Amaral** [orientador(a) e presidente], **Paulo Roberto Gibaldi Vaz**, **Mauricio Lissovsky**, **Euler Renato Westphal** e **Moisés Sbardelotto**. Tendo o(a) candidato(a) respondido a contento todas as perguntas, foi sua tese:

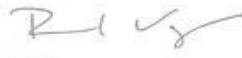
aprovada reprovada aprovada mediante alterações

E, para constar, eu, Thiago Couto, lavrei a presente, que segue datada e assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) candidato(a) ao título de Doutor(a) em Comunicação e Cultura.

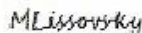
Rio de Janeiro, 29 de abril de 2020



Marcio Tavares D'Amaral [orientador(a) e presidente]



Paulo Roberto Gibaldi Vaz [examinador(a)]



Mauricio Lissovsky [examinador(a)]



Euler Renato Westphal [examinador(a)]



Moisés Sbardelotto [examinador(a)]



Eduardo Silva [candidato(a)]

Ficha catalográfica

Bibliotecária Responsável: Tatiane Cristina Gheno (CRB14/1416)

Silva, Eduardo

S586p Um papa em rede : Francisco e as redes sociais / Eduardo Silva; orientador Dr. Márcio Tavares d'Amaral – Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

202 f. : il. color.

Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro -- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, 2020.

Orientador: Dr. Márcio Tavares d'Amaral

1. Comunicação. 2. Redes sociais. 3. Religião. 4. Papa Francisco. I. D'Amaral, Márcio Tavares (orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. III. Título.

CDD 302.203

Aos meus, que com carinho e compreensão me deram forças para continuar: Josiane, Augusto, Isabeli, José, Liliane e Milena.

AGRADECIMENTOS

São muitas pessoas a agradecer, e quando isso acontece, corremos o risco de sermos traídos pela memória e conseqüentemente cometermos a indelicadeza de deixar alguém para trás. Ainda mais, quando partimos do pressuposto que esta tese versa sobre a construção social de uma imagem e precisamos refletir quem de fato não é construído socialmente. Assim, não agradeço somente a todos e todas que contribuíram para a construção desta tese, mas agradeço principalmente porque contribuíram na construção do que sou hoje.

Assumo o risco de parecer piegas, mas minha gratidão primeira é a Igreja. Não a igreja construção nem a igreja instituição, mas a Igreja verdadeira, povo de Deus, àquela que não se resume ao culto ou ao dogma, mas que sai de si, que vai ao encontro, que proclama a libertação e a vida em abundância prometida por Cristo. Não posso, por qualquer que seja o receio, deixar de agradecer a esta Igreja. Fui formado no seu seio, foi através dela que tive a chance de conhecer de Tales à Foucault, foi em quase uma década de formação presbiteral que adquiri disciplina, que moldei meu caráter, que recebi e guardei valores fundamentais que permitiram chegar onde cheguei. Muito antes de se falar em diversidade e pluralidade eu já adquiria estes valores como fundamentais. Com esta Igreja, santa e pecadora, plural e una, eu rompi e hoje me reencontro, por caminho diverso, externo, estranho àquele que no passado havia traçado, mas jamais desconectado.

Aos meus, que me são mais caros, cujo amor não conseguirei representar em palavras, mas que são os que mais perderam um pouco de mim para que esta etapa fosse concluída. Querida e amada Josi, amiga, confidente, fiel, parceira, guerreira, eu nada seria e nada disso faria qualquer sentido sem você ao meu lado. Você é meu lastro e meu mastro, me equilibra e me impulsiona, sem você eu seria barco à deriva. Eis nossa tese, obrigado por “segurar as pontas” e sonhar junto comigo. Guto, nestes últimos 4 anos tu crescestes muito e sei que muitas vezes o pai não esteve junto a ti quando precisavas, mas tu serás sempre o “cara” que me ensinou a ser pai, obrigado por tudo. Zeca, o teu abraço gostoso me conforta e a tua perspicácia me alegra, obrigado meu pitoco por dar força para o papai continuar. Minha pequena “Mimi” tinhas apenas 3 anos quando o papai começou o doutorado, não conheces ainda o que sou eu sem dizer “faz silêncio para o papai ler” ou “agora o papai tem que escrever”, mesmo assim, qualquer momento é oportunidade para um carinho, um afago, um beijinho gratuito. Obrigado minha pequena! E vocês, Isabeli e Liliane, que há um ano viraram nossas vidas do avesso... Suas histórias se tornaram nossas, suas dores nossas dores, suas dificuldades as nossas vitórias. Tudo ficou um pouco mais moroso e a palavra paciência se tornou sinônimo de amor. Minhas

lindas, minhas queridas, minhas filhas... Quem diria que menos de um ano nós estaríamos tão adaptados? Nossa família cabe numa kombi, mas nosso amor não! Gratidão!

Aos meus pais, Mazilda e Juarez, obrigado pelo apoio, pelas orações, pelo carinho, por compreenderem a ausência quando foi necessário, por estarem presentes quando foi possível. O sonho de vocês ao me darem Eduardo por nome aqui se realiza. Amo vocês!

Aos demais familiares, meus irmãos Jean, João e Emanuel, suas famílias, meus tios, tias, enfim, todos àqueles que me apoiaram nesta jornada, meu muito obrigado. Minha gratidão mais profunda às duas mulheres, fortes, amigas e carinhosas, que ajudaram a me criar. Vó Dete (*in memoriam*) que se foi nesse percurso e Vó Tonica, a quem sempre admiro pelo amor a vida. Gratidão a todos pela sintonia.

A Univille, que me deu tantas oportunidades, lugar que cresci como pessoa e profissional, instituição que amo e que pertenco. Foi aqui que descobri o verdadeiro sentido da palavra profissão. Aqui conheci pessoas incríveis, fiz amizades e estabeleci uma rede de afetos que vai muito além de “um local de trabalho”. Expresso minha gratidão a toda equipe de gestão da professora Sandra Aparecida Furlan, em especial aos professores Alexandre Cidral, Therezinha Maria Novais de Oliveira, Yoná da Silva Dalonso e José Kempner. Minha gratidão ao amigo Gean Cardoso de Medeiros, que foi quem disse: “cara, esse doutorado é para ti!”, foi também quem me deu a oportunidade de em diversos momentos crescer profissionalmente, e se hoje estou à frente do *campus* São Bento do Sul, foi porque me preparou para tal. Obrigado pelos conselhos, pelo aprendizado, pela serenidade em conduzir nossa equipe durante estes anos. “Um bom líder prepara novos líderes”.

Minha imensa gratidão também a minha estimada equipe, àqueles que estiveram sempre ao meu lado, dando apoio, Liandra, Soraya, Marili, Tatiane, Jean Dias, Michel, Rafael, Andreia, Denise, enfim, nominando eles agradeço também as suas equipes e a todos que nos dão suporte nos trabalhos do dia-a-dia, possibilitando assim, de alguma forma, a execução desta pesquisa.

Amigos! Não tenho outra palavra para descrevê-los. Sirlei, nossa “irmã” mais velha, com essa firmeza no pulso e essa enormidade no coração, serás sempre referência de liderança para mim. Meu compadre Wilson, velho guerreiro de tanto tempo, quis o destino, ou a providência, que estejamos juntos em tantas jornadas, obrigado pelo companheirismo, pelos charutos e pelos vinhos. Silvio, o grande articulador, “amigo de turma”, obrigado por tudo e que tua disposição, tua garra, nos sirvam de exemplo. Jucilei e Daniel, obrigado pelo companheirismo, pelas dicas e por todo apoio. Giba, meu querido, que gratidão à providência de nos ter encontrado, te estimo muito! Que tua jovialidade contagiante perdure por muitos e muitos anos. Lizi, “nossa irmã caçula”, que tua vida seja repleta de alegria e significado.

Obrigado por todo apoio seja como colega de doutorado, seja como colega de trabalho. Enfim, agradeço a vocês todos pelos encontros, passeios, aulas, debates, enfim, por partilharmos nossas vidas!

Minha gratidão à professora Marialva, ao professor Micael e aos demais professores da UFRJ que possibilitaram a execução deste doutorado interinstitucional em parceria com a Univille. Foi a oportunidade que eu e os amigos acima citados alcançassem o aprofundamento acadêmico com a qualidade da Escola de Comunicação da UFRJ. Aos nossos professores, meu muito obrigado!

Em especial ao meu orientador, professor Márcio Tavares d'Amaral. Quanta ternura e generosidade em uma pessoa. Quanta coisa aprendi contigo neste tempo. Uma pena realmente eu não poder ficar em tua classe e te escutar diariamente. Que nosso bom Deus te conserve a saúde, a sabedoria, a alegria e a generosidade. Eternamente grato a oportunidade de te conhecer e de estar contigo, mesmo que distante.

Oração de São Francisco de Assis

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz

Onde houver ódio, que eu leve o amor

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão

Onde houver discórdia, que eu leve união

Onde houver dúvida, que eu leve a fé

Onde houver erro, que eu leve a verdade

Onde houver desespero, que eu leve esperança

Onde houver tristeza, que eu leve alegria

Onde houver trevas, que eu leve a luz

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:

Consolar que ser consolado

Compreender que ser compreendido

Amar que ser amado

Pois é dando que se recebe

É perdoando que se é perdoado

E é morrendo que se vive para vida eterna

Amém!

RESUMO

SILVA, Eduardo. **Um papa em rede:** Francisco e as redes sociais. Rio de Janeiro, 2019. 202f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a construção social da imagem e do imaginário do Papa Francisco por meio das redes sociais. Para tanto, foram analisadas as contas oficiais do Papa: @Pontifex_pt no Twitter e @franciscus no Instagram, bem como a conta oficial da Igreja católica no Facebook, o Vatican News. Esta análise buscou também a comparação com outras expressões religiosas bem como a atuação de outros membros da Igreja católica nas redes sociais como o Padre Fábio de Melo. Da mesma forma, a análise se voltou também para as reações, compartilhamentos e comentários realizados nas postagens. A pesquisa se enquadra em dois movimentos, de um lado contribuir para a problematização sobre o uso das redes sociais, e de outro compreender como esta nova ambiência interfere na vida do *homem-comum*, em especial, no campo religioso. Em termos metodológicos, esta pesquisa se desenvolve na análise etnográfica descrevendo o comportamento na ambiência das redes sociais, contribuindo para a construção do imaginário sobre a figura do Papa Francisco. O critério metodológico é o engajamento, ou seja, a audiência mensurada pelas reações nas redes sociais. No intuito de compreender como se dá a construção da imagem do Papa Francisco através das redes sociais, foi necessário inicialmente desvendar quem é este *homem-comum* que usa as redes sociais, como ele próprio se constrói nesta ambiência, como se expressa religiosamente e qual o significado da religião em plena pós-modernidade. Na sequência a pesquisa adentra no “como” as religiões estão expostas nas redes sociais, as páginas, os perfis, os comentários e as mensagens. Por fim, a pesquisa foca em descobrir os usos da imagem de Francisco, seja pela própria Igreja, seja por usuários que buscam em sua imagem construir o seu próprio perfil em rede.

Palavras-chave: Redes-sociais. Papa Francisco. Igreja católica.

ABSTRACT

SILVA, Eduardo. **Um papa em rede:** Francisco e as redes sociais. Rio de Janeiro, 2019. 202f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This research aims to analyze the social construction of Pope Francis' image and imagery through social networks. To this end, the Pope's official accounts were analyzed: @Pontifex_pt on Twitter and @franciscus on Instagram, as well as the official Catholic Church's Facebook account, Vatican News. This analysis also sought comparison with other religious expressions as well as the performance of other members of the Catholic Church in social networks such as Priest Fábio de Melo. Likewise, the analysis also turned to the reactions, shares and comments in the posts. The research is part of two movements, on the one hand to contribute to the problematization about the use of social networks, and on the other to understand how this new ambience interferes in the life of the *homem-comum*, especially in the religious field. In methodological terms, this research develops in the ethnographic analysis describing the behavior in the ambience of social networks, contributing to the construction of the imaginary about the figure of Pope Francis. The methodological criterion is engagement, that is, the audience measured by reactions on social networks. In order to understand how the image of Pope Francis is constructed through social networks, it was initially necessary to unravel who this *homem-comum* who uses social networks, how he builds himself in this ambience, how he expresses himself religiously and what is meaning of religion in the midst of postmodernity. Following the search enters the "how" as religions are exposed on social networks, pages, profiles, comments, and messages. Finally, the research focuses on discovering the uses of Francis' image, either by the Church itself or by users who seek in their image to build their own network profile.

Keywords: Social networks. Pope Francis. Catholic Church.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Bento XVI e o Mestre dos Magos da Caverna do Dragão.....	23
Figura 2: Diagrama do decurso metodológico	32
Figura 3: Capa da página Rabino Dudu.	71
Figura 4: Capa da página do Rabino Ventura no Facebook.	72
Figura 5: Conteúdo da página Torah com você.	73
Figura 6: Capa da página Coisas Judaicas.	74
Figura 7: Mesquita Brasil.....	76
Figura 8: Tirinha FAMBRAS.....	77
Figura 9: Excertos coletados na avaliação da página Islam em Português.....	78
Figura 10: Publicação da página Islam para todos no Facebook.	80
Figura 11: Publicação da Página Budismo Engajados.	84
Figura 12: Sobre Budismo.....	86
Figura 13: Namaste <3 Post especial da página do criador de conteúdo.....	87
Figura 14: Excerto de comentários a postagem da página budismo engajado.....	90
Figura 15: Católicos Pró-Brasil.	102
Figura 16: Tuíte de Fabio de Melo em 21 de julho de 2019.....	110
Figura 17: Tuíte do padre Fábio de Melo de 8 de julho de 2019.	111
Figura 18: Sequência de Tuítes extraídos da conta do Padre Fábio de Melo no dia 27 de março de 2019.....	112
Figura 19: Tuíte de padre Fábio de Melo sobre a "saidinha" de Alexandre Nardoni.....	113
Figura 20: Resposta ao tuíte do padre Fábio de Melo em 8 de agosto de 2019.....	114
Figura 21: Resposta ao tuíte do Padre Fábio de Melo em 8 de agosto de 2019.....	114
Figura 22: Publicações do Padre Fábio de Melo em 09 agosto 2019.....	115
Figura 23: Troca de tuítes entre Padre Joãozinho e Padre Fábio de Melo em função do seu retorno.	116
Figura 24: Imagens do Cardeal Jorge Mário Bergoglio	130
Figura 25: Imagens oficiais do Papa.....	131
Figura 26: Primi Piani Benedetto XVI	138
Figura 27: Foto oficial do Papa Francisco	138
Figura 28: Primi Piani News Benedetto XVI.....	140
Figura 29: Caminho quaresmal – Francisco.....	140
Figura 30: Primi Piani News Benedetto XVI.....	141

Figura 31: Primi Piano Francisco	142
Figura 32: Visita Apostólica ao Brasil.....	143
Figura 33: Visita Apostólica ao Brasil em 25/07/2013 – Jornada Mundial da Juventude - Francisco.	144
Figura 34: Imagem comparando os dois papas na página “Fatos desconhecidos”.	145
Figura 35: Cartaz com crítica a Francisco em rua de Roma	149
Figura 36: Publicação da página "Teologia da Libertação" fazendo referência à reforma da cúria Romana.....	150
Figura 37: Publicação da página CEBs a serviço do Reino em comemoração aos 4 anos de eleição de Francisco.	151
Figura 38: Líder de partido de extrema-direita na Itália, Matteo Salvini (à dir. na foto) exhibe camiseta com a inscrição "Meu papa é Bento".....	154
Figura 39: Publicação sobre o episódio da <i>Pachamama</i> nos jardins do Vaticano.....	157
Figura 40: Postagem da página Vatican News sobre o furto das estátuas de Pachamama seguido dos comentários	159
Figura 41: Resposta de Adimilson Nogueira ao tuíte de @Pontifex_pt.....	161
Figura 42: Resposta de @JosianaZs a @Pontifex_pt.....	162
Figura 43: Recorte de um debate nos comentários de um tuíte do Papa Francisco: Tortura e aborto.....	163
Figura 44: Comentário de Miguel Peres ao comentário de Paulo Rangel ao tuíte do Papa Francisco.....	165
Figura 45: Postagem sobre a recepção do Padre James Martin pelo Papa Francisco	167
Figura 46: Postagem LGBT News Brasil	168
Figura 47: Análise SparkToro Donald Trump.	171
Figura 48: Análise SparkToro Papa Francisco.....	172
Figura 49: Análise SparkToro Pope Francis	172
Figura 50: Análise SparkToro Papa Francesco	173
Figura 51: Tuite de @Pontifex_it.....	174
Figura 52: Série de respostas a @Pontifex_pt.....	175
Figura 53: Papa visita o Refeitório que atende refugiados e imigrantes em Roma.....	185
Figura 54: Imagem do dia 26 ago. 2017, Praça São Pedro.....	186
Figura 55: Publicação de 24 ago. 2016.....	186
Figura 56: Mãos do Papa na oração do terço. 02 maio 2017.	187
Figura 57: Audiência Geral Sala Paulo VI. 02 fev. 2017.	187

Figura 58: Audiência Geral - 15 jan. 2020.....	188
Figura 59: Papa reza pelas vítimas dos atentados terroristas. 15 jul. 2016.....	188
Figura 60: Papa visita Armênia. 25 jul. 2016.....	189
Figura 61: Papa visita Suécia. 04 nov. 2016.	190
Figura 62: Visita apostólica ao Egito. 28 abr. 2017.	190
Figura 63: Em oração na Phoenix Park	191
Figura 64: Praça São Pedro. 8 jun. 2016.....	191

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de seguidores (em milhões) das 9 contas @pontifex somadas..... 170

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1.1 ENTRE PROBLEMAS A APOLOGIA DE UMA PERGUNTA.....	22
1.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES	26
1.3 BUSCA E CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	27
1.3.1 Engajamento: uma reflexão sobre o critério	35
1.4 PERCURSO DA TESE.....	36
2 PÓS-MODERNIDADE E PÓS-HUMANISMO: QUEM SOMOS?	38
2.1 O QUE É O HOMEM? PERGUNTA MODERNA?	41
2.2 O “DIODO” HOMEM-DEUS E A MORTE DO MODERNO	45
2.3 O LUGAR DO CRISTIANISMO NO PÓS-HUMANISMO	47
2.4 E O HUMANO-COMUM? QUE DIZ ELE DE ZARATUSTRA?	50
2.5 FRANCISCO: SOFRIMENTO E MISERICÓRDIA NA PÓS-MODERNIDADE	51
2.5.1 Misericórdia e Sofrimento.....	52
2.5.2 Misericórdia e Alegria.....	56
2.5.3 Compaixão e Confissão	57
2.5.4 Miséria e Compaixão.....	59
3 RELIGIOSIDADE EM TEMPO DE REDES SOCIAIS	60
3.1 CRER E “SER-NO-MUNDO” NA ERA DIGITAL.....	63
3.1.1 O ser-no-mundo digital judaico: entre a fé em יהוה e a política sionista	69
3.1.2 Islã em rede: a luta por uma imagem	76
3.1.3 As religiões orientais vistas pelo ocidente: filosofia de vida e new age em rede	83
3.1.4 Notas sobre a religiosidade em rede para além do cristianismo	88
3.2 CRISTIANISMO EM REDE: DAS IGREJAS ELETRÔNICAS AO PROSELITISMO VIRAL.....	91
3.3 CATÓLICOS VIRTUAIS	99
3.3.1 O que é ser católico: a multifacetada igreja exposta nas redes.....	99
3.3.2 As agências oficiais e os sujeitos mediatizados.....	103

3.3.3 Da igreja eletrônica aos padres on-line: o caso Fábio de Melo	107
3.3.4 Os leigos como força comunicativa: a quebra da autoridade	119
4 PAPA FRANCISCO: SUBJETIVIDADE E REPRESENTAÇÃO	126
4.1 QUEM É FRANCISCO?	129
4.2 A IGREJA DE BENTO E A IGREJA DE FRANCISCO.....	134
4.3 FRANCISCO ENTRE OS CONSERVADORES E OS PROGRESSISTAS.....	146
4.3.1 A grande reforma de Francisco: Uma igreja kenótica.....	147
4.3.2 Francisco e a conspiração “globalista”	152
4.3.3 Moral e Misericórdia.....	160
4.4 AS REDES DO PESCADOR.....	169
4.4.1 Twitter: @Pontifex.....	169
4.4.2 O Papa no Facebook.....	176
4.4.3 O uso das imagens: o insta-papa.....	179
4.4.3.1 Do dispositivo à fotografia.....	176
4.4.3.2 Fotografia na era do Instagram.....	178
4.4.3.3 @franciscus: o Papa no Instagram.....	180
4.5 O PAPA É POP?.....	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	194

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2013 o mundo foi surpreendido com a renúncia de Bento XVI. Certamente àquela foi a notícia mais comentada do ano. É possível, assertoricamente afirmar, que para um bom leitor de Agamben, tal fenômeno revela um dado político-teológico de muita coragem (AGAMBEM, 2015). Vinte e dois papas na história da Igreja tomaram esta atitude, mas apenas dois realizaram a “Grande Recusa” em situações tão semelhantes, Bento XVI e Celestino V¹, alegando a debilidade do corpo e enfermidade da pessoa. Sabe-se que Celestino V, mesmo alegando isso, tinha motivações outras, muito mais relacionadas as circunstâncias escusas da corte vaticana. Seria talvez esse o recado de Bento?

O significado da renúncia, aparentemente marcada apenas por uma questão de saúde do Papa Bento XVI, ainda ecoava no mundo católico, quando o conclave é marcado. Cardeais do mundo todo, convocados a Roma. A mídia volta seus olhares para a Praça de São Pedro. Os jornais e seus devidos correspondentes estão todos a postos. Começam as apostas. Os latino-americanos são rifados, seria a oportunidade de alguns brasileiros, mais conservadores e alinhados ao papa renunciante. Aparecem os americanos e o cardeal Burke aparece como *papabili*. Os europeus, açotados pelo *vatileaks*² não se apresentam com muitos nomes. Seria a vez da África? Ou quem sabe alguém da Ásia?

Sem muita demora, no segundo dia do conclave, o camerlengo, Cardeal Tauran anuncia:

Annuntio vobis gaudium magnum: habemus Papam! Eminentissimum ac Reverendissimum Dominum, Dominum Georgium Marium Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalem Bergoglio qui sibi nomen imposuit Franciscum.

Eis que de imediato, um conjunto assombroso de surpresas tomou conta do mundo católico. Um conjunto de novidades acompanhava o homem de branco. O primeiro papa não europeu em 1200 anos já era bastante significativo. Porém, ser o primeiro jesuíta, com certeza se tornou algo ainda mais assombroso e, ao adotar o nome Francisco, tornou tudo muito mais inusitado. A congregação dos padres jesuítas, intitulada Companhia de Jesus, foi fundada pelo ex-militar basco Inácio de Loyola. Conhecida pelo rigor acadêmico e espiritual, esta congregação de padres religiosos se dedicou desde sua fundação a missão em terras distantes e a educação. A ordem criada no contexto da contrarreforma se tornou aos poucos uma espécie de

¹ Papa Celestino V, nascido Pietro Angeleri da Morrone, no ano de 1215, era um monge beneditino eremita de origem humilde que foi eleito Papa no conclave de 1294 após um demorado conclave. De personalidade fraca e submissa acabou abdicando do trono meio ano após a eleição sob condições escusas.

² Escândalo de corrupção dentro do Vaticano que veio à tona em 2012 envolvendo o alto escalão da cúria romana. O escândalo vazado para imprensa relatava casos de lavagem de dinheiro, nepotismo, abuso de poder e desvio de recursos.

“exército de elite” das missões católicas em função da sua fidelidade a hierarquia da Igreja. Porém, por questões políticas internacionais a ordem chegou a ser suprimida no século XVIII, mantendo alguma existência à revelia no Império Russo. Ao ser permitida a sua existência pelo Papa Pio VII no ano de 1814, a ordem voltou a crescer se tornando a maior ordem masculina da Igreja. Embora numerosa e autodeclarada fiel a hierarquia, a Companhia de Jesus não é uma ordem que costuma ocupar o “alto escalão” do clero católico, sendo pouco representativa a sua participação dentro da cúria romana. Lendas contam que o Superior Geral da congregação jesuíta é o “Papa de Preto” pois ele seria tão poderoso quanto o próprio Papa. O fato de um jesuíta ocupar o papado acabou por ser algo inédito na história. De outra forma, o nome Francisco também é uma novidade. Francisco de Assis e a congregação franciscana representou por muito tempo um “espinho na carne” da Igreja em função de sua postura austera e apologética da simplicidade e da pobreza. Adotar o nome Francisco pode ser visto como um recado as cortes vaticanas.

Francisco ocupou capas de jornais no mundo todo, jornais argentinos repetiam a frase: *“El papa que llegó desde o fin del mundo”* (NACION, 2013), enquanto revistas americanas apresentavam quem era o papa desconhecido.

Tão logo foi anunciado pelo camerlengo, Jorge Mario Bergoglio, agora Francisco, antes da tradicional benção *“Urbi et Orbi”* rompe o protocolo e estabelece àquilo que chamamos comunicação! Ele pede ao povo que faça uma oração pelo Papa emérito e na sequência pede que rezem “pelo seu novo Bispo”. A reunião de todos estes gestos não deixa dúvida que Francisco é, no mínimo, “Performático”.

Dadas as devidas proporções do evento, pois estamos falando de algo que atinge mais de 1 bilhão de fiéis espalhados pelo mundo, o significado do evento demonstra uma carga simbólica que atinge, para além do próprio catolicismo, toda a cristandade, e de forma prolongada todo o mundo.

As primeiras leituras feitas do novo pontífice traziam variações abissais. Um grupo apresentava um Bergoglio com um passado obscuro, obnubilado pela ditadura argentina em que, neste período, teria atuado como agente duplo, ora protegendo os interesses da Igreja, ora entregando alguns dos seus irmãos de congregação. Para este grupo, o então cardeal Bergoglio era o inimigo número um do kirchnerismo. Já outro grupo, mais simpatizante ao cardeal argentino, lhe apresenta como um grande moderado, que embora visitasse continuamente a periferia de Buenos Aires, andasse cotidianamente de metrô e tivesse uma vida muito simples, não era um adepto contumaz da Teologia da Libertação.

Francisco era, portanto, uma incógnita a ser desvendada pela sua conduta pastoral. Herdava assim o desafio de ser papa em um mundo em acelerada transformação, revolucionado pelas novas tecnologias da informação, assolado por inúmeras mazelas humanas, como a grande onda de refugiados de guerra, a grave crise econômica, as inúmeras guerras espalhadas pelo planeta, a vertiginosa separação entre ricos e pobres e a assustadora crise climática.

Como será possível observar nesta pesquisa, desde os primeiros momentos de pontificado, o Papa Francisco busca um “*Re-ligare*” com o mundo. Este “*Re-ligare*” nada mais é que uma forma de comunicação, e como tal precisa ser compreendida. No âmbito da Igreja, se percebe que as novas formas de comunicação, principalmente as redes sociais, são encaradas pela Igreja como meros dispositivos tecnológicos (GOMES, 2010). No entanto, como aqui se pretende defender, a midiaticização da sociedade leva a uma nova ambiência religiosa, muito mais fluida, muito mais veloz e muito menos apegada a estruturas e hierarquias. Pode-se então falar, como insinuou Bauman, em *Espiritualidade Líquida e Customização da Fé*. O sujeito hoje consegue, por exemplo, se dizer católico e mesmo sendo “leigo” questionar a validade doutrinária do Papa; como é o caso de Bernardo Kuster, *youtuber* famoso por polemizar algumas questões referentes às falas papais e se considerar amplamente o porta-voz dos leigos conservadores.

É nesse novo ambiente que Francisco, por meio de suas contas no Twitter, Facebook, Youtube e Instagram está imerso. Neste espaço, onde não há mais um público específico e ao mesmo tempo com experiências muito mais privadas, emerge um novo tipo de religiosidade. O homem-comum é agora um agente difusor, “compartilhador”, “comentador” e “curtidor”. Este homem-comum religioso exerce sua religiosidade em rede, transcendendo sua comunidade religiosa local. Ele não mais ouve falar do papa pelo vigário de sua Igreja, ou mesmo pelos jornais e publicações da paróquia, agora ele ouve, vê, comenta e compartilha o que ele acredita ser o “próprio papa”.

Ao mesmo tempo, o Papa Francisco, que herda a recém-criada conta @pontifex (uma em cada idioma, criadas em novembro de 2012) no Twitter, passa a usar esta ferramenta de *microblog* como primeiro instrumento rápido de “homilia” neste novo espaço. Quando da renúncia de Bento XVI, esta conta possuía cerca de 3 milhões de seguidores, cerca de um ano depois do início do papado de Bergoglio, a soma das contas no Twitter já ultrapassava os 14 milhões. Ou seja, quantitativamente, trata-se de uma “explosão de seguidores”, sem até o presente, qualquer constatação do uso de “*bots*” para alimentar as contas. Ainda no Twitter, o Papa Francisco conseguiu, no seu aniversário de eleição, entrar na *trending topics* de vários

países. A título de exemplo, a *tag* aqui no Brasil era #aprendicompapa, que alcançou a top5 do Twitter às 8h15 da manhã do dia 13 de março de 2014.

Nessa linha, temos também o Facebook e o Instagram, que contaram com uma repercussão impressionante. Em ambas as redes, o Papa chegou a receber os CEO das empresas no Vaticano, “abençoando” as contas oficiais do Papa e do Vaticano nestas redes. Sobre estas duas redes sociais tem-se um item exclusivo para cada uma delas durante a pesquisa. Cabe neste momento salientar apenas que, no caso do Facebook, a circulação de frases e imagens do pontífice foge a qualquer controle institucional da Igreja. São inúmeros perfis que se intitulam Papa Francisco, alguns inclusive reforçam com a palavra oficial, porém, a única conta administrada pelo Vaticano, segundo esta pesquisa, é a *VaticanNews*. Já quando se trata do Instagram, a conta oficial @franciscus é controlada pela equipe de mídia social do *Vatican Media*. Neste canal, como será abordado adiante, há um trato profissional e ao mesmo tempo teológico das imagens a serem publicadas.

No Youtube há alguns canais católicos, tais como *Vatican News*³, o EWTN, ACI digital, e o mais recente “O Vídeo do Papa”, que, assim como o Twitter, possui um canal para cada língua. Este último, diferente dos outros que são a rigor canais de notícias, é um canal focado em comunicar mensagens do Papa voltadas para questões específicas. Sobre o Youtube, em relação a sua dimensão e seu propósito, optou-se por excluir do mote desta pesquisa. Porém, muitos vídeos dos canais aqui descritos acabam por ser replicado em outras plataformas, o que obriga este pesquisador a citar algumas destas contas no decorrer da tese.

No entanto, esta pesquisa não estará focada apenas no viés divulgador-difusor das mensagens papais, pois não se trata de uma pesquisa de marketing religioso. Aqui será tratado como estas mensagens são recebidas, compartilhadas, curtidas (*follow*) ou “descurtidas” (*unfollow*) e principalmente repercutidas. As redes sociais enquanto campo aberto permite para além do anonimato, uma profusão de opiniões em colisão. Neste sentido, se o Papa pode ganhar popularidade pelas suas falas carismáticas e impactantes, outros setores da Igreja também podem ter na ambiência das redes sociais espaços para ecoarem suas opiniões contrárias. É também, e especialmente sobre isso, que esta pesquisa se debruça a fim de elucidar os conflitos inerentes de uma Igreja cada vez mais em rede.

³ Em março de 2018 este canal do YouTube possui 190 mil inscritos. Quando em março de 2020 fomos atualizar os dados, este canal possuía 263 mil inscritos, um crescimento de quase 40% em quase dois anos. Vale ressaltar ainda que este canal é herança da Rádio Vaticana, inscrito em 2005. A partir de 2014, além deste canal, foram criados 9 canais, um canal para cada idioma. Dos canais pesquisados, o canal em espanhol possui 113 mil inscritos, português possui 77,8 mil inscritos, inglês 29 mil e os demais todos abaixo disso.

1.1 ENTRE PROBLEMAS A APOLOGIA DE UMA PERGUNTA

As redes sociais se consolidam hoje como um ambiente global onde os sujeitos estão inseridos. A virtualidade da rede se converte em efetividade à medida que transferimos para estas mídias, boa parte das relações intersubjetivas. Porém, nestes novos espaços também se constroem personalidades. Personalidades estas, para além da pura representação psicológica dos fenômenos de grupo, personalidades que são socialmente imbricadas com o contexto da mídia. Aqui reside a relevância em estudar as redes sociais, estes novos espaços sociais não são apenas uma continuidade do mundo físico, eles se constroem como espaços de forte representação social das subjetividades. Os usuários destas redes sociais constroem seus perfis como representação de um EU quase lírico, ora idealizado, ora despudorado, sem compromisso com as implicações reais de suas publicações. Este novo “EU”, que na esteira de Hannah Arendt (e seu *bios político*) Muniz Sodré chama de *bios virtual* constrói para si também representações de sua religiosidade. Tais representações, como ocorrem no âmbito da política, da música e da moda, estão intimamente ligadas à personalidades, indivíduos que podem obedecer ao movimento esperado: real para o virtual; ou o inesperado: virtual para o real. Quando se trata do âmbito da religiosidade é comum que este EU virtual se “conecte” a uma referência ou uma personalidade e passe a “seguir-la” e fazer parte de comunidades virtuais que repliquem suas mensagens, integrando uma audiência específica e, ao mesmo tempo, construindo o seu perfil religioso na rede social. É neste sentido que se insere a figura do Papa.

A instituição papal, milenarmente construída, vive um novo estágio de construção social. O papa, enquanto bispo e pastor possui a publicidade como prerrogativa do cargo. Esta publicidade, no entanto, está condicionada ao carisma pessoal construído ao redor da biografia de certos ocupantes da Sé apostólica. Desde Karol J. Wojtyła (Papa João Paulo II), embora não tenha sido ele o primeiro a utilizar os recursos modernos de mídia, o uso das mídias de massa vem se tornando intenso pela Igreja Católica. Nesse sentido é comum se pensar que a TV e o rádio seriam uma atualização tecnológica do púlpito. No entanto, a comunicação é elemento fundamental para a Igreja, e este é o grande mote da pesquisa: Religião é comunicação!

Fato é que os meios de comunicação em massa se tornaram um importante instrumento para as Igrejas no final do Século XX e início do século XXI. É neste sentido, que o Papa João Paulo II soube construir uma imagem carismática através da TV e do rádio. Vale lembrar que o carisma de Karol Wojtyła já havia despontado ainda como cardeal na Polônia e na juventude, Wojtyła havia sido ator de teatro. No seu ocaso, estavam surgindo novas mídias a partir da evolução da internet e ele, já desgastado pela idade e pelo mal de Parkinson, pouco participou

deste advento. Seu sucessor, Josef Ratzinger, um teólogo vaticanista alemão, conhecido pelo perfil burocrático e acadêmico, até tentou o uso das redes sociais, porém sua grande fragilidade era a ausência de carisma. Bento XVI, assim nominado, foi um papa que viu surgir e morrer redes sociais como o Orkut, mas sua presença neste espaço era geralmente caricaturada ou “memerizada⁴”, ora de maneira cômica quando comparado ao “mestre dos magos” do desenho “A caverna do Dragão”, ora hostilizado como ultraconservador.



Figura 1: Bento XVI e o Mestre dos Magos da Caverna do Dragão (Fonte: Idênticos Lookalike. Disponível em: <http://identicos.tumblr.com/post/11409257223/papa-bento-xvi-joseph-ratzinger-x-mestre-dos>). Acesso em: 18 set. 2018.

Enfim, faltou ao Ratzinger o que sobrava a Wojtyła: carisma⁵. Mesmo a Igreja contando com um arsenal midiático, o seu líder não representava uma Igreja do século XXI, parecia sempre muito mais ligado aos resquícios do passado Tridentino⁶. Esta debilidade somada à saúde frágil e ao escândalo conhecido como “Vatileaks” aceleraram o processo que culminou no episódio de abdicação da Sé de Pedro. Viu-se então surgir uma nova figura. Até então um cardeal desconhecido do mundo – embora muito popular em sua terra natal, Jorge Mário Bergoglio. Do fim do mundo (como ele mesmo afirmou) para o centro do mundo católico. Suas primeiras escolhas, nome e vestes, já delinearam o que estava por vir. Seria ele mesmo um reformador? Ou seria apenas um grande “golpe de marketing” de uma instituição que via sua

⁴ Memes são um importante elemento de linguagem nas redes sociais. Geralmente cômicos e satíricos eles podem ser fotos, charges, tirinhas e até pequenos vídeos ou *gif*'s. Sua essência é o deboche e a viralização.

⁵ A palavra carisma aqui não tem conotação teológica e sim psicológica e social, alinha a compreensão weberiana de poder carismático ou líder carismático.

⁶ O concílio de Trento, também conhecido como Contrarreforma ou Reforma católica asseverou elementos de doutrina e de liturgia diante do avanço da Reforma Protestante. Tratava-se de marcos específicos que estabeleceriam a identidade da Igreja diante da modernidade, o que posteriormente ratificado com o Concílio Vaticano I acentuou o descompasso da Igreja diante da sociedade.

imagem milenar em perigo? Quem é Jorge Mário Bergoglio e quem era antes do pontificado? O que os cardeais queriam comunicar com a eleição deste homem?

Esta pesquisa não se propõe a traçar uma biografia de Bergoglio. Biografias já foram escritas e, embora utilizem os recursos científicos da historiografia, não condizem com as aspirações desta pesquisa. No entanto, há algo que transcende a figura deste chefe religioso. Não nos referimos a aspectos espirituais intangíveis e sim a aspectos sociais e comunicacionais. Estamos tratando de uma figura densamente pública, mais que uma celebridade, que tem sua imagem maciçamente veiculada nos meios de comunicação muitas vezes à revelia da própria Igreja. Alguém que rapidamente tornou-se admirado por católicos e “não católicos”. Que a muitas pessoas causa surpresa em pequenos gestos de humildade, e por outros é visto com certa desconfiança. O líder da maior instituição cristã do mundo que quer ser profeta e sinal de contradição para o “*status quo*” desta mesma instituição, fazendo valer assim o nome escolhido: Francisco. Esta pesquisa, portanto, se propõe a pesquisar a construção desta imagem paradigmática – e por vezes, contraditória – construída “extra e intereclesialmente” por meio das redes sociais, mais especificamente Facebook, Twitter, Instagram e complementarmente o serviço de *streaming* YouTube.

Assim, evidencia-se também a viabilidade técnica desta pesquisa: as redes sociais são espaços de amplo acesso e contato, sendo que muito desta pesquisa pôde ser feito de qualquer dispositivo tecnológico de acesso à Internet. Por outro lado, o principal recurso utilizado foi o “tempo” para leitura e interpretação de postagens, bem como para a pesquisa de páginas que utilizam pensamentos, ideias e imagens do pontífice. Desta forma, a pesquisa ocorreu em grande parte nas redes sociais, utilizando as publicações realizadas no decurso de 2013 – publicações históricas realizadas pelo pontífice e fiéis desde sua eleição – até 2020, buscando postagens, páginas e “*tags*” referentes ao Papa Francisco. Este estudo serviu como base para compreender a expressão das subjetividades religiosas com base na construção social da imagem do Papa. Estas subjetividades expressas nas redes foram analisadas sob a ótica da filosofia, teologia e dos estudos em comunicação.

Mas por que pesquisar religião, catolicismo, papa etc. em pleno século XXI? Por que estudar algo que cada dia mais é lançado para a periferia da intimidade em uma sociedade marcada pelos processos de secularização? Talvez Terry Eagleton tenha se perguntado a mesma coisa:

Por que os indivíduos menos prováveis, entre os quais me incluo, começaram a falar a respeito de Deus? Quem haveria de esperar que a teologia fosse voltar mais uma vez a erguer a cabeça no tecnocrático século XXI? Por que será que minha livraria montou uma seção intitulada “Ateísmo”, e talvez venha até cogitando mais uma, chamada “Cético com leves tendências batistas”? Por que, justo quando caminhamos confiantes

para uma era pós-teológica, pós-metafísica e até pós histórica, a questão de Deus repentinamente ressurgiu? (EAGLETON, 2011, p.129)

O retorno do tema, no âmbito da filosofia e da ciência, não é um “*dejavù*”. Não se tratam apenas de uma repetição das mesmas respostas, apesar de se repetirem alguns dos mesmos problemas. O retorno de “Deus” às pautas científicas estão de acordo com o pluralismo dos temas e das técnicas que permeiam a filosofia e a ciência contemporânea. Quando Foucault (2006), em a *Hermenêutica do Sujeito* retoma a ideia de espiritualidade, relacionando diretamente o “cuidado de si” com o “conhece-te a ti mesmo” ele retoma o debate, mesmo que de forma não intencional, sobre o papel da religião atualmente. Sabe-se que não se trata apenas de uma discussão de cunho político, uma vez que a religião cumpre um papel que transcende a política. Neste sentido, nosso argumento vai de encontro à noção de ideologia marxista em que a religião compõe aquela na superestrutura. Entendemos aqui que a religião permeia a economia (Weber), a política (Foucault), a cultura (Geertz) e se consolida como um campo social (Bourdieu)⁷. Assim a religião não cumpre um papel específico, como que um mero fluxo de discurso ideológico avalizador de um determinado sistema social, e sim se estabelece como uma estrutura própria que, ao mesmo tempo em que disputa espaço com outras estruturas, acaba por dar solidez e sentido ao funcionamento de todo o sistema.

Neste contexto chamado de Pós-modernidade, esta pesquisa busca, dentro do campo da religião, entender o espaço (cartografia), os níveis de tensão bem como as apropriações que ocorrem ao redor de uma das figuras mais emblemáticas da Religião Cristã no Ocidente. Destaca-se aqui o problema: **Como a imagem do Papa Francisco foi e é socialmente construída através das Redes Sociais, e como esta construção está relacionada com a expressão das subjetividades religiosas?** Ao mesmo tempo em que este fio motivador da pesquisa nos impulsionava, outras perguntas de igual peso apareciam, nos indicando que ao estudarmos a figura do Papa Francisco, estaríamos estudando algo maior como a relação

⁷ Embora Marx tenha incluído o papel da religião em seus estudos, fica evidente que em *Ideologia Alemã e O Capital* que a religião cumpre apenas um papel ideológico e como tal secundário e condicionado às questões econômicas. Gramsci percebeu tal equívoco ao entender que o papel ideológico da Religião, assim como de qualquer outro campo cultural, não só resistiria a uma revolução econômica como se tornariam sempre uma força contra revolucionária. Neste sentido, Weber compreendeu antes que a Religião permeava a sociedade de forma muito mais profunda, atribuindo sentido as práticas econômicas como retrata em suas obras “*Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” e “*Economia e Sociedade*”. No campo da Política, Michel Foucault se debruça para estudar a física do Poder, o que de certa forma, retira deste tema o caráter meramente superestrutural, apresentando elementos que se constroem desde a intimidade psíquica e perpassam a religião. Clifford Geertz, por sua vez, dá a tônica da cultura ao caráter simbólico dos povos e entende que tais símbolos não são construções meramente racionais, mas sim afetivas, o que tornam o ser humano dependente de sentido. Enfim, Pierre Bourdieu, revoluciona a sociologia com a teoria dos campos, descrevendo a sociedade como uma estrutura produzida socialmente pelos sujeitos que se incorporam a ela, legitimando e reproduzindo suas próprias conclusões.

religião e celebridade, fé e “ser-no-mundo”, subjetividade e construção social. Arraigado em meus princípios filosóficos, sempre perguntei muito mais do que respondi, e assim compreendi que o problema desta pesquisa era vivo (!) e como tal, a cada passo que a pesquisa dava, ele apresentava uma nova faceta, um novo desdobramento e uma nova pergunta. Por mais que eu tentasse delimitar, um único problema jamais seria uma pergunta unívoca. Assim, perguntas como: **Como a imagem do Papa é construída através das redes sociais? Como as redes sociais influenciam nas formas de “ser-igreja”? O que quer Francisco através de suas mensagens no mundo virtual? O que querem aqueles que a reproduzem, compartilham e até mesmo criam mensagens em nome do Papa?** Tais perguntas foram assim incorporadas à pesquisa à medida que o tema foi amadurecendo e fomos percebendo que ao tentar responder todas as perguntas elencadas, respondíamos também à pergunta fundante da própria filosofia: **O que é o ser humano?**

1.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Objetivo Geral:

Analisar a construção social da imagem e do imaginário do Papa Francisco por meio das redes sociais.

Objetivos Específicos:

- a) Levantar referencial teórico sobre a construção em rede de celebridades religiosas;
- b) Compreender os elementos que compõem o imaginário ao redor do cargo máximo na hierarquia do clero católico através das redes sociais;
- c) Estudar os mecanismos de controle social presentes na contínua exposição do Bispo de Roma através das redes sociais;
- d) Construir, com base nas redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram...), acervo de publicações que possibilitem a análise do imaginário criado ao redor do Papa Francisco;
- e) Pesquisar páginas oficiais e não oficiais de redes sociais que utilizam a imagem de Francisco, diferenciando as que utilizam a imagem do pontífice como mote para publicidade das ideias e ideais que de fato não são do próprio papa;
- f) Levantar o uso das redes sociais de Jorge Mário Bergoglio antes e depois da eleição papal;
- g) Compreender o papel da Igreja na construção da imagem do Papa Francisco.

Com base no problema e nos objetivos acima descritos levantam-se algumas hipóteses:

H1: Redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram tornam ainda mais próximas o “homem-comum” do cotidiano de figuras públicas de grande repercussão, como o Papa Francisco. Assim, tais figuras se tornam representações sociais de ampla configuração e de vasto uso como forma de expressão individual religiosa e do *ethos* subjetivo;

H2: As redes sociais proporcionam um emaranhado de relações onde as configurações de expressão subjetivas estão aliadas as representações sociais de figuras públicas. Neste sentido o Papa Francisco é uma representação social que possibilita aos indivíduos construir sua identidade (social, religiosa e política) em rede.

H3: A Igreja Católica – tanto a hierarquia quanto os membros leigos – desde o fim do pontificado de João Paulo II careciam de um líder público carismático que aglutinasse os fiéis e ao mesmo tempo “atualizasse” a imagem da Igreja, sendo, portanto, Francisco uma construção publicitária da própria Igreja;

H4: A dinamicidade das redes sociais não apresenta uma racionalidade objetiva que permita estabelecer se a origem do carisma virtual de Francisco vem de seu posto, de sua personalidade ou da instituição; neste sentido a figura de Francisco é uma virtualidade teológica expressada pelos sujeitos em Rede de forma espontânea.

H5: O Papa Francisco é um fenômeno comum às redes sociais, tais quais políticos e outras personalidades, servindo, portanto, como um “estudo de caso” para compreender a construção social de personalidades que se tornam representações sociais elementares na construção dos sujeitos em rede.

1.3 BUSCA E CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

O percurso metodológico passa pela aproximação do ente pesquisador ao ente pesquisado. Qualquer tentativa de “objetificação fácil” cai no empirismo vulgar que não permite uma análise mais profunda do ambiente cultural construído em rede. A pesquisa nas redes sociais passa pela identificação do sujeito pesquisado bem como pela descoberta de uma cartografia, onde seja possível localizar o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado. A pesquisa

então se desdobra em duas frentes, a saber, i) as publicações oficiais do Papa Francisco através de três redes sociais: Facebook, Instagram e Twitter; ii) O engajamento do público: comentários, reações (*likes, reasons*) e compartilhamentos.

Porém, existe uma pergunta latente: de onde deve vir o método para esta pesquisa, dos estudos em comunicação ou dos estudos em religião? Esta pergunta seja, talvez, tão importante quanto o próprio problema da pesquisa, já que da resposta à questão metodológica depende a resposta do problema. O dilema entre método comunicacional ou método teológico se impôs de tal forma que se tornou necessário buscar outras pesquisas nesse novo/velho campo. Nesta busca pela metodologia apropriada, encontram-se duas vias que ora se distanciam ora se aproximam a ponto de se misturarem. Essas duas vias são: do campo religioso para a ciência da comunicação e o seu reverso, da ciência da comunicação para o campo religioso.

Persiste aqui uma questão latente, como o campo religioso vê a ciência da comunicação e como a ciência da comunicação vê o campo religioso. Percebem-se acertos e equívocos de ambos na leitura alheia e isso tem prejudicado a evolução deste campo. Iniciemos pela leitura que o campo religioso faz das comunicações. Para tanto usaremos como aporte a obra “Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização” de Pedro Gilberto Gomes (2010). Segundo Gomes, as Igrejas estudadas em sua pesquisa, entre elas a Igreja Católica,

ao considerar apenas os dispositivos tecnológicos, as Igrejas perdiam a dimensão do conjunto e deixavam de perceber o fenômeno mais amplo da midiatização da sociedade. Permaneciam (e permanecem) na antiga ambiência e lhes escapava a interpretação do novo que estava surgindo (GOMES, 2010, p. 24).

Em outras palavras, as Igrejas não têm em mente a mudança que estes tempos representam, de modo que não se dão conta ainda do *bios midiático* dessa nova forma de ser no mundo. Por outro lado, as ciências da comunicação tendem a observar o fenômeno religioso como fenômeno puramente social, ora responsável por processos de coesão social, ora marcado por processos de desagregação. As ciências da comunicação evitam ou desconhecem, por exemplo, que o fenômeno religioso antes de ser massificado e massificador, perpassava pela experiência comunitária, e como tal, sua lógica consistia em colocar em comum a fé através de processos litúrgicos que buscavam a “conexão” entre os homens e Deus. Dessa forma, a Religião, e mais precisamente o cristianismo ocidental católico, campo vislumbrado nessa pesquisa, sempre foi comunicação (ação em comum), comunhão (comum união) e comunidade (unidade no comum).

Urge no aspecto metodológico dirimir estes desencontros entre o campo religioso e o campo científico no que tange a comunicação. Para tanto, foi necessário um esforço metodológico em apresentar a religião, mais precisamente a teologia nesta ambiência mais

fluida. Ao mesmo modo, é necessário apresentar a “Ciência do Comum”, o campo religioso que transcende o social e que permite a comunicação do sujeito consigo mesmo, que produz este *re-ligare*.

A tarefa de desenvolver uma metodologia própria ou pelo menos customizar uma metodologia de forma a torná-la adequada ao problema da pesquisa tem passado por inúmeros esboços, alterando substancialmente inclusive o problema. Isso se dá de maneira quase “natural”, uma vez que, o desenvolvimento do método demonstra algumas fragilidades no escopo da própria pesquisa. Para empreitar a construção de uma metodologia própria a esta pesquisa, é necessário visitar os fundamentos da própria metodologia. Neste sentido, este trabalho precisa buscar na filosofia clássica os pressupostos da interpretação. Mas porque ir tão longe? É imbricada na filosofia nascente que está um dos métodos mais profícuos do ocidente cristão: a exegese bíblica.

Desta feita, procurou-se desenvolver a pesquisa em duas frentes de problematização. Em um primeiro momento, capítulo 2, a metodologia é claramente bibliográfica, voltada para reflexão filosófica da religiosidade na pós-modernidade. O primeiro momento metodológico construiu a partir de uma genealogia filosófica o homem-comum em sua dimensão religiosa, bem como procurou localizar a religião nesta nova ambiência tecnológica. Para tanto, foi necessário buscar em filósofos e teólogos a discussão e os posicionamentos sobre a pergunta fundamental: o que é o homem? Diante disso, será necessário construir uma reflexão aguçada sobre o papel da religião na construção deste homem. Ao mesmo tempo, partindo da problemática da pós-modernidade, buscou-se uma discussão ainda mais profícua: o que é o homem-comum na pós-modernidade? Destaca-se então, que o capítulo 2 parte de uma revisão bibliográfica para uma genealogia filosófico-teológica do homem-comum.

No capítulo 3, a busca se dá na relação entre religião e redes sociais. De cunho mais histórico, buscando os rastros visíveis dos processos de comunicação recente, a pesquisa encaminhou-se pelo televangelismo⁸, as figuras proeminentes do catolicismo e do protestantismo na rádio, TV, e recentemente nas redes sociais. Como forma de aprofundamento, foram escolhidas celebridades das redes sociais, desde figuras das religiões orientais, como também do judaísmo e do islamismo. A delimitação foi fundamental nesta etapa, pois as redes sociais permitem uma extravagância de dados o que dificulta, de fato, uma análise mais

⁸ Televangelismo é o uso do rádio e televisão para “transmitir” a fé cristã. Segundo Gomes (2010), o fenômeno tem seu início nos Estados Unidos concomitante ao surgimento do rádio e posteriormente da televisão. Em geral o recurso foi dominado pelos evangélicos pentecostais e neopentecostais, no entanto, um dos mais exitosos televangelistas é o bispo católico Fulton Sheen.

objetiva. Procuramos escolher de duas a quatro páginas de maior relevância para a pesquisa das religiões não cristãs, sempre em português, para manter o *locus* do observador. Quando nos debruçamos sobre o cristianismo, foi necessário apresentar o processo histórico de migração desde a Igreja Eletrônica até a Igreja em rede. Vale reforçar que neste capítulo há uma mescla entre método bibliográfico e pesquisa de campo na internet.

Feita a discussão de cunho filosófico-teológico e histórico, abre-se a segunda frente, mais empírica e voltada para o objeto desta pesquisa que são as “postagens papais” nas redes sociais e as conseqüentes reações, sejam elas comentários, compartilhamentos ou curtidas. Dados esses passos de matriz bibliográfica e filosófica, parte-se para o quarto capítulo desta pesquisa que busca inter cruzar os elementos filosóficos-teológicos com as postagens papais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa na internet. Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2016) a internet pode ser estudada, dentro de uma abordagem qualitativa em duas perspectivas: a internet como cultura e a internet como artefato cultural. Na abordagem que entende a internet como cultura – que de antemão é preciso informar que não é o caso em tela – “ela é normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do off-line, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2016, p. 41). Já na perspectiva de artefato cultural, a internet está inserida na vida cotidiana. Assim será necessário construir uma metodologia apropriada para garantir o status científico desta pesquisa.

Basicamente, a proposta metodológica define como objeto as postagens realizadas por canais oficiais nas redes sociais: Twitter, Facebook e Instagram. Como dado empírico, foi observado na conta do Twitter do Papa Francisco em português: @pontifex_pt, uma vez que se tem uma conta para cada idioma, porém as postagens ocorrem simultaneamente em cada conta. No Facebook há uma infinidade de páginas que se auto intitulam Papa Francisco, além de inúmeras comunidades. Para delimitar a pesquisa e no intuito de pesquisar a fonte oficial, delimitou-se a observação das publicações do perfil vaticannews.pt, que embora de cunho mais jornalístico permite uma observação mais profunda das reações às postagens oficiais. E no Instagram, a conta oficial @franciscus, também de autoria do Vaticano será o nosso objeto. Inicialmente se cogitou buscar as publicações que de alguma maneira mencionasse o Papa Francisco, mas sabe-se que seria humanamente impossível fazer tal levantamento de dados. A empreitada desta pesquisa debruçou-se, então, sobre estas três contas. De forma complementar, foram analisadas as publicações de vídeos do YouTube em sua condição de convergência às outras redes sociais.

Demarcada as contas, é necessário fazer então o recorte das postagens. O recorte temporal se dá entre março de 2013, desde sua eleição até fevereiro de 2020. Sabe-se que as publicações feitas no Twitter são anteriores à própria eleição de Jorge Mario Bergoglio, uma vez que esta conta já era utilizada pelo seu predecessor e se aproximava aos 4 milhões de seguidores. Com relação à conta no Facebook tem-se uma situação similar, com uma conta que ultrapassava os 3 milhões de seguidores. Porém no Instagram, tem-se uma única conta para todas as línguas. Esta conta data de fevereiro de 2016 e pudemos acompanhar o seu desenvolvimento.

Feito o recorte temporal, é necessário fazer o tratamento do material empírico. No intuito de facilitar o entendimento, a metodologia foi desenvolvida conforme o diagrama a seguir:

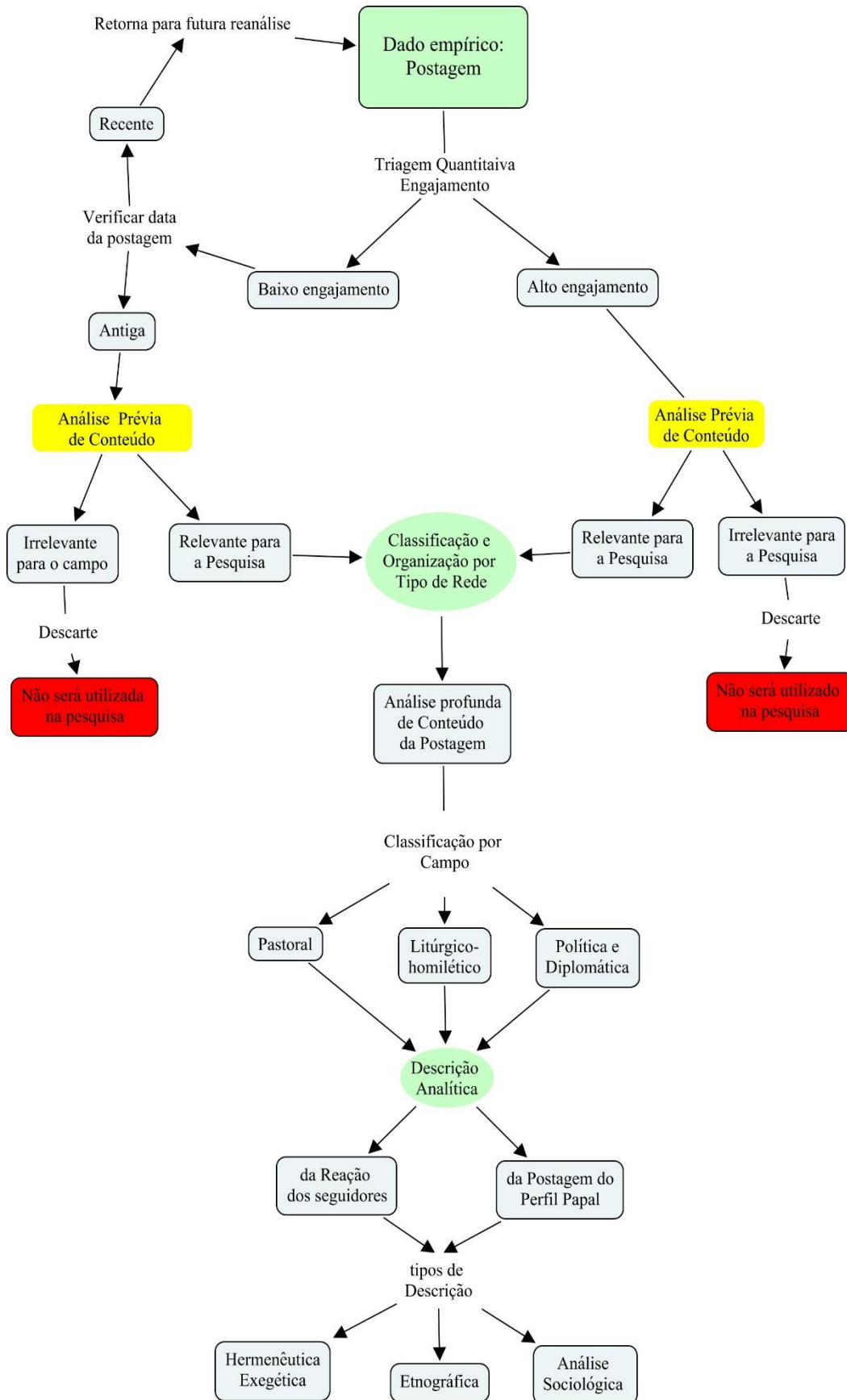


Figura 2: Diagrama do decurso metodológico (Fonte Primária)

Foram tratados textos religiosos, que por si já são exegéticos. Foi necessário compreender o uso das escrituras e principalmente da liturgia católica em tudo o que é publicado em nome de Francisco nas redes sociais. É por isso que a análise deste trabalho transcende o *on-line*, de maneira que os tuítes, as imagens do Instagram, as replicações e os usos destas publicações não estão isolados e desconectados da realidade. É possível, de antemão, afirmar que tudo que tem como fonte o próprio Papa ou o Vaticano obedece rigidamente ao calendário litúrgico, bem como o cotidiano papal. Desta maneira, a ambiência virtual do Papa se torna extensão de sua figura pública. Se esta hipótese for verdadeira, o método exegético poderá cruzar tuítes com documentos papais tais como: cartas apostólicas, bula, encíclicas e exortações⁹. Da mesma forma, foi possível analisar o uso da imagem do Instagram como ferramenta litúrgica e de promoção dos eventos públicos. A análise da imagem neste sentido foi tomando a imagem como discurso, parte do discurso ou mote dele.

Uma triagem inicial selecionou as publicações mais engajadas. Trata-se de uma tarefa quantitativa que por si não torna a abordagem do trabalho quantitativa, apenas entende a relevância do *post*. Obviamente, que no caso das fotos do Instagram, bem como nas demais formas de publicação foi necessário recorrer a um recorte, uma amostragem não estatística, mas qualitativa, em que o critério para escolha é o uso da rede social como recurso evangelizador (Pastoral). No intuito de garantir o entendimento deste trabalho, vamos definir o sentido da palavra “evangelização” e de seu uso nesta pesquisa. Entende-se aqui como evangelização a atividade de divulgação, propagação e difusão dos conteúdos da fé cristã. Tal conceito, neste formato foi utilizado como demarcador de critério para análise dos *posts* dos canais do Papa Francisco. Isso se sucede porque uma parcela destas postagens tem caráter político e diplomático – o que não desvincula necessariamente do caráter evangelizador. Porém, em uma rápida triagem é possível perceber que algumas publicações investem no uso da “imagem simpática” do Papa objetivando a propagação de um determinado conteúdo. Essa parcela é do interesse dessa pesquisa.

Uma forma utilizada de análise dessas falas teve um viés sociológico weberiano, o chamado método compreensivo.¹⁰ Neste método, são escolhidas algumas postagens que lhe

⁹ Documentos pontifícios podem ser classificados da seguinte forma: **Encíclicas:** são dirigidas aos bispos com tema doutrinal; **Constituição Apostólica:** decreto papal mais importante, são leis que regem a Igreja; **Exortação Apostólica:** documentos dirigidos à grupos específicos como congregações, missões, pastorais, movimentos, ou para atividades específicas da Igreja como a própria comunicação; **Bula:** Pode ser qualquer outro documento papal, porém o termo bula irá designar algo muito solene, como por exemplo, a proclamação de um dogma.

¹⁰ O método compreensivo, descrito já na nota preliminar da obra *Economia e Sociedade* de Max Weber (2012) aponta para uma busca da compreensão do sentido que move as ações, assim a sociologia compreensiva, ou de método compreensivo busca o sentido da Ação Social.

serão conferidas a característica de tipo ideal. Estas postagens foram analisadas no prisma da “Ação Social”. Aqui é necessário elucidar que este pesquisador e esta pesquisa pedem licença para adaptar o método compreensivo à pesquisa em comunicação de conteúdo e viés religioso. Assim, Weber (2012) definira que toda Ação Social pode ter três tipos de motivação: motivação pela tradição, pela emoção e pela razão. A Ação Social motivada pela razão pode ainda ser separada em dois vieses: referente a fins e referente a valores. Para complementar esta estrutura sociológica compreensiva, é necessário aproximar tais conceitos pela revisão habermasiana. Habermas estrutura o conceito de Ação Comunicativa ou Agir Comunicativo rompendo, de certa maneira, com a pura visão teleológica de Weber.

No agir comunicativo os participantes não se orientam em primeira linha pelo êxito de si mesmos; perseguem seus fins individuais sob condição de que sejam capazes de conciliar seus diversos planos de ação com base em definições comuns sobre a situação vivida. (HABERMAS, 2012, p. 496)

Importante destacar que a contribuição metodológica de Habermas a este trabalho não estará circunscrita à metodologia, pois ele estará presente no diálogo sobre o papel da Igreja em um mundo secularizado. Retornando a questão metodológica e a contribuição da sociologia compreensiva, as análises dos *posts* buscou compreender a motivação social que subjaz a postagem. A motivação social não estará distante do sentido teológico comunicado. A análise, portanto, passou pelo intercruzamento transdisciplinar entre sociologia e teologia.

Outra forma de analisar, conforme a postagem foi a etnografia. Sobre tal apoia-se esta pesquisa nos trabalhos de Fragoso, Recuero e Amaral (2016) que discutem o papel da etnografia nos estudos da Internet. Segundo as autoras, o método etnográfico na internet tem recebido diversas nomenclaturas tais como: “etnografia virtual, netnografia, etnografia digital, webnografia e ciberetnografia” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2016, p. 168). Ora estes termos são utilizados como sinônimos ora demarcam algumas nuances. A proposta nesta pesquisa não é utilizar o método etnográfico como espinha dorsal, e sim, apropriar-se das técnicas de descrição etnográfica, o que auxiliará a compreender melhor a “cultura religiosa” nas redes sociais. E neste sentido, um modo de fazer pesquisa que têm um fio condutor comum, a saber:

A vivência em campo; a narrativa personalizada; a utilização e a combinação flexível de múltiplas técnicas de pesquisa; um compromisso a longo prazo (seja ele semanas, meses ou anos, dependendo do projeto) e a indução a partir do acúmulo de descrições (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2016, p.191).

Nestes estudos procura-se compreender a internet como artefato cultural buscando captar a desempenho dos perfis ali postos. A etnografia na internet auxiliará na descrição das

audiências e dos engajamentos das publicações papais, pois aí está o mote da popularidade das personalidades nas Redes Sociais. Vale lembrar que há um público específico que segue o Papa nas Redes Sociais e que este público, ao seguir, curtir e compartilhar as frases, imagens e vídeos papais, não apenas propiciam audiência ao Papa, mas constroem na rede o seu próprio perfil (sujeito da rede social) e assim constroem uma subcultura que precisa ser desvendada.

1.3.1 Engajamento: uma reflexão sobre o critério

Impossível falar sobre redes sociais sem se ater sobre a ideia de engajamento. O engajamento nada mais é que a audiência expandida. Se no rádio e na televisão a audiência era passiva e quase sempre inerte ou dependente do agente emissor, as redes sociais por sua vez “democratizam” o processo, tornando a audiência agente ativa na comunicação. Tanto a repercussão como a própria audiência, depende dos agenciamentos realizados pelos usuários. Qualquer um pode “viralizar” nas redes sociais, basta cair na graça da grande audiência. O engajamento assim depende muito mais do conteúdo – embora não esteja excluída aqui a importância do sujeito comunicante – do que de estruturas ou elementos econômicos.

O engajamento nas redes sociais permite também uma mensuração mais clara, pois, embora se saiba da ação de *bots* no intuito de burlar os algoritmos e gerar engajamento artificial, ainda assim, os dados são públicos e as análises podem ser realizadas. Assim, o ato de curtir, comentar, compartilhar substitui aos poucos o ato de escutar, ver e calar-se. Por outro lado, o engajamento revelou um homem-comum inconformado, avesso ao discurso do politicamente correto, manipulável ao próprio efeito do engajamento, coletivamente subordinável ao medo e a “teorias conspiratórias”, enfim, refém da opinião alheia.

Pesquisar nas redes sociais colocou este pesquisador na imersão do *homem-comum* em rede, cuja relação se constrói pela hiperconexão e pela hiperexposição. Desta forma, pesquisar nas redes sociais é ademais um trabalho de empatia e de exposição a todos os efeitos que este tipo de relação te submete. Da mesma forma, é também uma maneira de participar ativamente do mundo, daquilo que nos cerca e que ousamos chamar de humanidade, é pensar sobre o mundo e sobre o homem.

[...] Depois de o Senhor Deus fazer o “jardim”, “não havia ser humano que cultivasse o solo e fizesse subir da terra a água para regar a superfície do solo. Então o Senhor Deus modelou o ser humano com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o ser humano tornou-se um ser vivente” (Gênesis 2, 5-7). Mantendo a metáfora, pensar sobre o que vemos no mundo também é “modelar” algo vivo, em movimento, que nos escapa. Porque a ação de problematizar, embora traga os traços próprios de quem problematiza (o “sopro de vida das narinas”), traz também as marcas do contexto em que se problematiza (“a argila do solo”), mas transcende a

ambos, como “ser vivente”, como problema de pesquisa emergente. (SBARDELOTTO, 2017, p. 58)

Enfim, o engajamento como critério submete o pesquisador a lógica do engajamento. Nada mais antropológico do que para se entender uma cultura é preciso vivenciar a cultura, para compreender o engajamento nas redes sociais é necessário estar engajado.

1.4 PERCURSO DA TESE

Na busca de produzir uma pesquisa-tese, em que o pesquisador participante encontre um caminho para deslindar a comunicação entre o pontífice da Igreja e o *homem-comum*, se faz necessário descobrir o homem-comum na pós-modernidade. Durante o capítulo 2 buscou-se definir quem é o homem-comum, que caminhos percorre na pós-modernidade, como se relaciona consigo mesmo e qual sua pertinência religiosa. Neste capítulo foram abordadas as questões existenciais que circundam a problemática do pós-humanismo e como discutir “o que é humano” impacta nas questões relativas ao homem-comum. A pós-modernidade não pode ser lida como uma etapa histórica, pois não se fala em temporalidades didáticas da historiografia. A pós-modernidade provoca uma alteração profunda no campo da cultura que a própria compreensão do que é o ser humano passa a ser alterada. A definição do que é Pós-modernidade é algo ainda recente e bastante debatido. Foi utilizado como referência Lyotard e Vattimo¹¹. Lyotard por ser o primeiro a tentar definir o que seria o pós-moderno e Vattimo por buscar com grande profundidade a relação entre filosofia, teologia e pós-modernidade. Uma vez clarificada a ideia de pós-modernidade, passa-se a buscar a figura do homem-comum. Este conceito, *homem-comum*, nascido e criado pelos autores Márcio Tavares d’Amaral e Muniz Sodré¹² ajudam a situar a problemática do conceito “Homem” na pós-modernidade. Este “Homem” está para o humanismo, de viés kantiano e universalista e não está mais para a pós-modernidade, pois ele não se comunica mais com o *homem-comum*. No entanto, há algo que aproxima o *homem-comum* do Homem kantiano, e nosso argumento defende que há algo de religioso nisso tudo.

¹¹ Jean-François Lyotard, filósofo francês que irá caracterizar a era pós-moderna como o fim das meta-narrativas é sempre a grande referência de conceituação do que é a pós-modernidade. Gianni Vattimo, filósofo italiano, publicou inúmeras obras em que discute a condição pós-moderna.

¹² Ambos são professores da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O conceito de homem-comum aparece em suas obras ora como sinônimo de condição humana, ora como forma de acentuar a capacidade comunicativa do homem que vive sua realidade sem teorizar ou construir grandes reflexões e sistemas sobre ela.

As redes sociais são o fenômeno abordado no terceiro capítulo, onde são relacionadas no campo das religiosidades. O que se percebe é que as redes sociais são uma nova ambiência para tudo e inclusive para a fé. Esta ambiência não mais prevalece a lógica das teologias institucionais, mas sim a piedade popular – agora muito mais fluida – do *homem-comum*. O terceiro capítulo retoma, portanto, a problemática filosófica envolvida na existência cotidiana e na empiria do dia-a-dia. Ao mesmo tempo, apresenta como o homem-comum se porta em questões de fé nas redes sociais, afinal ele agora não é apenas mais um, ele agora tem um perfil, e constrói ou acredita construir a sua própria representação.

No quarto capítulo está em debate a figura de Francisco nas redes sociais. Procura-se aqui, por meio do pesquisador participante, a apresentação dos dados bem como a decifração dos elementos que constituem sua construção social em rede. Este, é sem dúvida, o capítulo mais denso em termos de pesquisa e análise, pois irá vislumbrar toda a atividade em três redes sociais, a saber: Facebook, Twitter e Instagram. Nestas redes sociais, como já mencionado na Metodologia, foi delimitado os perfis oficiais do Papa Francisco. Nestes Perfis buscou-se analisar aquelas postagens com maior relevância e engajamento. As análises destas postagens deram origem aos subcapítulos do capítulo 4, em que se buscou apresentar como a imagem do Papa Francisco é construída em tal ambiência, buscando-o relacionar a este *homem-comum*.

Este é sem dúvida o capítulo mais trabalhoso e mais delicado, pois sabemos que a maior parte do trabalho levantado não será descrito e analisado uma vez que, na busca por análises profundas, se dará ênfase em algumas postagens e suas reações, audiência e engajamento.

2 PÓS-MODERNIDADE E PÓS-HUMANISMO: QUEM SOMOS?

Impossível falar de pós-modernidade sem antes exercitar uma genealogia da modernidade. Neste sentido, é necessário pôr em marcha a busca por determinados conceitos. Neste capítulo pretende-se discutir e discorrer sobre conceitos antigos-sempre-novos. Tais conceitos fazem parte da própria história da filosofia e como tal pertence a toda problemática do pensamento ocidental. Mesmo que seja admitido que o “Homem” seja um conceito moderno, é necessário retomar o que os antigos discutiam, dentro de seus contextos sobre isso, conforme trataremos mais adiante. Vale ressaltar que esta pesquisa parte de uma estrutura epistêmica relativista, mas não cética. Explico: Nietzsche questiona a validade do conceito de Verdade no ensaio “Sobre a Verdade e a Mentira no sentido extra-moral”. Neste ensaio, como em praticamente toda sua obra, o autor afirma ser a verdade um conjunto de “metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas” (NIETZSCHE, 1974, p. 56), que servem apenas de referência, de maneira sempre arbitrária, para velar a própria realidade. É neste sentido que entendemos ser a verdade um mero instrumento da inteligência humana e não um dado absoluto. No entanto, o fato de considerar a verdade um produto humano não a coloca em condição de inexistência, tal como pode ser uma interpretação deste mesmo texto de Nietzsche. Nosso argumento define que a validade de um conceito, tal como qualquer outro, está na sua capacidade de relação (correspondência e conexão) com outros conceitos. Podemos representar esta compreensão de maneira simples, pela explicação das órbitas dos corpos celestes segundo a teoria da relatividade geral. Segundo esta compreensão, por exemplo, o planeta Terra orbita ao redor do Sol porque a massa do Sol é imensamente maior que a da Terra. Dessa forma, o Sol “deforma” o tecido da realidade de tal maneira que exerce uma atração aos corpos menores, como a Terra e os demais planetas do sistema solar. A Terra por sua vez, conforme a sua massa, deforma o tecido da realidade e atrai para si a Lua que tem massa menor. Mas é importante lembrar, para enriquecer esta analogia da relatividade dos conceitos, que a Lua, mesmo tendo menor massa, exerce sobre a Terra também uma força, garantindo assim a existência de um sistema Terra-Lua de equilíbrio. Isso tudo significa que, os conceitos, por maiores e mais fortes (massa) que sejam, existem em relação com outros conceitos. Por exemplo: o conceito de homem (no sentido humanismo) está em relação direta ao conceito Deus. Isso ajuda a compreender boa parte da obra de Nietzsche.

Posto este argumento, que aqui se apresenta como pressuposto permanece a pergunta fundamental: quem somos? Tanto no âmbito individual como no âmbito coletivo, continuamos buscando responder o questionamento que deu origem a arte, a filosofia e a religião. Se o

período medieval marcou a integração destes três campos, a modernidade marcou a separação. Esta separação ocorreu de maneira cartesiana, como tudo o que se desdobra depois disso, fortemente marcado pela ruptura, pela necessidade de autoafirmação e autoreferenciação, de questionamento das outras áreas e de si. A modernidade marca também as rupturas internas destes conhecimentos. As pequenas rachaduras medievais – nominalismo X realismo – se tornam correntes irreconciliáveis como o empirismo e o racionalismo. O moderno se caracteriza pela autonomia da ciência, autonomia do Estado, autonomia das artes, autonomia do indivíduo... Mas e a pós-modernidade?

Wilmar do Valle Barbosa nos diz na introdução da obra “O Pós-moderno” que: “o pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes” (LYOTARD, 1990, p. viii). Basicamente temos aqui um resumo, uma ideia do que é o pós-moderno. Este texto profético de Lyotard escrito na década de 70 já antevia com uma precisão aterrorizante a grande corrida pelo controle de informação que hoje vivemos.

Os processos iniciados no final da segunda grande guerra deram origem ao que hoje conhecemos como pós-moderno ou pós-modernidade. Neste novo contexto, mais importante que o domínio de territórios ou as reservas estratégicas de metais ou capital líquido, é o controle sobre a informação. “Do mesmo modo que os Estados-nações se bateram para dominar territórios, e com isto dominar o acesso e a exploração de matérias-primas e mão-de-obra barata, é concebível que eles se **batam no futuro** para dominar as informações” (LYOTARD, 1990, p. 5, grifo nosso). Bem-vindo ao futuro! Desde os anos 2000 temos presenciado verdadeiras batalhas pelo domínio da informação, onde cada vez mais o controle destas áreas é feito por empresas privadas transnacionais que detêm os dados de seus usuários como verdadeiro capital intelectual, vide casos do Google e do Facebook¹³. Tal controle de dados serve para alimentar os algoritmos mestres de seus sistemas convertendo o “humano – sujeito, complexo, livre, imprevisível” em “consumidor – objeto, simples, condicionável, previsível”.

O anseio que rege a modernidade desde Descartes, a busca pela racionalização total, pelo deciframento da realidade em números, pela conquista e pelo domínio do mundo parece ter chegado ao seu auge. Weber anunciava o desencantamento do mundo como processo de

¹³ Tanto o Google quanto o Facebook coletam os dados de seus usuários, leem seus perfis através de sua navegação na internet e utilizam tais informações como instrumento de comércio. A maior parte destes dados são coletados sem o conhecimento do usuário, pois de maneira geral o usuário aceita os termos de uso sem lê-los já que estes são condicionantes para o uso do serviço. Da mesma maneira que o usuário entrega seus dados pessoais para o domínio destas empresas, estas empresas utilizam seus dados para oferecer serviços e produtos que acabam induzindo ao consumo.

racionalização, como nos relata Sell (2013) em sua obra “Max Weber e a Racionalização da Vida”. Weber era pluridimensional e sua análise não se restringia à religião, porém temos como um dos possíveis inícios do processo de desencantamento o próprio cristianismo, que rompe com a “ação mágica sobre o mundo” (SELL, 2013, p. 241). Nesse sentido, seria o próprio cristianismo, em sua “versão” ainda mais moderna, o protestantismo, a força impulsionadora do processo de racionalização. De maneira bastante explícita, Weber afirma que:

[...]nós sabemos que ou pelo menos acreditamos saber que: *apenas desejando, poderíamos experimentar*, a qualquer momento, que em princípio não existe nenhum poder misterioso e imprevisível que aí interfere e que, em princípio, nós podemos *dominar* todas as coisas pelo *cálculo*. Isso significa, portanto, desencantamento do mundo (WEBER, p.09 *apud* SELL, 2013, p. 241).

Tal desencantamento marcou a modernidade de tal forma que, alguns conceitos passaram a perder “massa”, tal como se refere a analogia inicial do capítulo. Esta perda de massa enfraqueceu o sistema. Este sistema era alimentado pela metafísica, e como tal era construído em metanarrativas e metadiscursos, graças ao seu caráter teleológico. A perda do encanto, anunciada por Weber, já havia sido anunciada por Zaratustra, porém, é bom ressaltar que eles apenas encontraram o cadáver, no cadáver estava as digitais do pietista¹⁴. A morte da metafísica, anunciada com tanto júbilo no Iluminismo, não trouxe a libertação do homem como anunciara, mas sim a sua morte. Para reutilizar a analogia inicial, é como se o homem estivesse explodindo o Sol com a promessa, de que assim a Terra estaria livre para vagar de forma independente pelo infinito universo, porém, o fato é que a Terra não continuaria existindo sem esta estrela.

Mas então, o que é a Pós-modernidade? Para além de todas as metanarrativas, a Pós-modernidade é o fim do *Telós*. Sem qualquer teleologia o que existe é o agora, um presentismo profundo e irrestrito. Nesta condição, afirma D’Amaral (1977, p.130):

a tensão entre humanismo e anti-humanismo [...] é a tensão por excelência constitutiva do nosso saber. Todos os nossos discursos são discursos do homem, quer porque, tácita ou expressamente, o aceitem como o fundante, de-uma-vez-para-sempre-dado, de todos os enunciados efetivos, quer porque o pensem no modo da negação.

Desta forma, o sistema vive a sua escatologia.

¹⁴ Pietista é uma referência jocosa a Kant.

2.1 O QUE É O HOMEM? PERGUNTA MODERNA?

“Senhor, que é o homem, para dele assim os lembrades e o tratardes com tanto carinho?” (Salmo 8)

Tanto hebreus quanto gregos, quanto tantos outros povos, de maneira abstrata ou pontual se perguntaram sobre a humanidade. Porém, dentro de seus contextos e de suas condições de linguagem, bem como de sua realidade mitológica, cada povo em cada momento histórico encontrou uma resposta diferente para aquilo que chamamos humanidade.

O ocidente construiu uma noção de homem baseada nas reflexões cristãs sobre a humanidade. Desde que o próprio Cristo se anuncia como “o Filho do homem” no intuito de garantir a sua natureza humana, se estruturou uma antropologia baseada na assim chamada “condição adâmica”. O apóstolo Paulo na carta aos Romanos explica, “como pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim pela obediência de um só, todos se tornarão justos” (Rm: 5,19). Paulo também é compreendido pela “catolicidade¹⁵” da mensagem cristã. No primeiro concílio, retratado no segundo livro de Lucas, o “Atos dos Apóstolos”, mais precisamente o capítulo 15, fica evidente uma disputa interna entre os primeiros cristãos. De um lado temos os cristãos de origem judaica, que defendiam a pureza da fé e uma espécie de religião etnoteísta¹⁶ ou até mesmo henoteísta¹⁷, de outro lado temos Paulo como advogado dos gentios que abraçaram o cristianismo. Paulo aqui é defensor de uma fé universalizante e isso fica claro em sua fala na epístola aos Gálatas: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Evidencia-se aqui a ruptura de Paulo com a concepção judaica de “fé étnica”. É possível encontrar, já nos Evangelhos, passagens que denotam este diálogo entre uma fé judaica e uma fé “para todos”. Podemos afirmar que aqui reside a origem da universalidade antropológica. Isso significa que, embora o Império Romano suportasse o ecletismo das origens étnicas e religiosas presentes em toda a sua vasta extensão territorial, o Império desconhecia uma religião que avançasse para além do ecletismo e da pluralidade, uma religião que pudesse unir o Império e o além, sob uma única fé. Vale ressaltar que o cristianismo em sua história, também foi plural, porém, na raiz da antropologia cristã está uma concepção universalizante de

¹⁵ Compreenda-se aqui a etimologia da palavra Católico: Universal

¹⁶ Não há uma definição consagrada do termo, aqui nossa intenção é apresentar a visão judaica com um monoteísmo exclusivo do e para o povo judeu.

¹⁷ Concepção nacional de divindade que a rigor não exclui a possibilidade da existência de outros deuses.

ser-humano, o que é de fato uma novidade para os romanos e todos os demais habitantes do mediterrâneo. “Se Deus se fez homem, a humanidade de Deus divinizou a Humanidade inteira: não mais judeus e gentios” (D'AMARAL, 2015, p. 12). Eis aqui algo de absoluto que está além do plural romano. Como seria possível, em um vasto império de inúmeras religiões, de diferenças étnicas tão claras, se originarem uma religião do absoluto? Como seria possível tolerar uma religião que se pretendia ser única? Não podia! Conhece-se a história: foram três séculos de perseguições e proibições, até que o Édito de Milão (313 d.C.) permitiu o culto e o Édito da Tessalônica (380 d.C.) garantiu que o cristianismo seria a “única” religião do Império. Esta busca pela unicidade da fé traz em seu bojo a unicidade da compreensão do humano. Este humano está acima do romano e do judeu, está acima do livre e do escravo, está acima do homem e mulher...

Com base nisso, os padres da Igreja fundaram uma visão antropológica genuína. Toda discussão patrística sobre quem é ou o que é o homem transpassa duas questões: i) a primeira questão: a natureza ou as naturezas de Cristo; ii) a natureza do pecado. Em ambas as questões entra em cena um pressuposto, existe uma natureza humana.

Para ambas as questões, os primeiros séculos do cristianismo tiveram reflexões plurais, das quais não foram aceitas nas disputas internas da Igreja, dando origem as chamadas heresias. Quase todas as heresias são heresias sobre a natureza humana ou divina. Neste sentido, Agostinho procura esclarecer a natureza humana na obra “O Livre-arbítrio” (AGOSTINHO, 1995). No diálogo com Evódio, mais precisamente na segunda parte do Problema do Mal, Agostinho procura discutir sobre o que é o Homem e de sua responsabilidade sobre o pecado. É nítido que Agostinho defende três concepções: o Homem é criação de Deus, criado a sua imagem e semelhança (*Imago Dei*); o Homem é dotado de liberdade de escolha; e o Homem é dotado de inteligência (*Ratio*). Esta tríplice definição de Agostinho sustenta o que chamamos de antropologia cristã.

O homem, enquanto imagem e semelhança de Deus, o coloca na condição de “relação”. Ou seja, onde há um há o outro. Podemos interpretar esta relação como a relação refletiva do sujeito em frente ao espelho. Aliás, nós somos a imagem refletida de Deus em um espelho – um espelho manchado, enferrujado, que distorce o real. Porém, sem o “Ser” não existe imagem. Sendo assim, ao contrário da imagem especular, esta imagem também é “ser” – com minúscula. O “Ser” em seu espelho encontra o “ser”, e a imagem do divino não será apenas uma repetição, pois a imagem transcende em semelhança, e a forma especular ganha agora uma existência imanente. Esta “co-existência” garante a indissociabilidade do “Ser-pensar-agir”.

Já a liberdade, enquanto condição humana, é resultado dessa semelhança. Mesmo que se conteste a equivalência entre liberdade e livre-arbítrio, em Agostinho não poderia haver diferença entre um e outro termo. Deus cria o homem a sua imagem e semelhança, impondo assim ao homem a liberdade, ou seja, a similitude máxima do divino. Não cabe ao homem decidir ser livre, cabe a ele assumir sua liberdade. Agostinho traz aqui a novidade do pensamento cristão, a primeira noção de subjetividade. E todo o pensamento de Agostinho será permeado pela ideia de “interioridade” (D'AMARAL, 2015), aparece enfim o “Eu” na história. Somente o “Eu” pode ser livre.

A Razão (*Ratio*) como diferença humana do restante da criação, aparece no capítulo 7 do primeiro livro do “Livre-Arbítrio”. Neste ponto percebemos o quanto o texto de Agostinho é precursor da modernidade, já que ele conclui no diálogo 16 aquilo que Descartes elucidará mais de mil anos depois: “[...] nem todo ser vivo sabe que vive, ainda que todo aquele que sabe que vive seja necessariamente ser vivo” (AGOSTINHO, 1995, p. 43). Esse raciocínio se completa no diálogo seguinte, sendo melhor saber que se vive do que apenas viver, essa é a própria conclusão de Evódio.

A abertura que Agostinho – ou o cristianismo de forma mais abrangente – estabelece para o sujeito, pode ser considerada a grande fundação do ocidente. Ele é o primeiro pensador de nossa tradição a estabelecer uma noção de interioridade: “No homem interior habita a verdade” (AGOSTINHO, 2012, p. 140). A interioridade seria o prenúncio da subjetividade. No conceito de persona habita ainda o conceito de trindade, de sujeito em relação. Por um momento podemos equiparar os conceitos “homem interior” à subjetividade e assim temos novamente a ideia de “homem”, voltando a não tão moderna problemática.

Faça-se um salto histórico, não por falta de reflexão sobre a humanidade durante todo o período medieval, mas questões metodológicas na perspectiva da construção desse argumento. Vamos à modernidade. Racionalistas e Empiristas prepararam uma querela epistemológica incrível, tudo bem que ela pode ser vista, a seu tempo, como uma continuação da querela medieval. Mas como já mencionado, precisamos saltar. Enquanto Descartes defende pela primeira vez um sujeito claro e distinto, Bacon defende um sujeito sensível. Poderia ainda, por mero preciosismo citar Berkeley: “Ser é ser percebido”. Em ambos os casos, e hoje percebemos e entendemos isso, há uma correlação: existe um “sujeito” conhecedor, e é o homem. Somente Kant, beneficiado pela decantação do problema moderno, consegue perceber e entender que ambas as correntes haviam deixado de lado a hipótese de Agostinho: a verdade está no sujeito. Porém ao contrário de Agostinho, Kant não supõe mais que esta verdade é o próprio Cristo. Kant seculariza a verdade. Kant submete a verdade à razão. Ao fazer isso, Kant inverte a

antropologia cristã. Não mais temos aqui um Deus iluminador da verdade ao “homem interior”, temos apenas o “homem interior” portador da “Razão Universal”. Esta *Ratio* não provém mais de uma iluminação, mas ela é natural e... Universal. Sim! O princípio Universal se mantém. Abandona-se o Cristo, mas não a humanidade. Embora Kant possa ser acusado de deicídio – e foi Nietzsche quem o acusou – ele não era exatamente um ateu. Sua formação pietista não possibilitava tamanha certeza.

Esta é a contribuição de Kant: A revolução copernicana da filosofia. A esta altura é precisa ficar claro que é impossível distinguir com alguma precisão a epistemologia do resto da filosofia. Dessa forma é fundamental fazer sempre esse jogo entre filosofia e comunicação. Quando afirma-se que Kant traz a revolução de Copérnico para a filosofia, o paradigma se inverte. Não mais a verdade é um objeto, fixo, central e coeso. A verdade agora é atributo da própria Razão, e, portanto, reside no sujeito. Ora, esse sujeito não pode ser universal, porém Kant aspira uma espécie de Razão Universal. É neste sentido que é necessário destacar que a Antropologia Kantiana é uma espécie de reunião ou síntese entre a epistemologia, a moral e a religião.

Kant desenvolve a questão do sujeito em contrariedade tanto a Hume quanto a Descartes: para Kant, o “eu” não é nem um “feixe de percepções”¹⁸ como pensava Hume, muito menos a “substância pensante” de Descartes. Para Kant, o “eu penso” não é um sujeito puro e anterior à experiência, ele reúne em uma consciência um múltiplo de experiências e representações. É possível ainda que eu próprio me represente nessas representações... Eis o sujeito! Mas... E a Razão Universal? Kant, no Prefácio da primeira edição de *Crítica da Razão Pura* (KANT, 2012) admite que a Razão aloque para si questionamentos que ela não consegue responder, pois a ultrapassam. Estas questões estão na própria natureza da Razão. Mas a Razão não dá conta delas, eis a fé – seria uma aproximação a Agostinho?

A Razão Universal de Kant supõe uma natureza universal aos humanos. Isto fica claro com o imperativo categórico. A ação de um só homem – sujeito/eu – é régua normativa de todos. Se o agir de um pode ser o de todos, percebe-se que por de trás do imperativo existe uma equivalência. Isso obviamente remonta a uma leitura de origem cristã, a ideia de que um só homem (Adão) fez o pecado entrar no mundo e que por um só homem (Jesus) entrou a salvação. Ou seja, embora secularizada, a natureza humana não perde a concepção cristã, o que, *a priori*, faz dela Universal. Porém, uma dificuldade permanece, a identificação entre universal e uniforme, ou pior, entre unidade e “*standard*”.

¹⁸ Hume chama a identidade pessoal de feixe de percepções, ou seja, o “eu” seria construído apenas pelas percepções acumuladas e reelaboradas durante sua existência.

Nesta dificuldade permeia o marxismo. Ao secularizar o paraíso, o marxismo não abandona a teleologia típica do cristianismo. Ele tão somente “ imanentiza¹⁹” a oferta de salvação. Baseado nos princípios cristãos de universalidade, o marxismo se torna o principal herdeiro da noção de “humano”, originada pelo cristianismo. Muito embora exista aqui uma identificação nova que pareça ser um empecilho para esta universalização e descambe em uma padronização: a classe social. Ainda que o marxismo sucumba à identificação de homem e proletário, sua busca por um projeto universalizante de ser humano é tão profunda quanto moderna, e o resultado disso teve como uma das consequências a busca pela padronização. E essa padronização avança com o desenvolvimento da indústria e da técnica. O padrão se torna universal. Bem-vindo a era da racionalização!

2.2 O “DIODO” HOMEM-DEUS E A MORTE DO MODERNO

Emprestaremos o conceito de diodo do campo da física e da elétrica. Basicamente, a ideia de diodo no campo da física fala de um componente, constituído de um semicondutor que funciona como uma válvula, permitindo que a energia percorra em uma única direção. Esta direção seria do anodo para o catodo. Em que o diodo exemplifica a questão que quero abordar? Suponha que o funcionamento da filosofia, desde a antiguidade, mais precisamente desde Platão, obedece a lógica do diodo quando relaciona o homem e Deus. Suponha ainda que esta relação dioica só permite falar de Deus pelo viés humano, ou seja, Deus é sempre representado como um ser com toda sua potência em ato – ato puro. De Aristóteles à Plotino, de forma ainda obnubilada, segunda a lógica dos padres, eles eram ainda pré-cristãos, ou quase cristãos antes de Cristo. Mas para Agostinho, este ato puro tomou forma humana, dando origem ao conceito mais caro para o Ocidente: *Imago Dei*.

Alguém poderia dizer, mas não se deve aos hebreus esta concepção? Aos hebreus devemos a concepção histórica, mas não o conceito. O Deus inominável dos hebreus não consegue ainda ser universal. São os cristãos, que desde Paulo e dos conflitos enunciados pela conversão dos gentios, os originários desta concepção.

¹⁹ Transcendência e imanência são movimentos metafísicos que se opõem e se completam. Desta forma, enquanto a transcendência se movimenta na direção do Outro Absoluto, do Infinito, do Divino, a imanência se movimenta na direção outro físico, presente, sensível e próximo. Em nossa leitura, Marx torna imanente o que o cristianismo sempre concebeu como transcendente. Ao propor o comunismo como metanarrativa política, ele propõe uma teleologia tal qual propõe o próprio catolicismo. Não por acaso, quando o discurso de militância é abstraído, você tem algo semelhante ao proselitismo religioso: uma tentativa de conversão para “a causa” e uma promessa de paraíso vindouro.

A concepção de que o homem é imagem e semelhança de Deus percorreu e construiu as bases da cultura ocidental. Feuerbach²⁰ é o primeiro a propor uma inversão desse sistema, quando diz que não é o homem a imagem e semelhança de Deus e sim o contrário. Intuitivamente, Feuerbach descobriu o diodo. Ou o homem é a imagem e semelhança de Deus ou Deus simplesmente não é. Eis o diodo como válvula conceitual. O diodo homem-Deus permite apenas a proposição “homem como imagem e semelhança de Deus”, mas o contrário é um curto-circuito conceitual, pois na concepção “Deus como imagem e semelhança do homem” está contida uma contradição interna ao conceito Deus. Simplificando, se Deus for a imagem e semelhança do homem, ele simplesmente não existe.

Neste sentido, Nietzsche consegue ser realmente muito mais profundo e original. Ao invés de buscar construir uma “doutrina” desdeificadora, ele prefere anunciar a morte de Deus pela boca de Zaratustra. Ele não comete deicídio, apenas o constata. Mas quem haveria de ter cometido isso? O Deus morto de Zaratustra não é a divindade em si, e sim seu conceito. O processo de secularização, originado desde a Reforma Protestante²¹ vai aos poucos eliminando, em sua teologia-da-vida, a necessidade de um Deus ou de seu representante, neste caso a Igreja. Deus se tornou “foro íntimo”, elemento privado, concepção familiar e individual; um Deus privado da vida social, não apenas privado do Estado, como supunham originariamente os defensores do Estado Laico. Não se trata apenas de questões do âmbito da filosofia política. Aos poucos, todos os conceitos e hábitos da cristandade e dos reformados vão perdendo o conteúdo religioso sem perder a lógica de seu funcionamento. Algo familiar a uma catedral, onde não se rezam mais missas, que se tornou então um grande museu, mas que as pessoas continuam visitando aos domingos, não mais para uma oração ou adoração, mas simplesmente para recordar as origens, de forma estética. Assim, parece ser Deus para as sociedades secularizadas. Um museu presente, cuja finalidade da existência, enquanto museu é simplesmente garantir a experiência estética da memória.

Importante entender aqui a epistemologia aplicada por Nietzsche, já que ela funda o pós-moderno. Nietzsche entendeu que afirmar categoricamente a não existência de Deus, ou de um Deus, não solucionaria o problema epistemológico moderno. Isso porque a modernidade é fundada no problema medieval do Universal. Indiferente se você seguir o caminho dos

²⁰ Ludwig Feuerbach, filósofo alemão, ateu e humanista do século XIX, irá produzir em toda a sua obra uma extensa crítica a metafísica com extensão a teologia. Em sua obra “Sobre Filosofia e Cristianismo” e “A essência do cristianismo” irá apresentar a tese exposta no corrente texto.

²¹ A Reforma iniciada por Lutero no século XVI estabelece não apenas a criação de uma nova Igreja, mas propõe uma profunda reforma teológica e social, desencadeando um processo de secularização que vai mudar a forma como as pessoas se relacionam com Deus e com a Igreja.

racionalistas ou dos empiristas, o resultado será o mesmo, é necessária uma entidade que garanta a existência da Verdade, ou na razão ou na experiência. Isso porque ambas as correntes admitem a existência da Verdade, admitem a possibilidade de alcançá-la e ainda admitem a possibilidade de comunicá-la por meio do discurso. Esse triplo movimento, a saber: a “Verdade existe, é alcançável e comunicável” são elos metafísicos da modernidade. Hume²² dá a primeira martelada, ao ressuscitar o ceticismo e propor que a Verdade seja um conceito humano demais. Obviamente, ao pôr em xeque a objetividade da Verdade, Hume aparece com uma conclusão assustadora, ou como diria Kant, o argumento de Hume era irrefutável, mas sua conclusão inaceitável. Neste sentido Hume alerta para o fato de que a Verdade é a crença na regularidade sobre a referência, ou seja, a Verdade nada mais é do que acreditar naquilo que consideramos, sob determinados aspectos e circunstâncias, a Verdade. A Verdade é, por assim dizer, o afeto pela Verdade. E é afeto, pois não existe nada fora da experiência, de forma que toda incessante busca pela Verdade envolve as faculdades humanas na experiência e na causalidade. Hume crê isso mesmo, ele “bota fé” na Verdade como elemento exclusivo da natureza humana.

2.3 O LUGAR DO CRISTIANISMO NO PÓS-HUMANISMO

“nur noch ein relativistischer Gott kann uns retten²³”

Heidegger

A pós-modernidade concebe na cultura a morte de Deus. Não se trata aqui de um saudosismo, talvez. Não há a necessidade nem o intuito de comparar o presente pós-moderno ao passado moderno. A modernidade matou Deus enquanto conceito. A ciência moderna rompeu os paradigmas newtonianos de uma física universal e previsível. Ao supor uma lei universal, Newton alienou a esta lei a ideia de uma mente criadora de leis. Ao mesmo tempo a física newtoniana pôs em xeque o teísmo dando espaço às concepções deístas, de um Deus mecânico e distante, sem personalidade; apenas uma grande inteligência.

²² David Hume é filósofo escocês do século XVIII, que através de seus estudos influenciará todo o Iluminismo, principalmente Kant. De tradição empirista ele discutirá as bases da epistemologia ao questionar o método científico. As ideias aqui citadas tem por base a interpretação livre da obra “Investigação sobre o entendimento humano”.

²³ “Somente um Deus relativista pode nos salvar”. Esta afirmação Heidegger fez ao jornal Spiegel e foi reproduzida por Vattimo no segundo capítulo da obra “Adeus a Verdade”.

Kant contribuiu profundamente colocando por sua vez a metafísica em xeque. Na busca de consolidar a metafísica moderna ela expôs o funcionamento dos elementos clássicos que compunham as noções de universais, e isto enfraqueceu profundamente as doutrinas constituídas sobre as bases do aristotelismo. Restou a Nietzsche constatar o inevitável. Os modernos são os assassinos de Deus, cometeram deicídio... foram eles e não nós! Mas com que armas eles o mataram? Ora, com a própria razão. Mas a razão não funciona como uma arma de fogo ou como uma afiada arma branca. Definitivamente não! A razão matou Deus com ornamentos. Sim, ornamentos! Imagine que a metafísica e sua lógica foram singelos ornamentos depositados sobre o corpo do conceito Deus. E que todos estes ornamentos começam aos poucos a sobrepesar sua estrutura a ponto de romper toda e qualquer capacidade de suportar tamanha massa de conceitos e valores. É um processo semelhante a uma implosão sem as cargas de dinamite que enfraqueceriam a estrutura. A lógica da teologia escolástica somada ao racionalismo e, por fim, ao criticismo, sobrepesou a estrutura conceitual.

Para utilizar o mesmo paradigma epistemológico de Nietzsche em “Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral”, pode-se dizer que a Verdade (ou o conceito Deus), comparado a terra no modelo geocêntrico²⁴, perde agora a centralidade, uma vez que não há mais centro, haja vista que o modelo heliocêntrico também foi superado. Desta forma, o que Nietzsche defendeu é que o modelo copernicano de Kant também está superado, muito embora Nietzsche tenha sido frutuosa e intuitivo naquele texto. Mas se não há um centro, não há assim uma Verdade! Podemos emendar: se não há uma verdade, não há um humano! Sem “um” Deus e sem “um” Homem, para que serve a religião? Será possível um niilismo religioso?

O que retratamos até aqui é a passagem do humanismo ao pós-humanismo. No pós-humanismo, existem uma série de pensadores que pesquisam entre eles... eu... neste universo sem centro, o que há de ser “seguro”, ou o “onde me agarrar”. Isso porque, embora Lyotard nos ensine que a pós-modernidade é o fim das metanarrativas, dos metadiscursos e dos paradigmas totalizantes, o *homem-comum*, entre eles eu, nunca viveu de metadiscursos e nem mesmo orienta suas decisões cotidianas pelos valores universalizantes.

O que vemos, no pluralismo atual de buscas, questionamentos e reflexões, é a tentativa de salvar algo da modernidade, mesmo que para lembrança. Somos memorialistas de boas ideias. Falamos do passado, com cautela e crítica, escondendo certo saudosismo, mas falamos do passado. Objetivamente, buscamos entender, como, nessa bricolagem que é nosso mundo, a

²⁴ O modelo astrofísico atual é chamado de “Modelo Cosmológico Padrão”. Existem algumas contribuições para o modelo, porém, o paradigma atual dita que não há um epicentro, que o universo está em acelerada expansão de forma homogênea e isotrópica.

religião, o cristianismo, as Igrejas coexistem à morte da metafísica. No fundo, bem no fundo, o mais reacionário dos crentes entendeu que vive em um universo niilista, e que sua crença é uma forma legalizada de ficar “brizado²⁵”.

Nesse sentido Vattimo – grande crítico da teologia católica, mas que recentemente, em entrevista publicada no *Vatican Insider* afirmou que com Francisco não tem vergonha de dizer que é católico²⁶ – afirma que é preciso uma teologia da Kenosis²⁷. O que significa isso? A Kenosis é o esvaziamento. Segundo a doutrina católica, assim delineada desde o concílio de Nicéia²⁸, baseando-se a carta de Paulo aos Filipenses, Jesus, para que a salvação fosse completa, esvaziou-se da natureza divina, pondo de lado os atributos divinos e assumindo a condição de criatura, para que assim pudesse, assumindo totalmente a condição humana, “comunicar-se” de fato com os humanos. Nós professores sabemos muito bem o que é Kenosis, para que possamos atingir nosso objetivo ao adentrar em uma sala de aula dos anos iniciais de uma graduação não podemos ficar presos as prerrogativas acadêmicas da pesquisa, precisamos nos esvaziar e atingir a linguagem do aluno, para que assim, estabelecida a comunicação, ele possa compreender.

A condição atual é kenótica:

O ponto de vista que aqui tenho desenvolvido é que o niilismo seja a interpretação, ou versão, pós-moderna do cristianismo – na minha opinião, a única (interpretação) que possa salvá-lo da dissolução ou de um fim violento em uma guerra religiosa universal. Colocando em outros termos: a morte de Deus anunciada por Nietzsche não é mais que a morte de Jesus na cruz. A morte de Deus significa, em Nietzsche, a dissolução final dos valores supremos e da crença metafísica em uma ordem do ser objetivo e eterno, ou seja, o niilismo (VATTIMO, 2016, p. 68).

O que Vattimo propõe, basicamente, é um cristianismo não religioso. Isso porque Cristo não era o que se pode chamar de religioso. Os Evangelhos estão repletos de passagens em que Cristo desafia o poder religioso dos fariseus e dos saduceus. Cristo desafia a moral religiosa de sua época, ao curar aos sábados, ao chamar Deus de Pai, ao mostrar a hipocrisia dos costumes religiosos de sua época. Ao ser “sinal de contradição” Cristo expõe as fragilidades da narrativa

²⁵ Gíria que identifica o sujeito sob efeito de algum narcótico.

²⁶ Entrevista data de 09/07/2018 disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580746-papa-francisco-telefona-para-gianni-vattimo-o-filosofo-do-pensamento-fraco>.

²⁷ Na obra de Vattimo “Adeus à Verdade” os tradutores optaram por redigir quenosis. Aqui, por uma certa fidelidade ao grego bíblico (κενωσεν), manterei a escrita kenosis.

²⁸ Embora a tradição da Igreja remeta como primeiro concílio o concílio apostólico de Jerusalém, Niceia é, sem dúvida o primeiro concílio católico que busca a uniformização da doutrina. Entre os grandes heresias enfrentadas pelos primeiros concílios estava o arianismo, que afirmava que Cristo não era Deus, pois se ele o fosse não poderia ter morrido na Cruz, por outro lado o nestorianismo defendia a ideia de que Cristo teria duas naturezas independentes.

religiosa. Para Vattimo (2016, p. 68), “o niilismo é cristianismo na medida em que Jesus não veio ao mundo para mostrar a ordem “natural”, mas para destruí-la em nome da caridade”.

Existe ainda espaço para o cristianismo? Sim, mas um cristianismo não-metafísico. Um cristianismo autêntico, onde de fato o “amor ao próximo” esteja acima da Lei. Um cristianismo menos ritualístico e mais vivencial. Um cristianismo menos doutrinal e mais praxiológico. Um cristianismo onde não haja tanta distância entre ser, pensar e agir.

2.4 E O HUMANO-COMUM? QUE DIZ ELE DE ZARATUSTRA?

“Nós, os homens comuns”.
(D'AMARAL, 2004, p. 164)

Aqui é necessária uma discussão sobre o conceito de *homens-comuns*. Este conceito parece claro, remete-se a três elementos: o primeiro é o senso comum, o segundo é a comunicação e o terceiro é a ciência do comum.

O senso comum, demonizado pelas correntes iluministas, praguejado pelo positivismo, parece realmente não se importar com o que pensam os homens das letras. Isso porque todos, em algum momento somos senso comum, compomos esta forma livre de pensar, “achamos”, “supomos” e desconhecemos. O senso comum é, portanto, muito maior, em quantidade, que o pensamento científico. O senso comum é vivo, dinâmico, livre e por que não, dionisíaco. Ele contrapõe a ciência tal qual Dionísio a Apolo²⁹. O *homem-comum* navega pelo senso comum sem se preocupar com as contradições internas que ali coexistem. As verdades que porventura possam existir, são meras referências, faróis a indicar por onde não navegar.

A comunicação, mote de toda essa pesquisa, é para o *homem-comum* seu meio de vida. Não a comunicação enquanto ciência da linguagem, mas sim enquanto vida. Qualquer pessoa, que viva em comunidade, comum unidade, vive em comum ação. A ação comunicativa, não apenas a de Habermas e Weber, nada mais é que o ato de viver. Colocar uma ação em comum significa mais que partilhar um ideal, um fato positivo ou um prato de comida. Colocar uma ação em comum significa partilhar a vida. Àquela vida livre, marota, dionisíaca...

A Ciência do Comum, termo que nos apresenta Muniz Sodré, mostra o quanto é necessário se esforçar para manter viva a leitura do real. Nessa (nem tão) nova ciência, o mundo

²⁹ Nietzsche usa os termos dionisíaco e apolíneo para descrever duas forças que regem a filosofia, de um lado as tendências apolíneas impulsionam à simetria, ao equilíbrio, à ideia grega de perfeição. De outro, o dionisíaco, que nos leva aos excessos, ao exagero, a fluidez e a vida.

é global porque as novas tecnologias permitem que a comunicação seja global. O que significa dizer, que nada escapa das novas tecnologias de comunicação, ampliando assim a ambiência da vida comum. Neste sentido, se insere também a experiência religiosa cotidiana. Segundo Sodré (2014, p. 250):

O pentecostalismo e várias outras denominações evangélicas expandem-se precisamente em conjunção com o império das imagens televisivas e dos recursos digitais. O mesmo acontece com a Igreja Católica, onde já desponta a ideia de “Ciberteologia”, com o objetivo de “pensar a fé nos dias de hoje”. Para o “ciberteólogo” Spadaro, a internet não pode ser usada como instrumento de *marketing* religioso, porque é de fato um ambiente: “o ambiente digital é tão real quanto físico, logo, a Igreja é chamada a estar ali porque os homens estão ali”. Não se trata aí, portanto, de fazer da mídia um instrumento de evangelização (o que supõe um fluxo unidirecional de mensagens), e sim de substituir a ideia de transmissão pela de compartilhamento: “a comunicação digital do papa é uma extensão da física, essa é a chave do sucesso”. As pessoas reconhecem como uma figura próxima tanto no mundo real como no digital.

Este *homem-comum* vive o real-virtual e o virtual-real. Ele não faz distinção epistemológica do ambiente virtual. Ele usufrui da tecnologia como forma de ser-no-mundo. É nesse sentido que, semelhante aos que ouviam Zaratustra na praça, acreditam ou fingem acreditar que tudo isso não passa de uma mera apresentação. O *homem-comum* é, em grande parte, espectador do mundo (virtual e real), não por mera alienação – pois taxar o *homem-comum* de alienado nada mais é do que anular sua potência – e sim por vontade. É espectador ativo e não passivo.

2.5 FRANCISCO: SOFRIMENTO E MISERICÓRDIA NA PÓS-MODERNIDADE

Papa Francisco, hegemonicamente apresentado na mídia como “um pontífice progressista”, dedicado as causas atuais e explicitamente críticas, a alguns setores da própria Igreja, proclamou no final do ano de 2015 que o ano litúrgico de 2016 (Dez/2015-Nov/2016) seria o “Jubileu Extraordinário da Misericórdia”. Para os não-católicos, talvez este evento não tenha muita repercussão. Já para o catolicismo, um ano jubilar tem um significado ritual bastante complexo, geralmente relacionado a comemorações muito específicas (O último Jubileu foi no ano 2000) este se propõe comemorar os 50 anos do encerramento do Concílio Vaticano II. O ano jubilar é caracterizado, segundo a tradição católica, pela abertura da “Porta Santa”, primeiramente a Porta da Basílica de Latrão³⁰, depois as demais Basílicas Papais e os santuários diocesanos. A Igreja prega que no Ano Jubilar os fiéis devem dar especial atenção à

³⁰ Basílica de Latrão é a catedral da Diocese de Roma. Data do século IV e é a sé oficial do Papa e é a principal basílica papal entre as 5 demais basílicas papais.

penitência, procurando buscar o sacramento da reconciliação (confissão) e a peregrinação até algum dos Santuários que possuam a “Porta Santa”. Obviamente, carregado de simbolismo, a “Porta” aqui mencionada se refere a ideia de passagem, conversão, retorno a casa, dentro da noção de Filho pródigo. Ao abrir o ano Jubilar, o Papa diz: “há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes” (FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, 2015).

Falar de Misericórdia em 2015? O que significa? Certamente que Francisco não escolheu por acaso comemorar o Jubileu do Concílio Vaticano II com o tema Misericórdia. Importante ressaltar que João XXIII³¹ ao abrir este concílio já apontava “quase que de maneira denunciante” a necessidade de uma Igreja mais voltada para a Misericórdia, agindo com caridade para a realidade do mundo, ou seja, uma Igreja comunicante! Porém, é inevitável olhar para o contexto. O concílio ocorria no auge da Guerra Fria. Estávamos à beira do colapso nuclear. O socialismo avançava por um lado levantando abertamente a bandeira do ateísmo. Por outro lado, nas economias ocidentais avançava o secularismo e o laicismo, enfraquecendo a influência da Igreja nas questões políticas. Não obstante, o ritual romano e certas práticas tridentinas se apresentavam como um anacronismo irreconciliável com o século XX. Nas palavras de João XXIII era necessário abrir as portas da Igreja para que o mofo fosse eliminado. Passados 50 anos a Igreja ainda se pergunta se o vendaval que rasgou os velhos costumes tridentinos e alvoroçou as páginas amareladas da teologia escolástica se deu por terem aberto as portas ou porque os ventos da pós-modernidade nascente eram realmente avassaladores. Cumprindo ainda a anedota já posta: Ao abrir as portas, João XXIII esperava que a claridade solar adentrasse na Igreja e revelasse o mofo, o que ele não esperava é que entraria um verdadeiro vendaval, já havia uma tempestade estava lá fora!

2.5.1 Misericórdia e Sofrimento

Ao longo da história e no percurso das culturas, a compaixão tomou delineamentos difusos. Neste sentido, a não universalização da regra moral citada por Vaz da obra de

³¹ Papa João XXIII ou Angelo Giuseppe Roncalli foi o 261º papa responsável pela abertura do Concílio Vaticano II. De uma biografia belíssima, ele é conhecido como Papa bom e Papa da Paz em função do seu papel exemplar na crise dos mísseis em Cuba no ano de 1962, rendendo a ele inúmeras condecorações, inclusive póstumas, por seu trabalho em prol da paz.

“Boltanski” (VAZ, 2014), apresenta uma peculiaridade do cristianismo. A parábola do Bom Samaritano³² nos remete a universalização da empatia pela vítima. Vê-se assim o rompimento da compaixão seccionada no sistema “nós” e “eles”, passando para um sistema de “nós” absoluto. Vaz (2014, p. 74) afirma: “os conceitos de ‘verdade’ e de ‘bem’ criam regras e realidades que deveriam valer para todos e ser acessadas por qualquer um”. Não é apenas a passagem do Bom Samaritano que serve para tal compreensão, podemos citar inúmeras passagens do Evangelho e das cartas apostólicas que reforçam a dinâmica cristã da universalidade da “Boa Nova” cristã. Seleccionamos algumas que reforçam a relação que queremos apresentar neste argumento.

Começamos pela passagem que relata o encontro de Jesus com a Adúltera (Jo 8, 1-11). Nesta passagem são nítidas pelo menos duas situações: (a) Os fariseus estavam colocando Jesus à prova: pois caso ele a absolvesse, estaria contrariando a Lei Mosaica³³ – sagrada para os Judeus – e caso mandasse cumprir a Lei, ou seja, caso a condenasse ao apedrejamento, eles poderiam o acusá-lo de homicídio perante a Lei Romana; e (b) Jesus universaliza a condição de pecador: ao afirmar “quem aqui não tiver pecados atire a primeira pedra!” Jesus coloca a todos no mesmo patamar, sob a mesma condição, em outras palavras, “somos todos pecadores” ou “somos todos iguais”. O próprio Papa, inicia sua última Carta Apostólica “*Misericordia et Misera*” citando esta passagem. Francisco vai se utilizar de uma citação de Santo Agostinho para intitular sua Carta Apostólica. Para ele, quando Cristo se encontra com a adúltera, estavam ali a Mísera (ou miserável) reunida com a própria Misericórdia. Na compreensão de Francisco (2016), Agostinho não poderia encontrar expressão mais bela e coerente “para fazer compreender o mistério do amor de Deus quando vem ao encontro do pecador: «Ficaram apenas eles dois: a mísera e a misericórdia». Quanta piedade e justiça divina nesta narração!”

A passagem do Evangelho de João citada acima demonstra, não de maneira alegórica como no trecho citado por Vaz (2014), a expressão genuína da compaixão. Neste caso, não se trata da compaixão pelo desvalido ou desafortunado, em outras palavras, não se trata de compaixão pela vítima, já que é esta a condição daquele que foi socorrido pelo samaritano. Aqui temos a compaixão pela pecadora. Podemos sim, colocar a pecadora na condição de vítima se a ela repousarmos certo olhar mais moderno, partindo de uma discussão de gênero, o fato de

³² Lucas 10, 25-37. Jesus narra uma parábola em que um homem teria caído na mão de assaltantes e que este teria ficado quase morto à beira do caminho. Passou um Sacerdote e um Levita, e ambos não o ajudaram. Passou então um Samaritano que teve compaixão dele, fez curativos para as feridas e levou a uma hospedaria pra que fosse cuidado. Jesus pergunta quem foi o próximo? O próximo é aquele que teve misericórdia.

³³ Pentateuco ou Torah, chamados de livros da Lei, compreende: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

apenas a mulher ser condenada por adultério, poderia revelar a “vitimização” da pecadora. Porém, fato é que, naquele momento ela é “ré”. Foi pega em “flagrante adultério”. Em nenhum momento o evangelista busca atenuar a situação. Poderia, talvez, ter contado um pouco da história dela, talvez fosse uma belíssima história de amor em que ela teria sido dada em casamento a um desafeto e que seu verdadeiro amor a quisesse salvar. Ou quem sabe fosse ela vítima de violência doméstica e encontrou em outros braços o carinho que não conhecera do marido. Nada disso. O evangelista não atenua o crime. Não existem advogados, apenas uma horda de acusadores, cuja denúncia estava legalmente amparada na Torah. Temos aqui um típico embate entre legalidade e legitimidade nos moldes de Agambem (2015). A adúltera – sem nome, pois assim pode ser qualquer mulher – não pede nada, não fala nada, não se defende nem se retrata, é apenas a portadora de um crime que merece a pena capital, a lapidação.

Por que se compadecer de tal criminosa? Ele, que, sendo homem (varão) não deveria se pôr no lugar do traído! Uma resposta comum é que Ele conhecia o coração da adúltera. Ora, isso parece uma resposta ingênua e aparentemente misericordiosa, porém revela o contrário da intenção do autor do texto sagrado. Em nenhum momento a passagem fala que Cristo conhecia o coração da mulher. Sem qualquer atenuação, Cristo expõe a hipocrisia de todos os que estavam ali: “quem não tiver pecados que atire a primeira pedra!” A Compaixão aqui se transforma em Misericórdia. Ele só pode ter compaixão da mulher porque viu nela a condição humana, da mesma forma que ela escapa de ser apedrejada, pois os demais reconheceram estar na mesma condição. O fato aqui revela a universalização pela misericórdia e a misericórdia pela universalização. Misericórdia que gera compaixão. O Grande Nós absoluto!

Na passagem do Evangelho de Lucas (Lc 7, 36-50) novamente temos uma mulher. Vale um adendo, Francisco utiliza novamente uma mulher como exemplo da Misericórdia de Cristo. É notável o esforço do papa em dialogar com a questão da mulher. Nesta passagem, Cristo visita um fariseu. Vai comer com ele. Lucas diz: Uma certa mulher... Veja: “certa mulher” vai até a casa do fariseu com um jarro de perfumes e lava generosamente os pés de Jesus. Jesus percebe o desconcerto do fariseu, pois afirma Lucas que ela “era conhecida na cidade por seus pecados”. Em outras palavras, esta mulher, sem nome, era reconhecida apenas pela má fama, não havia, portanto, uma “pessoa”, havia apenas uma pecadora. O texto retrata aqui como a hipocrisia despersonaliza o outro. Porém, ao se prostrar aos pés de Cristo, banhar os seus pés com lágrimas, enxugar com os cabelos e ungir com perfume, ela pede de Cristo, não em palavras, mas gestos, a compaixão. Novamente, misericórdia se transforma em compaixão. Novamente temos a figura do fariseu. Este desconcertado, incomodado com a atitude de Cristo: “Se fosse de verdade um profeta, ele saberia quem é que lhe beija os pés”. Cristo como resposta

propõe uma parábola cuja mensagem era explícita “a quem muito se perdoa, muito se ama”. O Perdão não é mensurado quantitativamente pelo pecado, mas qualitativamente pelo Amor!

Misericórdia e Perdão. A compaixão com a mulher pecadora, do qual não se sabe quais são os pecados é novamente uma universalização da condição de pecador ou pecadora. Neste sentido reforça Francisco:

Nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão. É por este motivo que nenhum de nós pode pôr condições à misericórdia; esta permanece sempre um ato de gratuidade do Pai Celeste, um amor incondicional e não merecido. Por isso, não podemos correr o risco de nos opor à plena liberdade do amor com que Deus entra na vida de cada pessoa (FRANCISCO, *Misericordia et misera*, 2016).

Poder-se-ia citar mais um número gigantesco de passagens, mas priorizamos àquelas que nos remetem ao argumento de que a misericórdia cristã é a principal via de comunicação no papado de Francisco. É oportuno destacar que compaixão cristã não faz distinção de pessoa, como bem reforça Vaz:

A compaixão cristã operava fora da política. Ela conduzia a uma ação local, imediata. Seu objeto é sempre um indivíduo qualificado. E a compaixão não é loquaz; aquele que ajuda, com seus recursos limitados, não precisa falar a outros sobre o que viu ou o que fez. Por fim, não é feito o nexó entre o sofrimento experimentado e determinadas características da sociedade de modo a ser necessária a sua transformação pela política (VAZ, 2014, p. 04).

Fica evidente que o pressuposto fundamental para a compaixão é o sofrimento. O sofrimento conforme outro artigo de Vaz (2014), é entendido na pós-modernidade como sendo desconectado da culpa individual, passa ser atribuído ao outro. O sofrimento, portanto, permanece evitável, não mais pelo pleno controle em si do desejo, mas sim por alguma forma de responsabilidade que pode ser atribuída a uma ação coletiva.

Nesse ritmo de análise é perceptível no conjunto da obra “*Misericordia et Misera*” que Francisco reforça o caráter axiomático da relação pecado e sofrimento. Ele afirma: “Nós somos pecadores e carregamos conosco o peso da contradição entre o que quereríamos fazer e aquilo que, ao invés, acabamos concretamente por fazer (cf. Rm 7, 14-21); mas a graça sempre nos precede e assume o rosto da misericórdia que se torna eficaz na reconciliação e no perdão” (FRANCISCO, 2016, p. 8). Porém, na interpretação cristã mais profunda apresenta a Graça como solução ao pecado. Cabe aqui uma rápida comparação: enquanto atualmente o sofrimento individual é causado pela culpa alheia e exige uma reparação do outro ou da sociedade, na versão cristã o sofrimento é causado pelo pecado (erro) do próprio sujeito e pode ser reparado pela misericórdia. Sintetizando: Hoje a compaixão é um impulso público e político pela empatia

à vítima e seu sofrimento, para o cristianismo, mais precisamente o catolicismo, a compaixão passa pelo perdão à vítima que sofre as consequências do seu pecado.

2.5.2 Misericórdia e Alegria

Na Carta Apostólica analisada, o papa reforça o caráter teleológico da Misericórdia. Segundo ele, nos exemplos retirados do Evangelho citados anteriormente, Cristo termina suas falas com um ato de amor e esperança. Ao despedir a mulher adúltera Cristo diz: “ninguém te condenou? Nem eu te condeno, vá e não voltes mais a pecar!” e à mulher pecadora Ele diz: “Teus muitos pecados estão perdoados, tua fé te salvou, vá em paz!” Seria talvez esta a melhor definição de Misericórdia: Amor e Esperança. Ao perdoar-lhes os pecados, Cristo apresenta um recomeçar, a possibilidade de uma vida nova.

Afirma Francisco:

Quanta alegria brotou no coração destas duas mulheres: a adúltera e a pecadora! O perdão fê-las sentirem-se, finalmente, livres e felizes como nunca antes. As lágrimas da vergonha e do sofrimento transformaram-se no sorriso de quem sabe que é amado. A misericórdia suscita alegria, porque o coração se abre à esperança numa vida nova. (FRANCISCO, Misericórdia et misera, 2016)

Reforça aqui, por meio do caráter transformador da Misericórdia, a natureza teleológica do cristianismo. Tal qual a moral Aristotélica, a felicidade e a alegria são excelências últimas a serem conquistadas pela virtude. Tal virtude passa pelo perdão. “Viverão em Deus todas as pessoas que afastam a tristeza e se revestem de toda a alegria. Experimentar a misericórdia dá alegria; não no-la deixemos roubar pelas várias aflições e preocupações” (FRANCISCO, Misericórdia et misera, 2016).

Relacionando com as questões atuais o papa afirma:

Numa cultura frequentemente dominada pela tecnologia, parecem multiplicar-se as formas de tristeza e solidão em que caem as pessoas, incluindo muitos jovens. Com efeito, o futuro parece estar refém da incerteza, que não permite ter estabilidade. É assim que muitas vezes surgem sentimentos de melancolia, tristeza e tédio, que podem, pouco a pouco, levar ao desespero (FRANCISCO, Misericórdia et misera, 2016).

Ao fazer a típica oposição entre tristeza e alegria, Francisco reforça a ideia de que o maior sofrimento dos dias atuais é a solidão provocada pelo “individualismo excessivo” e pela falta de “esperança”. Claramente vemos reforçada nossa intuição primeira que defende a ideia de que o pontificado de Francisco não é tão diferente dos anteriores, apenas se apresenta como

diferente. Há muito mais novidade na forma do que no conteúdo, já que, numa perspectiva filosófico-teológica, vê-se claramente um típico teólogo jesuíta falando.

Com relação à prática dos fiéis ele exorta: “há necessidade de testemunhas de esperança e de alegria verdadeira, para expulsar as quimeras que prometem uma felicidade fácil com paraísos artificiais.” Aqui, inusitadamente, Francisco parece ter assistido algum capítulo de “*Black Mirror*³⁴” ao citar a expressão “paraísos artificiais”. Entende-se, no entanto, que ele está falando de um paraíso mais próximo e menos futurista, o paraíso do mercado, do consumo e dos farmacológicos. A literatura ficcional distópica, a exemplo da citada anteriormente, nos apresenta um mundo cada vez mais marcado por tecnologias de “fuga da realidade” que potencializam nossa capacidade de isolamento. Ironicamente expõe o paradoxo de que, embora tais tecnologias sejam comunicacionais, temos uma tendência a cada vez menos nos comunicarmos diretamente.

2.5.3 Compaixão e Confissão

O Papa reforça na carta a importância do sacramento da Penitência. A confissão na leitura católica parece corroborar a leitura foucaultiana sobre a pastoral no século XVII, que pretendeu acelerar o ritmo das confissões. Porém, na compreensão de Foucault (FOUCAULT, 1999), em função da confissão após o concílio de Trento se tornar mais rotineira na pastoral católica, ela também passa o sexo a um discurso velado e ao mesmo tempo expandido. Velado, pois se deveria mencionar o sexo com muita prudência; expandido, pois o sexo não se resume mais apenas ao ato específico da relação sexual, mas sim todo um conjunto de sensações e prazeres que podem ser relacionados ao sexo. Obviamente, Foucault está preocupado em descrever como a pastoral católica influenciou na forma como se concebe o sexo na modernidade. Interessa-nos mais aqui a concepção de confissão e contrição dos pecados e o resultado dele para a cultura. Foucault defende que a prática insistente e constante de confessar tudo o que fosse relacionado ao sexo gerou na sociedade um “discurso”, diz ele:

[...] que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atada a esta tarefa que consiste em dizer tudo sobre o sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o desejo (FOUCAULT, 1999, p. 26).

³⁴ Série de TV inglesa que discute a relação tecnologia e cultura.

Cabe aqui, a compreensão que, no decurso histórico de uma determinada prática penitencial, tenha se construído socialmente certa visão sobre o prazer e que, portanto, tal prática penitencial interfira no discurso e conseqüentemente nos efeitos morais.

De outro ponto parte a exortação de Francisco. Não que o efeito não possa ou não vá ser parecido com o descrito por Foucault. Ao incentivar abertamente a propagação do ato da confissão, o papa diz:

Agradeço-vos vivamente pelo vosso serviço e peço-vos para serdes acolhedores com todos, testemunhas da ternura paterna não obstante a gravidade do pecado, solícitos em ajudar a refletir sobre o mal cometido, claros ao apresentar os princípios morais, disponíveis para acompanhar os fiéis no caminho penitencial respeitando com paciência o seu passo, clarividentes no discernimento de cada um dos casos, generosos na concessão do perdão de Deus (FRANCISCO, *Misericordia et misera*, 2016).

Percebe-se que a intenção declarada é de acolhida e não de juízo. Tal postura exige do sacerdote o cuidado para levar a reflexão sobre o ato, para que o arrependimento mude a conduto. Trata-se, claro, de uma forma de tornar o sujeito dócil a moral cristã. Doutra forma, àquele que busca a confissão, o faz, pois, sofre a dor psíquica da culpa, pois lamenta os erros cometidos. Ninguém busca a confissão para ser julgado, mas sim para se sentir aliviado a partir da verbalização de seu sofrimento.

O elemento do texto de “*Misericordia et Misera*” que mais parece ter causado impacto no catolicismo e está alinhado com a proposta pastoral de Francisco é abertura da possibilidade de absolvição do pecado de aborto por qualquer presbítero. Antes, apenas os Bispos poderiam absolver deste pecado. A justificativa papal é simples: “para que nenhum obstáculo exista entre o pedido de reconciliação e o perdão de Deus, concedo a partir de agora a todos os sacerdotes, em virtude do seu ministério, a faculdade de absolver a todas as pessoas que incorreram no pecado do aborto” (FRANCISCO, *Misericordia et misera*, 2016). Vemos assim certo propósito do Papa de aproximar a Igreja das questões mais cotidianas e problemáticas para o cristianismo. Ao permitir o exercício deste ministério por parte dos sacerdotes, é nítida a intenção de Francisco em facilitar o acesso a confissão de pessoas que tenham praticado o aborto. Essa facilitação busca ampliar a prática da confissão, corroborando com a prática pastoral tridentina. Trata-se, tal como aconteceu com o sexo, de verbalizar, de inserir no discurso o aborto, cuja pretensão é alterar as práticas condenadas pela Igreja.

2.5.4 Miséria e Compaixão

O papa encerrou o ano jubilar da misericórdia proclamando o dia mundial dos pobres. O ato simbólico mais preponderante é que este dia será na festa de “Cristo Rei do Universo”. Tacitamente na festa de Cristo Rei se vê um Jesus monárquico, semelhante aos monarcas europeus modernos. Uma coroa na cabeça, um cetro de ouro. Um Jesus despido do Evangelho. A insistência de Francisco na pobreza de Cristo tem sido a marca de seu papado. São inúmeras as comparações entre a humildade de Francisco e a opulência de Bento XVI.

Afirma o papa:

Será a mais digna preparação para bem viver a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, que se identificou com os mais pequenos e os pobres e nos há de julgar sobre as obras de misericórdia (cf. Mt 25, 31-46). Será um Dia que vai ajudar as comunidades e cada batizado a refletir como a pobreza está no âmago do Evangelho e tomar consciência de que não poderá haver justiça nem paz social enquanto Lázaro jazer à porta da nossa casa (cf. Lc 16, 19-21). (FRANCISCO, Misericórdia et misera, 2016)

Proclamar o dia mundial dos Pobres nesta solenidade é uma clara reivindicação do local de uma Igreja conciliar que fez oficialmente, através de inúmeros documentos conciliares e sinodais a “opção pelos pobres”. Não se trata de posicionamento político, não que não o seja, mas é antes um posicionamento evangélico e eclesial.

Pela via da compaixão é compreensível que o sofrimento que evoca compaixão aqui é a miserabilidade. Francisco vem da América Latina. Vem de uma Argentina que passou anos se recuperando dos experimentos neoliberais. De uma Buenos Aires repleta de subúrbios com problemas sociais sérios. Francisco foi Jorge Bergoglio, um cardeal que pegava metrô e residia em um apartamento de pouco mais de 70m². Francisco nunca foi um burocrata do Vaticano. Sua decisão em tomar o nome Francisco (nome que sempre representou uma tradição avessa a Igreja palaciana) veio quando o Cardeal brasileiro Claudio Hummes lhe disse: “não esqueçam dos pobres”.

3 RELIGIOSIDADE EM TEMPO DE REDES SOCIAIS

A proposta neste capítulo é explorar como as expressões religiosas, típicas da humanidade, se reorganizaram e se rearticularam na história recente com os usos dessa nova ambiência, a saber, as redes sociais. Tais redes, à medida que se tornaram uma nova forma de ser-no-mundo, possibilitaram uma rearticulação das expressões religiosas. Não nos dedicaremos a explicar o que são as redes sociais, uma vez que isto já é objeto de inúmeras pesquisas no Brasil e no mundo. Cabe ainda ressaltar, que a imensa maioria destas pesquisas busca, por meio de uma etnografia na internet, ou, como alguns chamam netnografias, compreender tais fenômenos pelo viés antropológico.

Coube aos pesquisadores, durante estas quase duas décadas desta nova ambiência, tentar compreender desde o funcionamento algorítmico das redes sociais até as relações que se estabeleceram a partir daí, como por exemplo, os efeitos sociais e psicológicos da imersão neste ambiente. Vale lembrar que tal tecnologia é uma convergência de diversas inovações que a Internet trouxe. A título de exemplo, podemos citar que, antes do finado Orkut, do poderoso Facebook e do valioso Instagram, havia os famosos portais de conteúdo – alguns ainda sobrevivem se reinventando como o UOL – onde era possível encontrar as salas de *chats* ou bate-papos, geralmente divididas por interesse. Era comum que se buscasse nestas salas namoro, amizade, debate religioso e político. Muita gente buscava apenas entretenimento e acessava apenas para “zoar”. Concomitante a isso, alguns serviços de mensagens instantâneas foram aparecendo como o ICQ, o MSN e mais tarde o *Skype*. No âmbito da produção de conteúdo por particulares tem-se a era dos *blogs*, que deram origem inicialmente a produção de textos variados e que logo chegou à produção de imagens, com os *fotologs* e em vídeos, com os *vlogs*. O gigante Google foi aos poucos, como uma ameba em processo de fagocitose, incorporando todas estas plataformas e as reinventando. Estas tecnologias foram convergindo para as plataformas de redes sociais conhecidas hoje. Importante ressaltar que o acesso àquelas tecnologias estava condicionado a um tipo de dispositivo, o *personal computer*, geralmente um *desktop* de mesa ligado à internet por cabos, cujo acesso tinha velocidades ínfimas, se comparada aos dias de hoje. Tudo isso remonta ao início do século XXI, ou seja, a menos de 20 anos, embora pareça algo muito mais distante. Ainda como ilustração, o Instagram surge como rede social já em um novo tipo de dispositivo: o Smartphone. Embora seja possível acessar o Instagram de um *laptop*, a plataforma não é voltada para este dispositivo, sendo mais atraente e dimensionada para o acesso de “celular”, tendo como objetivo de interação a câmera.

A revolução que sinteticamente descreve-se aqui é àquela descrita por Jenkins (2009) na qual o grande paradigma é o da convergência. Segundo ele, as novas e as antigas mídias irão conviver, de modo que a substituição se dá pela incorporação, integração, assimilação e ressignificação. Jenkins (2009, p. 30) afirma que “a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro das mentes de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”. Desta maneira, o Instagram não apenas incluiu o uso da câmera à rede social, já que depois dele todas as demais redes também incluíram, mas se pressupõe a postar e absorver imagens, estando cognitivamente sujeitos à proposta desta rede social. A convergência está no fato de que o Instagram é acessado pelos usuários com essa tendência. Algo semelhante ocorre com o Facebook e com o Twitter. Este último, por exemplo, os sujeitos acessam já esperando alguma postagem de escrita rápida e quase sempre polêmica. Em todo campo, tais convergências alcançam formas e maneiras de condicionar as realidades ao seu formato, permitindo que usuários e conteúdos possam ser automaticamente aproximados pela inteligência artificial que calcula tudo por trás da interface intuitiva. Esta convergência cognitiva nos mostra o quanto o impacto das tecnologias pode alcançar o campo da religião.

Vejamos: se partimos do pressuposto que a religião é em sua essência comunicação, e como tal está vinculada ao processo cognitivo dos sujeitos, não é difícil concluir que o processo de convergência atingirá, sem precedentes, a religião. Porém, para a Igreja Católica existe um agravante: a tradição da Igreja sempre primou pela presencialidade do humano e do divino. A própria noção de divindade presente através dos sacramentos, em especial, do sacramento da eucaristia, faz com que o templo não seja apenas um espaço comum, uma construção, prédio ou casa de oração. Em um templo católico haverá um sacrário, um tabernáculo ou uma capela do santíssimo, onde, creem os católicos, Cristo está presente no pão ali depositado. Neste sentido, o templo só é sagrado pois nele habita o divino. O processo de secularização desencadeado pela Reforma Protestante minimizou a importância do templo, sem retirá-lo do discurso. Na consciência religiosa protestante, o cristão tem conexão direta com o sagrado através da escritura (*sola scripturae*) sem a necessidade do magistério (clero/autoridade da Igreja). Com Calvino³⁵ isso fica evidente ao negar a existência de sacramentos. A consequência deste formato de cristianismo foi o abandono do templo como *locus* sagrado. O movimento pentecostal e neopentecostal, como estágio mais recente deste processo, converte em “templo” qualquer sala comercial ou sala de cinema. Neste sentido, o neopentecostalismo transforma a

³⁵ João Calvino (1509-1564), teólogo cristão francês.

figura do “pastor” como critério da presencialidade do divino, uma espécie de autoridade carismática aos moldes weberianos. O que afirmamos aqui é que dentro da estrutura protestante como um todo, a presença do divino não se dá por “mídias” materiais, ou seja, sacramento, mas sim, por outras formas imateriais ou psicológicas, tais como: a leitura individual do texto sagrado, as orações e os êxtases espirituais – este último, mais comum entre os pentecostais e neopentecostais. A convergência cognitiva, neste sentido, faz com que por uma única mídia (*smartphone*, por exemplo) se alcance diversos tipos de propósitos, sejam eles comerciais, afetivos, políticos, familiares, comunitários e religiosos. Contudo, tal convergência é um problema para o catolicismo, pois este permanece apegado a presencialidade do templo e do divino em sua materialidade sacramental. A única convergência cognitiva possível ao catolicismo é a discursiva, já que, por enquanto, é inimaginável que o *smartphone* ou qualquer outra mídia tecnológica substituísse o pão (eucaristia) como sacramento.

São tempos estes de religiosidade líquida. Neste sentido Baumann exprime que:

Andrzej Stasiuk alude ao perfil de Joseph Brodsky traçou nossos contemporâneos materialmente ricos, mas espiritualmente pobres, famintos e cansados – como os moradores de Eutrófia, de Calvino – de tudo de que até agora desfrutaram, como ioga, budismo, zen, contemplação, maoísmo. Estes mesmos que começam a pesquisar, com a ajuda da tecnologia, da cabala ou do sunismo para alimentar seu desejo de desejar. Stasiuk – um dos mais perspicazes analistas das culturas contemporâneas e descontentes – desenvolve a partir daí uma tipologia do “lumpem proletariado espiritual”. E sugere que suas fileiras se expandem com rapidez, enquanto seus tormentos se liquefazem em profusão, escorrendo de cima para baixo e espessando as camadas cada vez mais saturadas da pirâmide social (BAUMAN, 2009, p. 14)

Vale ressaltar que a construção deste capítulo se deu no diálogo com a obra de Moisés Sbardelotto intitulada “E o Verbo se fez Rede: Religiosidades em reconstrução no ambiente digital”. Confesso que a profundidade e a atualidade das pesquisas ali presentes produziram em mim um sentimento ambíguo, algo que misturou gratidão – por já ter realizado a pesquisa necessária para este capítulo – com “pitadas volumosas” de receio pelo risco de o tema da tese estar comprometido em sua originalidade.

Também é importante a discussão conceitual de Sá Martino (2017) em sua obra “Mídia, Religião e Sociedade” pela contribuição em sintetizar boa parte do histórico das pesquisas sociológicas e comunicacionais sobre religião, definindo as questões de campo, fronteiras e relações elementares da pesquisa. Da mesma forma, as obras de Pedro Gilberto Gomes (2010), “Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização” e Paulo Roque Gasparetto (2011), “Midiatização da religião”, ambos auxiliaram bastante ao trazer o avançado estado da pesquisa de comunicação em religião. Em todas estas obras, a discussão mídia e religiosidade se aproximam muito de uma leitura a partir do cristianismo, especificamente o catolicismo.

Este capítulo buscou atrelar teorias sobre a religiosidade na ambiência digital com exemplos empíricos retirados das redes em consonância com os autores aqui postos no intuito de preparar o argumento final no capítulo quarto. Para a empiricidade, busca-se utilizar uma pesquisa mais exploratória nas redes sociais, bem como alguns recursos de inteligência artificial aplicada às redes, tais como Netlytic³⁶ e Sparktoro³⁷.

3.1 CRER E “SER-NO-MUNDO” NA ERA DIGITAL

As redes sociais cumprem o papel de tecnicamente expandirem a realidade, ou, como chamamos para uma nova forma de mídia, se tornar “realidade aumentada”. Usemos esta ideia, a de “realidade aumentada”, como chave de leitura para entender o fenômeno religioso nas redes sociais. Partindo das noções de “simulacro e simulação” e de “representação social” é possível aduzir que a ambiência das redes sociais se tornara um local profícuo de expressão religiosa. Enquanto simulacro, evocamos aqui Jean Baudrillard (1991), para compreender que as redes sociais permitem ao sujeito inventar, construir e manusear o seu próprio “eu” na rede, dando a si a possibilidade de “ser” e “experimentar ser” o que antes era permitido apenas na imaginação, em outras palavras, “fingir ter o que não se tem” (1991, p. 9). Já a representação social, apresenta-se aqui o sociólogo clássico Emile Durkheim (2004), para compreender como as interações sociais vão construindo a forma como vemos o mundo, a sociedade e principalmente como nos vemos. Trata-se assim, não apenas de uma questão de publicidade, mas de expansão da subjetividade, seja por via da simulação, seja forjada pelas próprias representações sociais.

Como a religiosidade é parte integrante e indissociável da vida do homem comum, as redes sociais funcionam como uma espécie de ambiência ampliada da religião, tornando o discurso religioso uma representação social em rede. Gasparetto (2011, p. 29) afirma que:

A mídia passa a ser um dispositivo a promover novas formas de organização que transformam os “antigos” modos de agir das instituições, em suas políticas e estratégias de reconhecimento, na medida em que essa nova realidade de fluxos e redes faz emergir, por exemplo, a nova comunidade religiosa, centrada na presença do protagonismo técnico-simbólico.

Comunidades de sentido são construídas, e antigas formas rituais de presencialidade passam a ser experimentadas de outras maneiras. O vínculo de pertencimento outrora marcado

³⁶ Ferramenta de análise de texto e redes sociais, permitindo descobrir redes sociais a partir de conversas online em mídias sociais.

³⁷ Software especializado em marketing de influenciadores e análise de inteligência de mercado.

pela proximidade física e pela alteridade quase inevitável passa agora pelo virtual, codificado por *bits* e mediado por plataformas analógicas e digitais. O sinestésico da religião é, aos poucos, desde o advento da rádio, substituído por sinais e pulsos eletromagnéticos onde o vínculo de pertencimento possui um “botão interruptor”. A experiência religiosa, ao mesmo tempo em que ganha um aliado, pois a técnica tele comunicacional amplia sua capacidade de ação, limita seu potencial cognitivo ao “ver e ouvir”, tornando-se mais passiva e massiva. Cabe aqui entender que a experiência religiosa não é algo isolado, fechado a um grupo específico ou uma característica cultural típica de um único povo. A experiência religiosa, em uma breve alusão a Kierkegaard³⁸, é um estado de vida, uma forma de ser-no-mundo. Tal forma permeia as ações e as maneiras de enxergar a natureza, as relações humanas, a própria vida e o próprio eu. A experiência religiosa, portanto, é a própria experiência humana em sua essência, em sua dotação de sentido.

Heidegger, em *Fenomenologia da Vida Religiosa*, afirma que a vida “[...] não é uma mera palavra, não é um conceito formal, mas um nexos estrutural que o próprio Agostinho percebeu, contudo, não com suficiente agudeza conceptual” (2014, p. 287). Para Heidegger, René Descartes ainda banalizou Santo Agostinho com seu solipsismo, e nós, somos de certa forma, vítimas desse fracasso moderno. O ser-no-mundo de Agostinho é baseado no dogma da trindade, basicamente em nós encontramos a imagem da trindade: Nós somos; nós sabemos a nosso respeito, como tal; nós amamos o conhecimento do próprio ser. “A auto certeza deve ser interpretada a partir do ser fático; isso só é possível a partir da fé”. (HEIDEGGER, 2014, p. 288). O fato de sermos-no-mundo nos define como tal. O Mundo não é um objeto, tal como a Vida não é um conceito. O Mundo não é objeto, porque objetos estão em oposição aos sujeitos, em objetos não somos, ou seja, não vivemos. A Vida não é um conceito simplesmente porque a Vida é existência. Conceitos são objetos da consciência, objetificações positivas de oposição ao sujeito. Vida e Mundo não estão nesta condição. A primeira se constitui na existência do sujeito e o segundo no *locus* existencial dele. O erro cartesiano esteve, desde a origem, em tornar objeto àquilo que não é. Desta forma, o “ser-no-mundo” aqui posto, não pode ser lido como objeto de análise e sim com categoria, ora passiva, ora ativa em sua relação com o fenômeno religioso na era digital.

O que Heidegger não conheceu foi a vida na ambiência virtual. A vida que Heidegger diz não ser objeto, nos parece ser a vida em uma determinada ambiência, a saber, a ambiência física, material, relacional do homem comum “*extra rede*”. A fronteira entre o físico e o virtual

³⁸ Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) foi um filósofo, teólogo, poeta e crítico social dinamarquês.

está cada vez mais tênue, cada vez menos clara, cada vez mais obtusa e psicologicamente complexa. Ao que nos cabe aqui, não há uma definição fechada e perene sobre o que é virtual e o que é físico, sabemos apenas que ambos são reais. Porém, sabemos que a ambiência virtual torna a vida um objeto. Objeto este que pode ser palpável, calculável, experimentável e previsível. Talvez, esta ambiência torna a vida um objeto, pois de fato ela é uma não-vida. Isto se dá, porque o Mundo, dentro da visão heideggeriana, é sempre *locus* e não objeto. Se no mundo somos, pois no mundo se dá a existência, o mundo virtual (redes sociais) seria também um *locus*, e como tal este não poderia ser objeto. Há, no entanto, um problema: no mundo físico, cotidiano, material, dos *homens comuns*... a consciência é um *estar-aí* sem a opção de não estar! Mesmo se eu quiser não existir, a única possibilidade seria a morte, e esta, quista ou não quista, causa impacto entre aqueles que continuariam existindo, além de ser um caminho sem volta. No entanto, na ambiência virtual, é possível existir ou não-existir, e ainda existir não-existindo. Explico: alguém que tenha um perfil em uma rede social como o Facebook, pode ter um perfil real – entende-se como real a correspondência próxima entre o sujeito na ambiência virtual e o sujeito na ambiência física – e esta mesma pessoa, optar por apagar seu perfil, e assim, deixar de existir. Por outro lado, existem ainda pessoas que constroem perfis falsos (*fake*) – entende-se aqui como perfil falso àquele que não possui correspondência com algum sujeito real – existindo então apenas na rede, existindo virtualmente sem existência na ambiência física. Muitos destes perfis “*fake*” são apenas “alteregos”, pseudonímias, usos irresponsáveis do anonimato, mas há também perfis empresariais, personagens de games, perfis corporativos com uma personalidade desenhada por engenharias sociais que acabam por desenvolver inteligências artificiais.

De qualquer forma, o “*ser-no-mundo-digital*” é sempre uma artificialidade do *ser-no-mundo*. Trata-se de uma existência complexa permeada muito mais pela vontade de ser, simulando o *ser-de-fato* em uma espécie de ser incorpóreo, em uma temporalidade distorcida e com um ethos difuso. O simulacro criado pelas redes sociais permitiu uma distorção da própria realidade e, por contiguidade, uma deformidade na tessitura da consciência religiosa.

Cabe aqui uma “deixa” para outras reflexões: fala-se muito sobre inteligência artificial, porém, há outro conceito pouco mencionado, a consciência artificial. Entendemos como inteligência artificial, toda a produção algorítmica que substitui raciocínios humanos previsíveis por cálculos em encadeamento lógico. Tal como uma calculadora consegue resolver um cálculo complexo e chegar a um resultado muito mais rápido que um humano chegaria, os complexos algoritmos que regem as redes sociais e os *cookies* direcionadores de marketing digital conseguem supor com grandes chances de acerto quais são os nossos interesses. Porém,

tratamos até aqui de uma base calculável, previsível, com base em regras claras, normativas lógicas baseadas em um conjunto de processos do mesmo sistema, sempre apoiados em dados fornecidos voluntariamente ou involuntariamente pelo usuário. Assim, inteligência artificial nada mais é do que processos racionais, uma determinada razão instrumental externa ao ser humano, nos termos de Daniel Dennett³⁹, uma prótese mental humana.

Diferentemente disso seria conceber uma máquina dotada de consciência. Embora se caminhe para isso, a consciência virtual teria de ser dotada de elementos que possam ir além das memórias episódicas, já adotadas por certas inteligências. Por exemplo: Você pode surpreender um robô com uma nova estratégia, da qual ele não tinha registro episódico. Mas você iria surpreendê-lo uma única vez! Na próxima ele já utilizaria este elemento surpresa como parte das variáveis de seu cálculo. Diferentemente do ser humano, dito consciente, o robô seria enganado uma única vez pela mesma estratégia. Seria estranho afirmar que uma das coisas que nos torna humanos é a possibilidade de sermos enganados mais de uma vez pela mesma estratégia? Não só isso, a consciência ainda é mais! *Ser-no-mundo* nos retira da condição de meros objetos, elementos calculáveis, variáveis de algoritmo. A consciência é dotada de elementos que reúnem variáveis imprevisíveis, um pouco além de perceber emoções ou mensurar sensações. A intuição, a crença, a criatividade e a vontade não são – cremos! – limitáveis a dados calculáveis.

Não se trata aqui de fazer uma apologia à religião ou de afirmar que uma consciência artificial deveria ser religiosa. O que torna a consciência diferente da razão é sua condição não objetificável, enquanto a razão, agora tornada plenamente instrumental pela técnica, é objeto puro. Vale então uma breve menção a Escola de Frankfurt, no que tange a ideia de racionalidade instrumental. A Razão Instrumental, fruto do iluminismo, não construiu o que prometeu, uma sociedade livre. Pelo contrário, construiu instrumentos, meios ou formas de controle e dominação.

A dominação moderna, que se constitui no uso da razão como instrumento, estabeleceu aos poucos parâmetros de subjetivação. Tais parâmetros facilitam a dominação, pois tornam o humano objeto, uma vez que padronizam as possibilidades de ação. Quanto mais padronizados forem os sujeitos, mais mensuráveis e calculáveis são suas ações e assim, mais fácil de dominar, seja por um Estado totalitário ou por um Mercado⁴⁰ globalitário⁴¹ que se torna visível através

³⁹ Daniel Clement Dennett (1942-) é filósofo estadunidense.

⁴⁰ Mercado está em letra maiúscula para contrapor a ideia de Estado, que em português também escrevemos com inicial maiúscula.

⁴¹ Termo criado por Milton Santos para definir o mercado em escala global.

de grandes corporações transnacionais. Neste contexto do uso da razão instrumental, como se dá o uso da fé?

Na pós-modernidade, a fé ganha dois vieses: de um lado, ela se torna instrumento e de outro uma variável importante de consumo. Chamaremos, a partir daqui de fé instrumental e fé mercantil. Por óbvio, não estamos tratando da fé bíblica, de conceito teológico e nem mesmo da fé abstrata da filosofia (metafísica/teodiceia). Trata-se de fé em um sentido prático, ou seja, nas ações criadas com base nas crenças publicamente assumidas.

Por fé instrumental, deve-se entender primeiramente a fé como “meio”, tratamos assim dos usos pragmáticos e políticos da fé. Não é de hoje que a fé é instrumento político. A associação, no entanto, entre religião e dominação é muito antiga, talvez indissociável da política. Foram os modernos que inventaram a separação Estado e Igreja, possibilitando a ilusão de serem esferas separadas, independentes e imunes aos percalços institucionais alheios. Entretanto, o que vemos é que historicamente, o instrumento de dominação era muito mais a religião enquanto estrutura do que a fé enquanto dimensão humana. O que hoje se torna mais evidente é que as estruturas importam menos que as experiências individuais e neste sentido a fé, enquanto instrumento, ocupa um lugar maior que a própria religião. Este dado constitui parte fundamental de nossa tese: a fé instrumental não se apega as estruturas institucionais, ela é mais uma forma de garantir a publicidade do sujeito, de expressar a sua subjetividade ou de garantir engajamento. Sendo assim, o uso da fé instrumental é uma via de mão dupla, de um lado o sujeito instrumentaliza sua fé como expressão política, associando-a a correntes políticas ou mesmo se posicionando dentro do espectro político-ideológico; de outro, líderes religiosos, institucionalizados ou não, recorrem a fé como artifício de vínculo carismático, garantindo audiência, sejam nas redes sociais, seja nas demais mídias. A título de exemplo, trataremos nos subcapítulos a seguir, os padres e leigos que conquistam espaço nas redes sociais sem necessariamente se vincularem a esta ou aquela comunidade física. Embora esteja tratando de um conceito novo, sem referência no mundo acadêmico, a fé instrumental é obviamente um paralelo a razão instrumental. Tal similaridade permite entender que a fé instrumental com certo pessimismo. Enquanto a razão instrumental é filha do iluminismo a fé instrumental é filha da pós-modernidade. A razão instrumental permitiu criar meios, formas, estratégias de dominação total das estruturas sobre os sujeitos, permitindo o mascaramento destas estruturas, principalmente das estruturas de mercado, através da alienação perpassada por uma espiritualidade difusa, intimista, personalista, egoísta, sem vínculo. Mais um discurso de “autoajuda” do que vínculo comunitário ou social.

Se é possível tratar da fé como instrumento, inclusive do próprio mercado para estimular o consumo, seja de simonias ou de “proto-simonias”⁴², podemos também encontrar na fé o próprio objeto de consumo. É neste segundo viés que se enquadra a “fé mercantil”. Ao tratarmos da fé instrumental, falamos da fé como maneira de engajamento, audiência e estímulo, ou seja, da fé como *mídia*. A fé mercantil por sua vez, não é meio, e sim um objeto de consumo. Trata-se de uma fé consumível e não necessariamente de fé no ato de consumir. Esta fé objeto não se dá na materialidade de sua expressão, mas também não está alheia as representações materiais das religiosidades presentes a ela. A fé instrumental se estabelece como categoria de análise enquanto a fé mercantil se reduz a uma categoria de consumo. Mas como se compra e vende a fé? Não são apenas em templos-mercado que se compra ou vende a fé, através do dízimo, por exemplo, mas a convergência tecnológica que é também convergência cognitiva, permitindo que esta fé objeto seja comprada e vendida em qualquer lugar e a qualquer momento. Vejamos, como ilustração, os inúmeros aplicativos de *smartphone* que possibilitam o acesso a orações e textos sagrados em qualquer lugar. Aplicativos específicos de meditação e até de textos litúrgicos e reflexões cotidianas, sem falar dos usos dos aplicativos comuns de mensagens que permitem a propagação de vídeos e pregações diárias, tal como veremos exemplificado no subitem que tratamos do Pe. Joãozinho, SCJ. Embora não precificadas, o envio e compartilhamento destas mensagens se compreendem na lógica do mercado atual, onde os produtores de conteúdo são aproximados dos seus consumidores pela interface tecnológica. A fé é este elemento que subjaz o conteúdo produzido ou compartilhado, ela estimula a produção e a difusão de tais conteúdos, ora precificados, como quando você compra um livro ou um objeto de devoção, ora não precificados, como quando você *retuita* ou compartilha uma mensagem do papa Francisco ou da monja Cohen.

Dado que a fé é elemento constitutivo do “*ser-no-mundo*” fica evidente que ao nos depararmos com uma fé instrumental, o “crer” na era digital além de se tornar um dado algorítmico e, portanto, racional, é também um recurso de existência, de expressão da subjetividade, de uma consciência comunicante. Façamos um exercício de imaginação: uma pessoa tem em seu aplicativo de mensagens “*whatsapp*” vários grupos e vários contatos. Ela inclusive tem listas de transmissão específicas para facilitar o compartilhamento de mensagens com seus contatos. Esta pessoa não frequenta uma igreja, não tem qualquer vínculo específico com uma comunidade de fé ou se quer tem clareza do credo que professa. Faz parte daquele grupo de “crentes não religiosos” ou “não praticantes” que vem crescendo nas estatísticas.

⁴² Busca-se compreender aqui proto-simonias como a venda de objetos atrelados ao sagrado e não diretamente sagrados, como por exemplo uma mídia, seja ela qual for, de música gospel, ou um livro com conteúdo religioso.

Quando perguntado qual sua religião, ela responde: eu creio em Deus, e isto basta. Tendo em vista este “tipo ideal”, imaginemos agora que ela tem entre seus amigos um católico “praticante” e um batista “praticante”. O católico lhe envia mensagens diárias, *prints* de Twitter do papa, áudios com o evangelho do dia do Pe. Joãozinho, vídeos de pregação do Pe. Léo e do Pe. Fábio de Melo. A irmã batista, da mesma forma, envia a ela diariamente pregações do pastor Claudio Duarte, clipes de música e pregações do André Valadão⁴³ e da Ana Paula Valadão⁴⁴. Por não ter um vínculo específico, esta pessoa não vê problemas em compartilhar as mensagens que considera mais importante ou mais significativas, e assim funciona como uma espécie de filtro para os seus contatos. Ao mesmo tempo, ela sente a necessidade de reagir ou comentar tais mensagens como forma de expressar sua fé, mesmo sem qualquer vínculo religioso. Ao compartilhar, reagir e comentar estas publicações ela se utiliza da fé instrumental para construir seu “ser-no-mundo” digital, ao mesmo tempo que consome e comercializa a fé mercadológica. Assim, a fé instrumental pode ser mensurada, tornando-se uma ação subjetiva passível de leitura pelos algoritmos, um elemento individual, dos sujeitos que se transforma em dado objetivo. Já a fé mercantil, é o pano de fundo, o conteúdo subjacente às mensagens que esta pessoa consome.

Definidos estes conceitos de fé, se faz necessário prolar sobre o este fenômeno nas redes sociais. Em função do foco de nossa pesquisa não nos aprofundaremos nas especificidades de cada religião, além de muitas, as expressões religiosas também sucumbem a regionalidades e as suas facções internas. De maneira mais superficial observaremos com perspectiva para além do nosso foco que é o cristianismo, as outras duas religiões monoteístas: o judaísmo e o islamismo e as grandes expressões sapienciais orientais. Para registro, nosso foco são páginas em língua portuguesa, geralmente voltadas para o Brasil sendo que em alguns casos, por necessidade de comparação buscamos páginas em inglês.

3.1.1 O ser-no-mundo digital judaico: entre a fé em יהוה e a política sionista

Identificaram-se inúmeras páginas com conteúdo relacionado ao judaísmo. Procuramos elencar as páginas mais relevantes sendo que o critério de relevância era o engajamento (seguidores e atividade da página) ou o vínculo da página com instituições físicas. De maneira bastante frequente, as páginas pesquisadas mesclavam conteúdos de espiritualidade, divulgação

⁴³ André Machado Valadão é um pastor evangélico, cantor, compositor, ator, apresentador, brasileiro de música cristã contemporânea.

⁴⁴ Ana Paula Machado Valadão Bessa é uma cantora, compositora, arranjadora de música cristã contemporânea, também escritora, pastora e apresentadora brasileira.

da fé hebraica e defesa do Estado de Israel. De maneira genérica, podemos dividir o judaísmo em três grandes vertentes: os reformistas, os conservacionistas e os ortodoxos. Os reformistas, ala bem presente no Brasil e nas redes sociais, são o que se pode chamar de “esquerda”, pois defendem avanços em relação a elementos centrais da fé judaica, criticando elementos importantes da Torá⁴⁵, mas defendem principalmente abertura em relação aos costumes e aos rituais. Já os conservacionistas, geralmente confundidos com conservadores, é uma espécie de ala moderada, “centrão”, que reúne vários grupos, mas que tem sua origem específica nos Estados Unidos. Eles defendem a manutenção da Torá como livro sagrado e intocável, porém sugerem algumas adaptações ao mundo moderno, como o uso das tecnologias, a igualdade de direitos entre homens e mulheres e a convivência no mundo secular. Os ortodoxos são a “direita” do judaísmo, estes defendem a Torá em sua estrita observância, a separação total dos judeus em relação ao mundo secular, o retorno da comunidade judaica a Jerusalém, a separação de homens e mulheres nos afazeres diários e rituais, enfim, a observância rígida dos 613 preceitos da Lei, o Halachá.

Nosso relato vai procurar apresentar cada página localizando-as dentro deste espectro político-religioso. Embora muitas destas páginas não apresentem uma descrição ou uma apresentação sobre o seu posicionamento, uma breve análise das postagens nos permitiu classificá-las, sempre sob o risco da perspectiva distante. Procuramos também relacionar as páginas nas três Redes Sociais abordadas: Twitter, Facebook e Instagram. Boa parte destas páginas também remetia ao YouTube, mas vale lembrar que este não é uma rede social e sim uma plataforma de *streaming*.

A pesquisa enveredou inicialmente pelas instituições oficiais: congregações, federações, confederações e sinagogas. De maneira geral, as páginas oficiais têm menos engajamento que as páginas pessoais e as comunidades virtuais. Isso nos mostra que o judaísmo não está livre do mesmo fenômeno que se abate sobre o cristianismo: a quebra da autoridade institucional em detrimento do culto à personalidade carismática. A título de exemplo, o perfil no Twitter da Congregação Israelita Paulista (@cipsp) tem apenas 1.667 seguidores⁴⁶, já a página no Facebook são mais de 11 mil seguidores e no Instagram cerca de mil seguidores. Comparativamente o Rabino Michel Schlesinger, membro desta congregação, bastante ativo no twitter, tem apenas cerca de 720 seguidores, a página no Facebook (@rabinomichel) possui 5 mil seguidores e no Instagram tem cerca de 2,4 mil seguidores. Pertencente a mesma congregação temos ainda o Rabino Dudu, que no Facebook (@rabinodudulevinzon) conta com

⁴⁵ Escrituras religiosas judaicas.

⁴⁶ Dados atualizados em 14/01/2020

24,5 mil seguidores e Instagram com 26,9 mil seguidores. Ambos, Dudu e Schlesinger são rabinos da Congregação Israelita Paulista, porém Dudu tem uma audiência maior que a própria instituição nas Redes Sociais. Isso se dá, possivelmente pelos conteúdos abordados em sua página. O Rabino Dudu costuma compartilhar no Facebook e no Instagram aulas sobre a cabala judaica. A cabala é um conteúdo místico bastante exótico para nós homens comuns ocidentais, o que faz com que os conteúdos sejam atraentes para além da comunidade judaica. De maneira bem humorada, o Rabino costuma falar de coisas do dia-a-dia, fazer “lives”, sempre apresentando sua atividade nas Redes como estudo da Torá.



Figura 3: Capa da página Rabino Dudu - disponível em <https://www.facebook.com/rabinodudulevinzon/> acesso em 19/01/2019.

Rabino Nilton Bonder – Congregação Judaica do Brasil (CJB) possui conta no Twitter, no Facebook existe o perfil e a página com mais de 5 mil seguidores, no Instagram com 1,4 mil seguidores. Novamente se comparamos a página pessoal com a institucional (CJB) vemos uma procura muito maior pelo indivíduo. A CJB tem apenas 696 seguidores no Facebook. No entanto a Midrash Centro Cultural (@MidrashCultural), ligada ao Rabino Nilton Bonder, tem 919 seguidores no Twitter, no Facebook são quase 12 mil seguidores enquanto no Instagram são pouco mais de 2 mil seguidores. O conteúdo da Midrash é de divulgação das atividades do Centro que é mais voltado para educação, música e belas artes.

Com linguagem e conteúdo mais reformista, o Rabino Ventura se destaca pelos seus vídeos e por seus projetos sociais. Fundador do movimento Sinagoga Sem Fronteiras, Ventura se dedica ainda ao diálogo inter-religioso e ao resgate dos “Bnei Anussim” (descendentes de judeus forçados a conversão ao cristianismo). A página da sinagoga sem fronteiras tem 120,4 mil seguidores no Facebook e embora não tenha nenhuma publicação no Instagram, a página já possui quase mil seguidores. Já o Rabino em sua página no Instagram possui 15,4 mil seguidores. Suas publicações giram em torno de sua atividade rabínica e vídeos, *lives* e

mensagens, muitas de conteúdo religioso, mas também denunciando o antissemitismo, racismos de maneira geral, críticas à política internacional e nacional.



Figura 4: Capa da página do Rabino Ventura no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/more.ventura/> acesso em 10/05/2018

No viés mais ortodoxo, temos o Rabino Eliahu Hasky, sua página no Facebook conta com 28,2 mil seguidores e a comunidade no Facebook que ele administra tem mais de 50 mil membros chamada de “Torah com você” (@torahcomvoce), além de um grupo privado com 8,5 mil membros. No Instagram, o Rabino tem 26.3 mil seguidores e no Twitter não existe uma conta dele, embora haja compartilhamento de seus vídeos por seguidores. Todas as Redes Sociais remetem ao YouTube onde o Rabino tem um canal bastante popular. Os conteúdos publicados e compartilhados na página remetem sempre as Leis judaicas, ensinamentos da Torá, Talmud⁴⁷, bem como conteúdo de autoajuda, como, por exemplo a postagem a seguir:

⁴⁷ Coletânea de livros sagrados judeus.

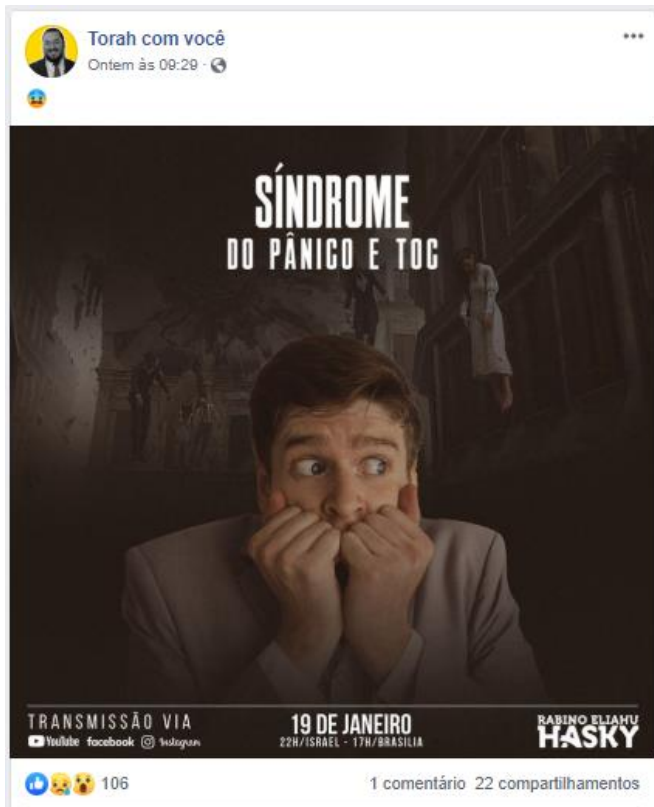


Figura 5: Conteúdo da página Torah com você. Disponível em <https://www.facebook.com/torahcomvoce/> acesso em 20/01/2020.

Outro conteúdo bastante explorado é a relação entre o judaísmo messiânico e as questões políticas globais. Um vídeo postado em 13 de janeiro de 2020 demonstra isso. No vídeo o Rabino comenta sobre o ataque dos EUA ao Irã e a resposta deste aos ataques daquele. O título do vídeo é “EUA X IRÃ: O que a Torah fala”⁴⁸, tem cerca de 25 minutos e nele Hasky comenta da profecia de Ezequiel 38 sobre o fim dos tempos. Para o Rabino, o cenário apocalíptico apontado pelo oráculo de Gogue e Magogue⁴⁹, fala em uma invasão do norte, que ele associa, claro, sendo o Irã, embora o Irã esteja a leste – a geografia parece não importar muito neste exercício de interpretação. É comum em páginas pró-Israel, associar a chegada do Messias com a restauração do estado de Israel, inclusive em páginas ditas cristãs. Obviamente que o contexto deste conteúdo está associado diretamente com as questões do Oriente Médio, tanto em relação a sua origem como a sua manutenção.

As reações na página deste Rabino parecem ser bem controladas, uma vez que não existem muitos comentários questionadores ou negativos às postagens. A página aqui cumpre

⁴⁸ O vídeo está disponível em: https://www.facebook.com/torahcomvoce/videos/987493898301991/?epa=SEARCH_BOX Último acesso verificado em 20/01/2020

⁴⁹ Inimigos do povo de Deus.

o papel de divulgar as atividades do Rabino e defender seus posicionamentos político-religiosos.

Na busca por outras páginas sobre a fé judaica encontramos a *fanpage* Coisas judaicas com 26,3 mil seguidores. Esta página foca em divulgar temas relacionados ao judaísmo, desde questões religiosas até filosofia.



Figura 6: Capa da página Coisas Judaicas. Disponível em <https://www.facebook.com/judaicas/> Acesso em: 15/11/2019

A página se apresenta como “*blog*”, pesquisando um pouco mais fundo descobriu-se o blogueiro Jorge Magalhães, que em sua página pessoal assume uma postura abertamente de esquerda⁵⁰ e de oposição ao atual governo, de tom bastante contundente e militante. Na página Coisas Judaicas, o tom é um pouco mais ameno, voltado principalmente para o combate ao antissemitismo. Em relação ao caso “Alvim”⁵¹, a página publicou o seguinte:

Hannah Arendt (1906-1975), a filósofa judia de origem alemã que cunhou o conceito de “banalidade do mal” no livro *Eichmann em Jerusalém*, criou grande polêmica ao afirmar que a massificação da sociedade gerou uma multidão incapaz de fazer julgamentos, aceitando e cumprindo ordens sem questionar. Por essa razão, Adolf Eichmann, raptado pelos serviços secretos israelitas na Argentina em 1960, e julgado em Jerusalém (caso que a filósofa acompanhou de corpo presente no tribunal, numa reportagem para a revista *The New Yorker*), não é tratado como um monstro. Ela o considerou apenas um funcionário zeloso que foi incapaz de resistir às ordens que recebeu, embora fosse um dos responsáveis pela execução da chamada “solução final”, o Holocausto.

Arendt scandalizou a comunidade judaica ao citar exemplos de judeus e instituições judaicas que se submeteram aos nazistas ou cumpriram as suas diretivas sem questionar. A autora de *As origens do totalitarismo*; *A condição humana*; *Sobre a violência*; e *Homens em tempos sombrios* merece ser revisitada nesses momentos nebulosos que a sociedade brasileira atravessa, a propósito da citação de trechos do ideólogo nazista Joseph Goebbels pelo dramaturgo Roberto Alvim, recém-exonerado

⁵⁰ Jorge Magalhães afirma em sua página pessoal ser Social Democrata, em posts antigos apoiou Ciro Gomes para presidente.

⁵¹ Roberto Alvim era secretário especial da cultura do governo Bolsonaro que em janeiro de 2020 protagonizou um vídeo infame em que se assemelhava em forma e conteúdo com Goebbels, ministro da propaganda de Hitler. Mais informações em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/secretario-nacional-da-cultura-roberto-alvim-faz-discurso-sobre-artes-semelhante-ao-de-ministro-da-propaganda-de-hitler.ghtml>

do cargo de secretário de Cultura do governo Bolsonaro por esse motivo. (MAGALHÃES, 2020, web)

De maneira bastante frequente, o *Blog Coisas Judaicas* compartilha muitas publicações com notícias políticas de Israel num claro posicionamento de oposição ao primeiro ministro Netanyahu. O tom de críticas ao governo de Netanyahu se repete ao posicionamento do Estado de Israel no jogo político internacional. É preciso reforçar que são poucas as páginas de conteúdo judaico que se posicionam contra o governo de Netanyahu.

Em termos institucionais não religiosos temos a Federação Israelita do Rio de Janeiro (FIERJ). A instituição possui página no Facebook com cerca de 33 mil seguidores, no Twitter com 409 seguidores e no Instagram com 1457 seguidores. A instituição não professa uma linha específica, inclusive alude isso em seu estatuto⁵². Suas publicações mencionam pouco conteúdo religioso, voltada mais para questão étnica, denunciando o antissemitismo e defendendo os interesses da comunidade judaica no Brasil. Por não se tratar de uma página religiosa, seu número elevado de seguidores não pode ser comparado a de líderes religiosos. Da mesma forma, a página WebJudaica, trata-se do maior portal de notícias judaicas em português, no Twitter tem apenas 4,6 mil seguidores, no Facebook são quase 20 mil seguidores e não existe página correspondente no Instagram. Por ser um portal de notícias, traz um pouco de tudo em relação ao conteúdo, não direcionando apenas a conteúdo religioso.

Porém separar o conteúdo religioso do conteúdo político, principalmente da questão sionista não é comum nas páginas e grupos em redes sociais. Um exemplo é Juventude Judaica Organizada (@jjobrasil) que tem cerca de mil seguidores no Twitter, no Instagram são 8,4 mil seguidores e no Facebook, a página tem mais de 55 mil seguidores. O grupo se identifica como uma ONG na defesa da causa judaica, na luta contra o antissemitismo e o ódio contra judeus e Israel. Na página é possível encontrar inúmeros conteúdos produzidos pelos autores sobre o Oriente Médio, bem como elementos religiosos comemorativos da fé judaica. Um produtor de conteúdo bastante presente na página é o youtuber Persio Bider. Este youtuber sionista, tem na plataforma de *streaming* mais de 2 mil inscritos, já no Twitter são menos de mil seguidores, no Facebook são 7,5 mil seguidores e no Instagram tem o dobro de seguidores, mais de 15 mil, mostrando uma tendência entre os jovens, de engajarem mais no “Insta” do que no “Face”.

Em síntese, as representações da fé judaica nas redes sociais estão conectadas a uma propaganda dos costumes judaicos, à mensagens motivacionais, à mística – o principal elemento aqui é a cabala – e a questão sionista.

⁵² Conforme página <http://fierj.org/a-fierj/> acesso em: 15/07/2019

3.1.2 Islã em Rede: a luta por uma imagem

O Islã tem uma longa trajetória no Brasil, desde a história dos Malês, escravizados muçulmanos trazidos para cá, até a chegada de sírio-libaneses refugiados das guerras no Oriente Médio. Sabemos que o Islamismo não é um todo monolítico, organizado e homogêneo, pelo contrário, são duas grandes vertentes religiosas (sunitas e xiitas) que possuem divisões internas e inúmeras outras divisões étnicas. É uma tarefa bem difícil separar sunitas e xiitas nas páginas das redes sociais, uma vez que as páginas não se intitulam desta forma. Quanto ao Islamismo nas redes sociais de língua portuguesa para o Brasil também existem uma infinidade de páginas, desta forma, cruzando informações da mídia jornalística e das três redes sociais analisadas chegamos às páginas a seguir.

Mesquita Brasil (@mesquitado brasil.sbm) com 2,5 milhões de seguidores. Trata-se de uma página estritamente voltada para a religião islâmica e para a divulgação das atividades da Mesquita Brasil, no bairro do Cambuci em São Paulo. No Twitter a página homônima conta apenas com 122 seguidores e no Instagram com 5,5 mil seguidores. Comparado aos milhões de seguidores no Facebook, as outras duas redes parecem não ser o forte dos usuários seguidores da Mesquita. Esta página é institucional e diferentemente do que vem acontecendo no cristianismo e judaísmo, temos uma página institucional que tem mais seguidores do que páginas pessoais. O Sheikh Mohamad Bukai, Sheikh da Mesquita Brasil, tem em sua página apenas 2,2 mil seguidores. Isto aponta para um fenômeno distinto no Islã, em que a prevalência da Instituição sobre o indivíduo ainda predomina.



Figura 7: Mesquita Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/mesquitado brasil.sbm/> Acesso em: 21/01/2020

Outra entidade com páginas nas redes sociais é a FAMBRAS – Federação das Associações Muçulmanas do Brasil. Sua comunidade no Facebook (@Fambras) tem 156,1 mil seguidores, no Instagram são 2,8 mil seguidores e no Twitter são 716 seguidores. A página

pertence a uma instituição oficial e publica cotidianamente mensagens de promoção da cultura árabe, eventos da federação e uma tirinha sobre tolerância. A seguir um exemplo de uma destas tirinhas que aparecem com frequência na página:



Figura 8: Tirinha FAMBRA'S. Disponível em <https://www.facebook.com/Fambras/photos/a.672771212810796/2713507692070461/?type=3&theater> em 16/12/2019.

Pelo número de reações na tirinha anterior é possível perceber a atividade dos seguidores na página: em apenas 2 dias mais de 3 mil reações. Muitas das reações e comentários discordavam ou mesmo comentavam com sarcasmo a mensagem. Este tipo de comportamento é bastante frequente na página o que denota dificuldade de desvencilhar a imagem que foi construída relacionando o Islamismo e o terrorismo ou as guerras no Oriente Médio. Investigamos alguns seguidores desta página e foi possível perceber que uma parte deles não segue o islamismo, agem apenas como *haters*⁵³ atacando a página.

Islam em português é uma página no Facebook (@IslamPortugues) com cerca de 54 mil seguidores. Não pertence a uma instituição específica, segundo a descrição da página, é um projeto realizado pela equipe Ahlam, que reúne egípcios e brasileiros com o objetivo de “solucionar as principais dúvidas sobre a nossa religião atualmente” (AHLAM, 2020, web). No Instagram a página tem apenas 11 seguidores, o que reforça uma característica comum deste público, a baixa frequência neste aplicativo e no Twitter não existe uma página com este nome. Analisando a página no Facebook podemos perceber um fenômeno similar ao ocorrido na

⁵³ Termo em inglês que pode ser traduzido como “odiadores”.

página da FAMBRAS: muitos dos seguidores atacam a página gratuitamente, veja estas avaliações coletadas da página:

The figure displays five individual Facebook reviews, each within its own interface box. Each review includes a profile picture, the user's name, the page being reviewed ('Islam em Português'), the date, the review text, and interaction statistics (likes and comments). The reviews are as follows:

- Beatriz Batista** (4 de setembro de 2017): "O Islã defende e prega tudo o que não presta! Islâmicos odeiam mulheres e eu odeio o Islã!!!! Que fique beem longe do meu país!!" (8 likes, 2 comentários)
- Vinicius Felipe Rubetti** (17 de agosto de 2017): "Estupradores de crianças de 9 anos! Vão ou voltem para o oriente médio que é o vosso lugar!" (10 likes, 1 comentário)
- Jonnes Rabelo** (3 de agosto de 2017): "Deviam ser exterminados da face da terra" (6 likes, 2 comentários)
- Pedro Vieira** (15 de agosto de 2017): "Defende pedofilia como uma alternativa a baixa expectativa de vida." (18 likes, 6 comentários)
- Ariel Correia** (15 de agosto de 2017): "Vocês serão chutados do Brasil como foram de Jerusalém. Deus seja louvado." (11 likes, 2 comentários)

Figura 9: Excertos coletados na avaliação da página Islam em Português. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/IslamPortugues/reviews/?post_id=1555619704497965&referrer=page_recommendations_home_card Acesso em: 10/11/2019.

Visitando a página pessoal dos perfis que fizeram a avaliação não foi possível traçar um padrão. Entre os perfis pesquisados temos católicos conservadores, evangélicos, feministas ou

perfis “vazios” que indicam serem *haters*. Além disso, é possível também aduzir que alguns perfis sejam falsos tentando se passar por esta ou outra orientação político-religiosa a fim de denegrir um determinado grupo.

A página “Islam para todos” (@portalipt) é uma página com quase 25 mil seguidores sendo que a declaração de autoria da página não a vincula a uma organização específica.

Segundo a própria página:

O PORTAL ISLAM PARA TODOS Divulga o que a mídia não divulga, prova que o Alcorão é um livro que incentiva o bem e a justiça entre todos; que Muhammad, que a paz e bênção estejam sobre ele, foi o último Profeta e todas as acusações contra ele são falsas; que Jesus é amado pelos muçulmanos e como todos aguardamos a volta dele. Deixamos claro que o TERRORISMO não faz parte do ISLAM nem de religião alguma, mas sim, está nas mãos daqueles que detém o poder de forma ilícita.

Nosso objetivo é desmistificar as mentiras inventadas e suportadas por inimigos do ISLAM, que entre tantas invenções, dizem que, as mulheres muçulmanas são submissas, que não há paz no ISLAM. [GRIFO NOSSO]

Estamos prontos para esclarecer todas essas bobagens e outras tantas. E deixar claro de uma vez por todas, que não é à toa que o ISLAM é a religião que mais cresce no mundo. Que não é à toa que a maior parte de pessoas que abraçam o ISLAM são MULHERES. Nosso objetivo nada mais é que ajudar a todos a se livrarem da escravidão que a mídia impõe direta e indiretamente a todos. Ajudar os novos muçulmanos a conhecerem sua religião como de fato é, independente de não encontrarem mesquitas e outros muçulmanos em suas cidades.

Estamos prontos para auxiliar a todos que buscam e querem se manter na verdade ainda que não sejam muçulmanos. Estamos abertos a qualquer esclarecimento através do nosso canal direto e online (MUHAMMAD, 2020, web).

Este descritivo deixa claro que a existência da página é propagar a “verdade” sobre o Islã contra a “mentira” que a mídia impõe. Aqui se tem um dado que se repete em quase todas as páginas sobre o islamismo, a necessidade de refutar o senso comum ou o imaginário construído sobre o Islã, a partir dos episódios de guerra e terrorismo ocorridos no final do século XX e início do XXI. Em suas publicações a página apresenta frases do Alcorão⁵⁴ que reforçam a ideia de que o islamismo é uma religião pacífica e inclusiva, porém, o descritivo das imagens e os textos que a acompanham buscam sempre reforçar o islamismo como única religião possível ou como a superação de todas as religiões. Esta página de certa forma sintetiza a problemática das páginas sobre o islamismo: a necessidade de conciliar o proselitismo islâmico com uma linguagem deveras pacífica ou até pacifista.

⁵⁴ Livro sagrado do Islã.

ISLAM PARA TODOS
16 de janeiro às 08:33 · 🌐

🌹 A visão islâmica quanto à humanidade é cheia de misericórdia e compaixão e não pode ser de outra forma, porque o Islam é a última religião estabelecida por Allah, Exaltado seja, e Ele ordenou toda a humanidade a entrar nesta religião. Ele revelou esta religião e enviou-a ao mais compassivo da humanidade, Muhammad (que a paz e bênçãos de Allah estejam com ele). Isto é confirmado pelo versículo do Livro de Allah, onde Ele diz (interpretação do significado):

"E não te enviamos, senão como misericórdia para a humanidade." (al-Anbiya' 21:107).

🌹 Quanto a isso, há ordens no Alcorão e na Sunnah dirigidas aos muçulmanos, instruindo-os a chamar as pessoas a afirmarem a Unicidade de Allah (Tawhid) e a dispensar de suas riquezas, tempo e deles mesmos para esse propósito.

🌹 Este chamado deve ser com benevolência, doçura, por misericórdia e compaixão por todas as pessoas, para as salvar da servidão aos seus semelhantes e para que adorem o Senhor de todas as pessoas; para as salvar do constrangimento desta vida mundana e para as trazer à abundância desta vida e da próxima.

❤️ ISLAM PARA TODOS ❤️

🌱 Twitter: www.twitter.com/portalipt
 🌱 Facebook: www.facebook.com/portalipt
 🌱 Instagram: www.instagram.com/portalipt/
 🌱 WhatsApp: <https://goo.gl/w9cEhA>
 🌱 Biblioteca Islamica: <https://t.me/bibliotecaislamica>

وَقُولُوا لِلنَّاسِ حُسْنًا
...falai ao próximo com
DOÇURA...
Quran 2:83

@Portalipt
ISLAMPARATODOS.COM.BR

ISLAM PARA TODOS Saiba mais

Organização religiosa

👍❤️😄 935 18 comentários 73 compartilhamentos

👍 Curtir Comentar Compartilhar 🌐

Figura 10: Publicação da página Islam para todos no Facebook.

Um dos desafios em realizar esta pesquisa foi entender que grande parte das páginas com maior engajamento não utilizavam nomes ou termos de fácil suposição, dificultando a busca, uma vez que foi necessária uma ampliação dos possíveis termos ligados a esta corrente religiosa. Um exemplo claro disso é a Arresala – Centro Islâmico no Brasil, página no Facebook (@Arresala) com mais de 15 mil seguidores, Instagram com 3,4 mil seguidores e Twitter com pouco mais de setecentos seguidores. Embora haja uma descrição “Centro Islâmico” o termo Arresala não é comum a um não iniciado. A página pertence ao “Centro Islâmico no Brasil” e apresenta-se como uma entidade social e religiosa sem fins lucrativos, tendo como objetivo “Divulgar a religião islâmica e promover bons valores morais, éticos, educacionais e sociais” (ARRESALA, 2020, web). Um dado importante é as regras para comentar na página, conforme segue:

Regras para comentários visando uma interação harmoniosa e instrutiva entre os participantes desta área de discussão, informação e estudos:

1. Ofensas, palavras de baixo calão, difamações ou qualquer outro linguajar chulo não serão toleradas.
- 2- Não serão toleradas igualmente ofensas diretas ou indiretas a nenhum membro deste fórum de discussão, sejam em comentários ou mensagens diretas.
- 3- Postagens com expressões racistas ou qualquer outra expressão de cunho discriminatório e intolerante não serão aceitas.
- 4- Spams serão excluídos e usuários banidos.
5. Comentários que fujam ao teor da postagem serão excluídos.
6. Denúncias devem ser enviadas ao e-mail ou por mensagem direta (ARRESALA, 2020, web).

A página é bastante ativa em publicações, no entanto embora haja o número grande de reações – sempre positivas – às publicações, o número de comentários é sempre pequeno, bem como não encontramos comentários negativos. Com base na política da página e com a observação acima, concluímos que os possíveis comentários negativos levaram os administradores da página a bloquear estes usuários.

Uma entidade bastante ativa nas redes sociais é a Liga da Juventude Islâmica – Mesquita do Pari, possui página no Facebook (@Ligaislamicapari) com cerca de 13,4 mil seguidores e no Instagram possui 1,8 mil seguidores. A página é vinculada a Mesquita do Pari situada em São Paulo e atua como difusora de mensagens ligadas à religião islâmica e divulgadora de eventos desta mesquita. A adesão das postagens por meio de reações e comentários é intensa. No entanto, tal como na Arresala, é perceptível que exista um filtro nos comentários, uma vez que não foram encontrados comentários agressivos ou negativos. Outras páginas ligadas a instituições ou associações foram encontradas, porém, com números menores de seguidores, entre elas está o Instituto latino-americano de Estudos Islâmicos que possui uma página no Facebook com 2,6 mil seguidores; e a Mesquita de Curitiba – Imam Ali Ibn Abi Tálib, que tem

uma comunidade de 3,3 mil seguidores. Em geral, estas páginas apresentadas cumprem um papel institucional não muito diferente da página do *Vatican News* ou de páginas de templos católicos, o que não significa que não haja peculiaridades nas publicações e nas formas de atuar na administração destas páginas. No entanto, há de pontuar que as redes sociais cumprem um papel de pasteurização da fé, como já levantado anteriormente. A fé neste contexto se torna uma fé instrumental e mercadológica, mesmo em contextos mais aguerridos como o islamismo.

Como forma de estudar também os perfis carismáticos de cada denominação religiosa, chegamos aos líderes islâmicos. Elencamos a seguir alguns nomes com mais seguidores, muito embora tenha sido perceptível em nossa pesquisa que uma das peculiaridades do islamismo nas redes sociais é a não personificação ou exaltação de lideranças religiosas.

O líder islâmico com maior engajamento e audiência nas redes é Sheik Jihad Hammadeh, de São Bernardo do Campo. Ele possui uma página no Facebook (@jihad) com quase 32 mil seguidores e no Instagram conta com 10,9 mil seguidores. Sua conta no Twitter possui 1,2 mil seguidores. São números expressivos quando relacionado ao tamanho da comunidade islâmica no Brasil. Jihad Hammadeh se apresenta como palestrante e oferece cursos *on-line* em um sítio com link em sua página no Facebook. Nesta página ele publica informações de caráter “quase” publicitário em relação a suas atividades cotidianas. É muito comum a publicação de vídeos com mensagens religiosas, mesclando o conteúdo religioso islâmico com um tom “motivacional”. Esta mescla é comum em várias páginas nas redes sociais, denotando algo que já apontamos e que nos debruçaremos ao final deste trabalho que é a “etiqueta religiosa” nas redes sociais. Percebe-se claramente, e de forma generalizada, a preocupação em parecer simpático, cordial, pacífico, alegre, “gente boa e do bem” nas falas em vídeos e mensagens escritas. Tal etiqueta é construída como forma de “desmentir” o senso comum sobre a imagem que foi construída pela grande mídia desde as guerras no Oriente Médio e reforçada com os ataques terroristas aos EUA. O Sheikh ainda promove, por meio de suas páginas, elementos que reforçam uma “cultura de paz”, com mensagens de respeito a diversidade étnica e religiosa (não foram encontradas publicações que remetessem a diversidade de gênero) e divulgando atividades que remetem a este tema.

Outro líder islâmico famoso é Sheik Rodrigo Rodrigues. Ele já apareceu em vários *talk shows* em canais abertos como Globo, SBT e Record. Ele se tornou famoso pela sua forma descontraída de se comunicar, isso fica evidente na sua página no Facebook. Esta página conta com mais de 15,5 mil seguidores, com bastante engajamento e no Instagram com 9,4 mil seguidores. Aqui se percebe a aplicação desta etiqueta mencionada anteriormente com um aditivo: a preocupação em reforçar uma imagem de intelectual, de que os islâmicos são

estudiosos e propagadores do conhecimento. O Sheik Rodrigo é justamente chamado para programas de televisão em função da sua linguagem despojada e jovem e de sua postura conciliadora.

Pode-se citar entre outros nomes o Sheik Ahmad Mazloun, com 5,6 mil seguidores em uma comunidade do Facebook. Nesta faixa de seguidores existem bastantes personalidades, porém aqui identificamos, com o uso das ferramentas de análise de redes sociais, a existência de uma bolha social e um auto referenciamento.

De maneira sintética é possível compreender que o islamismo nas redes sociais é caracterizado pela busca em desconstruir a imagem negativa criada pela mídia internacional, principalmente com a questão do golfo pérsico e do terrorismo. Fica evidente pelos comentários acessáveis nas páginas estudadas que existe uma rejeição muito grande a esta corrente política. Por outro lado, o islamismo vive no Brasil um movimento diverso do cristianismo no que tange a lideranças carismáticas. São poucos os líderes islâmicos que se destacam nas redes sociais e isso geralmente ocorre de forma tangencial à questão de fé, como no caso do Sheikh Jihad.

3.1.3 As religiões orientais vistas pelo ocidente: filosofia de vida e *new age* em rede

Quando tratamos das religiões orientais, temos a sensação de que a aparência exótica para os ocidentais parece mais atrativa. Vejamos a página do Facebook “Budismo Engajado” que possui cerca de 663 mil seguidores⁵⁵ e no Instagram 1,6 mil. Comparativamente, as religiões monoteístas aqui examinadas, possuem números bem inferiores. Um estudo mais aprofundado seria necessário para analisar a discrepância de tal engajamento, porém, alguns elementos nos permitem sugerir que a linguagem mais leve e o “desinteresse” na conversão do usuário da página contribuem para uma relação mais “líquida”. Tal fluidez permite que muitos seguidores destas páginas sejam de diversas outras religiões ou que de fato não estejam vinculadas a qualquer religião. Tais páginas possuem um índice alto de compartilhamento das mensagens por pessoas dos mais variados campos sociais, sem uma vinculação específica de credo ou espectro político. O fato do budismo não exigir uma identidade pública ou mesmo não cobrar uma “conversão” talvez seja a chave de leitura para entender o porquê de tantas pessoas se identificarem com as mensagens desta página.

⁵⁵ Atualizado em 08 fev. 2020

De maneira constante a página “Budismo Engajado” publica no Facebook (@budismoengajado) frases motivacionais em geral proferidas ou atribuídas a Dalai Lama, como a que segue:

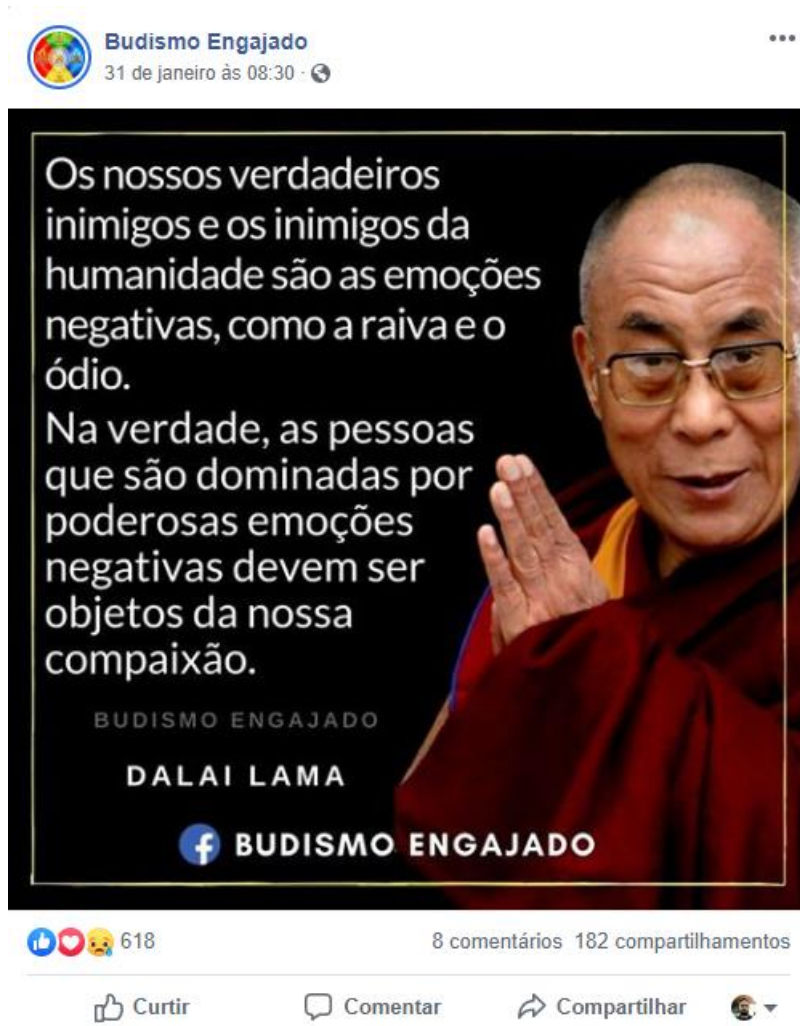


Figura 11: Publicação da Página Budismo Engajado, disponível em: https://www.facebook.com/budismoengajado/?__tn__=%2Cd%2CP-R&eid=ARCOe7fIXzkiuRPzoMBE-8R_spuemJDycQOIOibZQMXzEMqO8PVAgia3V91v-drLU5v-fynYUJuQLroA. Acesso em: 08 fev. 2019.

Pelo número de compartilhamentos desta postagem, que no ato do acesso tinha pouco mais de uma semana, é possível entender a força de engajamento que esta página possui. É comum este tipo de conteúdo na página delineando um estilo recorrente nas representações sociais criadas ao redor das religiões orientais no ocidente, especialmente no continente americano, em uma condição mais pacífica, introspectiva, de conotação psicológica ou simplesmente autoajuda. A página ainda faz divulgação de eventos como aulas e instruções de meditação, coleta e arrecadação de recursos para templos. De maneira profícua a página incentiva práticas de respeito as diferenças, a questões ambientais, de gênero e de religião. Embora a página devesse ser seguida por admiradores e praticantes do budismo, determinadas

publicações têm comentários que não condizem nem um pouco com a prática budista. Percebe-se aí também a prática exaustiva de *haters* disseminando o ódio, reagindo ironicamente e negativamente às postagens. Esta constatação demonstra que nas redes sociais nenhuma vertente religiosa escapa da própria condição da rede, ou seja, os fenômenos, sejam eles positivos ou negativos, não fazem muita distinção de credo. É possível disseminar o ódio contra qualquer um.

Outra página com grande número de seguidores é Buda Virtual com 234,6 mil seguidores⁵⁶ no Facebook (@budavirtual) e 65,6 mil no Instagram. Segue uma linha editorial semelhante à página “Budismo Engajado”. Ao acessar a página, a primeira publicação que se tem é uma postagem fixada com o seguinte texto:

Nós deveríamos ser lembrados de que cada guerra no mundo começou na mente, com um pensamento de ganância ou ódio, que cresceu e cresceu, se ampliou mais e mais, e eventualmente inflamou um grupo de pessoas. Mas a raiz de toda violência e sofrimento é um único pensamento em uma mente. Portanto, nós não deveríamos subestimar o poder da mente de conjurar um sofrimento imenso e, ao mesmo tempo, de se libertar deste mesmo sofrimento. Nós não deveríamos pensar que, ao nos engajarmos em uma transformação pessoal profunda, não causaremos nenhum impacto. Então, eu te convido a não perder a coragem no poder de sua própria transformação e na transformação de suas comunidades.

Portanto, se você se sente desencorajado agora, saiba que esse sentimento não vai durar, e que a nossa coragem, a nossa determinação e a nossa alegria em alcançar algo saudável logo retornarão. Podemos confiar que, se tivermos a visão correta e praticarmos algo significativo, não há dúvidas de que a nossa determinação será forte e vai nos inspirar a construirmos juntos um mundo melhor. Então, quando nos sentarmos para meditar daqui a alguns minutos, isso não será um passo sem sentido na busca por uma transformação interna profunda – na verdade, isso é o processo na raiz da liberdade do sofrimento e da delusão e, portanto, da transformação social.

Se é verdade que cada guerra começou com um pensamento de ódio, então toda vez que neutralizarmos um pensamento de muito apego e ganância estaremos ao mesmo tempo neutralizando, na raiz, uma possível reação em cadeia que poderia levar a um sofrimento maior. Da mesma maneira, cada vez que ativarmos um pensamento de compaixão, estaremos começando uma reação em cadeia que pode trazer bondade para o mundo.

Portanto, nós deveríamos entender que a mudança social nunca vai acontecer sem a mudança pessoal: ela só vai ocorrer quando seguirmos nossas trajetórias rumo a nos tornar melhores seres humanos. Esse não é um projeto pequeno: ele se encontra na própria raiz da mudança do mundo. Então, por favor, pense sobre isso como algo que realmente importa" (RICARD, 2016, web).

Tais mensagens não sugerem a aceitação de uma divindade ou mesmo de uma religião, pelo contrário, focam em um comportamento, uma disposição de caráter. Esta visão, um tanto quanto intimista, entende como engajamento a ideia de que as atitudes individuais impactam objetivamente nas questões coletivas. Atribuem assim ao indivíduo em subjetividade a responsabilidade pela mudança no coletivo, ignorando de certa forma as forças institucionais

⁵⁶ Dado obtido em 08 fev. 2020

superiores a qualquer um e principalmente aquilo que a sujeitam. Tais mensagens se repetem ao longo das publicações, sempre sugerindo uma mudança de postura individual como chave para a mudança do “mundo”. Muitas outras mensagens ainda apresentam a resiliência como comportamento ideal para se alcançar a “paz interior” e a felicidade.

“Sobre Budismo” com quase 170 mil seguidores no Facebook (@sobrebudismo) e na página homônima no Instagram, 235 mil seguidores, vai na esteira das já mencionadas anteriormente com um leve foco sobre ensinamento budista. Nas suas publicações existem instruções de como realizar meditações, de como devemos fazer os exercícios de concentração e de como devemos nos comportar diante das adversidades.



Figura 12: Sobre Budismo disponível em: <https://www.facebook.com/sobrebudismo/>. Acesso em: 31 jan. 2020.

A mensagem do post anterior deixa claro que para o budismo, da forma como o apresentam, não existem fronteiras religiosas e institucionais.

Budismo oficial (@budismooficial) é uma página com 162,6 mil seguidores no Facebook e 45,6 mil seguidores no Instagram, porém a página parece ter sido hackeada e o conteúdo foi desvirtuado de sua linha “editorial” inicial. As mensagens antes de outubro de 2019 parecem ter um conteúdo mais alinhado com o das páginas anteriores, com mensagens de paz e autoajuda. De novembro em diante, as mensagens se tornam mais agressivas, outras cômicas. Atualizada a busca em fevereiro de 2020 percebeu-se que as postagens de novembro em diante foram liquidadas. Isto demonstra uma realidade destas páginas não institucionais criadas voluntariamente por usuários produtores de conteúdos e sem intenções comerciais: muitas destas páginas não possuem um controle profissional e o resultado disso é que são facilmente hackeadas pela falta de segurança da plataforma.

Filosofia Budista é uma página com 75 mil seguidores, mais focada em frases e ensinamentos Budistas. Existe uma página no Instagram que tem o mesmo nome, porém com postagens distintas. Outra página interessante é Seres de Luz, com cerca de 382 mil seguidores, porém no Instagram a página tem apenas 397 seguidores, o que aponta para certa distância entre os usuários das duas redes.

Uma página que não professa especificamente o Budismo, mas traz mensagens que estão entre o Budismo e o Hinduísmo é a página Positividade com surpreendentes 2 milhões de seguidores.

Namaste <3

 POSITIVIDADE · DOMINGO, 4 DE NOVEMBRO DE 2018 ·

6 anos atrás, estava eu na porta de casa afirmando para meus amigos que iria criar uma pagina na internet com total intuito de levar conforto e afeto para as pessoas. Dentro desses anos, tanta coisa aconteceu...nada que me tirasse do foco, afinal quando fazemos o que amamos, acordamos motivados, animados, assim que me sinto quando estou aqui com vocês, feliz da vida, cheio de gratidão, a família ta crescendo, vários seres de luz se conectando, e eu só tenho que dizer o que sinto, ENORME GRATIDÃO, sempre que por aqui passar que o universo lhe abençoe grandiosamente, sigamos!

Figura 13: Namaste <3 Post especial da página do criador de conteúdo.

Em nossa breve pesquisa exploratória em páginas do Facebook, Instagram e Twitter encontramos páginas sobre o hinduísmo com menos engajamento. A página mais engajada possui 3,7 mil seguidores, chamada apenas de Hinduísmo e no Instagram Hinduísmo Brasil com 1,2 mil seguidores. No Instagram, em Inglês, a página “Hinduism_” possui mais de 57 mil seguidores, já no Facebook a mesma página tem apenas 2,5 mil seguidores. A maior página

sobre o tema encontrada é The Hindu, com 5,3 milhões de seguidores. A página Lord Shiva possui cerca de 16,5 mil seguidores.

No Brasil, o controverso e problemático líder hindu Rajneesh Chandra Mohan Jain, conhecido como Osho é mais popular que qualquer outro sábio tradicional. Osho é bastante popularizado pelo movimento da Nova Era, não sendo ele ligado diretamente ao hinduísmo. De fato, Osho foi um crítico contumaz da religião hindu e principalmente das tradições hindus. Temos ainda no Facebook a página OSHO Brasil com 54,9 mil seguidores e no Instagram a página possui surpreendentes 894 mil seguidores. Enquanto a página OSHO internacional possui cerca de 2,4 milhões de seguidores.

3.1.4 Notas sobre a religiosidade em rede para além do cristianismo

Nossa pesquisa enfrentou alguns desafios nesta etapa, a principal foi a dificuldade de delimitação de conteúdo, uma vez que nossa proposta aqui foi estudar as três redes sociais mais populares – Twitter, Facebook e Instagram – bem como a delimitação temporal, pois inicialmente havíamos estabelecido que a pesquisa iria até julho de 2019.

Com relação às redes sociais, embora sejam regidas por princípios e algoritmos semelhantes, cada rede atinge um determinado público e esta relação é profundamente responsiva. No Twitter, por exemplo, “páginas” impessoais como “sobre budismo” (@sobrebudismo) não possuem nem dez por cento do engajamento que tem no Facebook ou no Instagram, mesmo sendo uma página bastante ativa e antiga – foi criada em novembro de 2011. Desta forma, mesmo a pesquisa sendo realizada nas três páginas, foi mais produtivo analisar as postagens no Facebook. Com relação ao Instagram, concluímos que, diferentemente do Papa Francisco, cujo perfil em 2019 se tornou a principal mídia na relação com o “homem comum”, as páginas analisadas de maneira geral, ainda não caíram no gosto de seus públicos. O Facebook por sua vez, continua sendo a rede social mais popular, e de forma bastante adaptada para a realidade de grupos, comunidades e páginas temáticas.

Já a questão temporal, procuramos, nas páginas que dispunham, voltar até 2016 para analisar o engajamento e os conteúdos apresentados. Muitas destas páginas foram criadas antes deste período e algumas poucas foram criadas posteriormente. Não foi possível estabelecer uma relação entre temporalidade e engajamento, o que nos permite aduzir que a relação do usuário com tais páginas é fluída, típica de nossa condição pós-moderna. Ainda sobre temporalidade, resolvemos estender o tempo de análise para estar de acordo com o tempo de encerramento da pesquisa.

Ao analisarmos as experiências religiosas para além do cristianismo nas redes sociais obtivemos alguns resultados interessantes, mostrando certo padrão em algumas questões e por outro lado, algumas “bolhas”. Quanto aos padrões, nenhuma página é imune aos *haters*. Segundo Barnes (2018), *hater*, odiento em inglês, são figuras que vivem no submundo das redes sociais e que podem ser pessoas comuns, pessoas que no dia-a-dia passariam despercebidas e sem qualquer feição negativa ou mesmo cruel. No entanto, se a tecnologia nos possibilita uma ampliação de nossas potencialidades, as redes sociais enquanto tecnologia nos possibilitam uma ampliação de nossa capacidade comunicativa, tanto a comunicação em seu aspecto mais produtivo e bom quanto a comunicação mais perigosa e carregada de ódio. Em nossa análise na leitura dos comentários às postagens, percebemos quanto insalubre se torna a ambiência das redes sociais. Postagens que muitas vezes traziam mensagens positivas e pacíficas eram inundadas com ataques de ódio, acusações infundadas e uma enxurrada de reações negativas. Muitas vezes estes comentários estavam em um segundo nível de diálogo, ou seja, era a resposta a um comentário.

Embora em todos os grupos pesquisados fosse perceptível a presença de *haters*, podemos afirmar que o grupo mais atacado nas redes sociais pesquisadas no Brasil são os islâmicos. Em muitas páginas islâmicas percebe-se a atuação ativa de moderadores impedindo a permanência de comentários odientos, inclusive, como já foi dito, isto é descrito como política da página. Porém, o mais surpreendente foi os ataques a páginas budistas. Geralmente estes ataques têm motivação política, já que muitas vezes o que a página denunciava era alguma questão de ambiental. A título de exemplo, a página @budismoengajado postou no dia 16 de fevereiro de 2020, já fora de nosso escopo de pesquisa, uma imagem da menina Greta Thunberg com a seguinte inscrição: “O que você faz, faz uma diferença, e você tem que decidir que diferença você quer fazer (Jane Goodall)”. Embora a frase da antropóloga britânica não tenha qualquer relação direta com Greta, a postagem apenas associava a atividade da menina ao sentido da frase. Esta postagem contava no dia 23 de fevereiro com 2,6 mil reações, sendo mais de 200 reações negativas, e ainda 1,1 mil comentários, segue um pequeno recorte de algumas destas mensagens:

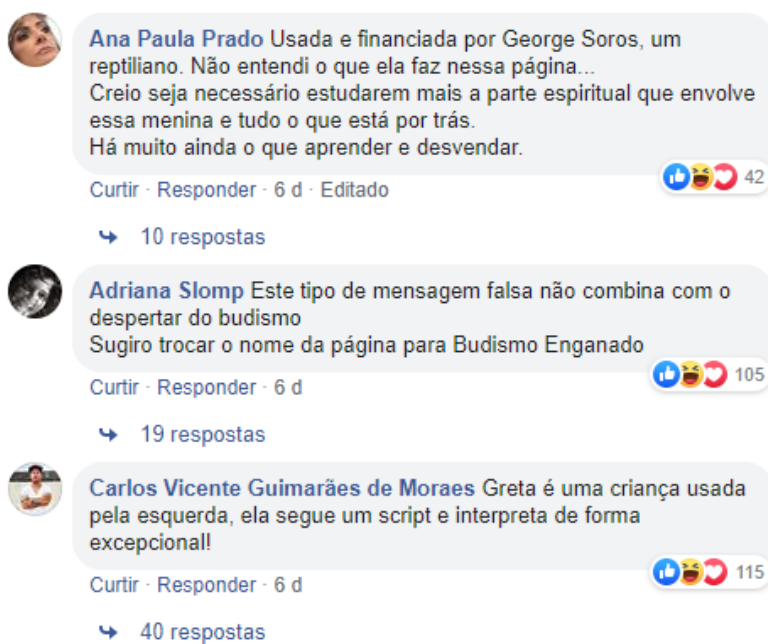


Figura 14: Excerto de comentários a postagem da página budismo enganado. Disponível em: <https://www.facebook.com/budismoenganado/photos/a.315331858600952/1839907632810026/?type=3&theater> Acesso em: 23 fev. 2020.

Analisando os perfis dos proprietários dos comentários foi possível perceber que existe um alinhamento ideológico que os identifica à extrema direita e isto só já explicaria este posicionamento. Fica evidente aqui a necessidade que muitos usuários das redes têm de expor o seu posicionamento político-ideológico de maneira agressiva, ao mesmo tempo em que se apoia em teorias da conspiração bem como em *fake News*. O grande ponto aqui posto é que as redes sociais tornam todos vulneráveis, ninguém está imune à crítica, à agressão a sua imagem, à calúnia e difamação e às *fake News*.

Por fim, uma nota fundamental que precisa ser apresentada é a produção de sentido nestas páginas. O fato de estas páginas serem vinculadas a uma religiosidade ou espiritualidade em si já expõe a questão da produção de sentido. No entanto, a imensa maioria destas páginas, como já apresentado, foca em postagens que venham trazer mensagens de “esperança” para as pessoas, ou seja, que promovam de alguma forma, sentidos positivos sobre a vida e sobre elas mesmas. Toda produção de sentido, por mais subjetiva que seja, tem a possibilidade de buscar na espiritualidade as condições de construir sua autoimagem e seu sentido último de existência. A relação que as pessoas configuram com estas páginas, seja apenas seguindo, seja reagindo ou comentando, demonstram que tais páginas contribuem para que o sujeito possa, sobre si mesmo e sobre sua vida, estabelecer os sentidos que antes dependiam das relações construídas na comunidade religiosa física. A internet, e mais recentemente as redes sociais permitiram a

profusão de possibilidades religiosas, o que garantiu que a produção de sentido pudesse alcançar novos patamares de individualidade.

3.2 CRISTIANISMO EM REDE: DAS IGREJAS ELETRÔNICAS AO PROSELITISMO VIRAL

Primeiramente é preciso esclarecer que o que se busca nesta nova ambiência religiosa não é tanto o proselitismo institucional, mas sim, como as expressões subjetivas tornam-se uma forma contínua de “persuasão religiosa”. Por persuasão aqui são todas as estratégias individuais ou coletivas não institucionais de convencimento. Esta necessidade de convencimento do outro, conhecido entre os cristãos como “evangelização” ou “conversão”, é o propósito da mensagem cristã. Para elucidar um pouco mais: cada cristão tem como missão “convencer” os demais de que sua fé é a verdadeira e que, portanto, deve ser seguida por todos. Tal proselitismo coaduna com a própria produção de sentido, entendida no cristianismo como “vocação”, ou seja, um chamado divino que dá sentido à própria existência do sujeito.

O que defendemos aqui é que, na visão cristã não cabe outra cosmovisão, e sendo assim, mesmo que se supunha um ambiente de tolerância e civilidade, o outro precisa ser convencido da minha verdade – ou da minha certeza de fé. Desta maneira, todo cristão engajado é potencialmente um agente da religião, sem que isso signifique um cargo ou função específica. Por muito tempo, principalmente no catolicismo, o processo de institucionalizar tornou o “leigo” (não-clérigo) um agente passivo no processo de propagação da fé. A Igreja tinha seus agentes “profissionais”, especializados, preparados para a missão. Congregações foram constituídas com a missão de propagar a fé católica. Homens e mulheres dedicados a evangelização seja por palavras, seja por obras. Com o advento do protestantismo e a perda da hegemonia do catolicismo em algumas regiões da Europa, instaura-se o processo de secularização que, aliado ao iluminismo gera um sentimento anticlerical nas sociedades modernas. Porém, o anticlericalismo típico das Igrejas protestantes tradicionais dá lugar a uma nova onda de clericalismo nas Igrejas Pentecostais e Neopentecostais. Nestas novas Igrejas é comum o líder fundador receber um título vitalício como Bispo ou Apóstolo, dando a entender que existe inclusive uma nova revelação. Ao mesmo tempo, há uma profusão de novos cargos que se distribuem entre os fiéis como obreiro, diácono, missionário, presbítero etc., todos estes sem qualquer poder eclesiástico de fato. É uma espécie de clericalização do fiel, ou seja,

estabelece uma identidade que simula a identidade clerical, sem de fato possuir qualquer poder clerical, um simulacro ao melhor estilo Baudrillard⁵⁷.

Próprio do fenômeno protestante americano, derivado do presbiterianismo europeu, é a presença secular do “não-leigo” à frente de mídias como o rádio e a TV (como detalharemos mais à frente quando abordar a Igreja eletrônica). Cabe inicialmente discutir a performance do cristão fora do ambiente virtual. Para tanto é preciso entender como se comportam fora do ambiente das redes sociais.

O avanço dos “Evangélicos” no Brasil se deu a partir da década de 70, coincidentemente com a popularização da TV e do Rádio. Acompanhando o IBGE, por evangélicos, entendemos a reunião de todas as denominações cristãs não católicas ou ortodoxas. Isto significa reunir sob o mesmo guarda-chuva conceitual luteranos, anglicanos e uma gama gigantesca de pentecostais e neopentecostais, desde a poderosa Universal até uma pequena igreja que pode estar abrindo em alguma sala comercial da periferia de uma cidade. Não se sabe mais ao certo quantas denominações existem. O fato de os pentecostais e neopentecostais⁵⁸ estarem subdivididos em inúmeras denominações não tornam suas práticas tão diversas assim. Uma das primeiras Igrejas pentecostais no Brasil foi a Assembleia de Deus, fundada no Pará no ano de 1911. Esta é sem dúvida uma das Igrejas pentecostais mais numerosa do país⁵⁹ e ditou basicamente o *modus operandi* de boa parte destas Igrejas. Basicamente, o fiel nesta Igreja é conclamado a “ser diferente” no “mundo”. Isto exige claramente uma questão estética. As roupas, as expressões linguísticas e os tratamentos entre si demonstram o que seria uma estética “crente”. Segundo o Datafolha (2016), 64% dos evangélicos seguem a orientação da Igreja sobre roupas adequadas para o dia a dia. Inclusive, ficou popularizada no final dos anos 90 a “moda crente”, onde mulheres deveriam usar saia para baixo do joelho, homens deveriam usar terno e gravata. As mulheres deveriam usar os cabelos compridos, evitar qualquer maquiagem e decote. Os homens deveriam ter sempre a barba bem feita e o cabelo curto. Por bastante tempo foram proibidos de assistir televisão, ir a bailes ou qualquer outra atividade que os “levasse ao pecado”. Ainda

⁵⁷ Jean Baudrillard (1929-2007), sociólogo e filósofo francês.

⁵⁸ Cabe uma pequena nota sobre a distinção entre pentecostais e neopentecostais. Conforme Sá Martino (2016, p. 41), os pentecostais fazem parte da segunda onda, que são Igrejas surgidas antes da década de 70 e tem clara influência de missionários americanos batistas, chegados ao Brasil a partir do início do século XX. Podemos incluir como protestantismo pentecostal Assembleia de Deus, Deus é Amor, O Brasil para Cristo etc. Já as Neopentecostais, fenômeno do final da década de 70, reúne igrejas como Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça, Igreja Mundial do Poder de Deus, Bola de Neve Church, Renascer em Cristo entre outras.

⁵⁹ Segundo dados do IBGE no censo 2010, a Igreja Assembleia de Deus e suas congregadas somavam cerca de 12 milhões de fiéis, sendo a maior denominação evangélica do país. Fonte: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>

característico do *ethos* e do estético crente era a bíblia “debaixo do braço” e a saudação ao outro como “irmão”.

Com o passar do tempo parte deste comportamento foi alterado e a concorrência com novas Igrejas levou a Assembleia de Deus a fazer algumas reformas de conduta. Porém o fato de capitanear moralmente o movimento pentecostal, não a fez abandonar o principal elemento comportamental: o proselitismo laico. Enquanto instituição, o proselitismo desta Igreja se dá por mecanismos de visibilidade. Tais mecanismos se estendem da política à arquitetura, e são predominantemente institucionais e capitaneados pelos líderes – os pastores. Vai desde uma banda de música ao pastor que foi eleito vereador. Porém, há uma força não constatada quando analisamos estes mecanismos. Trata-se dos instrumentos de comunicação utilizados pelos fiéis no cotidiano de suas vidas comuns. Cada fiel, cada “irmão”, é chamado a falar da sua experiência religiosa, de seu “encontro com Jesus”. Da mesma forma cada um deve convidar um vizinho, um parente, um amigo, um colega do trabalho a participar na sua Igreja. Desta forma, antes do uso de qualquer mídia, o indivíduo, na sua subjetividade já era um agente de “comunicação religiosa”. Esta necessidade de “converter” o irmão, de “ajudar” o próximo a “aceitar Jesus” tornou cada sujeito, cada leigo – por assim dizer – um missionário em potencial. Este proselitismo não institucional contraria de imediato o *modus operandi* católico nos séculos XIX e XX, uma vez que para este a prática missionária era institucionalizada e “profissionalizada” através de membros “treinados” para tal.

Um fenômeno fundamental neste processo de comunicação verbal atomizada é o testemunho. O testemunho funciona como prática terapêutica em que o sujeito é conclamado a verbalizar de forma narrativa as mudanças que ocorreram na sua vida desde que ele passou pelo processo de conversão. Aqui, evidenciamos claramente um movimento de fé instrumental, em que o sujeito, via fé, é levado a construir uma memória negativa de seu passado e uma visão positiva do seu presente. Esta mudança relatada nas narrativas testemunhais cumpre um segundo papel, o de provocar a empatia profunda no receptor deste ato comunicativo. Assim, por um lado o emissor produz sentido à sua existência através de uma narrativa de seu passado e de seu encontro com a religião, e por outro lado, ele pretende provocar no outro o desejo de viver um processo semelhante de produção de sentido.

Este testemunho é ainda atitudinal, ele deve ser comunicado através de gestos, de pequenas obras, de uma estética específica e de um consumo. Os gestos, enquanto expressões corpóreas devem revelar uma conduta pública apropriada, condizente com um “convertido”. Obscenidades e qualquer tipo de extravagâncias devem ser evitados, pois, serão taxados como “contratestemunho”. Claro que estamos falando de um “tipo ideal” aos moldes weberianos. As

pequenas obras ficam por conta da ajuda mútua entre os membros da comunidade eclesial bem como campanhas assistencialistas promovidas pela Igreja. A estética, como já mencionada, fica por conta das vestes apropriadas, do corte de cabelo e barba, dos poucos adereços femininos e do uso de jargões específicos nas falas. Poderíamos falar de uma espécie de gíria ou dialeto próprio como: “oh, glória!” ou “o sangue de Jesus tem poder!”. Tudo isso coaduna enfim com uma fé mercantil, onde o dízimo e ofertas em dinheiro são expressões de fé, e que, de alguma forma traduzem o tamanho da fé do sujeito. Completam a fé mercantil produtos típicos de fé, desde objetos sagrados como “pasta de figo” de Jerusalém, “Vassoura unvida” para “descarregar” a casa ou “travesseiro unvido”, até livros e outras mídias com conteúdos de fé. Vale incluir aqui os recentes empreendimentos em serviços de streaming como o Gospel Play, ligado a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Igreja do Pastor Silas Malafaia.

O rádio e da televisão serão catalisadores do proselitismo neopentecostal. Para além das comunicações individuais e “espontâneas”, o uso maciço das mídias eletrônicas dará uma nova cara ao cristianismo, a saber, o tele evangelismo. Seguindo esta dialética “glocal”⁶⁰, precisamos evidenciar os processos semelhantes no mundo. Certamente que o tele evangelismo, ou Igreja eletrônica como afirma Paulo Roque Gaspareto (2011), tem suas origens nos EUA. Conforme Gomes (2010) a primeira a utilizar das mídias modernas para criar uma Igreja eletrônica foi a “irmã” Aimee Semple McPherson, fundadora da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular. McPherson associou o estilo de Billy Sunday – um evangelista famoso em sua época pela teatralidade – com o uso do rádio. Em seus programas de rádio, ela introduz as práticas de cura pela fé, incitando seus ouvintes a se ajoelhar e pôr a mão no aparelho radiofônico enquanto faz uma súplica por suas necessidades. Outro pregador radiofônico foi Charles Fuller, inicialmente ligado à Igreja Presbiteriana, logo Fuller se desliga de sua igreja original e funda sua própria associação com intuito exclusivo de pregar através do rádio: *The Gospel Broadcasting Association*. Paralelamente, a Igreja Católica inaugurou sua primeira rádio, por ordem do Papa Pio XI, em 12 de fevereiro de 1931. Já na Televisão, o bispo católico Fulton Sheen “sempre é citado como o primeiro e bem-sucedido tele evangelista” (GOMES, 2010, p. 62). Sheen estreou na televisão americana em 1952 com o programa *Life is Worth Living*, e como se percebe é incomum para os padrões estadunidenses, dominados pelos pregadores protestantes. Neste sentido, o tele evangelista mais bem sucedido é o famoso Billy Graham, seguido posteriormente por muitos outros nomes, como Jimmy Swaggart, pregador famoso pelas suas posições severas que veio a cair em desgraça por causa de escândalos

⁶⁰ Glocal: Relação Global e local.

sexuais; Jerry Falwell, pregador batista, um dos maiores apoiadores de Ronald Reagan; Jim Bakker; Oral Roberts; Rex Humbard; Pat Robertson entre outros.

No Brasil, a chegada dos tele evangelistas ocorre depois da metade do século XX. Inicialmente alguns programas estadunidenses são replicados aqui, como os programas do Billy Graham. Mais tarde, começam a surgir localmente alguns pregadores. Segundo Gomes (2010) no espaço das rádios, o mais famoso e bem sucedido inicialmente é o pastor Davi Miranda, da Igreja Deus é Amor. No espaço televisivo, podemos destacar a Igreja Universal do Reino de Deus com seu líder máximo, o Bispo Edir Macedo, que fez história na TV inicialmente comprando horas de canais comerciais e mais tarde adquirindo a falida Rede Record. Na esteira de Edir Macedo, outros tele evangelistas surgiram, tais como o Apóstolo RR Soares, Pastor Silas Malafaia, Apóstolo Valdomiro Santiago entre outros tantos. Estes nomes do tele evangelismo são sempre muito personalistas, quase sempre dependentes do carisma pessoal. Embora sejam nomes cujo alcance extrapola as fronteiras territoriais, eles permanecem sendo locais, possuindo um templo específico, onde atendem e se dedicam ao culto e pregação, um lugar para chamar de “físico” e cuja presencialidade do fiel ali é um dos objetivos. Não cabe a nós neste momento fazer juízo de valor sobre as formas de financiamento desta atividade, embora o *modus operandi* seja sempre muito parecido entre católicos ou evangélicos.

De toda forma, o que vimos até aqui, seja nos EUA ou no Brasil, foram fenômenos de migração da Igreja física para a Igreja eletrônica. Em geral, estes fenômenos estão associados a esta nova roupagem do cristianismo que chamamos de pentecostalismo. O pentecostalismo ou movimento pentecostal e neopentecostal é um movimento tipicamente do Novo Mundo, embora seja possível traçar precursores no Velho Continente. É possível destacar neste movimento alguns traços comunicativos comuns, tais como: pregação inflamada com estética própria, o uso constante da música com apelo a subjetividade e a uma experiência pessoal de Deus, e as orações dedicadas a presença do Espírito Santo que combinadas com a música e a pregação possuem uma função catártica. Estes três elementos não são exatamente uma “liturgia ritual”, pois uma das características do movimento pentecostal é o abandono do rito, ou pelo menos do rito tradicional. Esta questão será um grande problema para a Igreja Católica, a ponto de que à medida que a Renovação Carismática Católica avançava sobre o clero, a Igreja se pronunciava oficialmente através de alguns documentos sobre a importância de se respeitar a liturgia.

A Igreja eletrônica se consolida na década de 90, quando as operações da Rede Record são assumidas pela Igreja Universal (GASPARETTO, 2011). Ao mesmo tempo em que isso ocorre, centenas de pequenas Igrejas neopentecostais locais avançam sobre as rádios AM,

inicialmente comprando horários, geralmente os horários mais baratos, leia-se, nas madrugadas. Posteriormente, as igrejas partiram para a aquisição de estações de rádios e por fim, já na virada do século, passaram a investir em *lobby* político para adquirir concessões do Estado. No Brasil, o sistema de concessões de rádio e TV estiveram, desde a ditadura, sob a tutela do executivo federal. Isso garantiu inicialmente que as concessões de rádio e TV fossem dadas a grupos políticos aliados dos mandatários. Mesmo depois da redemocratização, esta prática continuou ocorrendo e já no governo Sarney (1985-1990), as concessões de rádio e TV começaram a se ampliar rapidamente, onde um “novo” grupo político também ganhou concessões de rádio e TV como forma de garantir o apoio na Assembleia Constituinte. Em 1993, a Lei 8.666 estabelece a participação do congresso neste processo licitatório, e a partir daí tem-se o interesse cada vez mais intenso de membros das chamadas Igrejas pentecostais e neopentecostais em participar do espaço político. Está aí uma das raízes da chamada bancada evangélica. Uma vez que a concessão passa pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara, ter cadeiras no legislativo facilitaria em muito o acesso a estas concessões. Segundo o próprio site da câmara, a Frente Parlamentar Evangélica, como se intitula, tem 195 deputados e 8 senadores em 2019.

Neste sentido é necessário afirmar que o movimento neopentecostal nos últimos trinta anos não apenas conquistou espaço político, mas se tornou força hegemônica no congresso nacional. Interessante destacar que todo esse movimento cresceu, seja em número de parlamentares, seja na presença da mídia, sob a gestão de partidos de centro-esquerda e inicialmente como força aliada aos governos PSDB e PT. Somente depois do ano de 2013 tais forças começaram a se construir como opostas a esquerda, consolidando-se como “conservadoras” e alinhando-se à forças políticas de uma “nova direita”.

A construção da Igreja Eletrônica no Brasil se dá, então, com o acesso e o domínio dos meios de comunicação de massa. Esse passa a ser o contexto da midiatização da religião conforme explica Gasparetto (GASPARETTO, 2011) e Sá Martino (SÁ MARTINO, 2016). Ambos, assim como outros autores pesquisados, recorrem ao professor Muniz Sodré cuja definição de midiatização é a “virtualização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação” (SODRÉ, 2006, p. 21). Este *bios midático* apresentado pelo professor atinge também o campo religioso. No âmbito da religião, podemos afirmar que o processo de midiatização não substitui as relações outras, porém, diferente da mediação, a midiatização promove novas configurações, novas formas de ser religião. A título de exemplo,

da diferença entre mediação e midiaticização, acompanhamos a explicação de Sá Martino (2016, p. 37):

Um culto, cujas práticas litúrgicas seguem inalteradas, transmitido via rádio ou televisão é apenas uma mediação; porém, quando um culto é preparado, seguindo a lógica da televisão, onde o próprio rito passa a ser adaptado para que os enquadramentos e as tomadas de imagem fiquem adequados à transmissão, aí temos uma midiaticização. Neste sentido, a Igreja Eletrônica é um processo de midiaticização.

A midiaticização se trata de certa dependência da mídia, e o caso mais emblemático disso é o reverendo R. R. Soares que, segundo a história relatada na página da Igreja Internacional da Graça de Deus⁶¹, descobriu sua vocação quando ainda criança viu pela primeira vez um aparelho televisor rodeado de pessoas fascinadas e se perguntou: “Ninguém está usando esta nova invenção para falar do Senhor, meu Deus. Dê-me os meios e a oportunidade, e eu estarei naquela tela falando do Seu amor” (2018). Neste interim, a Igreja do reverendo é mais conhecida pelo seu programa “Show da fé” em horário nobre na TV Bandeirantes. Desde 1997 o pastor R. R. Soares compra o horário nobre em algumas Redes de TV até que consegue adquirir sua própria concessão de TV, a RIT.

Este processo de midiaticização da fé, por meio do que conhecemos de Igreja eletrônica, começa ao final da primeira década do século XXI a dar espaço para as Igrejas virtuais. Na esteira da própria midiaticização, a Igreja eletrônica começa a dar sinais de obsolescência à medida que novas mídias começam a ganhar espaço, principalmente com o advento das redes sociais. O tempo dedicado a televisão aberta vai aos poucos sendo substituído pelo uso das redes sociais e de serviços de *streaming*. Como afirma Spadaro no prefácio do livro “E o Verbo se fez Rede” (SBARDELOTTO, 2017, p. 17) “a TV passou a ser um ruído de fundo, o zumbido do mundo, não há mais lugar para ela no cotidiano do jovem e a fé não está fora dessa lógica”.

A lógica das redes sociais é bem diversa da lógica da TV aberta. Obedecendo a lógica da TV a Igreja eletrônica focava no espetáculo, dominava a estética do estúdio, a iluminação profissional, o áudio mixado, a excelência na música. De fato, para o padre Marcelo Rossi, por exemplo, não poderia mais ser apenas uma missa tele transmitida, agora deveria ser uma “showmissa”. As igrejas nativas deste período já eram concebidas na lógica da TV, pensadas, como no caso de R.R. Soares, para ser televisionadas. O templo é um grande estúdio, com direito a *Chroma Key*⁶², fundo infinito, pó-de-arroz, interação com a plateia e quadros internos ao evento. Já nesta nova lógica, o espetáculo exige um profissionalismo diferente, mais velado,

⁶¹ Interessante observar que a página da IIGD é produzida na lógica midiaticizada, possuindo inclusive a aba “Igreja Online” passando a ideia de uma Igreja que não depende da comunidade física. <http://ongrace.com/portal/?historia=r-r-soares> acesso em: 10 out. 2018.

⁶² Também conhecido como “fundo verde”, técnica básica para substituir um fundo de cor sólida por outra imagem.

com cara de improvisado. O que marca a passagem do espetáculo profissional para a ambiência das redes sociais são os *reality shows* e os vídeos caseiros com os pequenos desastres domésticos. De certa forma, as superproduções se tornaram entediantes à medida que as “estrelas” dos espetáculos foram se desumanizando esteticamente e culturalmente. Os *reality shows* marcam de certa forma esta passagem, embora aos poucos fossem revelando a sua falta de “realidade”. Já as redes sociais fogem da lógica da roteirização, sua fluidez garante que a audiência seja dada sem os filtros das emissoras e dos seus diretores de conteúdo, o que se revelou como uma “faca de dois gumes”. De um lado o espectador “decide” o que quer ver conforme seus interesses, de outro, um algoritmo complexo tende a fechá-lo em uma “bolha” social.

Neste novo contexto, importa menos o espetáculo fabricado ao passo que importa mais o sentido e a sensação de conexão com a realidade. O homem comum busca por esse sentimento de conexão, de aproximação, ele clama por existir. Essa busca é justamente efeito do acelerado processo de individualismo, de afastamento, de isolamento dos sujeitos na condição pós-moderna. Ao passo que as redes sociais tornam famosas pessoas comuns através do processo de viralização, na mesma velocidade que emergem as celebridades, submergem os indivíduos em seus vazios existenciais. As celebridades nas redes ganham notoriedade à medida que ganham seguidores e estes por sua vez sustentam a visibilidade daquele através de um pacto social de sentido. Neste pacto pouco hobbesiano cabe ao espectador não apenas consumir o conteúdo produzido pelo outro, é necessário que ele produza sentido com base no que ele segue e compartilha. Assim, a fé neste novo contexto, não é apenas uma experiência íntima ou mesmo de uma prática religiosa, ela gera um engajamento virtual em que o sujeito fala muito mais de si do que da causa. É como se ao compartilhar uma mensagem do Papa, o sujeito o fizesse não apenas porque o segue ou porque é católico, mas porque pensa como ele, é como ele, um pequeno Papa ao seu modo.

Na ambiência das redes sociais, ao proselitismo viral importa menos a mensagem e mais o Eu comunicante, ou seja, o conteúdo religioso não é em si a mensagem, mas sim a autoafirmação do sujeito. É pela propagação de uma mensagem religiosa que o sujeito produz sentido sobre si. Esta noção coaduna com a ideia de testemunho levantada anteriormente. Se uma das facetas do testemunho era construir de si uma imagem negativa do passado antagonizando a mensagem positiva do presente, a faceta atual do testemunho, através das redes sociais, é dar visibilidade a um sujeito dotado de sentido no presenteísmo total. Retomamos aqui a ideia de simulacro em seu sentido mais perverso, é necessário repetir muitas vezes a representação, ensaiar várias vezes o discurso, até que ele pareça natural. Esse *bios midiático* é

levado a repetir várias e várias vezes, seja pelo compartilhamento de imagens ou palavras, que ele é um eleito, que está na lista dos agraciados por Deus ou pela sorte, na esperança de que repetindo isso, ele se torne então a imagem que ele criou.

Embora os entusiastas das redes sociais vejam nesta ambiência uma forma profícua de evangelização, é possível descrever os processos de afirmação total do sujeito, transformando a fé em mais uma forma de autodescrição e de autopromoção. Em outras palavras, dar sentido a sua existência naquela ambiência. Isso corrobora com a ideia de uma fé líquida, em que as crenças são selecionadas e apresentadas como forma de expressão da subjetividade, neste caso, da subjetividade em rede. Esta fé instrumental cumpre assim um papel de mídia já que o verdadeiro conteúdo é o sujeito.

3.3 CATÓLICOS VIRTUAIS

Para falar dos católicos nas redes sociais decidimos realizar uma breve genealogia dos aspectos comunicativos de sua religiosidade. Sob pena de sermos superficiais, levantamos alguns elementos históricos no intuito de reforçar nossos argumentos, a saber: i) que religião é comunicação na sua forma mais profunda; ii) que o catolicismo sempre esteve atento aos processos comunicacionais embora nem sempre tivesse a resposta mais eficiente; iii) o *bios midiático* não tem a fé como conteúdo, mas sim como *mídia*.

Desta forma, subdividimos esta tarefa para responder três perguntas: O que é ser católico em tempos de midiatização? A Igreja é eficiente institucionalmente na comunicação? De que forma padres e leigos, a partir de si mesmos, se tornaram peça chave neste processo de comunicação? As respostas transpassam os subcapítulos à seguir.

3.3.1 O que é ser católico: a multifacetada Igreja exposta nas Redes

O termo católico, traduzido do *koiné*⁶³ como “universal” ou “para todos” tem seu significado baseados nos chamados padres apostólicos, que entendiam que o cristianismo, a partir da mensagem de Paulo, não seria restrito a um povo específico, neste caso os hebreus, mas a todos que “aceitassem” a mensagem do Evangelho. Neste sentido original, o termo católico não era institucionalizado, ou seja, não significava ser adepto a uma instituição social, ou mesmo a uma hierarquia. Com o passar dos anos, a institucionalização do cristianismo, que

⁶³ Grego comum falado em toda banda oriental do Império Romano.

em gérmen já aparece entre os apóstolos, é reforçada por dois elementos, de um lado a necessidade de uniformização teológica – neste sentido uma necessidade de adequação ao pensamento grego; de outro lado a aproximação e conseqüente fusão entre Igreja e Império Romano, fazendo da Igreja certa guardiã do formalismo do direito romano.

Muito embora, estas duas forças institucionalizantes tenham alcançado certo êxito, a Igreja nunca deixou de ser plural. Agamben reconhece em “*O mistério do mal*” que internamente a Igreja possui forças antagônicas, que ao mesmo tempo em que se opõem, mantém viva a instituição. Se observamos a história da Igreja sob certa perspectiva, não são poucos os movimentos internos que promovem esta distensão interna, este estiramento ora teológico, ora político. Apenas a título de exemplo, pensemos a importância do movimento franciscano dentro e fora da Igreja. Além de ser um movimento pré-reformador, causou tal distensão que chegou a ser banido oficialmente e colocado na clandestinidade como movimento herético. No entanto, seu impacto na filosofia e na formação das universidades foi fundamental. É impossível pensar a ciência moderna sem o empirismo, é impossível existir o empirismo sem o nominalismo – corrente reconhecidamente franciscana.

Historicamente, a Igreja católica se constrói destes movimentos que oscilam entre a “novidade do espírito” e a permanência da doutrina. Tais movimentos são comparáveis a pulsação de um coração cuja existência de vida depende tanto da sístole quanto da diástole. Tais movimentos não deixaram de existir com Reforma, embora os reformadores rompessem definitivamente com Roma, ainda assim, dentro do “seio” da Igreja permaneceram movimentos contrários, alguns à beira de uma ruptura, outros por questão política, levados a clandestinidade como os jesuítas.

Quando a Igreja parecia cada vez mais encapsulada pelo medo da modernidade, numa tentativa desesperada de se auto afirmar, se reúne no chamado Concílio Vaticano I e apresenta ao mundo o dogma da infalibilidade papal. Parecia realmente que a Igreja sucumbiria no século seguinte, pois sua postura já não parecia mais se comunicar com o mundo cada vez mais secularizado. Com a Igreja cada vez mais hermética, restrita a esfera da vida privada e de tentativas de diálogo com o mundo, como a *Rerum Novarum*, parecia soar destoadada, sem um real impacto na sociedade. Enquanto isso a internacional socialista avançava em várias frentes europeias, o liberalismo dava as cartas no funcionamento do capitalismo e o imperialismo era a política internacional de fato. Vem o século XX e com ele duas grandes guerras, a revolução russa, a revolução mexicana e o processo de descolonização da África e da Ásia. Era preciso “abrir as portas da Igreja” na fala de João XXIII.

A Igreja que se encontra no concílio Vaticano II parece estar realmente mofada. Forças progressistas pretendem dar uma resposta ao mundo marcado pela guerra fria, ao passo que a ala conservadora acreditava que a dose de autoafirmação do concílio anterior tinha sido pouco. O concílio aconteceu propondo uma série de reformas que desagradou a ala mais conservadora a ponto de alguns grupos mais tradicionalistas ainda hoje não reconhecerem as mudanças propostas.

Toda essa digressão histórica serve apenas para desenhar a condição atual da Igreja. Já se passou mais de meio século do concílio, com ele foram cinco papas, dos quais, um especificamente, João Paulo II, teve um dos papados mais longos da história. Internamente, vários movimentos ocorreram dentro da lógica apontada no início desta reflexão, e com eles, o surgimento das novas mídias e a necessidade do catolicismo se adequar à nova realidade.

Embora a barca de Pedro navegue em águas bastante desconhecidas, não é possível afirmar que os que estão dentro da barca estejam confiantes nos rumos que a nau tem tomado. As dissensões internas permanecem e ganham cotidianamente mais visibilidade graças a esta nova ambiência. Os debates, antes restritos às cúpulas eclesiais sobre o rumo da Igreja agora se tornam abertos, envolvendo pessoas comuns e até mesmo adeptos de outras igrejas.

Diante de todo este cenário, cabe a pergunta: o que é “ser católico”?

Tal pergunta deve contemplar as inúmeras possibilidades de expressões subjetivas e institucionais. Se fora do ambiente das redes sociais “ser católico” pode significar ser “batizado”, ou seja, pertencer a uma comunidade de fé até que se abdique formalmente desta condição, dentro da ambiência virtual isto pode ter outro significado. Sbardelotto afirma que “o fluxo de sentidos sobre o que é ‘ser católico’ – seus saberes e fazeres – encontra brechas e escapes no processo de circulação social, indo muito além (ou ficando muito aquém) dos interesses eclesiais” (2017, p. 59). Desta forma, o “ser” aqui é condicionado pela autoafirmação e não por uma condição doutrinal ou institucional específica. Voltamos novamente ao conceito de fé instrumental. Apresentar-se como católico nas redes sociais vai além da condição de pertencimento a uma igreja, é uma forma de subjetivação. Porém, também nas redes sociais, tal como na ambiência física, a catolicidade é multifacetada, o que incorre em um problema ainda maior: que segmento este “ser católico” pertence.

Nessa nova ambiência sociocultural midiaticizada, tais construtos comunicacionais católicos se manifestam cada vez mais como cristalizações das aspirações e das necessidades dos diversos sujeitos sociais em sua construção de sentido, afastando-se aos poucos de um “centro” norteador marcado pela instituição e pela autoridade. (SBARDELOTTO, 2017, p. 60)

Cada vez mais as redes expõem a diversidade do “ser católico”. Esta diversidade pode ser lida de duas formas: de um lado elas exprimem algo que sempre pertenceu ao catolicismo, a pluralidade, que mesmo combatida em diversos períodos históricos nunca deixou de existir, por outro lado, a abrangência desta diversidade foge as noções habituais de identidade e unidade. A título de exemplo, sob o mesmo guarda-chuva do catolicismo, ou seja, se intitulando católicos, temos os “Católicos Antifascistas” (@CAntifascistas) e os “Católicos Pró Brasil” (@catolicosprobr): a primeira página, reúne publicações de esquerda, crítica ao governo atual, ela compartilha inúmeros posts de outras páginas igualmente de oposição. Interessante destacar que a página compartilha posts jornalísticos com chamadas para jornais de grande circulação ou mesmo sites jornalísticos com “*The Intercept Brasil*” ou “Mídia Ninja”. Da mesma forma existem inúmeras postagens que replicam falas papais e da agência oficial do vaticano. Já a outra página, a “Católicos Pró Brasil”, é abertamente de direita e conservadora. Compartilha mensagens do Padre Paulo Ricardo, combate a “teologia da libertação” e o “comunismo infiltrado” na CNBB. Em um post de 8 de setembro de 2019 conchama os católicos a rezarem por Jair M. Bolsonaro que estaria passando por uma cirurgia. Porém a grande maioria dos posts é antimarxista alertando para o “marxismo cultural”, tal como o recorte à seguir:



Figura 15: Católicos Pró-Brasil Disponível em: <https://twitter.com/catolicosprobr/status/1176621970236071937>
Acesso em: 20 nov. 2019.

Estes dois exemplos são uma minúscula amostra, adiante abordaremos como este “ser católico” atinge também o clero, as instituições internas e como parece haver uma “guerra” pelo uso da catolicidade em um amplo interesse político e econômico internacional. Neste sentido, a necessidade de definir o que é ser católico por parte destas forças é uma das estratégias de controle e dominação mais frequentes.

3.3.2 As agências oficiais e os sujeitos midiaticizados

A Igreja católica sempre constituiu formas oficiais de comunicação ao passo que também buscou mais recentemente formas de compreender os processos comunicacionais. Aqui nos debruçaremos mais sobre as estruturas e estratégias de comunicação do que sobre os discursos construídos mais recentemente. A tradição da Igreja remonta as epístolas, bulas e encíclicas desde os primórdios do cristianismo até os dias atuais. Com Gutemberg houve a revolução da imprensa, de modo que o próprio vaticano, com certo atraso, estabeleceu a *Gráfica Vaticana* em 1587, atualmente dirigida por brasileiro, padre Paulo Renato dos Santos⁶⁴. Apesar de a gráfica ter sido criada ainda no século XVI, o jornal *L'Osservatore Romano* foi criado apenas em 1861 e a *Acta Sanctae Sedis* foi criada em 1865 e sucedida em 1908 pela *Acta Apostolicae Sedis*, uma espécie de “Diário Oficial”.

Por muito tempo o Jornal *L'Osservatore* era o meio de comunicação mais eficiente do vaticano com os fiéis. Claro que é preciso compreender aqui que os fiéis atingidos pelo jornal eram em sua maioria europeus e que a atenção maior a esta publicação em outros países vinha do próprio clero. Em 1931 foi criada a Rádio Vaticana pelo Papa Pio XI e a partir daí o rádio se tornou o principal veículo de comunicação do Vaticano, como afirma o próprio lema: “*la voce del Papa e dela Chiesa in dialogo com il mondo*”. A emissora de TV do vaticano surgirá apenas no papado de João Paulo II em 1983 e já em 1996 iniciou o processo de convergência para o *Vatican Media*. Desde 1996, a proposta é mais ser uma produtora de imagens para outras emissoras e agências de notícias do que ser uma transmissora de TV em si⁶⁵.

Em 2015, o Papa Francisco decide então estabelecer uma grande convergência dos meios de comunicação do Vaticano, dando origem ao *Vatican News*. Esta reforma nos meios de comunicação do Vaticano está alinhada a dois movimentos de Bergoglio, de lado está todas as mudanças em marcha na Cúria Romana, o que implica diretamente em alterar certas figuras importantes nas congregações, prefeituras, secretarias e dicastérios eclesiásticos; e por outro lado, demonstra certa sensibilidade em relação aos processos de organização comunicacional que vem ocorrendo, estabelecendo uma convergência na emissão de informações por parte do Vaticano. O *Vatican News* (VN) enquanto portal iniciou suas atividades em dezembro de 2017,

⁶⁴ Informações disponíveis na própria página do Vaticano ([vatican.va](http://www.vatican.va)) link direto: http://www.vatican.va/roman_curia/institutions_connected/tipvat/documents/rc_ic_tipvat_doc_20011911_prof_p_o.htm Acesso em: 14 out. 2018 e conferido novamente em 25 fev. 2020.

⁶⁵ Esta compilação de informações está disponível no próprio site da Rádio Vaticana, hoje vaticannews.va.

reunindo de imediato o *Vatican Media*, a Rádio Vaticana e as páginas nas redes sociais. Ao que tudo indica, logo será reunido também o *L'Osservatori*.

Nas redes sociais, o VN possui uma conta em cada idioma para Facebook e Twitter, no entanto nos debruçaremos sobre as páginas em língua portuguesa, já que de uma língua a outra muda-se muito pouco os processos, dando a entender assim que existe uma política institucional. As produções do VN ocorrem todas em Roma, reunindo cerca de 650 profissionais de todo mundo. No Facebook, a página está registrada desde 2012, inicialmente era Rádio Vaticano, tendo mudado de nome em 16 de dezembro de 2017 com a reforma do dicastério. A página é verificada e possui a declaração de autoria indicando a secretaria de comunicação do Vaticano. Apresenta como membros da equipe de gerenciamento da página a comunicadora Mariangela Jaguraba, formada pela Pontifícia Universidade Gregoriana e a jornalista Andressa Collet, ambas brasileiras e residentes em Roma. A página possui quase 3,6 milhões de seguidores⁶⁶ com média de uma publicação por hora. Entre as postagens mais comuns estão compartilhamento de tuítes papais através do TweetDeck⁶⁷ e links de reportagens sobre a Igreja no mundo remetendo ao sítio do portal fora do Facebook. São também postados vídeos que remetem ao canal homônimo no YouTube. Apesar dos seguidores estarem na casa dos milhões, o engajamento, ou seja, as reações, comentários e compartilhamentos dificilmente ultrapassam os 3 dígitos, o que relativamente é baixo para uma página deste porte. Já as visualizações dos vídeos, via *Watch* atingem geralmente a casa dos 5 dígitos, o que demonstra o alcance da página. Comparadas em número absoluto às páginas já estudadas, certamente são resultados bastante elevados. No entanto, quando estes dados são relativizados ao tamanho da população brasileira, certamente o engajamento ainda é baixo.

No Instagram, ocorre algo semelhante à página @franciscus, que abordaremos no próximo capítulo. Trata-se de uma única conta e as postagens são realizadas em diversos idiomas. Para além de postagens sobre o papa, esta conta publica vídeos e imagens que remetem as reportagens do portal. A natureza do Instagram é conteúdo em imagem, por isso é perceptível nas postagens a preocupação em fotos bem feitas e que possam comunicar com o mínimo de escrita possível. A página no Instagram tem apenas 290 mil seguidores, o que é um número relativamente baixo se levarmos em consideração a própria página do papa que possui cerca de 6,5 milhões⁶⁸.

⁶⁶ Dados atualizados em fevereiro de 2020.

⁶⁷ TweetDeck é um aplicativo que integra o Twitter e o Facebook.

⁶⁸ Dados atualizados em fevereiro de 2020.

No Twitter, assim como ocorre também com o Papa, existe uma conta para cada idioma. O VN possui nesta rede 62,4 mil seguidores. A título de comparação, o @Pontifex_pt possui 4,3 milhões⁶⁹, o que corrobora, nos três casos apresentados a fragilidade da instituição frente aos sujeitos. A conta do VN no Twitter segue o mesmo padrão de publicação do Facebook, replicando postagem do Papa, compartilhando notícias em links que levam ao portal de notícias e vídeos do YouTube. Na lógica do *microblog* as mensagens devem ser curtas, por isso geralmente as mensagens são apenas “Olho” de notícias, com intuito de redirecionar o usuário para a página, tal qual fazem praticamente todos os portais de notícia.

Por mais institucional que a figura papal possa ser, ainda as pessoas, de forma geral se conectam com muito mais engajamento nas páginas (aparentemente) pessoais do que institucionais. Isso vai ao encontro com a lógica da “intimidade” com a “celebridade”. Uma página impessoal, institucional, de uma empresa ou mesmo de uma Igreja não aparenta ser um relacionamento humano. Por mais que se saiba que no caso do Papa, assim como no caso da maior parte das celebridades, quem gerencia as contas nas redes sociais são profissionais treinados para garantir tanto a segurança quanto a melhor comunicação possível da figura pública, o efeito psicológico de estabelecer relação é outro. Desta forma, uma página com mensagens do Papa Francisco, que se apresenta como ele, atrai muito mais que uma página institucional, que embora fale a maior parte do tempo dele, não possui esta “identidade”.

Conforme já vimos anteriormente em casos semelhantes em outras religiões, há identificação maior com pessoas do que com instituições, é um fenômeno recorrente nas redes sociais. Além do efeito psicológico já citado, precisamos estabelecer aqui outros elementos que compõem este fenômeno. Como nosso perfil em rede é um sujeito construído, em parte por algoritmos com base em nossas escolhas, em parte por nós mesmos através da própria autodescrição, as páginas que seguimos tendem a compor o nosso perfil. Assim é uma forma de “ser-no-mundo-digital” as relações que estabelecemos com as páginas e não apenas o que produzimos de conteúdo. Somos aquilo que conectamos! À medida que nossa existência nessa ambiência depende das relações que estabelecemos, fica bastante evidente que a preferência das pessoas em “se relacionar” com o Papa e não com a Igreja fala muito mais de suas subjetividades do que exatamente das instituições.

Outro elemento importante a destacar é o interesse pelo conteúdo. Enquanto o Twitter papal⁷⁰ posta diariamente frases colhidas a partir da homilia ou de algum discurso do Papa, a

⁶⁹ Dados atualizados em fevereiro de 2020.

⁷⁰ No capítulo 4 nos debruçaremos com mais profundidade sobre as mensagens papais, neste momento estabelecemos apenas uma breve comparação.

conta do VN posta notícias sobre a Igreja. Certamente que o usuário que prefere seguir o Papa e não o VN o faz também por uma escolha de conteúdo. Isso não significa que ao fazer escolhas por um conteúdo específico, o usuário não esteja também construindo a sua subjetividade em rede. A busca por conteúdos mais diretos, de referência pessoal e principalmente que estejam relacionados à busca de sentido atraem muito mais que notícias mais generalistas. A audiência do conteúdo, portanto, está vinculada também ao quanto ela fala do sujeito receptor.

Além do conteúdo há este *Zeitgeist*⁷¹ pós-moderno onde as páginas institucionais representam vínculos mais duradouros, em que assumir uma instituição pode significar assumir um posicionamento, algo mais profundo e mais sólido, que por outro lado, nas relações personalistas parece ser mais fluido. As instituições, tal como a Igreja, carregam uma imagem histórica, com um passado arraigado na tradição, enquanto o vínculo com as pessoas é muito mais baseado no carisma pessoal.

Por fim, temos ainda o elemento carisma. Uma página institucional que age como tal⁷² não tende a construir um carisma a sua volta. Diferentemente de uma celebridade como o próprio Papa ou outras figuras religiosas, o que o torna uma celebridade é a personalidade carismática construída ao redor do sujeito. Sabemos que o carisma, como afirmava Weber, é uma via de mão dupla, em que o carisma não pode ser construído apenas pelo sujeito carismático, ele depende dos demais agentes que depositam nele sua confiança, conferem a ele a força da liderança. O carisma assim se constrói na relação dotada de sentido. Com instituições essa condição é muito mais difícil.

Para além do *Vatican News*, temos outras agências nacionais e internacionais de comunicação, tais como a Agência Católica de Informações (ACI) (@acidigital) com cerca de 285 mil seguidores no Facebook e 50,3 mil no Twitter e 12,8 mil no Instagram. A ACI é um projeto para os países de língua portuguesa e espanhola, enquanto nos países de língua inglesa, principalmente os EUA, existe a EWTNNews. Tanto uma quanto a outra não são administradas pelo Vaticano. De postura abertamente conservadora, a ACI não faz oposição aberta ao Papa, porém costuma interpretar as mensagens papais de acordo com seus posicionamentos. Já a EWTN, é um serviço global de mídia que surgiu como uma rede de televisão no Alabama. É a maior empresa religiosa de comunicação do mundo, no entanto seu Twitter tem apenas 25,5 mil seguidores e no Facebook a marca supera 1 milhão. Analisando as postagens destas duas

⁷¹ Espírito do tempo, ou da história, era a forma hegeliana de indicar uma condição ideológica que está subjacente a realidade, como se conduzisse os comportamentos de maneira quase invisível.

⁷² Existem páginas institucionais que agem como perfis pessoais, passando a ideia de personificação da instituição. Alguns exemplos: Magazine Luiza, Prefeitura de Curitiba, Netflix etc.

contas, verificamos um *modus operandi* semelhante ao *Vatican News*, embora enquanto este se debruça quase sempre por atualidades, àqueles volta e meia trazem conteúdos relacionados ao Papa João Paulo II e ao Bento XVI, o que parece ser até certo saudosismo.

Outras inúmeras páginas institucionais católicas foram pesquisadas, muitas ligadas a paróquias, dioceses, instituições de leigos e congregações. Algumas com um número bastante elevado de engajamento como a Canção Nova e o Portal A12. De maneira geral, o resultado é muito parecido, as páginas pessoais de celebridades são mais atraentes ao engajamento que as páginas institucionais.

3.3.3 Da Igreja eletrônica aos Padres *on-line*: o caso Fábio de Melo

Parece estranho falar de padres *on-line* em uma sociedade onde estar *off-line* é o anormal. Porém, não estamos falando de nossas relações individuais com a mídia, como homens comuns e simples usuários. Estamos tratando de figuras públicas, influenciadores digitais, celebridades, que estabelecem uma relação pautada na mídia como parte de seu processo de agenciamento pastoral. Quando tratamos anteriormente da presencialidade física exigida pelo catolicismo, de forma alguma negamos a presencialidade virtual, e neste sentido, figuras proeminentes do clero cumprem este papel de onipresença na mídia.

A história do Brasil se confunde, em parte, com a história da presença do clero católico brasileiro. Não apenas porque o Brasil ainda ostenta o fato de ser o maior país católico em números absolutos⁷³, mas também porque na história do país a Igreja cumpriu um papel fundamental na formação cultural e política. Em sentido histórico podemos recordar figuras: como Manuel da Nóbrega e seu noviço Anchieta, padre Antônio Vieira, Frei Caneca, Padre Diogo Feijó, Dom Hélder Câmara, Cardeal Arns, Frei Betto e Leonardo Boff, apenas para citar alguns nomes mais expoentes que fizeram parte da construção política e cultural destas terras. Esta presença notória de figuras do clero na história do Brasil sempre esteve ligada a momentos muito marcantes como o processo de colonização, a independência política ou a história recente da ditadura civil-militar e o processo de redemocratização.

Recentemente, a Igreja foi aos poucos perdendo espaço no campo político, em parte, pela ascensão de um clero conservador no papado de João Paulo II, em parte pelo avanço das igrejas neopentecostais. Na igreja católica, uma faceta neopentecostal se construiu através do

⁷³ Conforme o último senso, em 2010, embora tenha diminuído em número relativo e absoluto, a população de católicos no Brasil supera os 123 milhões, o que faz do Brasil sozinho, cerca de 10% da Igreja Católica a nível mundial.

movimento denominado Renovação Carismática Católica (RCC). Este movimento ficou mais popular no Brasil nas décadas de 80 e 90, embora tenha surgido nos EUA na década de 60. Uma das características do movimento e um dos componentes que o aproxima mais dos movimentos pentecostais e neopentecostais é sua relação com a mídia. Primeiramente foi o tele evangelismo, que se desdobra em um investimento pesado em Rádio e Televisão. Tradicionalmente a Igreja no Brasil sempre esteve preocupada com formas de se comunicar e atingir o máximo de fiéis possível, a fim de manter-se hegemônica no país. A RCC se tornou uma espécie de linha de frente do catolicismo nos meios de comunicação. Aparentemente com uma nova roupagem, parecendo mais atual e mais musicalizada, a Renovação Carismática se apresentou com uma alternativa ao catolicismo tradicional cansado e ao catolicismo social politizado da Teologia da Libertação, visto com desconfiança por parte do Vaticano e de setores conservadores da sociedade brasileira.

Os programas e as redes de TV ligados a RCC são hegemônicos no meio católico. Em caráter nacional temos a Rede Vida (mais conservadora e com alguns programas da RCC), TV Aparecida (tradicionalmente a Rádio Aparecida sempre teve um grande alcance nacional, a TV tem uma maior aproximação com a CNBB e exibe alguns programas ligados a RCC), TV século XXI (canal ligado a Associação do Senhor Jesus, do padre Eduardo Dougherty, americano radicado no Brasil, um dos primeiros difusores da RCC) e TV Canção Nova (canal de uma comunidade de vida consagrada, uma das primeiras ligadas a RCC e lideradas por um dos primeiros padres brasileiros a aderir a RCC, o Monsenhor Jonas Abib).

Nesse percurso pela Igreja eletrônica, o precursor foi o jesuíta norte-americano padre Eduardo Dougherty. Utilizando da mesma receita neopentecostal, comprou horários na TV aberta, para apresentar o seu programa “Anunciamos Jesus”. Outras iniciativas locais também ocorreram neste mesmo sentido, sempre buscando por estruturas já existentes, até que uma união de esforços no final da década de 90 deu origem a Rede Vida de Televisão. Embora bastante amadora e com tecnologia limitada, foi a primeira rede católica de TV aberta a ter transmissão via satélite para todo o país. Da segunda metade da década de 90 em diante tem-se uma profusão de líderes católicos que passarão ao conhecimento do grande público.

Uma figura icônica do clero católico no tele evangelismo no final da década de 90 foi Padre Marcelo Rossi. Embora não fosse o primeiro “padre cantor” – na verdade nem era cantor – e nem mesmo o primeiro padre a aparecer na grande mídia (leia-se Rede Globo), Padre Marcelo se tornou um fenômeno de audiência. Com uma estética típica de padre jovem, mesclando o tradicional com o moderno (camisa com clergymam, porém colorida), ele frequentará vários programas de auditório convocando as pessoas com o famoso *hit* “Erguei as

mãos e dai glória a Deus”. Vale ressaltar que o seu primeiro álbum “Músicas para louvar o Senhor” ainda ostenta o título de álbum mais vendido da história, com mais de 3 milhões de cópias vendidas⁷⁴. Padre Marcelo abriu as portas das redes de TV comerciais para uma “certa novidade”, a saber, a religião como entretenimento. As falas, os comentários, as músicas remetiam a uma religiosidade mais lúdica e ao mesmo tempo mais intimista. Como era de se esperar, Rossi sofreu inúmeras críticas, principalmente de parte do clero mais ligado a Teologia da Libertação. Alguns criticaram seu descuido com a liturgia, os mais progressistas criticaram-no por “vender” um catolicismo pouco engajado com as questões sociais, outros o criticaram pelo baixo nível de intelectualidade de suas respostas quando inquirido sobre temas mais relevantes da sociedade e ainda há aqueles que o criticaram por puro recalque.

A presença de Padre Marcelo na grande mídia não durou muito. Tal como típico fenômeno da Indústria Cultural, ele não conseguiu sustentar os 15 minutos de fama. Não significa que ele esteja no ostracismo, pois suas missas são ainda muito frequentadas e as Redes de TV católicas tem espaço para ele, porém não tem mais a audiência que teve na passagem do século XX para o XXI. Na esteira do Padre Marcelo surgem outros padres motivados em buscar seu lugar ao sol na grande mídia. Muitos foram fenômenos regionais e outros até alcançaram uma amplitude maior como o Padre Zeca com o hit “Deus é 10!”. Mas nenhum conseguiu permanecer tanto tempo, seja na Rede Globo ou nos canais confessionais (TV Canção Nova possui um programa semanal, Rede Vida, TV Aparecida e século XXI) do que o Padre Fábio de Melo.

Padre Fábio é introduzido ao mundo da música católica ainda seminarista na congregação dos padres do Sagrado Coração de Jesus, fundada pelo francês Padre Leon Dehon, influenciado pelo grande precursor dos padres cantores, o recordista em composições musicais Padre Zezinho, e pelos seus professores Padre Joãozinho e Padre Léo. Fábio gravou seu primeiro álbum antes mesmo de ser ordenado sacerdote. Participou ainda de um álbum comemorativo com diversos cantores católicos, intitulado “Canta Coração”. Depois de ordenado, fez Mestrado e atuou certo tempo como professor. Quando sua fama começa a se tornar nacional, troca a congregação dehoniana pela Diocese de Taubaté, onde permanece até hoje.

Sempre com uma linguagem mais cordial e moderna, uma voz serena e de atitude acolhedora, padre Fábio transita bem em diversos conteúdos trazidos nos *talkshows*, coisa que Marcelo Rossi tinha bastante dificuldade. Pe. Marcelo acabou ficando em muitas “saias justas”,

⁷⁴ Informação veiculada por diversas mídias, o número oficial informado pela gravadora Polygram até 2011 é de 3.328.468 álbuns vendidos.

como no caso em que falou em uma entrevista ao fantástico que “homossexualismo é uma doença”⁷⁵. Padre Fábio, ao contrário, parece ser o “queridinho” de muitos grupos “modernizadores” dentro e fora da Igreja. Embora sua produção artística esteja diretamente vinculada a Renovação Carismática, ele foge do estereótipo e linguagem conservadora que a maioria do clero ligado a esta corrente aderiu. Dificilmente usando vestes clericais, Fábio está quase sempre com um visual “garotão”, corpo sarado, posando para fotos e reforçando sua imagem perante o público feminino.

Não obstante sua fama na televisão e paralelo a isso, Fábio se torna rapidamente um fenômeno no Twitter. Usuário assíduo das redes sociais, Padre Fábio é um típico caso de “hiperconexão”, compartilhando continuamente detalhes do seu cotidiano, tornando-se um “*digital influencer*”. Padre Fábio entrou no Twitter em 2009 e até 9 de agosto de 2019 ele possuía mais de 7 milhões de seguidores e a cifra de 18,8 mil tuítes, ou seja, uma média diária de quase 6 tuítes. Diferentemente do que se espera, Fábio não utilizava a rede como pura ferramenta de “evangelização”, pelo contrário, em uma análise rápida do perfil, é perceptível que ali o padre busca ser um “usuário autêntico”, utilizando o microblog como ferramenta de entretenimento e biografia em tempo real. Este dado foi inclusive objeto de uma crítica feita por um dos seus seguidores que fez questão de levantar dados sobre suas postagens, acusando o Fabio de Melo de estar mais preocupado em “lacrar do que evangelizar”.

A título exemplo reproduzimos a seguir alguns tuítes do Padre, que a rigor não possuem qualquer mensagem religiosa.

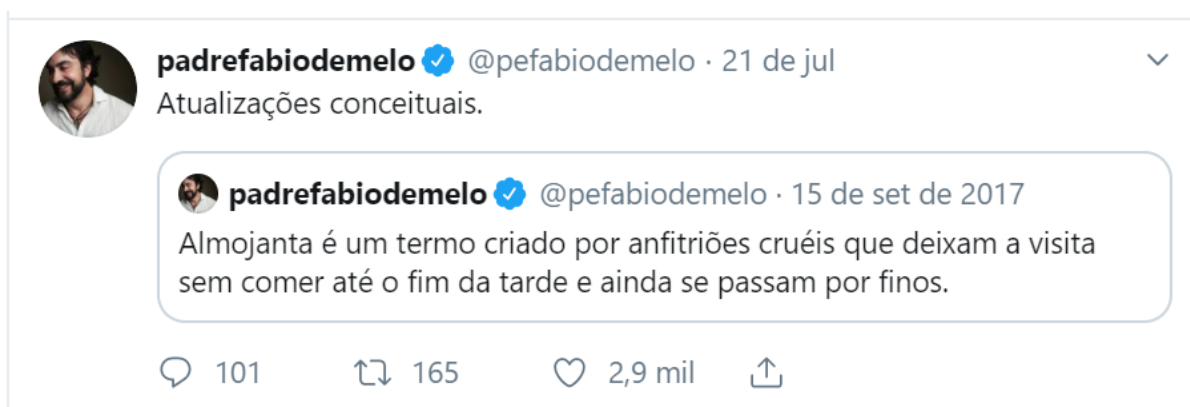


Figura 16: Tuíte de Fabio de Melo em 21 de julho de 2019.

Não são poucas as postagens do padre que nos remetem a um senso de humor bastante afinado. Desde sua adesão ao Snapchat⁷⁶, outra rede social, o padre costuma postar muitos

⁷⁵ Mais informações sobre o assunto em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff25119820.htm>

⁷⁶ Snapchat é um aplicativo de mensagens instantâneas voltado à imagens e micro vídeos. Foi febre entre adolescentes e jovens, porém acabou perdendo espaço, pois seus recursos foram aos poucos assimilados pelos aplicativos do Facebook Inc.

pequenos vídeos que são multiplataforma. Estes pequenos vídeos, que duram em média 8 segundos, são geralmente vídeos de situações engraçadas, ou “emulando” a voz do próprio Fábio. É muito comum também o padre aderir a alguma “modinha” destas redes, popularizando assim novidades nos recursos novos disponíveis nos aplicativos. Quando afirmamos anteriormente que padre Fábio é hiper conectado, nos remetíamos ao fato de que é muito raro que o Padre fique um dia sem tuitar, sendo assim é muito comum mensagem como esta:

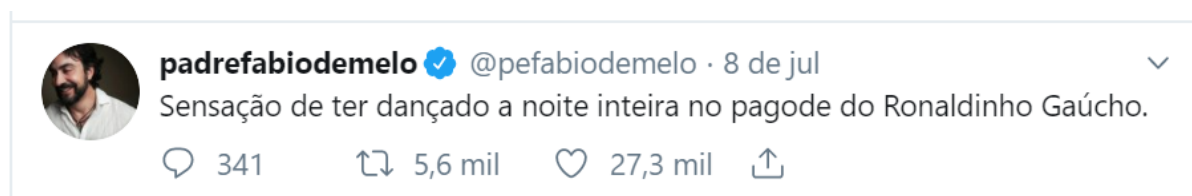


Figura 17: Tuíte do padre Fábio de Melo de 8 de julho de 2019.

São incontáveis as mensagens em que ele faz alguma reclamação do seu cotidiano, sempre com um bom humor, mas dando a entender que está exausto, que trabalhou bastante, que a vida é um pouco pesada. Embora mais raros, o padre também costuma divulgar seu trabalho através desta rede. Esta hiperconexão colocou muitas vezes o padre Fábio em apuros com os seus seguidores. Como se é de imaginar, assim como outros casos já relatados, ele também é vítima de comentários maldosos e muitas vezes de violência verbal. Na sequência de postagens a seguir, ele faz uma reflexão desta condição das redes sociais e de como isso começou a lhe incomodar.

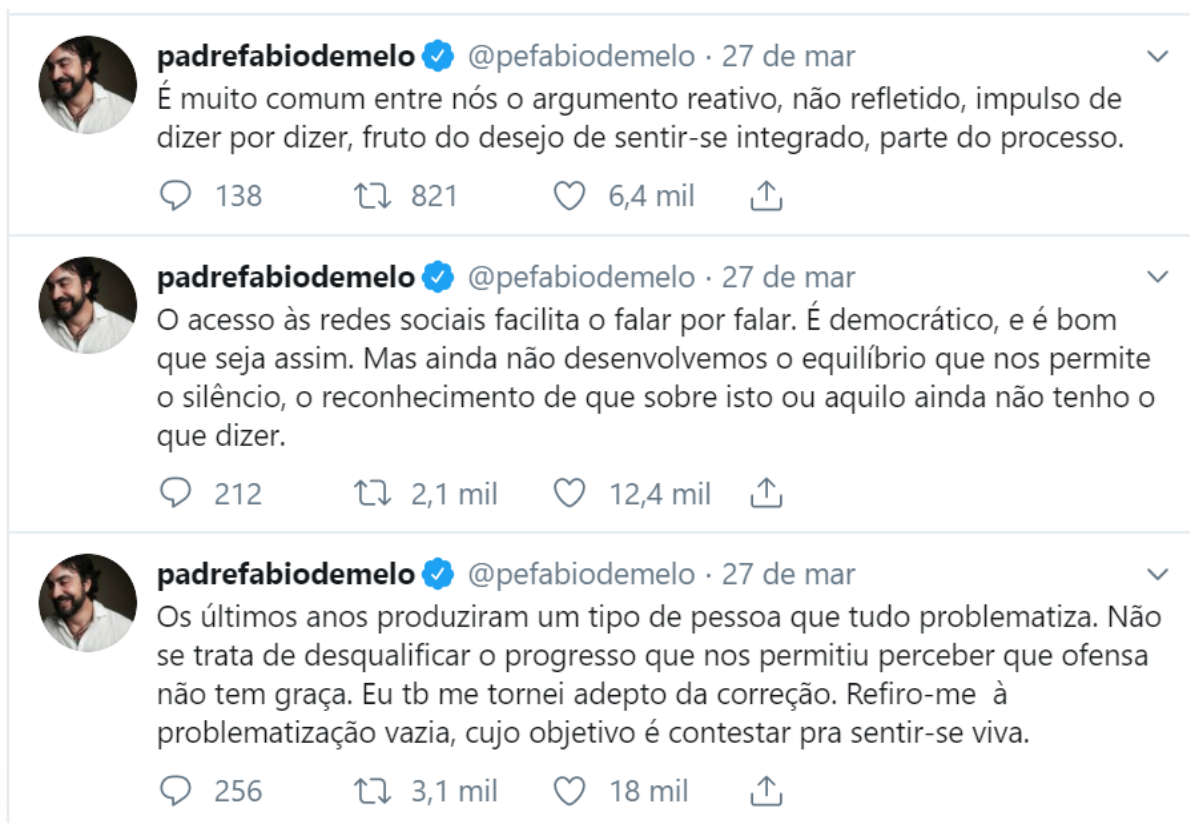


Figura 18: Sequência de Tuítes extraídos da conta do Padre Fábio de Melo no dia 27 de março de 2019.

Nas postagens retratadas anteriormente Melo fala indiretamente aos seus seguidores sobre o que de certa forma o uso das redes sociais estava lhe causando. Embora a imagem do padre esteja bastante vinculada à alegria, descontração, fé e sucesso, ele revelou em 2017 que passava por tratamento de depressão e síndrome do pânico, o que assustou seus seguidores. Porém a atividade de *haters* nas suas páginas, principalmente no Twitter, seguiram crescendo. Em nossa jornada para identificar a atividade odiosa, percebemos que muitos dos comentários maldosos são realizados por perfis que se intitulam “católicos conservadores”. Muitos destes católicos têm pouquíssimas postagens religiosas, a maior parte delas são postagens de cunho político, geralmente na defesa de uma suposta direita.

Em uma de suas postagens, em agosto de 2019, o padre se envolve em uma “treta” no Twitter que o leva a abandonar a rede por cerca de seis meses. Em uma postagem o padre sugere que a “saidinha” de Alexandre Nardoni é um equívoco e recebe uma enxurrada de comentários negativos. Cerca de 9,7mil comentários, 42,7mil retweets e 177mil *likes*. Segue a postagem e alguns comentários selecionados como ilustração:



Figura 19: Tuíte de padre Fábio de Melo sobre a "saidinha" de Alexandre Nardoni.

Alexandre Nardoni cumpre prisão desde 2008 por ter assassinado a própria filha em um caso que ficou emblemático na televisão brasileira. Segundo as perícias ele teria jogado a menina do seu apartamento simulando uma queda. Esta era a primeira vez que Nardoni estaria saindo da cadeia e tudo ocorria em conformidade com a lei de execuções penais. A indignação do padre, explicitada em alguns tuítes se dava pelo fato da primeira saída dele da prisão se dar no dia dos pais. Apesar da opinião do padre representar uma indignação legítima na opinião de muitos, grande parte dos seus seguidores consideraram sua postagem uma prova de ignorância e até mesmo de intolerância diante das regras penais.

A seguir alguns comentários a título de exemplo:

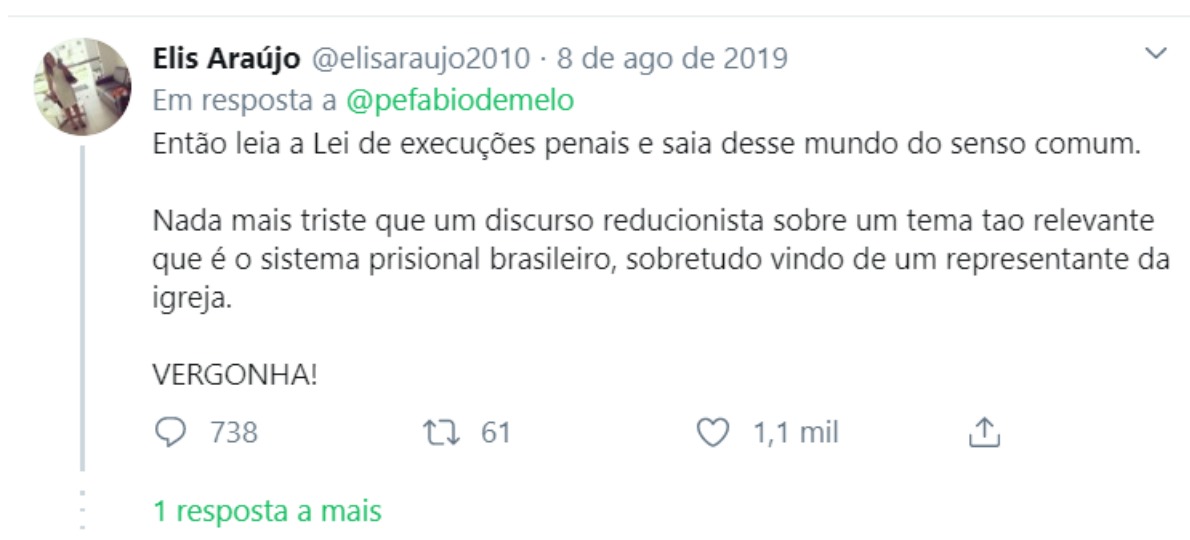


Figura 20: Resposta ao tuíte do padre Fábio de Melo em 8 de agosto de 2019.

O comentário da seguidora alcançou incríveis 1,1 mil curtidas e ainda 738 respostas. Embora não seja um comentário genuinamente *hater*, a seguidora bastante ativa nas redes sociais, não costumava comentar ou compartilhar qualquer coisa do padre Fábio. Observando mais a fundo o perfil dela, percebe-se que ela é “militante de redes sociais” alinhada à esquerda. Perfil bastante ativo, porém o tema é invariável: política. O padre, no entanto, costuma ser bem mais atacado pela direita e talvez por isso tenha sentido tanto nesta publicação.

A seguir, uma que costuma comentar negativamente suas publicações:

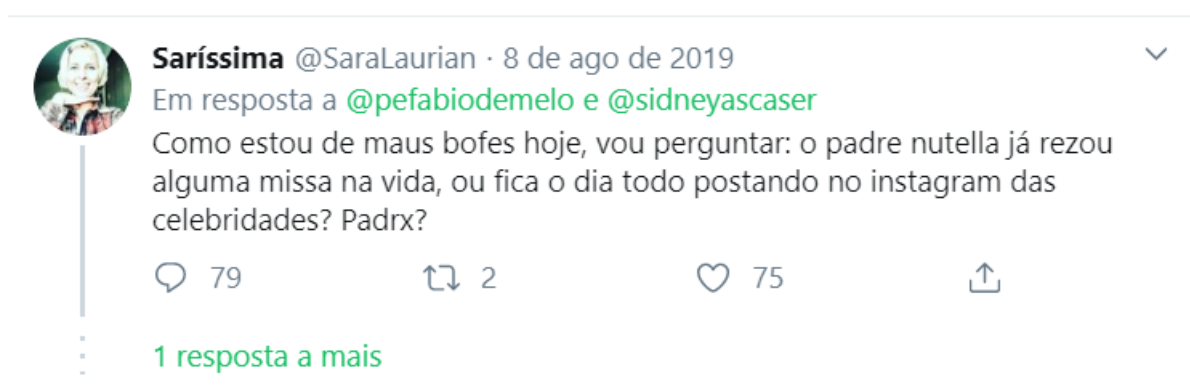


Figura 21: Resposta ao tuíte do Padre Fábio de Melo em 8 de agosto de 2019.

Mesmo sendo um perfil “de direita”, esta seguidora também o atacou, mesmo que possivelmente concordasse com o padre. De maneira geral, os comentários viraram uma guerra entre os que concordavam com o padre e os que discordavam. De um lado os que afirmavam que a “saidinha” era uma questão humanitária, de outro os que diziam que era uma agressão a memória das vítimas. Daí em diante o conflito discursivo foi “ladeira abaixo”, geralmente com ataques entre os próprios seguidores. Imagino que a esta altura o padre Fábio já havia se arrependido de ter comentado a notícia e que diante da repercussão, ele tomou consciência de

quanto as pessoas levam em consideração suas postagens. Ele tenta encerrar a guerra com as seguintes postagens:

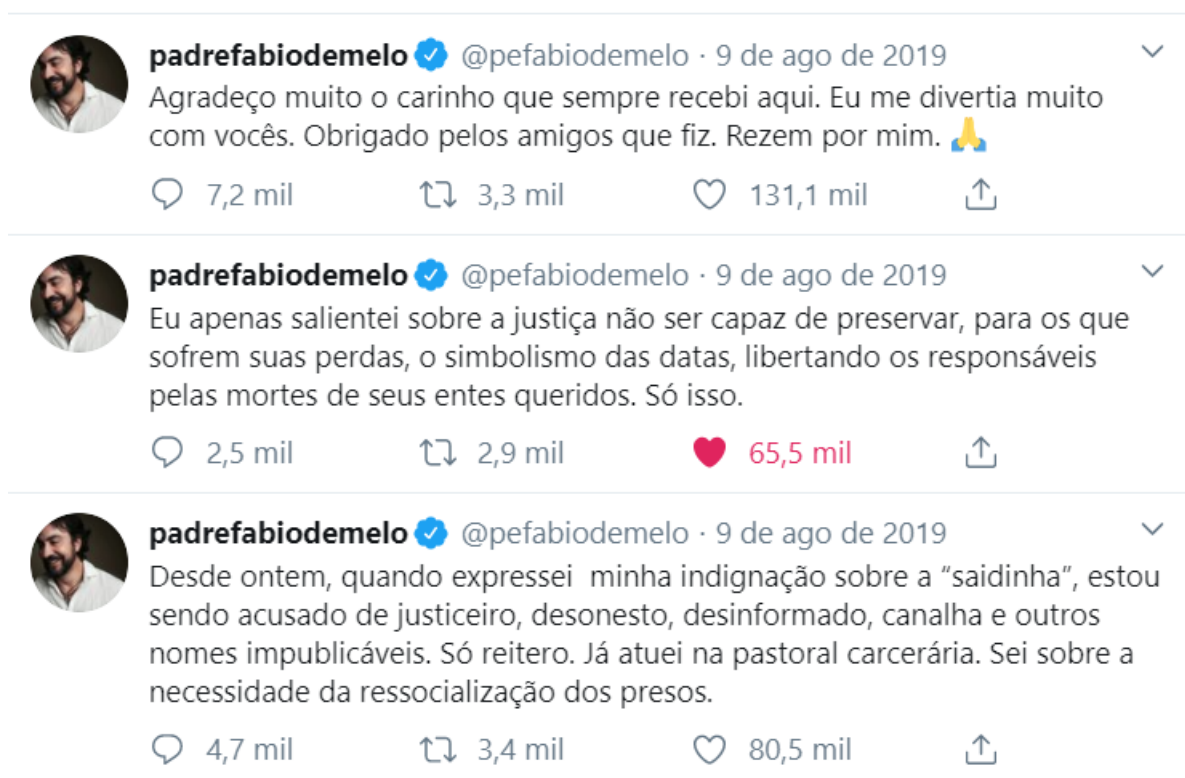


Figura 22: Publicações do Padre Fábio de Melo em 09 agosto 2019.

Padre Fábio faz um desabafo e se ausenta desta plataforma por exatos seis meses, retornando somente no dia 12 de fevereiro de 2020. O comportamento do padre Fábio é semelhante a de inúmeras outras celebridades das redes sociais, em que um post, muitas vezes casual e bem intencionado leva a um debate quase sem fim. Internacionalmente é celebre o caso de Mary Beard, professora de Cambridge, que tuitou um comentário sobre o escândalo da Oxfam no Haiti. Apesar de todo trabalho dela na área de história e das questões de gênero, ela foi dilacerada nas redes sociais. Seu caso ficou conhecido justamente pelo impacto e repercussão que gerou na Inglaterra. Em uma entrevista ao El País (BEARD, 2018, web), a professora comenta:

As redes sociais não mudaram a maneira como as pessoas falam ou pensam. Quando eu era estudante, costumávamos dizer coisas horríveis dos nossos professores, mas dizíamos isso no bar. O Twitter amplifica, e isso é bom. O importante é que você não tem de dizer que minha vagina cheira a repolho para dizer que não estamos de acordo. Que horrível seria um mundo em que todos estivessem de acordo! Tenho opiniões muito fortes sobre muitas coisas, que se enquadram nos padrões do feminismo. Queria que todos estivessem de acordo comigo? Claro que não.

Apesar da compreensão de que as redes sociais tendem a potencializar nossa capacidade comunicativa, seja de forma socialmente agregadora, seja de forma odienta, repercussões

negativas em relação às publicações pessoais tendem a afetar nossa forma de “ser-em-rede”. Este *bios midiático* não tem de fato um botão “on/off” que nos permita desabilitar totalmente a influência naquilo que sentimos, de modo que os efeitos psicológicos podem ser avassaladores. Embora muitos tomem atitudes como bloquear usuários e seguidores, abandonar sua conta por algum tempo ou mesmo encerrar definitivamente o uso de uma determinada rede, tudo isso é de alguma forma uma demonstração do quanto insalubre pode se tornar uma rede social.

Em seu retorno ao Twitter, o padre Fábio já encara de imediato mais uma situação típica:



Figura 23: Troca de tuítes entre Padre Joãozinho e Padre Fábio de Melo em função do seu retorno.

Embora ambos sejam amigos de longa data, pertenceram a mesma congregação, Joãozinho foi orientador espiritual e professor de Fábio e já gravaram e escreveram várias músicas juntos. A troca de “farpas” virou sensação na internet e mesmo a postagem tendo sido apagada, não foi o suficiente para não virar “meme”. A rixa ficou conhecida como “Rinha de Padres”, “Clube da Missa” e “Clube da luta cristã”, “Dois padres: o inimigo agora é outro”, “Dorime e Ameno”, “Abençoados e cancelados”, “Francisco corre aqui ver uma coisa...” entre outros.

Não apenas no Twitter o Padre Fábio é celebridade, no Instagram o Padre Fábio (@pefabiodemelo) possui 18 milhões de seguidores. Isso sem contar nas inúmeras páginas homônimas que usam seu nome para angariar seguidores, já que essa é a grande moeda do Instagram. Suas publicações no Instagram costumam ser diferentes das do Twitter. Na rede

social das “*sefies*”, o padre, que está na casa de 4,5mil publicações, costuma postar fotos com outras celebridades além de frases motivacionais e alguns pequenos vídeos, cujo sentido se completa sempre com as legendas mais cômicas. Como o foco no Instagram está na imagem e não na escrita, os comentários costumam ter menos importância e isso tem servido para barrar um pouco da atividade *hater*. O engajamento nesta rede costuma ser ainda maior. As frases motivacionais costumam estarem sempre na casa dos seis dígitos em curtidas, os vídeos chegam a mais de um milhão de visualizações e os comentários em geral passam sempre de mil. Além disso, o padre costuma a postar “*stories*” e “*lives*” que, como nos demais casos, têm uma audiência absurda.

No Facebook, o Padre Fábio possui uma conta estritamente comercial. Segundo o próprio padre, ele não usa mais o Facebook, de forma que sua página, com quase 7 milhões de seguidores nesta plataforma serve apenas para divulgação de seus livros e músicas. Nesta rede social, possivelmente gerenciada por um assessor de marketing, não aparecem as mensagens, sejam motivacionais, sejam cômicas como nas outras duas redes.

De forma geral, analisamos a figura do Fabio de Melo sobre dois prismas: um o da celebridade e outro o do religioso. É preciso salientar que não há separação factual entre os dois, e aqui estamos apenas em um processo de facilitação de leitura. Sob o prisma da celebridade, a grande questão é que Fabio de Melo tornou-se celebridade antes das redes sociais. Neste sentido, não podemos vê-lo como uma celebridade nativa do meio virtual, e sim, seu sucesso da TV se reproduziu nas redes sociais. Bom lembrar também que concomitante a ele, vários outros como apresentaremos a seguir, também vieram da TV, mas não tiveram o mesmo sucesso nas redes sociais. Sua condição de celebridade em rede se deve a sua alta exposição, Fábio de Melo é o que podemos chamar de hiper conectado, e embora boa parte desta conexão seja uma “superprodução” artística, é visível que ele é responsável pela maior parte de suas publicações. Sua intensa atividade é combinada com o conteúdo que ele vincula. A maior parte do conteúdo não tem relação com a sua atividade religiosa. Por outro lado, é preciso incluir aqui o fato de que qualquer celebridade explora uma relação diferente nas redes sociais. É como se o Instagram ou o Twitter fossem o aeroporto Santos Dumont, onde volta e meia fosse possível tuitar uma celebridade, uma estrela da TV ou da música, onde os seguidores sentem a oportunidade de falar com seu “ídolo”, verificar sua atividade, ou, com muita sorte, falar com ele.

Já nossa análise sob prisma religioso se dá nas publicações onde fé e autoajuda se confundem e se diluem. A religiosidade do padre não contradiz em si a doutrina católica. Por outro lado, a medida e a forma como ele a expõe suavizam em muito a moral e a doutrina

católica. Os aforismas e reflexões que o padre expõe são genéricos, de cunho motivacional, intencionalmente leves e intimistas. Serviriam tanto a um cristão quanto a um budista. Esta “leveza” é combatida por outras figuras, leigas e religiosas, que veem no comportamento do padre algo “morno”, sem identidade, uma espécie de comerciante de frases de efeito. Tal comportamento parece se alinhar àquilo que Vattimo (2016, p. 68) chama de “cristianismo não religioso”. Não é possível precisar se Padre Fábio é consciente disso, porém, é evidente que ele explora aspectos mais secularizados da mensagem cristã, sem nunca afirmar categoricamente a Igreja Católica ou a moral cristã como únicas ou verdadeiras. Vemos aquilo que Vattimo explica como sendo típico da época pós-moderna, em que, segundo ele o niilismo é a versão pós-moderna do cristianismo, diluindo a mensagem cristã em um contexto não religioso, tal como já abordamos no capítulo anterior. Neste sentido, podemos afirmar que sob o prisma religioso, o padre Fábio de Melo é um exemplar típico de fé na pós-modernidade.

Outros tantos padres têm significativa importância no âmbito das redes sociais. Destes podemos destacar: Padre Reginaldo Manzotti com 6,7 milhões de seguidores no Facebook, 673 mil no Twitter e 2,6 milhões no Instagram; Padre Ezequiel Dal Pozzo com 2 milhões de seguidores do Facebook⁷⁷, 198 mil no Instagram; Padre Alessandro Campos com quase 600 mil seguidores do Facebook e 790 mil no Instagram; Padre Zezinho, com 284 mil seguidores no Facebook, 107, 1 mil no Twitter e 152 mil seguidores no Instagram; Padre Joãozinho, com 220 mil seguidores no Facebook, 159 mil no Twitter e 194 mil no Instagram; Padre Paulo Ricardo com 1,4 milhões de seguidores no Facebook, 198,5 mil no Twitter e 723 mil no Instagram; Leonardo Boff⁷⁸ com 265 mil seguidores no Twitter e 474 mil no Facebook e Frei Betto com 45 mil seguidores no Twitter. Estes são apenas alguns exemplos de como o clero católico brasileiro ainda é influente na sociedade e de como isso se reflete nas redes sociais.

Embora os números de seguidores destas celebridades do clero sejam bastante elevados, em nossa análise no SparkToro a média de seguidores falsos fica na casa de 30%, o que é um número bem baixo para este tipo de conta. A título de ilustração, a análise do perfil do Jair M. Bolsonaro, que tem 6 milhões de seguidores no Twitter, já chegou na casa de 67% e hoje está em 46% de falsos seguidores.

Importante salientar também que o expressivo número de seguidores bem como o grande número de celebridades no clero não significa uma unanimidade no catolicismo. Pelo contrário, o que se percebe é um pluralismo de vertentes e de “segmentações de mercado”.

⁷⁷ Dados atualizados em fevereiro de 2020.

⁷⁸ Afastado do clero desde 1992, no entanto permanece sendo um dos teólogos mais influentes da Igreja na América Latina.

Embora o *modus operandi* da maioria deles nas redes sociais seja muito parecido, quase pasteurizado, com raras exceções, cada uma atende a um público bem específico. Esta segmentação obedece pelo menos a duas características: gênero musical e espectro político-religioso. Com relação a gênero musical, embora todos possam ser classificados com gospel ou música católica⁷⁹, internamente a este gênero, os padres celebridades, em geral cantores, podem ser classificados em estilos tais como pop, rock, sertanejo, litúrgico etc. Já em relação ao espectro político-religioso, esta divisão pode ser simplificada entre direita X esquerda, porém, dentro do catolicismo podemos amplificar isso entre ultraconservadores (TFP, ultramontanos, Atratos do Evangelho) conservadores (Legionários de Cristo e clero de algumas dioceses e congregações), carismáticos (Canção Nova, Associação do Senhor Jesus, comunidades de vida consagrada), pastoralistas (CNBB e maior parte do clero diocesano e religioso) e progressistas (Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação).

Esta multiplicidade de correntes representa também uma multiplicidade de teologias e eclesiologias que se contrapõem entre si ao passo que compõem internamente o catolicismo no Brasil e no mundo. Não é novidade no catolicismo esta multiplicidade de vozes internas, porém, em poucos momentos da história estas evidências estiveram tão palpáveis ao grande público, de forma que pudesse envolver o leigo, o *homem comum*, em questões aparentemente de interesse restrito da hierarquia. Desta forma, as redes sociais não apenas aproximaram o clero do leigo como também afrouxaram as relações de poder que existiam anteriormente, como veremos no próximo subcapítulo.

3.3.4 Os leigos como força comunicativa: a quebra da autoridade

Já mencionamos anteriormente sobre o papel das redes sociais nesta aproximação entre o laicato e os assuntos internos da hierarquia da Igreja. Este fenômeno, bastante recente, contraria certa tradição na Igreja apontada inclusive por Gramsci (PORTELLI, 1984). Não foram poucas as vezes que filósofo italiano se debruça sobre a questão religiosa e aponta o catolicismo como principal força ideológica na Itália. Seus apontamentos estão voltados principalmente sobre como a Igreja Católica exerce tamanha influência fazendo uma digressão histórica ao concílio de Trento e ao papel dos jesuítas na Igreja.

Para Gramsci, os padres da Companhia de Jesus foram os responsáveis por construir a versão moderna do “ser leigo” uma vez que eles capitanearam a educação católica nos países

⁷⁹ De maneira geral os católicos não aprovam o termo gospel e por uma questão de identidade preferem música religiosa ou música católica.

onde o catolicismo se manteve como religião oficial pelas concordatas. O Brasil, neste sentido, tem uma proximidade muito grande com o caso italiano estudado por Gramsci. A concordata católica, aqui conhecida como padroado, foi fundamental para criar uma estrutura de classes intelectuais interna à Igreja baseada na formação educacional. Se de um lado você tem um clero erudito, com no mínimo dois cursos universitários e uma rígida disciplina intelectual, de outro você tem leigos ignorantes cuja religiosidade será baseada na obediência à hierarquia. Tal processo de formação destas classes manteve as sociedades rigidamente católicas afastadas do domínio burguês até o século XVIII. A crise deste modelo hierárquico força a Igreja a se adaptar a realidade do Estado burguês no final do século XIX e início do século XX.

Essa aproximação do Estado burguês, dentro dos parâmetros estabelecidos pela democracia liberal, impulsionou a intervenção da Igreja no século XX através leigos. No entanto, uma vez que o leigo não gozava de credibilidade intelectual dentro da Igreja, se fazia necessário construir um sistema de formação básica para esta missão: assim surgem os inúmeros documentos que apontam para o apostolado leigo, desde Pio XI. Vale ressaltar que o primeiro congresso mundial de Apostolado dos leigos ocorre sob o papado de Pio XII em 1951, cerca de meio século após os esforços de construir uma “elite intelectual” entre os leigos capazes de representar a Igreja no mundo secularizado. Este movimento atuaria nos partidos políticos, o que, segundo Portelli (1984), se especializou como uma atividade da Ação Católica. No Brasil a Ação Católica foi criada em 1935 pelo cardeal Sebastião Leme, porém o núcleo central havia sido constituído já em 1922 pelo centro Dom Vital. De início ela reunia intelectuais católicos nacionalistas de direita. Gramsci já alertava para o fato de que o nacionalismo era uma forma de atrair as massas populares para a ideologia dominante, uma espécie de fanatismo leigo. Em *Concepção Dialética da História*, Gramsci (1978, p. 232) aponta que:

A “religião” popular que substituiu o catolicismo (ou melhor, que se combinou com ele) foi a do “patriotismo” e do nacionalismo. Eu li que, durante o processo Dreyfus, um cientista francês maçom – e explicitamente ministro – afirmou que seu partido queria extinguir a influência da Igreja na França, e, já que a multidão tinha necessidade de um fanatismo (os franceses usam em política o termo “mystique”), seria organizada a exaltação do sentimento patriótico.

Esta mística ou fanatismo, apontada por Gramsci, é constituída de uma “razão de viver” coletiva e popular. Ela é apontada como uma necessidade à vida das pessoas, uma necessidade de transcendência, de superação ou fuga da uma realidade. Para Gramsci, certamente este comportamento popular coadunava com a noção de religião “ópio do povo”, já apresentada por Marx. Por outro lado, ele percebeu que querer simplesmente abolir este comportamento popular

era impossível. Desta forma, em sua análise, o fascismo conseguiu de forma mais fácil vencer a Igreja usurpando a “mística” popular do que a combatendo.

Voltando ao Brasil, a Ação Católica (KADT, 2007), que a princípio teve tendências integralistas, vai se transformar em um movimento mais à esquerda a partir do final da década de 1940. Um leigo, que passou por este processo de mudança no espectro político é muito importante aqui, trata-se de Alceu de Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde. Sob orientação de Dom Hélder Câmara e vários outros leigos, a Ação Católica foi se constituindo muito mais do que um Apostolado Leigo, tornando-se uma força politicamente ativa e incômoda às elites de então. Não por acaso, a década de 1960 é marcada por uma cisão clara na Igreja, desde o magistério até o laicato, entre àqueles que defendiam a tradição e temiam as mudanças trazidas pelo Vaticano II e àqueles, chamados modernistas/progressistas, que, impulsionados pelos ventos da mudança⁸⁰, reconheciam a necessidade de uma Igreja mais popular, mais próxima da realidade do povo e consequentemente mais politizada.

Apoiados na Doutrina Social da Igreja, clero progressista e leigos até fizeram incursões no campo político partidário antes do golpe de 1964, porém sua atuação é mais reconhecida no campo dos movimentos populares (Ligas) e nas organizações sindicais. De maneira geral, a atuação dos leigos acabou sendo pulverizada e as articulações entre as diversas iniciativas se tornaram mais difíceis com o endurecimento da ditadura. No entanto, foi no seio de tais movimentos leigos, principalmente os ligados a juventude (JAC, JEC, JIC, JOC e JUC)⁸¹ que surgiram movimentos sociais importantíssimos de oposição a ditadura civil-militar que se sucedeu por 20 anos após o golpe. Boa parte das lideranças de esquerda, que mais tarde acabaram sendo perseguidas ou foram parar na clandestinidade, iniciaram sua militância via Ação Católica.

Com o Vaticano II, a presença dos leigos ganhou outro tom dentro da Igreja. Já na convocação para o Concílio, o papa João XXIII afirma que o laicato “se tornou sempre mais consciente de suas responsabilidades no seio da Igreja e, de modo particular, de seu dever de colaborar com a hierarquia eclesiástica” (1961). A partir daí se sucedem uma série de documentos conciliares, dos quais destacamos aqui a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, a Declaração *Dignitatis Humanae*, e os dois principais

⁸⁰ Na abertura do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII conclama os bispos a abrirem as portas e as janelas da Igreja para que os ventos da modernidade pudessem retirar o cheiro de “mofo”.

⁸¹ JAC: Juventude Agrária Católica; JEC: Juventude Estudantil Católica; JIC: Juventude Independente Católica; JOC: Juventude Operária Católica; e JUC: Juventude Universitária Católica. Tais movimentos articulados a partir das paróquias e das comunidades eram de maneira geral formadores de lideranças leigas, orientados de fora geral por parte do clero.

documentos para nossa análise, os decretos *Apostolicam Actuositatem* e *Inter Mirifica*, sendo o primeiro sobre a atividade do leigo na Igreja e o segundo sobre os Meios de Comunicação Social.

Do concílio até os dias atuais, praticamente todos os Papas, bem como as Conferências Episcopais dos países, em especial a CNBB, tem se ocupado profundamente do papel do leigo na Igreja e no Mundo. Já no parágrafo 3º *Apostolicam Actuositatem* (CONCÍLIO VATICANO II, 1965) o documento anuncia que os leigos “são consagrados em ordem a um sacerdócio real e um povo santo (cfr. 1 Ped. 2, 4-10) para que todas as suas actividades sejam oblações espirituais e por toda a terra dêem testemunho de Cristo”. O documento como um todo aponta para a missão sacerdotal do leigo nas diversas dimensões da vida social e eclesial. É perceptível no discurso que se busca mudar a linguagem que opunha Igreja ao “Mundo”, adotando muito mais a ideia de Igreja “NO” mundo como atividade do laicato.

Pela primeira vez a Igreja (CONCÍLIO VATICANO II, 1965) reconhece também que a mulher ao assumir parte mais ativa na sociedade, deve também assumir maior participação no Apostolado da Igreja. Esta maior participação no Apostolado significou uma abertura pastoral sem precedentes na Igreja Católica, pois aos poucos a mulher se desloca da condição de mera ouvinte passiva da liturgia e sujeito estranho a qualquer atividade pastoral, para o principal agente ativo das comunidades. Embora ainda hoje a Igreja possua uma hierarquia masculina e o “teto” feminino seja a vida religiosa, a grande imensa maioria das pastorais e movimentos na Igreja são conduzidos e realizados por mulheres, ou seja, sem a efetiva participação das mulheres não haveria Igreja. Isto é de fato uma novidade na Igreja, uma vez que a Igreja pré-conciliar restringia a participação de mulheres na atividade da Igreja, impedindo, por exemplo, de atuarem como ministros na liturgia, de ministrarem catequese ou mesmo de coordenarem pastorais, relegando a elas apenas a piedade popular através de orações repetitivas (novenas) e atividades braçais tais como limpar a Igreja ou lavar as alfaias. Embora haja muito espaço para o crescimento da mulher dentro da hierarquia, do Vaticano II até o Papa Francisco, a mulher vem avançando, mesmo que de forma tímida, os espaços de poder. A título de exemplo, na teologia pós conciliar, surge pela primeira vez teólogas que, entendendo a necessidade de aprofundar a questão de gênero na Teologia, dão origem a Teologia Feminista – termo que não é bem vista pelas alas conservadoras da Igreja.

Todas estas “novidades” conciliares são fundamentais na construção da conjuntura atual da Igreja, marcada por uma atividade pastoral intensa, mas também por movimentos leigos cuja prática religiosa beira a heresia. Veja o caso da Renovação Carismática Católica: surgida nos Estados Unidos na década 60, como parte do reflexo do próprio concílio, ela introduz na Igreja

elementos até então estranhos à fé católica, como o “batismo no Espírito” ou a glossolalia⁸². A RCC ganha força no Brasil a partir da década de 80 e trata-se de um movimento cuja origem é essencialmente leiga, sua condução e difusão ficou a cargo de pregadores leigos até que aos poucos pudesse ir atingindo o clero. Embora o movimento tenha chegado ao clero já na década de 90, ainda hoje, está muito longe de ser maioria, uma vez que sua proximidade com o neopentecostalismo é avessa a liturgia católica, ao mesmo tempo em que muitas pregações tangenciam a doutrina católica. No entanto, o movimento em si traz uma prática revolucionária que é a participação ativa de leigos em pregações. A pregação, dentro da tradição católica, sempre foi atribuída a missionários religiosos e ao clero. De maneira geral, estes são preparados em teologia, dentro daquilo que a exegese e a hermenêutica católica compreendem como “sã doutrina”. Porém, dentro da RCC, por influência do movimento neopentecostal, os leigos são chamados a “tomar o púlpito” e interpretar as escrituras à luz de suas próprias vidas. Esta mudança na operação comunicativa na Igreja, ameaçando de certa forma a autoridade eclesiástica, coloca em crise os discursos tradicionais eclesiásticos, muitas vezes herméticos e centrados sobre si, que não mais atingiam a realidade popular, ou, para usar uma expressão típica deste movimento, “que não mais falava ao coração”.

O avanço da RCC entre os leigos assegurou certo atraso sobre a expansão das Igrejas Neopentecostais no Brasil. Esta proximidade com o discurso e a conduta neopentecostal cumpriu um papel de “nicho de mercado”. Basicamente entre os “diversos segmentos” que a Igreja atende, existe uma demanda por um discurso mais intimista, espiritualizado, ávido por músicas e shows bem produzidos, uma espécie de “fé-pop” que por meio da RCC a Igreja consegue atender. Novamente, voltamos aqui para uma “fé mercantil”.

Outro movimento que deu autonomia e protagonismo aos leigos foram as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Ação pastoral capitaneada pela Teologia da Libertação. As CEB's ganharam força no final da década de 70 nas dioceses onde os bispos eram mais progressistas. Embora se caracterize por um movimento essencialmente leigo, toda sua organização estava a cargo do clero, que por sua vez, embebidos pelo espírito progressista do Concílio e das nascentes organizações episcopais latino-americanas, produziam uma teologia a partir da periferia. “*Dos pobres, com os pobres, pelos pobres, contra a pobreza!*” Esta nova teologia, engajada e revolucionária, que colocava a “opção preferencial pelos pobres” como centralidade de sua exegese e que via na horizontalização da hierarquia a condição fundamental para o

⁸² Glossolalia, ou oração na língua dos anjos, típica do movimento pentecostal, consiste em balbuciar sílabas aleatórias sem qualquer linguagem lógica, apenas expressando sentimentos. Trata-se geralmente de uma oração de louvor, em que o fiel não tem palavras para agradecer.

cumprimento do Evangelho, acabou mantendo o clero como os produtores do discurso. Sintetizando, o leigo era para a Teologia da Libertação objeto do discurso, mas nunca chegou de fato a ser sujeito do discurso. Isso fez com que as CEB's dependessem diretamente da disposição pastoral do clero diocesano. Ou seja, embora fosse um movimento leigo, periférico e capilarizado, a energia da manutenção deste movimento emanava do clero, o que explica o seu enfraquecimento a partir da década de 90, quando, pelos esforços do Papa João Paulo II, a Teologia da Libertação e as Dioceses mais progressistas passam a ser desmontadas.

Este cenário anteriormente descrito, apresentando como polos opostos CEB's e RCC, parece prefigurar o cenário atual, seja nas redes sociais, seja o campo político. Fugindo do simplismo maniqueísta, o que afirmamos é que a Igreja funciona como uma interface do sistema social em que é possível executar uma leitura do próprio sistema através dela. Enquanto as CEB's são uma iniciativa latino-americana, com características progressistas e mais à esquerda, trazem também o fato de dependerem de agentes de discurso elitizados, neste caso, o clero católico – ou parte dele – ligado a Teologia da Libertação, aos moldes do que Gramsci chamava de “intelectuais orgânicos”, ou, na linguagem do clero “fermento na massa”. Por sua vez a RCC é essencialmente estadunidense, conservadora nos costumes (e liberal na economia!), de discurso despolitizado, mas que, no entanto, conseguiu eleger vários deputados estaduais e federais nas últimas 5 legislaturas, tem apoio em parte do clero, porém sua maior força, ironicamente, está no laicato.

Esta quebra na hierarquia pôs em xeque a eclesiologia tradicional, de um lado questionado teologicamente pelo clero progressista e de outro pela conduta e atuação dos leigos carismáticos. Deste cenário, somado ao desenvolvimento tecnológico comunicacional, temos o surgimento dos “leigos *influencers*” que capitanearão uma “nova” onda conservadora no catolicismo. Dentre estes influenciadores, podemos destacar Gilberto Gomes Barbosa, Eros Biondini, Felipe de Aquino, Dunga entre outros. Destes aqui citados, nenhum faz ataques abertos ao Papa ou a membros da hierarquia da Igreja, porém reforçam o coro dos que defendem uma Igreja mais fechada aos costumes e menos aberta ao diálogo. Por outro lado, temos um grupo, pequeno, mas barulhento, que atua nas redes sociais e que faz abertamente ataques ao Papa, ou a membros do clero sem qualquer pudor. Deste último grupo, destacamos Bernardo Pires Küster.

Küster é um youtuber com 814 mil inscritos nesta plataforma, 150 mil seguidores no Facebook, 223 mil seguidores no Instagram e 344,6 mil seguidores no Twitter. Membro da

plataforma “Brasil sem Medo”⁸³, segundo ele maior agência de notícias conservadora do Brasil, ele é hoje um dos principais católicos defensores do bolsonarismo e do olavismo. Küster, que teria se convertido recentemente ao catolicismo por admiração ao Padre Paulo Ricardo e ao Olavo de Carvalho, é o que podemos chamar de “apologista pós-moderno”. A fé católica que ele diz defender é a tradição conservadora ameaçada pela “contaminação comunista” que o clero católico teve através da Teologia da Libertação. Segundo esta concepção olavista, a Teologia da Libertação seria fruto do “Marxismo Cultural”, uma espécie de terraplanismo para as ciências sociais, mas que, assim como o terraplanismo faz muito sucesso nas redes sociais, principalmente no Youtube.

O Neoconservadorismo católico se torna assim uma força clara entre os leigos, ao mesmo tempo que, tais como Küster, influenciados pelo negacionismo acadêmico, sentem-se autorizados a questionar os bispos e até mesmo o Papa. A partir daí tem-se os elementos que justificam os movimentos (alguns apenas virtuais) tais como “Tirem o PT do altar”, “A Hora de São Jerônimo”, “Christo Nihil Praeponere” entre outros.

Enfim, cabe a reflexão de Sbardelotto:

[...] o fiel católico, hoje, tem à disposição inúmeras opções para sua experiência de fé, porque o predomínio institucional da Igreja se afrouxa em comparação com períodos anteriores, dando à pessoa maior autonomia de escolhas possíveis. [...] Hervieu-Léger (2008) chama tal fenômeno de “bricolagens da fé”, em que o “próprio indivíduo produz, de maneira autônoma, o dispositivo de sentido que lhe permite orientar sua vida e responder às questões últimas de sua existência [...]”. (SBARDELOTTO, 2017, p. 104)

Esta plurivocidade do catolicismo se tornou ainda mais evidente com o domínio das redes sociais. Chegamos a uma espécie de religião a *la carte*, onde o fiel escolhe o catolicismo que lhe agrada, acredita que o seu é verdadeiro e o define como sentido para sua vida.

⁸³ Esta plataforma é também uma iniciativa de Olavo de Carvalho.

4 PAPA FRANCISCO: SUBJETIVIDADE E REPRESENTAÇÃO

O ano é 2013, menos de “dois meses após o fim do mundo”, quando todos estavam convictos de que a profecia maia estava errada ou pelo menos teria sido interpretada equivocadamente, eis que se sucede algo de extraordinário para a Igreja. Seria um sinal dos tempos? O que teria levado Ratzinger a renunciar ao mais alto posto da Igreja? O que haveria por trás de tudo isso? A Igreja e o mundo são sacudidos por uma avalanche de teorias, especulações, *fake news* e “profecias”. Elementos para uma teoria da conspiração não faltavam, porém não faltavam também motivos de fato para que o papado de Bento XVI se encerrasse. Com idade avançada, de saúde debilitada, rodeado de uma série de escândalos na cúria romana, o pontífice alemão viu sua Igreja em risco. Na carta de renúncia ele afirma não estar mais a altura cargo em função de sua frágil saúde.

Após sua renúncia, a bolsa de apostas para saber quem seria o novo papa se tornou o prato do dia na mídia. Bergoglio, no entanto, não aparecia entre os mais cotados, embora, após sua eleição, surgiram vários comentários de que ele já estava cotado desde a eleição de seu antecessor. Como já enunciado na introdução desta tese, o argentino Jorge Mario Bergoglio se transforma da noite para o dia em uma grande surpresa, seja pelo nome Francisco, seja pela origem jesuíta, seja pelo fato não ser europeu.

Os relatos, as entrevistas e os documentários que se construíram após a eleição buscaram apresentar ao mundo o argentino. A grande maioria buscou construir um relato biográfico, falando de sua infância, da juventude e o peronismo, da descoberta da vocação e dos períodos conturbados da ditadura militar argentina. Muitos e muitos relatos se construíram para tentar descrever quem era Jorge Mario Bergoglio, porém, é preciso entender que agora estamos falando de Francisco.

Mas por que é preciso diferenciar Bergoglio de Francisco? Bergoglio, assim como outros papas poderiam ter passado pela história sem serem percebidos, como *homens-comuns*, dedicados a suas vidas e ao seu cotidiano. No caso de Bergoglio, ele poderia ter continuado a sua carreira como Técnico de Química em algum laboratório ou poderia ser hoje uma “cura” piedosa em algum rincão da Argentina. Bergoglio, assim como nós, seria um homem-comum, pois sua biografia é justamente assim, retratada por inúmeros escritores e roteiristas que revelaram sua vida na última década. Muitos procuraram construir uma verdadeira hagiografia⁸⁴, no entanto, o que se apresentou de forma mais contundente é que Jorge Bergoglio

⁸⁴ Biografia de Santos.

não tinha nada de “anormal” ou “miraculoso” em sua vida “quase anônima” na Argentina. São tantas iniciativas de “contar a história” de Francisco, seja através de livros ou no cinema, que a biografia de Jorge Mario Bergoglio é praticamente um domínio Público. O que vamos brevemente apontar aqui é uma coletânea de informações retiradas de livros e filmes na última década. As obras aqui utilizadas⁸⁵, nesta breve biografia são “Peregrino” de Mark K. Shriver e “O Papa Francisco: Conversas com Jorge Bergoglio”⁸⁶ de Sergio Rubin e Francesca Ambrogetti. Para elucidar algumas questões, duas outras obras ainda serão consultadas: “En El nombre del Papa: La Iglesia y el gobierno argentino; los años en que Jorge Bergoglio fue un enemigo” de Mariano de Vedia e “El Papa & el Filosofo” de Alberto Methol Ferré.

Jorge Mario é descendente de italianos, nascido em 17 de dezembro de 1936 em Buenos Aires. Viveu toda sua infância e parte da juventude no bairro de Flores, sede do San Lorenzo, time de futebol pelo qual torce. Em sua juventude chegou a quase se casar com Amália, com quem costumava dançar uma “milonga acelerada”. Inicialmente cursou técnico em química, chegando a atuar na área. Em função de uma pneumonia grave acabou por perder um pulmão, o que o afastou também dos esportes. Ingressou para a Companhia de Jesus em 1958, graduou-se em Filosofia e Teologia, sendo ordenado presbítero em 1969. Passou por diversas funções dentro da Companhia, foi de mestre de noviços a superior provincial. Durante a ditadura argentina, algo bastante explorado por seus biógrafos, atuou na clandestinidade abrigando perseguidos e auxiliando-os a fugirem do país. Dois membros jesuítas, padre Jalics e Yorio, no entanto, foram presos e torturados pelo regime; em função disso, muitos o acusaram de ser “agente duplo”, algo que foi desmentido pelos próprios irmãos de congregação. Com o fim da ditadura e com a reestruturação das coisas na Argentina, Bergoglio como tantos outros que possuíam algum cargo de poder, foram associados a “Guerra Suja”⁸⁷, e com uma manobra interna da congregação o retiraram da condição de Mestre de Noviços⁸⁸. Após uma breve passagem pela Alemanha para fazer o doutorado, o enviaram para Córdoba, numa espécie de semianonimato, onde deveria cuidar dos padres mais velhos e atender confissões (SHRIVER, 2017). Este período, descrito pelos biógrafos como uma espécie de exílio, Bergoglio manteve um silêncio obsequioso, que segundo seus irmãos de companhia, serviu para acalmar uma luta interna do então padre Bergoglio. Esta luta interna se dava pela própria dificuldade de Bergoglio

⁸⁵ Optei por descrever desta forma a bibliografia utilizada no intuito de dar discursividade ao texto, haja vista que parte das obras estão em espanhol e não caberia neste momento muitas citações. Tais obras em geral possuem relatos semelhantes, mas sob pontos de vista diversos.

⁸⁶ Única biografia autorizada, baseada em uma entrevista realizada com Jorge Mario Bergoglio, ainda cardeal.

⁸⁷ Período ditatorial argentino em que o Estado foi governando por juntas militares (1976-1983)

⁸⁸ Posto importante dentro da Companhia de Jesus, pois tem a responsabilidade de formar novos membros para a ordem.

assimilar o fato de não exercer nenhum cargo relevante, já que desde muito cedo ele havia sido alçado a funções de evidência dentro da Província Jesuíta a que pertencia. Era uma espécie de noite escura.

Em 1992, Bergoglio é convocado⁸⁹ ao episcopado, inicialmente como Bispo Auxiliar e mais tarde como Arcebispo. Mesmo nesta época seu cotidiano era marcado pela rígida disciplina jesuíta, pequenos gestos e simplicidade nos costumes. Tornou-se Cardeal no Consistório de 2001 o que o tornou também primaz da Igreja argentina, no entanto sua audiência era extremamente portenha, o que não o tornava um líder global, ou mesmo nacional, no máximo, pode-se dizer, que era uma figura incômoda para o kichnerismo e que seus posicionamentos eram relevantes para a comunidade de Buenos Aires.

Bergoglio não era tão diferente de tantos outros bispos e cardeais da Igreja, não tinha na Igreja argentina uma tradição midiática, não possuía Twitter e não foram sequer encontrados registros de algum perfil no Facebook⁹⁰ que fosse certificado. Mesmo enquanto Cardeal sua presença na mídia sempre foi muito discreta, sendo resumida a entrevistas, publicação de artigos, recortes de sua homilia etc. Ou seja, é um equívoco afirmar ou mesmo imaginar que Bergoglio, em sua estada como arcebispo ou cardeal tivesse construído sua imagem através dos meios de comunicação. Enquanto muitos padres, como Júlio Grassi⁹¹ e José María Lombardero se destacavam em programas de rádio e TV, tornando eletrônica a comunidade eclesial, Bergoglio, embora incentivasse este tipo de prática, estava rezando missa entre os sem-teto e os *cartoneros*⁹² na periferia da capital argentina.

O que se descreve até aqui procura responder um pouco da pergunta quem é Jorge Mario Bergoglio, sua presença na mídia e sua atividade pastoral. Porém, falta responder: quem é Francisco? De antemão é preciso dizer que, a partir do aspecto comunicacional, Francisco e Bergoglio são duas pessoas bem distintas.

⁸⁹ Segundo alguns autores, este seria o terceiro convite ao episcopado. Em geral, os dois primeiros convites podem ser renunciados com mais facilidade, já renunciar o terceiro convite necessita de uma justificativa mais plausível e que nem sempre é aceita pelo Núncio Apostólico.

⁹⁰ Em nossa pesquisa encontramos uma página de apoio ao Cardeal Jorge Bergoglio criada em 13 de setembro de 2008 no Facebook. Segundo a transparência da página ela está alocada na Argentina e foi criada por Cecilia Fernandez Castro. A página indica também o sítio da Arquidiocese de Buenos Aires

⁹¹ Júlio Grassi é um sacerdote argentino que se tornou muito famoso nos anos 90, circulando nas principais redes de televisão argentinas e desfilando ao lado de gente famosa. Grassi, porém, foi denunciado por pedofilia em 2002 e depois de um processo que se arrastou por anos, foi condenado a 15 anos de prisão. Veja mais em: https://elpais.com/internacional/2017/04/29/actualidad/1493494657_943625.html

⁹² Catadores de papelão. Esta atividade se tornou emblemática em Buenos Aires depois das sucessivas crises econômicas consequentes da política neoliberal.

4.1 QUEM É FRANCISCO?

Existe muita especulação quanto aos conclaves que elegeram Ratzinger e Bergoglio. Quando da morte de João Paulo II, a Igreja tinha passado pelo terceiro maior papado da história, foram 26 anos como Papa. Karol Jozef Wojtyła foi eleito papa aos 58 anos de idade, e mesmo após um atentado com arma de fogo e acometido por um Parkinson severo, ele resistiu na cadeira de São Pedro até 2005. João Paulo II deixou uma constituição apostólica de “*motu próprio*”⁹³, a *Universi Dominici Gregis*, deixando claro no capítulo IV que qualquer revelação sobre o processo eleitoral é pena gravíssima e poderia gerar excomunhão. Neste sentido, toda e qualquer informação sobre os processos eleitorais que criaram Bento e Francisco, são meras especulações⁹⁴. Mesmo assim, sabe-se que, pouco antes do conclave de 2005, uma série de e-mails foram enviados aos cardeais eleitores com inúmeras denúncias contra Bergoglio, numa clara tentativa de interferir no processo eleitoral. Não é possível precisar se tais e-mails impactaram de fato no processo, mas sabe-se que Ratzinger foi eleito em um dos conclaves mais rápidos da história.

Durante o papado de Bento XVI, Bergoglio viu sua presença regional crescer, principalmente com a “V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano”, em que ele assume voz ativa em todo o processo, ganhando visibilidade e simpatia dos demais bispos. No entanto isso não significa que ele tenha ficado conhecido entre os fiéis fora da Argentina. Uma mudança radical acontece com o conclave de 2013, não apenas em relação a popularidade da pessoa Jorge Mario Bergoglio, mas também da personalidade pública. Antes do processo que alçou Bergoglio ao papado, relatam as fontes biográficas, que Bergoglio era de certa forma tímido, não se sentia bem com a exposição pública que não fosse litúrgica – cerimônias religiosas – ou concernente a sua atividade pastoral. Seu cotidiano marcado pela simplicidade não era objeto da mídia argentina, e geralmente quando a mídia o chamava, se tratava de algo sobre posicionamentos da Igreja, como por exemplo, uma entrevista ao “*Clarín*”⁹⁵ dada em 2003 sobre a Exortação Apostólica “*Pastores Gregis*” que acaba por centrar o assunto na saúde cada vez mais débil do Papa João Paulo II. Qualquer busca por imagens relacionadas ao período episcopal, encontrará muito mais imagens “*sisudas*” do que “*sorridentes*”, geralmente ele detestava ser fotografado, embora, as pessoas próximas a ele relatavam ser um sujeito cordial e de fácil convívio.

Seguem dois exemplos típicos de fotografias tiradas do cardeal. São imagens bastante comuns em qualquer pesquisa na internet, o que demonstra ter sido uma coleta bastante recorrente deste tipo de situação. Ao mesmo tempo, uma análise mais profunda, permite entender que enquanto Cardeal o interesse de fotógrafos e “*paparazzi*” era inferior ao atual, o que o tornava menos fotografado. Da

⁹³ De iniciativa própria, sem a consulta de órgão colegiados da Igreja.

⁹⁴ Jornalistas especialistas no Vaticano chegam a afirmar os números de votos que cada um recebeu e até mesmo afirmam que Bergoglio já era um dos favoritos em 2005.

⁹⁵ Disponível em: https://www.clarin.com/sociedad/cardenal-bergoglio-renuncia-papa-solo-futurismo_0_H1PZH3klAKx.html Acesso: 10 out. 2018

mesma forma o uso de sua imagem, seja político ou religioso, também não tinha a relevância que hoje possui.



Figura 24: Imagens do Cardeal Jorge Mário Bergoglio, típicas feições um pouco mais sisudas. Imagem da esquerda, bastante difundida em sítios argentinos, imagem da direita, arquivo vaticano 06 mar. 2013.

Sua nova condição fez nascer também uma nova imagem. Em termos de “close” ou “pose”, Bergoglio e Francisco são opostos. Estamos tratando de uma figura pública, cuja imagem faz parte de sua construção social. Toda e qualquer fotografia não retrata apenas um instante de obturação, mas busca retratar a personalidade do ente mirado. É inegável que sempre há uma intencionalidade do fotógrafo, mas também é inegável que há uma intencionalidade do fotografado. Porém, a captura do instante nos envolve no problema filosófico apresentado por Lissovsky (2008) sobre sua existência. Não cabe aqui toda a reflexão empreendida pelo professor, que, traz à baila desde Croce, passando por Bergson até Deleuze e Dubois⁹⁶. Concordando com Lissovsky, para quem o instante existe, e usando de sua reflexão sobre a relação entre o espectador⁹⁷ e o expectante⁹⁸, pode-se afirmar que, em termos meramente de imagem, Bergoglio não era dotado de “carisma”. O termo carisma, não aparece na reflexão de Lissovsky, porém, é imprescindível para compreender que o expectante, aquele que espera o momento oportuno para capturar o instante, espera também para capturar o carisma, pois o instante carismático é o objeto do espectador.

⁹⁶ Lissovsky ocupa-se no capítulo 2 de sua obra “A Máquina de Esperar” sobre a problemática do instantâneo. Retornaremos a esta discussão quando abordarmos o Instagram.

⁹⁷ Espectador: aquele que assiste a um espetáculo, que observa. Neste caso, ressalta Lissovsky que para Bergson, o espectador compreende a confluência de sentido entre **pose** e **espera** (p.59).

⁹⁸ Expectante: que espera ou observa em observação, neste caso o fotógrafo, mas também aquele que é fotografado.



Figura 25: Imagens oficiais do Papa: são de maneira geral as fotos mais comuns utilizadas tanto em redes sociais como em sites e jornais.

As imagens anteriormente expostas são bastante comuns, com aspecto alegre, de fundo desfocado e de olhar fixo a um terceiro que não o fotógrafo. Retrata uma figura simpática e acolhedora, uma espécie de “vovô feliz com a chegada do neto”. O instante aqui capturado é a imagem contínua de um papa que a Igreja precisa apresentar ao mundo. Diferentemente de Bento XVI, que embora se esforçasse, tinha sua imagem vinculada sempre a dogmática e a apologética, apresentando uma Igreja muito mais desgostosa da modernidade e cansada, Francisco traz a imagem de uma Igreja simples e carismática, avessa a própria estrutura do vaticano.

Nosso argumento aqui define a imagem de Francisco como o “instante carismático” capturado pelo obturador do expectante que antes, no próprio Bergoglio, pouco se captou. A imagem de Francisco é assim constituída como elemento papal, seu passado argentino pouco influenciou na construção deste carisma. As narrativas heroicas que foram construídas após o conclave, falando de sua atuação na ditadura, reconstruindo o seu passado, relativizando o seu silêncio em algumas situações, ou mesmo as biografias que buscam nos testemunhos de pessoas próximas descreverem quem era Francisco antes de ser papa, somente foram possíveis graças a sua condição atual. O que se afirma é que tais biografias jamais seriam escritas, testemunhos jamais seriam ouvidos, fotografias jamais ganhariam notoriedade e filmes jamais ganhariam as telas se Bergoglio morresse Bergoglio. Foi necessário Bergoglio tornar-se Francisco, e para que Francisco fosse Francisco, um Bergoglio no passado precisou ser construído e ganhar sentido em um longínquo rincão do mundo. Este argumento sobre a construção do carisma de Francisco poderia servir para a grande maioria das “celebridades”. Trata-se da narrativa do destino do herói.

Tais revisitações do passado são constituídas sempre na busca de justificar um determinado presente. Trata-se de um presentismo que significa todo o passado. Saindo da imagem instantânea – voltaremos a ela mais à frente – podemos perceber que as produções cinematográficas cumpriram em Francisco esta afirmação. Duas produções originais Netflix ganharam as telas uma no final de 2016 e outra no final de 2019. Um pouco mais tímida, a série italiana “Pode me chamar de Francisco”⁹⁹ (2016) dirigida pelo italiano Danielle Luchetti e criada por ele e por Martín Salinas, busca contar a história do padre Jorge Bergoglio na Argentina caótica do século XX. A série, de apenas uma temporada e distribuída em 4 episódios, busca construir um passado a Bergoglio a partir dos relatos biográficos dele bem como de outras biografias que foram escritas após o conclave. Ela retrata um pouco da juventude (antes de 1960) passando pela Guerra Suja (anos 1970) até a nomeação episcopal, saltando temporalmente ao conclave. Na série, há uma especial inclinação na “humanização” da figura do padre Jorge. Uma fala, que se repete algumas vezes na série, sintetiza a mensagem: “forte com a doutrina e flexível com a humanidade”¹⁰⁰. Padre Jorge é apresentado na série como sendo um sujeito afetuoso e receptivo, sempre disposto a ajudar e a acolher. Há um cuidado em apresentá-lo como apartidário durante a ditadura argentina, ao mesmo tempo em que se atribui a ele o acolhimento e a preservação da vida de vários perseguidos do regime. Suas ações clandestinas, ao mesmo tempo em que a sua ausência de um posicionamento público contra a ditadura em sua vigência, levaram Padre Jorge a ser taxado de agente duplo. Neste sentido, a série buscou “inocentar” Bergoglio, colocando-o na posição de diplomático, reforçando a ideia de que qualquer posição que ele assumisse na condição de superior dos jesuítas colocaria toda a congregação em risco. A preocupação em apresentar a diplomacia de Bergoglio, tal como foi apresentada na série, demonstra de antemão, a ideia de que Francisco é um diplomata, um negociador, um mediador, porque em sua história já o era como Bergoglio. Há necessidade de se reforçar aqui, que de modo algum se contesta que Francisco ou Bergoglio seja de fato um bom mediador, porém o que se constata ao analisar a série é que seus produtores buscaram destacar esta característica como uma espécie de “sentido divino” ou “vocação” de Bergoglio ao papado.

⁹⁹ Infelizmente a série não faz mais parte do catálogo da Netflix desde dezembro de 2019. Cf.: <https://olhardigital.com.br/cinema-e-streaming/noticia/os-filmes-e-series-que-saem-da-netflix-em-dezembro/94157>

¹⁰⁰ Original: *fuerte con doctrina y flexible con la humanidad*. A frase aparece em 3 momentos da série, sendo possível vê-la inclusive no trailer oficial a partir de 22 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C6J1AABLbH4>

Já a produção mais recente, o filme “Dois Papas”, se caracteriza por uma típica produção globalizada. Dirigido pelo brasileiro Fernando Meireles, com roteiro do neozelandês Anthony McCarten e estrelado por ninguém menos que os britânicos Anthony Hopkins (na figura de Bento XVI) e Jonathan Pryce (Francisco). A superprodução da Netflix ganhou inúmeras indicações ao Globo de Ouro e ao Oscar. Nesta obra, um encontro ficcional entre Ratzinger e Bergoglio, meses antes da renúncia de Bento e eleição de Francisco, apresentam duas figuras antagônicas que ao mesmo tempo se completam. O filme, aclamado pela crítica, ao contrário do que se espera, não os transforma em caricatura de forma maniqueísta. Pelo contrário, apresenta duas pessoas muito distintas e de opiniões muito diversas, porém, de maneira muito sutil, buscou humanizar a ambos, apresentando seus vícios, suas manias e seus cotidianos com um toque de humor. Embora grande parte do filme se trate de um episódio ficcional, sem qualquer comprovação de que tenha existido, as falas, as opiniões e principalmente as concepções teológicas condizem com a realidade. Segundo Meireles¹⁰¹, o diretor da obra, todas as falas foram construídas com base em textos, publicações, homilias, entrevistas e pronunciamentos oficiais. Em nossa pesquisa, pudemos confirmar que de fato, muitas das falas do filme integram documentos da própria Igreja como “*Amoris Laetitia*”, “*Misericordiae Vultus*” e “*Laudatio Si*” escritos por Francisco. “Dois Papas” reforça os elementos que intuímos desde o início desta pesquisa em 2016. A imagem de Francisco retratada no filme, mesmo os *flashback’s* da época em que era o superior jesuíta, enfatizam àquelas qualidades já retratadas em outras obras biográficas, qual seja, a necessidade de retratar um homem amistoso, acolhedor e aberto ao diálogo. Não se discute aqui que Jorge Mario Bergoglio não seja realmente tudo isso, possivelmente é tudo isso e mais um pouco, a grande questão é a necessidade de se reforçar tal imagem, de comunicar este Francisco. Obviamente, que tal imagem contrasta com o episódio do “Tapa Francisco”¹⁰², o que, de certa forma revela ainda mais a sua “humanidade”.

A imagem socialmente construída de Francisco, por diferentes formas de comunicação – TV, jornais, cinema anteriormente demonstrado – reforçam a ideia de que ele, mais do que o líder máximo de 1,3 bilhões de católicos, é de fato “alguém iluminado”. Tal imagem não foi iniciativa da Igreja em si, mas que aos poucos a própria instituição tendeu a assimilar a utilizar a seu favor. É notório que a imagem da Igreja estava “arranhada” sob o papado de Bento, não

¹⁰¹ Entrevista a BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50924694>

¹⁰² O episódio ocorreu no último dia de 2019 e ganhou grande repercussão. Ao caminhar entre as pessoas, o papa é puxado abruptamente por uma fiel e dá um tapa na mão da moça para se desvencilhar dela. Houve muitos comentários nas redes sociais, porém no dia seguinte o papa usa da homilia da primeira missa do ano para pedir desculpas pelo ocorrido.

exatamente por ele, mas pelos inúmeros escândalos que, apesar de graves, não conseguiam romper a inércia do santo padre. Talvez, e não temos dados suficientes para defender tal hipótese, fosse justamente a imagem manchada em que se encontrava a Igreja que ajudou Francisco a consolidar positivamente a sua imagem. Porém, uma variante nova, e esta é a nossa tese, é que a imagem de Francisco coincide com a consolidação das redes sociais. Vale lembrar que em 2013 o Facebook alcançou a marca de 1 bilhão de usuários¹⁰³ ao mesmo tempo que surgia o Instagram e que o Twitter se consolidava como ferramenta política após ter servido de instrumento de mobilização para a primavera árabe em 2012¹⁰⁴.

Afirma-se que Francisco, sua imagem e seu carisma, é um fenômeno típico das redes sociais. Isso em nada diminui seu significado e sua importância enquanto líder máximo do catolicismo, pelo contrário, o fenômeno conexial de sua imagem, contemporâneo em si, soma-se a figura tradicional do pontificado. Francisco é assim, talvez, o único líder atual a sintetizar a tradição do cargo com o carisma da personalidade. Francisco, sendo o bispo de Roma e não mais o bispo de Buenos Aires, ganha a centralidade da Igreja. Porém seu episcopado avançou para além da “*Urbi*” e atingiu uma nova “*Orbi*”¹⁰⁵, a saber, a ambiência das redes sociais. Em Francisco, o significado de “católico” é atualizado, pois ao designar universal, Francisco, por sua figura, abrange à universalidade também esta nova ambiência.

Quando se pergunta, portanto, quem é Francisco? Francisco é a resposta... a resposta da Igreja ao mundo, físico e digital, e a resposta do mundo a Igreja.

4.2 A IGREJA DE BENTO E A IGREJA DE FRANCISCO¹⁰⁶

Nesta etapa vamos abordar as políticas internas da Igreja. Para tal, apresentamos as seguintes inquietações: Francisco é mesmo um anti-Bento? Existe de fato uma separação entre os dois, ou a diferença está em como se comunicam? Existe uma partidarização? Existem diferenças teológicas? Quem era Bento na rede e quem é Francisco? Seria Francisco um reformador da doutrina, ou ele apenas conseguiu Ser-Pensar-Agir de modo mais próximo? Seria ele um papa kenótico?

¹⁰³ A notícia é do final de 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html>

¹⁰⁴ Conforme: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/18943/redes-sociais-foram-o-combustivel-para-as-revolucoes-no-mundo-arabe>

¹⁰⁵ *Urbi et Orbi*: Cidade e mundo em uma tradução livre do latim. Também designa a maior bênção do catolicismo.

¹⁰⁶ Embora este subcapítulo pareça remeter ao filme dois Papas, ele já estava planejado desde 2017, muito antes do anúncio do filme.

Existem diferenças óbvias entre ambos, porém é equivocado dizer que se trata de diferenças doutrinárias. Bergoglio nunca se opôs doutrinariamente a qualquer documento da tradição da Igreja, isso faria dele um herege, e embora a “dubia”¹⁰⁷ tenha questionado o seu ensinamento, tal oposição de alguns cardeais tratava-se de manobra política ao invés de uma contestação doutrinária de fato. Questões dogmáticas profundas não são sequer aventadas e mesmo questões não doutrinárias, porém delicadas como o celibato, o ministério feminino e orientações morais são sempre tangenciadas. Veja o caso do celibato: a Igreja jamais colocou o celibato como uma questão doutrinária, não se trata, portanto, de um dogma, de uma verdade de fé. O celibato é para Igreja uma questão disciplinar, construída historicamente e que possui reflexos econômicos e pastorais. O sínodo para a Amazônia¹⁰⁸ teve, em sua agenda, o debate sobre a abertura ou a facultação do celibato para homens casados na região amazônica. Somente o fato de tal assunto estar em pauta, tornou Francisco alvo de inúmeras críticas por parte dos conservadores. Leigos, sacerdotes e bispos se posicionaram duramente contra a possibilidade. As redes sociais foram então o principal termômetro contra esta agenda e a questão ficou polarizada. A carta “Querida Amazônia”, documento que encerra o sínodo, foi publicada sem qualquer margem a uma mudança nesta questão. Ou seja, não é possível dizer que Francisco teve condições de mensurar a questão através das redes sociais, no entanto, a polêmica gerada nesta ambiência deu força e voz aos conservadores que puderam mostrar sua força nas bases.

A repercussão da possibilidade de flexibilização do celibato para alguns lugares do mundo é uma proposta antiga na Igreja e praticamente todos os Papas, desde o concílio Vaticano II, se depararam com ela. Paulo VI, João Paulo II e Francisco não deram respostas diferentes, mas é importante reforçar que nenhum deles também encerrou em definitivo o debate. Em “Querida Amazônia”, Francisco recorre novamente a “diplomacia pastoral” para arrefecer a questão:

[...] São necessários sacerdotes, mas isto não exclui que ordinariamente os diáconos permanentes – deveriam ser muitos mais na Amazônia –, as religiosas e os próprios leigos assumam responsabilidades importantes em ordem ao crescimento das comunidades e madurem no exercício de tais funções, graças a um adequado acompanhamento [...].

¹⁰⁷ Em 19 de setembro de 2016, quatro cardeais, Carlo Caffarra, Walter Brandmüller, Raymond L. Burke e Joachim Meisner apresentaram ao papa uma carta com “cinco dúvidas” sobre os ensinamentos contidos em “*Amoris Laetitia*”. Segundo eles, o capítulo VIII da Exortação Apostólica causaria confusão doutrinária. No entanto, uma Exortação Apostólica é, em geral, uma síntese de um sínodo, trazendo uma espécie de conselho ou orientação pastoral e não tem, portanto, uma pretensão doutrinária. O mote do debate aqui se dá no fato do texto sugerir um “afrouxamento” na condição das pessoas que vivem em segunda união. O texto pede, na verdade, que tais casais sejam acolhidos e propõe “discernimento” sobre as condições irregulares, oferecendo os “atenuantes” como forma de reinterpretar a condição de pecado em que vivem tais pessoas. No entanto, os cardeais afirmam que isso contradiz a doutrina da Igreja, reforçando o caráter de pecado mortal que é a segunda união.

¹⁰⁸ O sínodo da Amazônia ocorreu no mês de outubro de 2019 e se debruçou sobre a evangelização em toda a região da amazônica envolvendo os bispos de diversos países que compõe esta região.

Portanto não se trata apenas de facilitar uma presença maior de ministros ordenados que possam celebrar a Eucaristia. Isto seria um objetivo muito limitado, se não procurássemos também suscitar uma nova vida nas comunidades. Precisamos de promover o encontro com a Palavra e o amadurecimento na santidade por meio de vários serviços laicais, que supõem um processo de maturação – bíblica, doutrinal, espiritual e prática – e distintos percursos de formação permanente. (PAPA FRANCISCO, 2019, p. §92 e 93)

O Papa fala ainda em uma cultura eclesial “marcadamente laical”, com um “incisivo protagonismo dos leigos”, ou seja, diante do risco de agravar a radicalização da oposição dentro da Igreja, Francisco, tal como fez em outros momentos, recorre a saída diplomática e como solução a falta de sacerdotes na região amazônica propõe leigos mais atuantes, “maduros e dotados de autoridade” (§94).

Tal exemplo aqui posto apresenta a marca de Francisco, que não é doutrinária e sim pastoral. Ratzinger apresenta, seguindo a tradição dos “Bentos” e seu passado acadêmico se apresentava como guardião da “sã doutrina”, um histórico que nunca, em paróquia ou mesmo como bispo, esteve engajado em atividades pastorais como seu predecessor – João Paulo II – ou seu sucessor – Francisco. Bento era um catedrático, professor, teólogo, com uma produção intelectual admirável, mas sem a sensibilidade pastoral. Neste sentido, Francisco é sim seu oposto. Bergoglio tem uma longa trajetória de administração pastoral, mesmo tendo sido professor, sua relação com magistério não era acadêmica, pois sua docência era aos leigos e não ao clero. Sua trajetória de mais de vinte anos como bispo, seu trabalho pastoral nas periferias de Buenos Aires o moldou como pastor. Porém, engana-se que há ruptura ou contradição entre eles. *Mater et Magistra*¹⁰⁹! Em Bento, *Magistra*, em Francisco, *Mater*!

Saímos por hora da seara doutrinal e adentremos naquilo que de fato se apresenta como mais antagônico: a comunicação. Acompanhando a pesquisa de Sbardelotto (2017) e Drescher (2011) o momento é de uma “Reforma Digital”. Neste sentido, João Paulo II introduziu as primeiras reflexões sobre a Internet, porém foi Bento XVI que conheceu um mundo de hiper conectividade. Segundo Sbardelotto (2017), o papa alemão reconhece que as tecnologias estão transformando não apenas o modo como nos comunicamos, mas a própria comunicação em si, cuja profundidade da mudança atinge a própria cultura. Estamos diante de tecnologias que não apenas amplificam nossas formas de comunicar, mas que alteram inclusive nossa cognição. Bento XVI, ao falar das redes sociais e das novas tecnologias comunicacionais parecia estar bastante “empolgado” com o que a “ágora” tecnológica tem a oferecer. Desde que a Igreja

¹⁰⁹ *Mater et Magistra*, Mãe e mestra em livre tradução do latim, é uma encíclica de João XXIII publicada em 15 de maio de 1961 por ocasião dos 70 anos da encíclica *Rerum Novarum* – das coisas novas – que dá origem a Doutrina Social da Igreja.

instituiu dia 24 de janeiro como Dia Mundial das Comunicações Sociais, todos os anos, desde 1966, os papas comentam, instruem, refletem e advertem sobre os meios de comunicação. No entanto, as reflexões e os documentos eclesiais sobre comunicação estão na esfera do debate muito mais intelectualizado, cujo alcance da práxis pastoral necessita ser medido de outra forma. Tanto Bento quanto Francisco são bastante otimistas em relação ao potencial evangelizador das redes sociais. Ambos encorajam os jovens a serem arautos nesta ambiência. Porém, a presença deles nas redes sociais, ou seja, uma verdadeira pastoral conexial, se deu de forma diversa, isso claro, levando em consideração o contexto histórico de cada um. Nesta pastoral digital, onde as conexões são diretas e re-significadas, o leigo-usuário da rede é o grande protagonista na produção de sentido.

Bento XVI inaugurou a conta @Pontifex¹¹⁰ em dezembro, porém dois meses após fez sua renúncia. Desta feita é difícil tratar de sua conduta na rede, no entanto, em 2013 as redes sociais já estavam em um processo de consolidação. A imagem de Bento já circulava nas redes e suas mensagens também. No entanto, destaca Sbardelotto (2017), que a primeira ação do Twitter papal foi a *hashtag askpontifex*, onde os usuários eram convidados a “perguntar” sobre “fé” ao papa, ou seja, um nível interacional bastante básico, cuja interatividade deveria estar circunscrita a uma ação e a um tema direcionado. Durante estes pouco mais de dois meses em que Bento foi um “papa no Twitter” foram emitidos 37 tuítes¹¹¹. Os tuítes sempre voltados para questões doutrinárias circunscritas a Igreja. Quanto aos usos da imagem de Bento, estes geralmente estavam ligados ao tradicionalismo, foram construídos, desde sua eleição, vinculando-os ao seu passado acadêmico e ao posto que ocupou por quase 21 anos como prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Possivelmente, o fato de ocupar por tanto tempo o posto em uma instituição sucessora da inquisição, o fez ser visto como inquisidor. Durante o papado, as agências de notícias se ocupavam mais em dar ênfase aos seus discursos conservadores, combatendo o aborto e a secularização.

Em termos de imagens, Bento era sempre associado a uma paramentação mais rebuscada, com ornamentos, luxo e formalismo; enquanto Francisco é visto como simples e despojado. A título de exemplo, seguem imagens do próprio “Servizio Fotografico Vaticano”,

¹¹⁰ A conta @Pontifex no Twitter é sempre seguida de *underline* e duas letras indicando um idioma, inicialmente foram criadas 9 contas (inglês, alemão, árabe, espanhol, italiano, francês, latim, polonês e português) cf. (SBARDELOTTO, E o Verbo se fez rede, 2017, p. 112). Foram acrescentadas mais tarde as seguintes contas, Pontifex_jp, @Pontifex_npn, @Pontifex_bo, @PontifexCN (conta não confirmada) entre outras que replicam a mensagem oficial.

¹¹¹ Cf. Sbardelotto, 2017, p.114. O arquivo indicado para acesso aos tuítes de Bento XVI não é mais disponível na internet. Restaram apenas imagens em terceiros.

algumas destas imagens somente estão disponíveis no acervo virtual do Vatican Media, outras (as de Francisco) estão disponíveis também no Instagram:

As fotos que seguem são consideradas fotos oficiais. São as imagens que ocupam as sacristias das Igrejas, os escritórios paroquiais e episcopais.

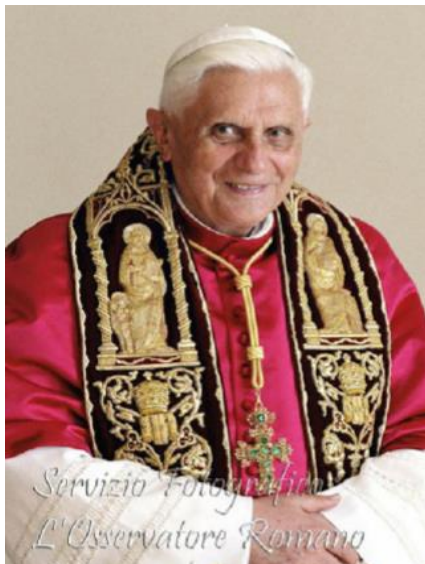


Figura 26: Primi Piani Benedetto XVI – Foto oficial distribuída para reprodução nas comunidades. (foto nº 00014-03 05 05 n 4) Acervo Vatican Media/L'Osservatore Romano. Disponível em photova.com.



Figura 27: Foto oficial do Papa Francisco - Distribuída às dioceses do mundo inteiro para reprodução. Acervo Vatican Media. Disponível em www.paulinas.com.br

Procuramos encontrar sempre imagens que retratassem o mesmo close, para que assim facilitar a comparação. Vale ressaltar que estas não são as únicas fotos oficiais, no entanto, não foi encontrada, mesmo depois de exaustiva pesquisa, uma imagem oficial de Francisco com a

mozeta¹¹² vermelha. A estola papal¹¹³ por sua vez, encontramos Francisco utilizando uma única vez, por ocasião da benção “*Urbi et Orbi*” que sucedeu o anúncio da sua eleição. Após isso, não se tem mais o registro de seu uso nas redes sociais. Ambas as indumentárias haviam sido utilizadas com muita parcimônia por João Paulo II, de forma que, os registros de seu uso são de solenidades muito especiais. Já em Bento XVI há inúmeros registros do uso destes dois paramentos o que acaba por corroborar, de certa forma, a pecha de luxuoso.

Na fotografia de Bento XVI, vemos tanto a mozeta, cobrindo os ombros até os cotovelos bem como sobre ela um crucifixo em ouro com pedras encravadas. A mozeta traz no seu simbolismo a monarquia e a configuração de vestes principescas. A luxuosa cruz parece muito mais um adorno caro do que o símbolo de uma religião. A reintrodução de tais vestes no cotidiano foram bastante criticadas internamente na igreja e externamente por críticos do Vaticano. Elas reforçavam uma imagem de uma Igreja muito mais preocupada com aspectos estéticos do que com questões realmente importantes do seu povo. De certa forma, tais vestes simbolizavam muito mais uma Igreja que se alienava cada vez mais do mundo, centrada sobre si.

Já o retrato de Francisco, bastante comum nas sacristias das igrejas, traz um papa bastante despojado, utilizando apenas aquilo que seria chamado de traje comum ou *abito casual*¹¹⁴. A batina papal é branca desde o Papa Pio VI, o papa que vivenciou a Revolução Francesa e morreu em exílio por ordem de Napoleão¹¹⁵. Tal veste é sempre acompanhada do amito sobre os ombros e uma faixa, também branca, na cintura. Sobre o peito uma cruz de metal, a mesma que já utilizava como cardeal da Argentina. Esta cruz é bastante polêmica, na internet brotam teorias da conspiração sobre o simbolismo dela. Existem inúmeras explicações “ocultistas” que obviamente não conferem com a explicação oficial, se é que ela existe. Na cruz de Francisco podemos ver a figura do bom pastor, com uma ovelha aos ombros, cujos braços da cruz são compostos por uma multidão de ovelhas e acima da cabeça, no eixo vertical, a figura do Espírito Santo em forma de pomba.

¹¹² MOZETA ou MURÇA - Manto vermelho colocado sobre o ombro que simboliza a autoridade espiritual. O acessório faz parte do traje ordinário, que é usado principalmente em cerimônias oficiais e encontros políticos. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/album/2013/02/19/simbologia-e-nome-das-vestimentas-do-papa.htm?mode=list&foto=9>.

¹¹³ ESTOLA - Acessório que simboliza o poder supremo do sacerdote e sua sujeição a Deus. O uso deste item significa que o pontífice está ocupado com algum dever eclesiástico. Disponível em: (ibidem)

¹¹⁴ Abito casual – termo em italiano para as vestes eclesiásticas, tais vestes também são conhecidas como batinas ou satainas.

¹¹⁵ Informações compiladas a partir do anuário pontifício e do site vatican.va.

O contraste de ambas as imagens demonstra de imediato, duas mensagens distintas bem como, duas mensagens para públicos distintos. Equivalente distinção temos nas imagens à seguir:



Figura 28: Primi Piani News Benedetto XVI. (Foto n° 00364_13022013.jpg). Acervo Vatican Media/L'Osservatore Romano. Disponível em photova.com



Figura 29: Caminho quaresmal – Francisco. Acervo disponível em: https://www.instagram.com/p/BurVA3blQ7x/?utm_source=ig_web_copy_link

As duas imagens retratam a procissão de quarta-feira de cinzas. Em ambas o cortejo veste roxo, a cor litúrgica da penitência, utilizada na quaresma, em cerimônias penitenciais e exéquias, bem como no tempo do advento – muito embora neste último possa haver a variação para o rosa ou tons mais claros. Porém, são os detalhes que marcam a cena: Enquanto Bento e seus acólitos predomina o dourado nos bordados, na procissão mais recente, os bordados são brancos e geométricos, sem muitos detalhes ou ornamentos. Bento está dentro do templo, o que em si já não justificaria a capa pluvial¹¹⁶, porém, repare na ornamentação desta capa que cobre

¹¹⁶ Também pode ser chamada de Capa Magna ou Capa de Asperges.

o papa dos ombros ao chão. O bordado principal é repleto de detalhes e costuras, todas em fio de ouro. Bento nesta procissão não caminhou, pois se recuperava de uma luxação decorrente de um acidente doméstico, no entanto seu “andor” não parece nada improvisado, pelo contrário, é suntuoso tais quais as vestes do cortejo. Já quando observamos a procissão de Francisco, nota-se que ela ocorre em ambiente aberto. Além de ser bem mais despojada que a de seu predecessor, percebe-se que Francisco caminha ativo na comitiva, junto a um grupo maior, sem muita distinção a não ser pela mitra¹¹⁷, que como veremos a seguir, costuma ser bem mais simples que a de Bento.

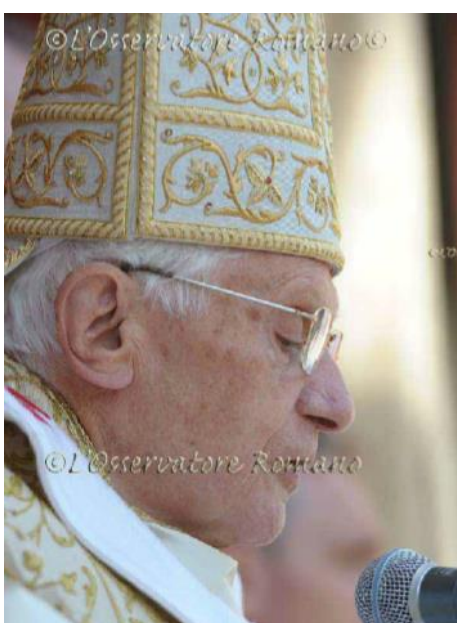


Figura 30: Primi Piani News Benedetto XVI. MESSA INIZIO MINISTERO PETRINO (Foto n° 08886_08042012.jpg) Acervo Vatican Media/L'Osservatore Romano. Disponível em photova.com

A mitra é símbolo do poder episcopal. Ela possui função litúrgica, de modo que nem bispos nem o papa devem utilizar fora de algum ritual. Durante uma cerimônia, o bispo – neste caso o papa é o bispo de Roma – deve utilizar em momentos específicos, geralmente acompanhado do báculo (demais bispos) ou férula (somente o papa), uma espécie de cajado, que simbolizam o poder de “pastor”. Liturgicamente, a mitra indica quem tem o “poder de ensinar”, pois ela simboliza a ação do Espírito Santo na defesa da Verdade. Por algum tempo, a Mitral papal era a “tríplice Tiara”, ou seja, três coroas sobrepostas. João Paulo I abandonou

¹¹⁷ Mitra – do grego é a cinta ou faixa para a cabeça. É uma insígnia pontifical utilizada pelo Papa, Cardeais, Arcebispos, Bispos e abades. Basicamente é um chapéu, geralmente feito de um material mais duro para dar forma, coberta com linho. Elas devem ser brancas com ou sem decoração, com abertura em duas pontas em cima e com duas faixas na parte de trás, chamadas de ínfulas, que descem até o ombro do epíscopo.

este uso e os demais não retornaram a utilizar. No entanto, na Mitra de Bento XVI parece haver certo saudosismo pela tríplice coroa.

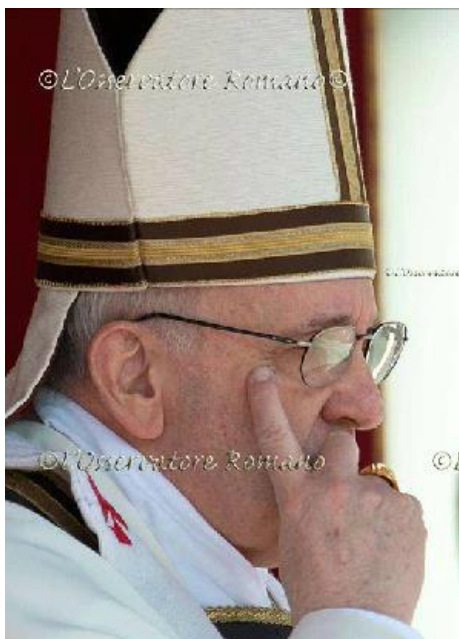


Figura 31: Primi Piano Francisco - MESSA INIZIO MINISTERO PETRINO (foto nº09874_19032013.jpg) Acervo Vatican Media/L'Osservatore Romano. Disponível em photova.com

Já a mitra de Francisco, geralmente é bastante simples, alguns detalhes bordados, mas pouquíssimo dourado, predominando o branco. Vale ressaltar que cada qual usou e usa uma infinidade de mitras das quais não podemos calcular. No entanto a quantidade de imagens de Francisco com a mitra é inferior a ele sem ela. Além disso, ele reserva o uso da mitra para cerimônias solenes, usando mais comumente o solidéu¹¹⁸. Na celebração cotidiana, na capela de Santa Marta, por exemplo, dificilmente ele aparece com a mitra, muitas vezes apenas de túnica e estola, mesmo tal celebração sendo sempre transmitida pelo Vatican News para o mundo todo.

Por falar em chapéus papais, existem outros chapéus que haviam sido abandonados ou pouco usados por João Paulo II e foram retomados por Bento XVI. É o caso do chapéu saturno vermelho, o barrete branco e o gorro camauro. O chapéu saturno, usado bem pouco por Wojtyła, também chamado de capelo romano, em si não é exclusividade do papa que usa ele na cor vermelha, os demais usam na cor preta ou o barrete, este conforme o grau de hierarquia. O gorro camauro é a “touca do Papai Noel”, utilizada no inverno, o último papa que usou, segundo pudemos apurar, foi João XXIII.

¹¹⁸ Solidéu – “*solī Deo tollitur*” Só por Deus é tirado. Pequeno chapéu de lá ou seda semelhante ao Quipá judeu. As cores designam o grau sacerdotal. Preto, bem pouco usado, é dos presbíteros. Bispos usam na cor violeta, Cardeais na cor vermelha, e Branco é exclusivo do Papado (c.f. Missal Romano)

Ainda sobre vestimentas, cabe falar sobre os sapatos. Bento XVI resgatou os múleos – sapatos vermelhos púrpura, herança do antigo império romano, cujo uso era indicação de que o patrício ocupava alguma função importante¹¹⁹. Para a Igreja, os sapatos vermelhos representam o martírio, no entanto, o uso destes sapatos pelo papa Bento XVI causou bastante controvérsia em função da suntuosidade e exclusividade da peça. Em “O Globo” o título da reportagem era “O Papa veste Prada”, e na Europa, várias revistas se interessaram em saber qual a marca dos calçados papais a ponto do próprio Vaticano se pronunciar e chamar a questão de frivolidade. Neste sentido, Francisco abandonou o uso do múleo e segue usando sapatos comuns pretos, o que também chamou bastante a atenção das agências de notícias.

Fechando a série comparativa vamos aos veículos papais. Além do “Papamóvel”, veículo que claramente substituiu a “liteira papal ou sedes gestatória” no deslocamento público, o deslocamento terrestre privado do papa é geralmente feito por carros oficiais. Neste sentido, é de praxe o uso de carros de luxo para deslocar um chefe de Estado.



Figura 32: Visita Apostólica ao Brasil - Conferência Episcopal de Aparecida 13/05/2007 - Bento XVI. (Foto nº 06568_13052007.jpg) Acervo Vatican Media/L'Osservatore Romano. Disponível em photova.com

¹¹⁹ Informações compiladas a partir do Missal Romano e de reportagens sobre as vestimentas papais. Seguem algumas: <https://oglobo.globo.com/ela/moda/de-prada-chapeu-saturno-estilo-do-papa-bento-xvi-16945196>; <https://noticias.uol.com.br/album/2013/02/19/simbologia-e-nome-das-vestimentas-do-papa.htm?mode=list&foto=18>; <https://www.ocatequista.com.br/index.php/catequese-sem-sono/item/15971-o-que-anda-na-cabeca-do-clero-entenda-os-chapeus-catolicos>

Bento XVI, em sua visita ao Brasil, como se pode ver na imagem anterior, chega a Aparecida do Norte a bordo de uma Mercedes-Benz série C preta. O fato dos papas andarem de Mercedes não é bem uma novidade e a princípio havia sido pouco mencionado ou questionado pela imprensa, no entanto, quando Francisco chega ao Brasil e decide que percorrerá a cidade do Rio de Janeiro à bordo de um Fiat Idea¹²⁰ a comparação se tornou inevitável. Tal situação, embora pareça frugal, gerou grande repercussão na mídia impressa e digital.



Figura 33: Visita Apostólica ao Brasil em 25/07/2013 – Jornada Mundial da Juventude - Francisco. (Foto nº 1200_25072013.jpg) Acervo Vatican Media/L'Osservatore Romano. Disponível em photova.com

Durante a Jornada Mundial da Juventude, Francisco circulou por diversos lugares do Rio de Janeiro, sendo exaustivamente fotografado pela imprensa, ganhando inúmeras reportagens sobre o assunto, com direito a matéria no Wall Street Journal¹²¹. As notícias, de maneira geral falavam de “efeito Francisco”, dando alusão à “simplicidade” do Papa e relacionando sua forma de pensar e agir com a dos grandes líderes do Vale de Silício tal como Marck Zuckemberg e Steve Jobs que usam geralmente roupas muito simples e repetitivas.

Esta apologia a “simplicidade” que surge como discurso e narrativa das redes sociais, ganhou muita força e ajudou a construir a imagem de Francisco perante o grande público, obtendo simpatia para muito além do catolicismo. A Fiat por sua vez ganhou um garoto propaganda de peso para seu veículo. Segue uma típica postagem de Facebook, com informações sem verificação, mas que ganham um alcance enorme.

¹²⁰ A própria Fiat apontou que ofereceu uma gama de veículos ao comissário do Vaticano que apresentou ao Papa. Entre os veículos, o mais luxuoso era o Chrysler 300c, acompanhado do Jeep Grand Cherokee e outros da gama Americana. Da marca italiana constavam Fiat Freemont, Bravo, Linea e Idea, o mais simples da lista. Mais informações: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/07/saiba-como-o-idea-foi-escolhido-o-carro-do-papa-francisco-no-brasil-4218609.html>

¹²¹ Matéria disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB10001424127887324110404578626443220049964>



Figura 34: Imagem comparando os dois papas na página “Fatos desconhecidos” – Disponível em: <https://www.facebook.com/Desconhecidos.Fatos/photos/a.451837198203315/1771169579603397/?type=1&theater>.

Esta publicação alcançou 66 mil reações e 3,3 mil comentários. Nela, duas imagens no mesmo “close”, ambos os papas sentados em seus tronos, e a primeira coisa a chamar a atenção é justamente o trono. Enquanto o trono de Bento XVI está sobre uma elevação, em carpete vermelho, adornado de material dourado (não foi possível apurar se é ouro ou banhado a ouro) com inúmeros enfeites entalhados, Francisco está sentado em um trono simples de madeira, diretamente colocado no chão. As roupas demonstram claramente uma diferença absurda. Enquanto Francisco está apenas com a batina branca e de sapatos pretos, Bento XVI veste mozeta e estola com bordados em ouro. Enfim, cabe-nos a análise do conteúdo da postagem. Ela levanta 6 pontos que diferenciam Francisco de Bento. Dentre eles existe algum exagero com alguns difíceis de comprovar. O anel que o papa usa é de prata, porém, existe um anel papal de ouro que foi confeccionado por ocasião de sua eleição e que será destruído no final de seu reinado. Se ele usa as mesmas calças pretas de quando era padre... Difícil saber.

Este tipo de postagem circulou muito e ainda circula nas redes sociais. Não são postagens feitas pelo Vaticano ou mesmo por agências de notícias católicas, pelo contrário. Páginas católicas em geral, procuram não contrapor um papa a outro. Neste sentido, a imagem de Francisco como um papa simples, humilde, cordial colocada como oposto da imagem de Bento XVI é algo que extrapola e ganha força fora dos muros (virtuais) da Igreja.

Por outro lado, o fato de tais publicações serem produzidas por grupos alheios a própria Igreja leva a construir a ideia de que Francisco estaria fazendo grandes mudanças no catolicismo. Como já foi afirmado, doutrinariamente não existe alteração. As alterações mais significativas são questões pastorais. Se Francisco é mesmo um reformador, ele deve ser

considerado um reformador da imagem do Vaticano e por extensão, da própria Igreja. Esta afirmação precisa levar em consideração não uma tomada de decisão íntima e personalista, mas sim, consequência de uma postura moral pessoal. Não é possível, portanto, afirmar que Francisco quer (tem vontade de) alterar a imagem da Igreja ou mesmo do papado, pois, para além dos gestos, não existe qualquer afirmação sobre isso, se quer um escrito pregresso ou uma reflexão sobre si. O que se vê, é um senhor de oitenta e três anos, buscando ser coerente com o que prega. Quanto aos usos, os discursos e as narrativas construídas a partir de sua vida é outro item de nossa análise.

A Igreja de Francisco é, assim, a mesma Igreja de Bento XVI, com a mesma doutrina e a mesma teologia, defendendo as mesmas posturas morais, mas com apelo pastoral diferente, como ele mesmo diz: “Uma Igreja em saída”, menos centrada em si e mais kenótica.

4.3 FRANCISCO ENTRE OS CONSERVADORES E OS PROGRESSISTAS

Retomando a discussão do final do capítulo 3, abordamos agora as apropriações, sejam elas quais forem feitas da imagem de Francisco. Não é segredo que a Igreja católica possui internamente várias correntes, uma espécie de espectro político que comumente se busca encontrar correlação *extra muros* da Igreja. Neste espectro político eclesiástico, no entanto, reside uma “unidade em movimento”, quase que uma pulsão de vida, que a teologia católica costuma chamar de “ação do Espírito” (FELER, 1988). Esta unidade, aparentemente instável, cuja estabilidade é dada pelo movimento, pela dialética, pela oposição de forças que proporcionam este movimento pendular, um pêndulo preso a um eixo chamado doutrina.

Neste pêndulo, quanto mais próximo do eixo menor é curso do movimento, no entanto, maior é a tração, a força que arrasta. Usando desta analogia de forma ainda mais enfática, imagine que a hierarquia da Igreja é o próprio pêndulo e que o Papa é a figura mais próxima do eixo. Se em Bento o pêndulo havia se movimentado em direção aos conservadores, em Francisco ele movimenta em direção aos progressistas. A analogia nos força a compreender que tal movimento é “curto”, de pequeno curso, porém, sensível em ângulo, o que lá na ponta do pêndulo faz com que o curso seja bem mais longo. Na ponta deste pêndulo estão os leigos, desta forma, o movimento no laicato é muito mais sensível, veloz e distante.

Embora Francisco tenha oposição dentro da Igreja e mesmo considerando que os cardeais da “*dubia*” estão à frente de “um grupo pequeno, mas barulhento”¹²², a ponta do pêndulo ganha velocidade à medida que Francisco se torna uma liderança internacional no enfrentamento a “*alt-right*” a medida que ela ganhou força nos EUA, Europa e suas adjacências.

Para uma melhor organização, vamos seccionar as questões por temáticas: cúria romana, política internacional, moral.

4.3.1 A grande reforma de Francisco: Uma igreja kenótica

As publicações que percorrem as redes mostram um Francisco reformador. São diversas matérias de jornais e sites que divulgam a informação de que no processo de eleição papal, um dos propósitos deveria ser a reforma da cúria romana. Tal reforma não ocorreria sem uma longa *via crucis*. Segundo a reportagem de Robert Mickens¹²³, o papa trabalhou incessantemente com o apoio de um conselho de 9 cardeais. Tal reforma passaria pela edição de uma nova constituição apostólica (intitulada primariamente de *Praedicate Evangelium*, no intuito de substituir a *Pastor Bonus*), ainda não publicada, embora a primeira previsão fosse que esta reforma sairia do papel em um ano e meio após a eleição, logo no início de seu papado. A última previsão da publicação do documento seria 2019, porém o ano se findou e a constituição não veio o que de certa forma aumenta a expectativa sobre o documento. A última fala sobre a reforma da cúria, o Papa comentou os 12 critérios-guia apresentados no dia 22 de dezembro de 2019. São eles: “individualidade; pastoralidade; missionariedade (Cristocentrismo); racionalidade; funcionalidade; modernidade; sobriedade; subsidiariedade; sinodalidade; catolicidade; profissionalismo; gradualidade”¹²⁴.

Para vaticanistas a reforma da cúria será um processo de descentralização. Francisco pretende diminuir o poder dos dicastérios e congregações que funcionam como um órgão gestor e fiscalizador centralizado. Algumas pequenas reformas já foram feitas à medida que algumas das funções destas secretarias papais foram diminuindo em importância nos últimos anos. Além da descentralização, uma das propostas da reforma é limitar o tempo de permanência de um

¹²² Esta expressão é atribuída ao jesuíta Antônio Spadaro, editor da revista *La Civiltà Cattolica*, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564714-stephen-bannon-conduz-uma-batalha-a-outro-reduto-influente-o-vaticano>.

¹²³ Reportagem disponível aqui: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584560-calmaria-antes-da-tempestade-antecipando-o-plano-radical-de-um-papa-reformista-para-reduzir-a-curia-romana>.

¹²⁴ Reportagem completa em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/papa-indica-12-passos-para-reforma-da-curia-romana/>.

clérigo em uma função vaticana, o que é um princípio bem republicano, haja vista que a permanência por muito tempo em uma função torna perenes alguns vícios. Uma das ideias, portanto, é acabar com o “clericalismo burocrático”, o que na visão do Papa corrompe a Igreja por dentro.

Sobre esta questão os ataques a Francisco são geralmente indiretos. Parece que a oposição de Francisco não quer carregar a pecha de defender o luxo e o poder da corte vaticana. Porém, atiram em Francisco por questões outras, muitas vezes ligadas a pronunciamentos ou mesmo aos usos que outros grupos fazem de certas falas papais. Há também ataques a ausência de certas falas, como no caso do aborto. Há também um sem número de vídeos no YouTube “denunciando” a “missão demoníaca”, alguns com milhões de visualizações em canais como “Verdades On” e “O Lado Escuro”. Mesmo os *youtubers* Olavo de Carvalho e Bernardo Küster não atentam ou falam sobre a reforma da cúria. Alguns ataques podem estar ocorrendo de forma indireta através de acusações contra os cardeais que fazem parte do chamado C9, a título de exemplo, o Cardeal Óscar Andrés Rodríguez Maradiaga, arcebispo de Tegucigalpa, acusado por jornais italianos de receber volumosos montantes da Universidade Católica de Tegucigalpa¹²⁵. Desta forma não há uma crítica aberta contra a reforma da cúria, mas sim esforço em desmoralizar politicamente e espiritualmente o papa a fim de deslegitimar seu trabalho.

Certamente entre os italianos as reformas da cúria são mais sensíveis do que em outros lugares do catolicismo. O cartaz abaixo, elemento de um dos mais célebres ataques ao Papa, traz a seguinte inscrição: "Francisco, você destituiu os chefes das congregações, removeu sacerdotes, decapitou a Ordem de Malta e a dos Franciscanos da Imaculada, ignorou cardeais. Onde está sua misericórdia?".

¹²⁵ Notícia disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574964-maradiaga-o-cardeal-de-35-mil-euros-por-mes>.



Figura 35: Cartaz com crítica a Francisco em rua de Roma. Acervo: Getty Images. Disponível em : <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39210072>

Como era de se esperar, os mentores deste ataque não assumiram a responsabilidade e ninguém foi descoberto. No entanto, os ataques foram muito próximos ao processo de investigação solicitado pelo Papa que acabou por empreender a renúncia do “príncipe” da Ordem de Malta, o que levou muitos a associarem os ataques à membros da própria ordem. Tais ataques como o deste grupo ganharam as ruas e pouquíssimos episódios, o que não se pode dizer das redes sociais.

Tais grupos conservadores não tem apoio declarado da alta hierarquia do clero, no entanto, são perceptíveis que as reformas na cúria romana incomodam uma parcela significativa do clero e que este incômodo acaba por dar coro a grupos tradicionalistas críticos, não somente a Francisco, mas a toda reforma empreendida na Igreja desde o Vaticano II. De outro lado, veem-se grupos políticos de extrema direita apoiando tal discurso no intuito de enfraquecer a imagem que Francisco goza.

Por outro lado, os progressistas acreditam que a reforma da cúria seja o maior legado de Francisco. Muitos defendem há muito tempo, como Leonardo Boff, a sinodalidade¹²⁶ da Igreja. No entanto, não está claro até que ponto a reforma da cúria alcançaria uma Igreja mais “federativa” e menos “imperial”. Porém, existe uma espécie de “sequestro” do discurso feito pela ala progressista que se repete nos demais temas. Claramente lideranças mais progressistas

¹²⁶ Boff, conhecido teólogo da libertação, em sua obra Igreja Carisma e Poder, já defendia uma Igreja descentralizada, menos política e mais pastoral. Boff foi chamado ao Vaticano em função deste livro onde foi interrogado pelo então Cardeal Ratzinger que o penalizou com “silêncio obsequioso”.

não se alinham ao papa, mas buscam fazer do papa um aliado. Se o alto clero conservador dissimula o verdadeiro motivo de sua crítica ao papa, por outro lado as lideranças “mais a esquerda” se apropriam da retórica antipapa conservadora para alinhá-lo na narrativa progressista.

Nesta narrativa, algumas páginas do Facebook mais alinhadas a Teologia da Libertação comentam os avanços desta reforma, cita-se a seguir duas postagens neste sentido:

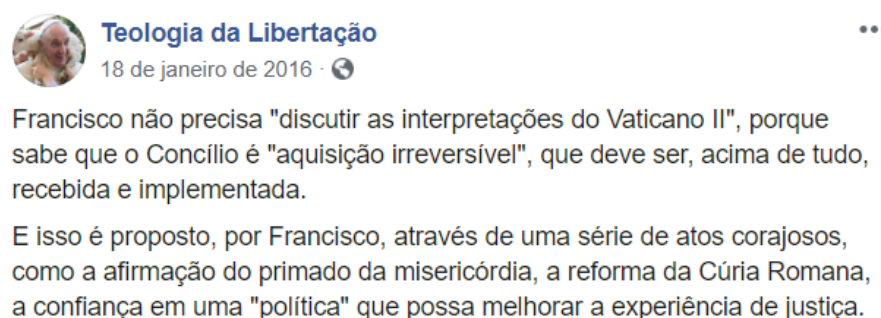


Figura 36: Publicação da página "Teologia da Libertação" fazendo referência à reforma da cúria Romana. Disponível em: <https://www.facebook.com/TeoLibertacao/posts/1272105276138937>

A página Teologia da Libertação tem cerca de 25 mil seguidores, foi criada em 2012 e tem um ritmo de 2 a 3 publicações diárias. Geralmente suas publicações são compartilhamento de notícias e publicações de outras páginas, produz pouco conteúdo próprio, sendo no máximo alguns comentários no compartilhamento de outras publicações. A página se ocupa bastante de conteúdo político, replicando reportagens e outras páginas mais alinhadas à esquerda.

Na publicação anterior, a página reforça as mudanças que já vem sendo feitas pelo Papa, embora ela apenas repita a frase do artigo de Andrea Grillo¹²⁷ a que ela indica, falar de reforma da cúria acabou se tornando um discurso da ala progressista, uma vez que a manutenção da cúria romana com suas características centralizadoras é uma acusação feita contra os conservadores.

Já a próxima publicação, feita pela página da “CEBs a Serviço do Reino”, reporta a uma página da ACI digital, agência católica de imprensa de perfil conservador mais fiel ao papa. No entanto, a reportagem em si da ACI percorre os principais pontos do papado de Francisco, enquanto a postagem da página estabelece um “olho” para a publicação dando um reforço a questão da cúria, iniciada ainda no primeiro ano.

¹²⁷ Reportagem disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/550912-francisco-qnao-tradicionalistaq-e-qpos-liberalq-artigo-de-andrea-grillo?fbclid=IwAR2VrcQdZIOPaibWLSgZZTgCSrIs72ZXrPmFBmAouF3uPzJreHJo43dXE7Q#.Vp19IS9cLa8.facebook>



Figura 37: Publicação da página CEBs a serviço do Reino em comemoração aos 4 anos de eleição de Francisco. Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=597127550482382&id=429003397294799

De toda forma, pode-se sintetizar que a reforma de Francisco, iniciada no primeiro mês após sua eleição ainda não obteve êxito. O que está em jogo nesta reforma não são questões doutrinárias nem morais – no sentido catequético do termo. Francisco vem trabalhando, incessantemente, contra uma burocracia que se construiu por séculos e que instaurou uma corte com regalias, ares de nobreza e principalmente: com muitos poderes. Parte desta burocracia é reconhecidamente corrupta e utilizou das regalias do status que goza o Vaticano para se aliar a outras estruturas corruptas espalhadas pelo mundo. De fato, não é uma questão nem ideológica muito menos doutrinal, Francisco busca uma reorganização da cúria no intuito de torna-la menos “atraente” ao carreirismo, o que não é fácil em uma “empresa” tão poderosa quanto a Igreja Católica.

É preciso notar também, que ao contrário de Ratzinger, Bergoglio não havia ocupado cargos dentro do Vaticano. Este é um indício do porquê de Bergoglio ter sido escolhido. Tudo indica que o conclave não foi um processo eleitoral de “dois partidos” como muitos leem, mas sim da burocracia do Vaticano contra o resto, e o resto desta vez venceu porque a própria burocracia se encontrava rachada pelo escândalo do *vatileaks*.

Ao concordarem antes da eleição de que a cúria necessitava de reformas, a maior parte dos cardeais já indicava que era necessário um papa de fora da burocracia. Francisco não é apenas um papa “revolucionário”, ele foi feito revolucionário pelas circunstâncias e compromissos traçados pelos cardeais antes da própria eleição, ele foi eleito para a reforma. O grande problema gerado a partir daí é: qual reforma pode e deve ser feita? Para muitos era necessário apenas limpar o nome da Igreja frente ao sistema financeiro, porém o “Banco do Vaticano” era só a ponta do Iceberg, Francisco quer a kénosis da Igreja. A transformação da cúria será a transformação da Igreja, esvaziar a burocracia vaticana é o indicativo máximo de uma igreja mais evangélica e menos poderosa.

4.3.2 Francisco e a conspiração “globalista”

É realmente difícil entender em que momento da história recente os meios de comunicação se tornaram uma arma poderosa da ignorância. Possivelmente isto deve estar relacionado a dois movimentos, um, consideramos positivo e outro negativo. Entendemos como positivo o movimento que democratizou o acesso às mídias e aos dispositivos comunicativos. No entanto, é negativo a ânsia por audiência gerada pelas redes. A chance de se tornar famoso e viralizar, faz com que todo usuário seja também produtor de conteúdo e assim atenda a demanda de seu público. É como se todos nós fossemos, de alguma forma e ao mesmo tempo, atração e público de programa dominical.

Nesta esteira, ao tempo que mais pessoas acessam as redes sociais, aumenta simultaneamente a oferta e a demanda de conteúdo, numa relação econômica cada vez mais escalar. Todos são consumidores, produtores e conseqüentemente concorrentes. Tem maior audiência aquele que chama mais atenção. Não há compromisso com a verdade, com a lógica, com a fonte ou mesmo qualquer necessidade de coerência. Aqui se enquadram muitos canais de YouTube, onde a busca por visualizações é também a busca por monetização. Transcende-se aqui a vaidade, já não é apenas ficar famoso, mas ganhar “algum trocado” gerando o uso da plataforma.

Graças ao YouTube – e de certa forma a sua convergência com outras redes – personalidades oriundas dos porões da imprensa como Olavo de Carvalho¹²⁸ se tornaram “virais” com audiências absurdas a ponto de influenciarem no curso político dos países. Assim como o astrólogo e ideólogo da direita, muitos outros canais no YouTube “vendem” teorias da

¹²⁸ O ideólogo Olavo de Carvalho possui um canal no YouTube com 836 mil escritos e muitos vídeos que ultrapassam a casa das 200 mil visualizações.

conspiração, “revelam” segredos ocultos, criam e amplificam movimentos negacionistas como o terraplanismo e anti-vacinas.

O “professor” Olavo de Carvalho, como é chamado pelos seus discípulos, conseguiu no mesmo vídeo¹²⁹ afirmar que Francisco é agente infiltrado da KGB, aliado e financiado pelo Islã, membro da “Nova Ordem Mundial”, falso profeta, mas também um “idiota útil” a serviço do globalismo. Este ataque aberto, típico deste polemista, não é novidade. Para ele, o Papa faz parte dos planos de George Soros no domínio do globo e conseqüentemente é através de Francisco que Soros pretende implantar uma religião mundial. Não se faz necessário contra-argumentar estas afirmações, elas são contraditórias entre si e parecem – ou são – falas decorrentes de demência ou estratégia para adquirir visualizações – pessoalmente considero as duas.

Aliado a Olavo, temos Bernardo Küster já citado no capítulo 3. Este tal qual Olavo, é um *influencer* digital que se autoproclama intelectual católico. Inicialmente chegou a questionar as posições do Papa, fez ataques abertos a CNBB, defende que a Igreja brasileira é repleta de comunistas, doutrinados no marxismo cultural etc. No entanto, ao que parece, Küster mudou o tom desde 2019, possivelmente ao perceber que era mais fácil utilizar a imagem de Francisco a seu favor do que ir contra ela. Chegou, por meio de amigos em Roma, conseguir uma benção apostólica¹³⁰ do Papa Francisco, legitimando a sua “fidelidade” a Igreja. No entanto Bernardo faz exatamente o que orienta o seu mestre ao final do vídeo citado (nota 130) em que pede que “fiéis” católicos contestem e reajam se necessário com violência, a hierarquia. Que a obediência não deve se sobrepor a verdade.

Carvalho e Küster não são os únicos a desferir ataques à hierarquia católica, o que aqui estamos considerando como ataques vindos de fora, já que ambos não pertencem a ordem clerical. Não significa que este grupo que se estende em rede pelo mundo com participação efetiva de figuras como Mateo Salvini e Steve Bannon. Essa é de fato a oposição fora da Igreja que o Papa encontrou, principalmente quando adentrou na seara da imigração. Foram vários os grupos, principalmente na Itália, que o atacaram em função de seus discursos e suas ações em defesa dos imigrantes.

¹²⁹ O vídeo citado não pertence ao canal de Carvalho, mas é uma compilação de uma entrevista dada em seu canal: <https://www.youtube.com/watch?v=KnAyrf81zpE>

¹³⁰ Informação disponibilizada pelo próprio Küster em vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=cBBmq8wEDmE>

Na Itália, o principal opositor ao Papa Francisco é Mateo Salvini, ex-vice-primeiro-ministro que o considera uma ameaça a “civilização cristã” bem como um produto do “globalismo”.



Figura 38: Líder de partido de extrema-direita na Itália, Matteo Salvini (à dir. na foto) exhibe camiseta com a inscrição "Meu papa é Bento". Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39210072>.

Os discursos antipapa se acirraram ainda mais com o Sínodo da Amazônia. No Brasil, a Amazônia, embora represente quase metade do território nacional é um local pouco conhecido do próprio brasileiro. A realidade amazônica não condiz, a não ser na precariedade, com a realidade da maior parte dos centros urbanos. Ao mesmo tempo, o catolicismo perde terreno para evangélicos nesta região, que avançam principalmente sobre as comunidades indígenas. Na esteira disso, a Igreja vem diminuindo a presença de missionários nestas regiões, já que a atividade missionária ali era fortemente marcada por religiosos europeus.

Uma das tônicas de Francisco apontada desde o início do seu papado é a questão ambiental. Sua primeira¹³¹ encíclica de fato, foi a *Laudato Si*, em que ele acaba por incluir na Doutrina Social da Igreja a questão ambiental, utilizando o termo ecologia integral. Antes de

¹³¹ A primeira encíclica assinada por Francisco é a *Lumen fidei*, porém esta carta havia sido iniciada já no pontificado de Bento XVI.

Francisco, a questão ambiental era periférica, orbitando sempre ao redor da questão bioética. No âmbito da bioética, os temas aborto, eutanásia, distanásia, justiça social, entre outros, acabavam ganhando maior destaque. Este deslocamento do eixo da discussão é mais bem compreendido quando se coloca luz sobre o conceito “Ecologia Integral”.

A “Ecologia Integral” é proposta claramente no capítulo 4 da encíclica. Ali Francisco aborda claramente que não se pode falar de ecologia sem que se passe por uma mudança clara de paradigma ambiental, econômico, social, cultural e religioso. Francisco entende como missão da religião e, por conseguinte da Igreja, empreender uma transformação ecológica no mundo, que tenha por princípio o bem-comum e que possa levar a uma justiça intergeracional. Assim a bioética de Francisco tem sua centralidade na discussão arraigada sobre o “cuidado da casa comum”. Enfim, Francisco chama a uma conversão ecológica (2015, p. §216).

A encíclica foi vista com bons olhos por boa parte da comunidade internacional, mas não demorou muito para que muitos começassem a classificá-la como iniciativa do “globalismo” e encontrasse nela relação com os teóricos do “aquecimento global”. Novamente brotam teorias da conspiração de todo tipo, a partir da Itália, dos EUA e do Brasil, relacionando o Papa a George Soros, a Agenda Global e por aí vai.

Decorrente da *Laudato Si* prepara-se a convocação do Sínodo Pan-Amazônico. Um sínodo dos bispos, para a Igreja Católica geralmente convocado pelo Papa, tem a intenção de discutir ações e questões concernentes a Igreja e servem como “orientação” às decisões papais. Após um sínodo é expedido uma ata, uma espécie de documento norteador com “conselhos” ao Papa e este escreve uma Exortação Apostólica. Neste caso, o documento pós-sinodal recebeu o nome de “Querida Amazônia”.

Por outro lado, a Amazônia atrai uma série de interesses políticos e econômicos, sejam nacionais ou internacionais, escusos ou legítimos, o que produz também uma série de narrativas fantasiosas e toda sorte de teorias da conspiração ao redor de qualquer iniciativa voltada para aquela região. Quando o Papa Francisco anunciou o sínodo, imediatamente se levantaram hipóteses das mais variadas possíveis sobre “o que estaria por trás” do sínodo. O próprio governo brasileiro reconheceu espionar os encontros pré-sinodais sob a desculpa de garantir a soberania sobre a Amazônia. Foi nesta situação que muitos analistas políticos apontaram a Igreja Católica no Brasil (CNBB) como a principal força de oposição a Bolsonaro.

Em decorrência deste eminente conflito entre o Bolsonaro e CNBB, a máquina de guerra virtual do presidente passou a mirar no Papa, e os ataques ao sínodo e divulgação de qualquer informação que pudesse ser amplificada e distorcida ganharam força nas redes sociais. Foi assim que dois temas ganharam força, a possibilidade da “facultação” do celibato para clérigos

que atuassem na região amazônica, bem como o episódio da *Pachamama* nos jardins do Vaticano.

Ao pesquisar sobre o episódio da *Pachamama* no sínodo, a maioria das publicações no Facebook vem da página de Bernardo Pires Küster:



Bernardo Pires Küster

25 de outubro de 2019 · 🌐

[URGENTE!] - Sala de Imprensa do Vaticano OMITE, em comunicado oficial, a segunda vez em que o Papa Francisco chama as estátuas pagãs de 'Pachamamas'.

Transcrição da fala improvisada foi enviada via e-mail aos jornalistas e altera a seguinte frase do Papa, em italiano:

"Poi comunico che sono state ritrovate nel Tevere le statue: la PACHAMAMA che hanno [sic] creato tanto clamore mediatico. Le statue non sono state danneggiate."

("E comunico que foram encontradas no rio Tevere as estátuas: a Pachamama que criaram tanto clamor midiático. As estátuas não foram danificadas.")

O Papa concluiu sugerindo a possibilidade "da exposição das estátuas durante a Santa Missa de encerramento do Sínodo."

O reconhecimento público de um Papa latino-americano de que as estátuas SÃO, na verdade, imagens da mal fadada e pagã Pachamama provam, de uma vez por todas, aquilo que TODOS os sensatos já sabem: é a Mãe Terra.

Caso encerrado.





Figura 39: Publicação sobre o episódio da *Pachamama* nos jardins do Vaticano - página Bernado Pires Küster. Disponível em: <https://www.facebook.com/bernardopkuster/posts/10157818479038395>

No entanto é necessário que a publicação¹³² contou com 241 compartilhamentos, 329 comentários e 1,4 mil reações, um número bastante considerável. Sabe-se que Küster lidera uma espécie de milícia digital, cruzando as redes sociais através de links via Twitter, Facebook, WhatsApp e Telegram. Nestes dois últimos serviços de mensagens, o cruzamento de publicações é utilizado para dar engajamento orgânico e assim “burlar” o algoritmo das redes

¹³² Dados atualizados em 10 jan. 2020.

sociais. É possível, por exemplo, ver que a *hashtag* “ForaPapaFrancisco” no Twitter ganhou força no segundo semestre de 2019 tendo seu pico em outubro, por ocasião do sínodo. Ela volta a aparecer no final de janeiro e início de fevereiro de 2020, por ocasião da visita do ex-presidente Lula ao Vaticano. Vale ressaltar que muitos dos que subiram a *hashtag* organicamente o fizeram comentando a conta @Pontifex_pt acompanhando geralmente com insulto. Este tipo de comportamento *hater*, já mencionado no capítulo 3, contra páginas e perfis tornou-se uma das formas mais comuns de agressão em nosso tempo.

Voltando a questão da *Pachamama*, os ataques desferidos ao sínodo e Francisco jamais levam em consideração as questões pastorais sérias ali discutidas, se quer há o empenho de ler a agenda. O episódio trata-se de um encontro entre o Papa, alguns missionários franciscanos e alguns representantes dos povos indígenas. Segundo o missionário Genni Lloris¹³³, os indígenas plantaram uma árvore com o Papa por ocasião do dia de São Francisco. Na sequência eles iniciaram uma dança e convidaram os presentes ao mesmo gesto, ao final se prostraram diante de duas estátuas de *Pachamama*, que para aquele grupo étnico representa a mãe Terra.

Diante disso não há qualquer discussão de conteúdo ou mesmo uma crítica com argumentos e mesmo na página do *Vatican News*, o que se vê, novamente é uma guerra nos comentários:



¹³³ Entrevista ao site português renascença, disponível em: <https://rr.sapo.pt/2019/11/19/religiao/pachamama-nao-e-nossa-senhora-nem-um-idolo-e-um-icone-da-terra/noticia/172284/>



Figura 40: Postagem da página Vatican News sobre o furto das estátuas de Pachamama seguido dos comentários. Disponível em <https://www.facebook.com/vaticannews.pt/posts/2448456441929055>

O sínodo ainda gerou outra discussão bastante acalorada e cujo resultado foi “nada”. Uma das propostas do sínodo era a ordenação de homens casados ao presbitério. Atualmente o rito latino só permite a quem é casado o primeiro grau do sacramento da ordem, qual seja, o diaconato. Os diáconos permanentes, como assim são chamados, podem administrar o sacramento do Matrimônio, do Batismo, presidir a celebração da palavra e distribuir Eucaristia. Eles não podem realizar o rito da transubstanciação¹³⁴, nem administrar o sacramento da Penitência, do Crisma, da Ordem¹³⁵ ou da Unção dos enfermos¹³⁶.

¹³⁴ Também conhecido como Consagração Eucarística. Consiste numa fórmula que repete as palavras de Cristo na última ceia e segundo a fé católica transforma as partículas de pão e o vinho em Corpo e Sangue de Cristo.

¹³⁵ Sacramentos do Crisma e da Ordem são de exclusividade do Bispo, considerado último grau deste sacramento.

¹³⁶ As informações necessárias para a compreensão desta função ordenada da Igreja se encontram no Código de Direito Canônico resumido no documento: Directório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes, disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_31031998_directorium-diaconi_po.html

A falta de clérigos e missionários na Amazônia e principalmente a falta de um clero amazônico (rosto amazônico)¹³⁷ fez com que o sínodo apresentasse uma agenda de discussões que propunham tanto a possibilidade de “flexibilização” do celibato quanto a ordenação de mulheres. Embora este tema estivesse em pauta, os documentos do sínodo se ocupam muito pouco do assunto. Possivelmente o debate deveria ser mais acalorado nos corredores do sínodo, mas o documento final sugere ao Papa de forma titubeante, a possibilidade de ordenar, segundo a necessidade das dioceses da região, homens casados. Sugestão que foi praticamente ignorada no documento “Querida Amazônia” redigido por Francisco.

Novamente as redes sociais estiveram em polvorosa diante da situação. Falas estranhas e pouco fundamentadas apareceram em todas as redes e em diversos níveis, sempre sob o estigma do ataque e geralmente na forma de comentários.

4.3.3 Moral e Misericórdia

Por outro lado, toda a agenda da “nova esquerda”, principalmente a pauta mais identitária, está longe de ser atendida pela Igreja. Não existe qualquer reformulação moral. O aborto não deixou de ser pecado, pelo contrário, se mantém como pecado grave, porém – e esta é a reforma pastoral – cabe agora aos padres e não somente ao Bispo, o perdão deste. Não à toa, Francisco usa a passagem do Evangelho de João, falando da adúltera que seria apedrejada, para anunciar esta mudança. Esta mudança de postura pastoral, que aos olhos dos não católicos parece algo efêmero, representa um grande agenciamento pastoral, permitindo aos párocos, nas suas localidades, principalmente as periféricas, atender uma série de mulheres em situação de vulnerabilidade, uma vez que, é na periferia que o aborto se torna também a *causa mortis* de uma série de adolescentes e jovens mulheres. O grupo católico mais atuante neste sentido é “Católicas pelo Direito de Decidir”. Este grupo bastante plural não discute apenas a questão do aborto, ele vai desde os subsídios para uma teologia feminista até a participação efetiva da mulher em esferas de poder dentro da Igreja. No Facebook, este movimento ou coletivo, como assim são chamados estes grupos, possui uma página com 49 mil seguidores.

Já as alas mais conservadoras, representados no Brasil pelas páginas no Facebook: Centro Dom Bosco, Fidelium, Guardiães da fé católica entre outros, apresentam-se sempre

¹³⁷ No discurso de abertura do Sínodo da Amazônia, o Cardeal Hummes, relator do sínodo retoma as palavras de Francisco, proferidas aos bispos em 2013 no Brasil em que já apontava para a necessidade de uma Igreja com rosto amazônico. Conforme: <http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2019/10/07/0782/01593.html#relazione>

como grupos “pró-vida” e se organizam em militância, principalmente virtual, contra grupos feministas ou quaisquer ações que possam ser entendidas por eles como um ataque à família tradicional, aos costumes católicos ou a fé cristã. Muitos acreditam inclusive estarem em uma cruzada, o que os autoriza a agirem com violência e os faz acreditar nas possíveis conspirações que estariam por traz de políticas progressistas em relação às mulheres. Estes grupos acusam Francisco de pouco ou quase nada falar condenando o aborto. E mesmo quando ele o faz, os comentários tendem a ser depreciativos, no sentido de que o posicionamento “silencioso” de Francisco tem favorecido a ocorrência de abortos pelo mundo. Na seleção de tuítes a seguir, escolhidos pelo volume de engajamento, colocamos típicos comentários sobre o assunto:



Figura 41: Resposta de Adimilson Nogueira ao tuíte de @Pontifex_pt. <https://twitter.com/adimilsonrcc/status/946383507437314048>

Na postagem, Adimilson Nogueira, que no seu perfil do Twitter se apresenta como “Católico, Pai de Família” que possui também um blog¹³⁸, costuma engajar organicamente as postagens de vários políticos nas redes sociais. Na sua própria conta do Twitter, costuma “falar” muito pouco e compartilhar tuítes de outros usuários. Pode-se afirmar que Adimilson é um *homem-comum* atuante na rede e fora dela, com um engajamento político crescente. É membro da Renovação Carismática Católica em Montes Claros – Minas Gerais, tem pouquíssimos seguidores, cerca de 400. Adimilson se sentiu à vontade para cobrar do chefe de sua Igreja que ele condene mais abertamente o aborto, no entanto, na última centena de postagens dele no

¹³⁸ <http://agnussanctus.blogspot.com/>

Twitter não existe qualquer menção ou campanha contra aborto. Porém, com uma média de 10 tuítes diários ele se ocupa em retuitar reportagens e postagens em apoio a Bolsonaro. Os retuites apontam uma bolha ideológica típica: @Biakicis, @isentoes2, @jairbolsonaro, @Rconstantino, @radardamidia, @taoquei, @CarlaZambelli38, @OlavoOpressor, @CarlosBolsonaro, @bernardopkuster.

Adimilson é um típico usuário das redes sociais sequestrado pelas bolhas ideológicas, em cujos termos, “católico”, “conservador”, “pai de família”, “direita”, “patriota”, “nacionalista” se tornam categorias identitárias unívocas, excluindo qualquer um que não participe desta composição ideológica. No entanto, de forma alguma, esta vivência sequestrada do *homem-comum* pode ser vista como baixo grau de formação ou instrução. Na imagem a seguir, vemos a postagem de Josiana Zanotelli dos Santos¹³⁹, engenheira agrônoma, doutora pela UnB.



Figura 42: Resposta de @JosianaZs a @Pontifex_pt. Disponível em: <https://twitter.com/JosianaZs/status/1073156856879738882>

“Josi”, que tem quase 15 mil seguidores, se apresenta no seu perfil do Twitter como “Dra. em Agronomia, mãe, espírita, mulher, trabalhadora, casada, adora política e bem humorada. Cansada da corrupção e de políticos incompetentes”. Ao contrário de Adimilson, Josi não é católica, porém pertence a uma bolha ideológica semelhante. O fato de não ser católica e se ocupar em responder um tuíte papal sem sequer segui-lo no Twitter é no mínimo intrigante. Josiana se enquadra como ativista de rede social, reproduzindo, marcando, retuitando

¹³⁹ Currículo de Josiana Zanotelli dos Santos: <http://lattes.cnpq.br/4112575301658271>

e inflando as redes de propagação de “informações” de certo espectro político. Não é possível afirmar que ela tenha consciência de que pertence a uma bolha e que parte das postagens que faz, de forma orgânica está a serviço de uma determinada máquina de guerra informacional. Mas, tanto Josi quanto Adimilson compõe o que se convencionou chamar de milícia virtual. São replicadores e engajadores orgânicos, destinados a concordar sempre com os direcionadores de conteúdo. Aparentam serem pessoas resolvidas e informadas, mas são reféns da mesma tragédia pós-moderna. A única chance que pessoas como eles têm de olhar para fora da bolha são contas de certas celebridades como a do próprio Papa. Na imagem que segue, apresentamos um breve enfrentamento destas milícias nos comentários de um tuíte do Papa.



Figura 43: Recorte de um debate nos comentários de um tuíte do Papa Francisco: Tortura e aborto. Disponível em: <https://twitter.com/KendraChihaya/status/1057670728047357952>

Como pode ser observado na figura 42, o tuíte do Papa falava sobre o pecado de torturar pessoas e que as comunidades cristãs deveriam se dedicar a apoiar as vítimas de tortura. Porém o tuíte alcançou 367 comentários e nestes comentários o assunto mais observado foram grupos “justificando” a tortura por entenderem que o tuíte se tratava de uma “indireta” do Papa ao então candidato a presidência Jair M. Bolsonaro. Vale ressaltar que o mesmo tuíte foi publicado

em todas as contas do Papa e era uma referência a homilia de Francisco naquele dia. No entanto, como a campanha presidencial estava esquentando no Brasil, o tuite do Papa foi utilizado tanto pelos apoiadores de Bolsonaro quanto pelos seus detratores. Vale lembrar que naquele momento a campanha estava indefinida e que muitos pretendiam utilizar eleitoralmente o tuite como uma espécie de alerta do Papa para a eleição que ocorria no Brasil. Como argumentos de defesa, as milícias virtuais partem para o *ad hominem*, e por mais que o tuite do Papa não tivesse a intenção de falar sobre esse ou aquele, o resultado foi, como demonstra aquele pequeno recorte uma “guerra de foice” em que o tema passou a ser o que era pior: torturar ou abortar? Este desvio de tema, típico destes embates, com argumentos pobres e geralmente desqualificadores é o comum desta ambiência.

Com relação às questões de gênero, Francisco não altera uma só vírgula do catecismo. Aqui ainda é mais célebre o “como” a comunicação e não a “doutrina” determinou a imagem que foi construída de Francisco. A celebre frase do Papa na coletiva de imprensa a bordo do avião que o levava do Brasil “Se uma pessoa é gay, procura a Deus e tem boa vontade, quem sou eu, por caridade, para julgá-la?”¹⁴⁰ ganhou destaque nas principais manchetes do mundo, no entanto ela omitiu esta segunda parte: “O catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados por causa disso, mas devem ser integrados na sociedade. O problema não é ter essa tendência. Não!”. Ou seja, não é possível dizer que Francisco se quer alterou a interpretação do catecismo, novamente, sua mudança é na postura e na comunicação como um todo, principalmente àquela comunicação que transcende as palavras e que reside nos gestos e no tom de voz. Certamente se Bento XVI respondesse esta pergunta – o que seria inusitado, pois ele não gostava muito de coletiva de imprensa – não seria muito diferente em palavras, porém, o resultado seria outro. No entanto, Francisco acabou ganhando a simpatia de uma parcela significativa do público LGBTQ+ e principalmente daqueles mais sensíveis a esta questão.

Porém, há os que discordam de que Francisco seja de fato um “liberal” e retomam o seu passado na Argentina. O comentário a seguir é de uma liderança LGBTQ+ de Portugal e ela seguiu o comentário do Eurodeputado Português Paulo Rangel:

¹⁴⁰ Esta frase saiu estampada em vários jornais do mundo. No link que segue está a transcrição de parte da entrevista que durou quase uma hora e meia na viagem de retorno do Papa depois de sua visita ao Brasil: <https://oglobo.globo.com/rio/se-pessoa-gay-procura-deus-tem-boa-vontade-quem-sou-eu-para-julga-la-disse-papa-francisco-9255712>



Figura 44: Comentário de Miguel Peres ao comentário de Paulo Rangel ao tuite do Papa Francisco. Disponível em: <https://twitter.com/Jmrpportugal/status/1205791535574503424>

Na compreensão de Peres, a expressão “todos” do Francisco é excludente, não apenas na redação da palavra que não leva em conta uma etiqueta de gênero (todes, todxs, tod_s) como também pelo citado histórico de Bergoglio. Enquanto cardeal de Buenos Aires, ele foi contra a união de pessoas do mesmo sexo na Argentina. Neste sentido, a questão é muito delicada, uma vez que a Igreja reconhece a existência e a condição dos homossexuais, porém, a solução moral apresentada pela mesma é o celibato. Assim a Igreja propõe moralmente algo semelhante ao que propõe quando se trata de “planejamento familiar”, onde o único método contraceptivo é o *Ogino-Knaus*, também conhecido como “tabelinha”. Aqui, como em outros pontos, a moral católica recorre ao chamado direito natural. Não são foco de nossa discussão os elementos filosóficos do jusnaturalismo, porém cabe a nós ressaltar uma determinada mudança pastoral por parte da Igreja em questões morais. Esta mudança pastoral deve ser da área combativa e condenatória para a acolhedora e misericordiosa.

Em relação às questões de gênero, a “guinada” pastoral é um pouco menos sensível que as demais, isso porque há uma resistência muito grande nas bases eclesiais. Mesmo assim, vários grupos foram encorajados a “sair do armário” dentro do próprio catolicismo. Trocadilhos à parte, ganhou força durante o papado de Francisco e com a consolidação da ambiência das redes sociais, grupos que se auto identificavam como gays católicos, lésbicas católicas, transgêneros e transsexuais católicos. Inclusive ganhou notoriedade o padre jesuíta James Martin que promove palestras e debates sobre a presença, o acolhimento e o respeito à pessoas LGBTQ+.

Algumas páginas no Facebook se identificam com a causa, como por exemplo a @redenacionalcatolicoslgbt¹⁴¹, @diversidadecatolica¹⁴² e @GAPDSP¹⁴³ que costuma replicar muitas publicações do Papa e da CNBB. Esta página também disponibiliza uma rede de contatos de apoio para pessoas homossexuais em situação de vulnerabilidade e violência. No entanto, tais páginas têm bem menos seguidores, embora sejam até mais ativas do que as páginas com conteúdo religioso agressivo à população LGBTQ+.

Muitas páginas conservadoras não fazem “campanha” aberta contra pessoas LGBTQ+, porém usam de subterfúgios de linguagem tais como: *lobby gay* no Vaticano, missa gay, infiltração LGBTQ+, ideologia de gênero etc. Estas páginas costumam “denunciar” a “infiltração” nas comunidades dos “grupos gays” por meio de fotos e textos explicativos alarmistas que seguem com comentários do tipo: “socorro meu Deus!”, “as portas do inferno não prevalecerá [sic]”, “valei-me Nossa Senhora”, “a Igreja está perdida”... Seguida de ataques ao clero “vermelho”.

São inúmeros os exemplos deste tipo de postagem e das reações a eles, escolhemos, por óbvio, um que se refere a visita do padre James Martin ao Papa Francisco:

¹⁴¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/redenacionalcatolicoslgbt> a página também indica o site: www.diversidadecatolica.com.br

¹⁴² Diversidade Católica

¹⁴³ Grupo de Ação Pastoral da Diversidade SP

Thyself, O Lord
30 de setembro de 2019 · 🌐

O Papa Francisco recebeu o padre jesuíta James Martin, conhecido mundialmente por apoiar a causa LGBT, especialmente o que ele chama de "católicos LGBT".

O encontro foi visto como apoio explícito ao padre dos gays, depois que o arcebispo Charles Chaput advertiu os católicos contra James Martin nos Estados Unidos. Chaput alertou que a mensagem de Martin confundia os católicos e não representava a Doutrina da Igreja.

O encontro entre Martin e Francisco ocorreu na sala onde Francisco recebe representantes internacionais, o que dá mais força ao encontro.

James Martin, depois da reunião, declarou que foi um encontro fantástico com o Papa, que "eles tiveram várias risadas", que dividiu com o Papa a "experiência e a alegria dos católicos LGBT" e que viu a audiência "como um sinal de que o Papa se preocupa com os católicos LGBT".

Bom, acho que Chaput entendeu o recado, viu de que lado o Papas está.

Vejam mais em
<https://thyselfolord.blogspot.com/.../papa-francisco-mostra-a...>



2 comentários 4 compartilhamentos

Figura 45: Postagem sobre a recepção do Padre James Martin pelo Papa Francisco. Disponível em: https://www.facebook.com/search/top/?q=Papa%20Francisco%20LGBT&epa=SEARCH_BOX

Chaput, que aparece no final do texto da postagem é Dom Charles Chaput, arcebispo emérito da Filadélfia, conservador e crítico de algumas posturas e documentos papais, Chaput escreve um artigo¹⁴⁴ na ACI digital em que “esclarece” que o padre Martin não fala em nome da Igreja, que sua iniciativa até é “louvável”, porém, “o Padre Martin – sem dúvida, sem ter a intenção – suscita a esperança de que os ensinamentos da Igreja sobre a sexualidade humana possam mudar” (2019).

Ao passo que a Igreja ensaia alguma abertura, do outro lado da trincheira, alguns grupos LGBTQ+ permanecem na ofensiva, atento a qualquer “deslize”. Na postagem a seguir, uma frase retirada de contexto dá o tom da publicação, apontando para certa “ignorância” do Papa em relação a condição homoafetiva. O próprio comentário recolhido aponta para isso.

¹⁴⁴ Artigo: Mensagem de jesuíta James Martin é ambígua e confunde, alerta Arcebispo. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/mensagem-de-jesuita-james-martin-e-ambigua-e-confunde-alerta-arcebispo-51495>



Figura 46: Postagem LGBT News Brasil Disponível em: <https://www.facebook.com/lgbtnewsbrasil/posts/1211439139012459>

No entanto, quando lida a reportagem, a fala de Francisco diz o seguinte:

Eu diria, em primeiro lugar, que rezem, que não condenem, que dialoguem, que deem espaço ao filho ou filha — respondeu o Papa, destacando que os pais devem levar em consideração a idade da criança. — Quando é observado a partir da infância, há muito o que pode ser feito por meio da psiquiatria, para ver como são as coisas. É outra coisa quando se manifesta depois dos 20 anos (LGBT NEWS, s.d.).

No contexto, o Papa fala de acolhida, de diálogo e espaço. A interpretação da frase seguinte pode ter um duplo entendimento, pode ser interpretado sim como a possibilidade do acompanhamento psiquiátrico “reverter” a “situação”, ou pode ser entendida também como a importância que a família deve dar ao fato e buscar ajuda especializada para melhorar o acolhimento do seu filho. Este tipo de exposição dúbia acaba aquecendo os conflitos em redes sociais. Elas são geralmente um chamariz para engajamento e geralmente dão certo.

Neste sentido o receio da Igreja de entrar nestes espaços foi exposto por Sbadelotto (2017). Quando da criação do Twitter papal e de outros espaços nas redes sociais havia o receio justamente da capacidade da comunicação da Igreja dar conta de tudo o que poderia ocorrer em termos de comentários, polêmicas, interpretações etc. Parece que de fato a exposição da figura

Papal e da própria Igreja poderia gerar a heresia comunicacional. O mais interessante é que, parte das pessoas que atacam não são figuras especializadas nisso, *haters* profissionais ou mesmo *bots*, pelo contrário, são pessoas comuns, muitas vezes com quem convivemos e que fora desta ambiência são dóceis, simpáticos e solidários, mas que neste local, pasteurizam-se pela bolha ideológica em que estão inseridos a ponto de banalizarem o mal. Como já adiantamos no capítulo 2, o *homem-comum* nesta ambiência se torna ao mesmo tempo vítima e agente do mal que produz, algo semelhante à análise de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal.

4.4 AS REDES DO PESCADOR

Pedro, considerado pela tradição da Igreja o primeiro papa, era pescador. Ironicamente, o grande instrumento de trabalho de um pescador são as redes e um barco. Digo ironicamente, pois Francisco, segundo a tradição da Igreja, é sucessor do Apóstolo, e hoje, inevitavelmente, seu instrumento de “evangelização” são as redes. Não mais àquelas redes de lã e linho que se rompiam pela quantidade de peixes na pesca miraculosa que fez Pedro abandonar seu empreendimento e seguir a Cristo¹⁴⁵, mas as complexas redes humanas formadas pelo *bios virtual*.

Do emaranhado de fios bem amarrados e interligados que seguram, cercam e capturam os peixes para o emaranhado de relações que combinam conexão e desconexão, continuidades e descontinuidades, que capturam vidas, as interligam e ao mesmo tempo as afastam. De Pedro a Francisco, a rede é ao mesmo tempo realidade e analogia, nada mais religioso que um símbolo como este.

Nossa etapa final é abordar cada uma das redes sociais mais utilizadas, procurando entender a quem o papa atinge através delas, quais formatos e conteúdos vinculados. Enfim, quem é Francisco naquela rede.

4.4.1 Twitter: @Pontifex

A primeira atividade efetiva nas redes sociais utilizando-se da figura papal foram as contas do Twitter @Pontifex. De acordo com Sbardelotto (2017), as contas papais – são um total de 9 – no Twitter. Com já mencionado, a conta foi criada em 12 de dezembro de 2012, ainda no papado de Bento XVI. Do primeiro tuíte até 28 de fevereiro de 2013, data da renúncia,

¹⁴⁵ Cf. Evangelho de Lc 5, 1-11.

o Papa Bento XVI enviou 37 tuítes. Moisés Sbardelotto dedica o capítulo 6 de seu livro “E o Verbo se fez Rede” sobre estas contas no Twitter, sua análise nos inspirou a buscar os dados atuais e a compreender a presença do Papa nesta ambiência.

Dadas as condições fluidas e velozes das redes sociais, faz necessário acrescentar que hoje¹⁴⁶ são detectáveis oficialmente 9 contas nos seguintes idiomas: inglês, espanhol, português, italiano, francês, alemão, polonês, árabe e latim. O número total de seguidores somando estas contas se aproxima de 50 milhões. Durante nossa pesquisa o número de seguidores foi crescendo sempre na casa dos milhões, o gráfico a seguir foi construído com dados obtidos anualmente por este pesquisador. O número inicial de 2013 é um dado da obra de Sbardelotto (2017), já os demais, a partir de 2016, início de nossa pesquisa, são considerados sempre o mês de fevereiro/março e a soma de todas as contas juntas:

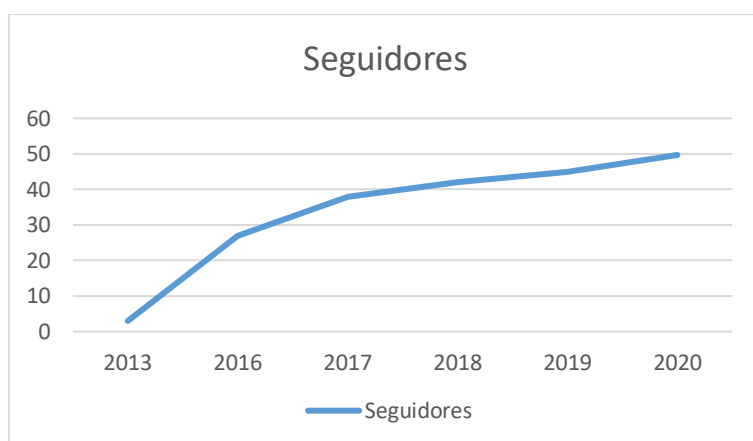


Gráfico 1: Número de seguidores (em milhões) das 9 contas @pontifex somadas. Fonte: primária.

Quando da renúncia do Papa Bento XVI ao cargo, as contas do Twitter somavam 3 milhões (SBARDELOTTO, 2017, p. 112) sendo que ao final do mesmo ano, já com Francisco ela havia alcançado 10 milhões. Entre 2013 e 2016 não foi encontrado dados periódicos, a partir de 2016 passamos a monitorar estes números a fim de gerar insumos para a pesquisa. Como liderança global, Francisco fica apenas atrás de Donald Trump com cerca de 75 milhões de seguidores. No entanto, conforme análise via SparkToro, Trump tem 70,2% de seguidores fake, de forma que os seguidores reais cairiam para algo em torno de 22 milhões. A mesma análise feita com Francisco em @Pontifex_pt, @Pontifex e @Pontifex_it. Vejamos:

¹⁴⁶ Dados atualizados em 10 mar. 2020



Figura 47: análise SparkToro Donald Trump. Disponível em: <https://sparktoro.com/fake-followers/realdonaldtrump>

A ferramenta de inteligência artificial SparkToro é bastante utilizada atualmente no intuito de analisar a influência real das pessoas nas redes sociais. Esta ferramenta surgiu como uma demanda do próprio mercado já que estavam aparecendo denúncias de escândalos envolvendo o uso de *bots* para impulsionar campanhas políticas, como no celebre caso da *Cambridge Analytica*. Trump, presidente dos EUA, acusado de usar *bots* em sua campanha e durante seu governo como forma de orquestrar a opinião pública a seu favor e agenciar seus seguidores contra a grande imprensa estadunidense, conforme a figura 46 tem 70,2% de falsos seguidores. SparkToro analisa detalhadamente o que considera seguidores falsos, subdividindo-os em usuários inativos, novos usuários, sem imagem de perfil, problemas de localização, problemas de URL, volume de compartilhamento, número pequeno de listas, número suspeitamente pequeno de seguidores bem como seguem um número pequeno de pessoa e por fim, um nome de perfil suspeito, ou seja, Algarismos e letras que remetem a *spam*.

Dos 70,2% dos seguidores falsos de Trump, sabe-se que uma parte deles são perfis *haters*, que o seguem para comentar e atacar suas falas. Porém, mesmo os perfis *haters* podem estar a serviço do próprio Trump cumprindo a função de reforçar a narrativa de que o presidente estadunidense é perseguido e injustiçado. Algo semelhante acontece com o presidente brasileiro que possui 6,4 milhões de seguidores, já chegou próximo de Trump em termos de perfis falsos e hoje se estabilizou na casa dos 45% de *fakefollowers*.

No caso de Francisco, escolhemos 3 das 9 contas para demonstrar. A conta em inglês escolhemo-la por ser a com maior número de seguidores e para fazer mais sentido a comparação com Trump. A conta em português é o foco de nossa análise e a conta em Italiano por apresentar o maior número de seguidores falsos.

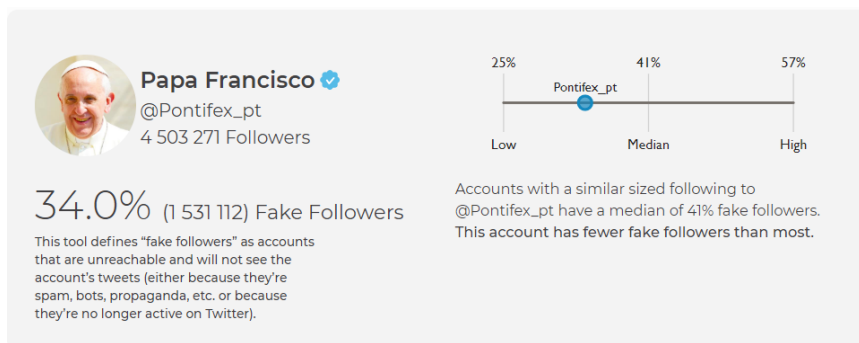


Figura 48: Análise SparkToro Papa Francisco. Disponível em: https://sparktoro.com/fake-followers/Pontifex_pt

O perfil do Papa em português conta com 4,5 milhões de seguidores, sendo que 34% dos seguidores são considerados perfis falsos. Segundo a métrica do próprio resultado da análise, este valor está de médio para baixo. Por outro lado, não se pode precisar que os perfis falsos servem para gerar engajamento nas publicações ou para atacar através de comentários odiosos. De qualquer forma, mesmo os ataques geram engajamento. Algo semelhante ocorre com a conta em inglês.

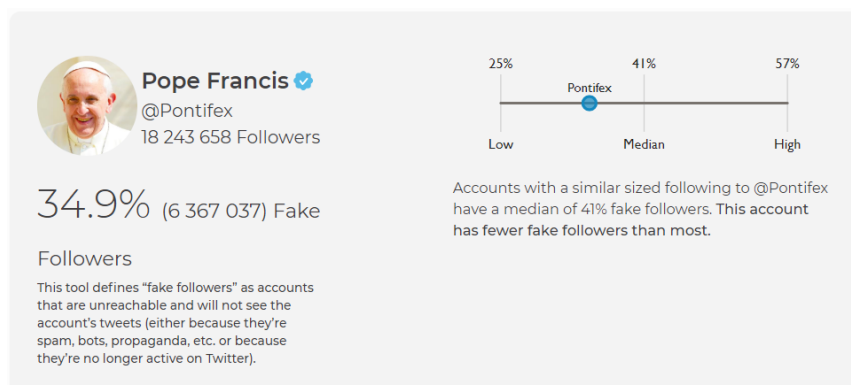


Figura 49: Análise SparkToro Pope Francis. Disponível em: <https://sparktoro.com/fake-followers/pontifex>

Os dados semelhantes na conta em inglês nos levam a mesma análise anterior. Ressalta-se apenas que a conta em inglês é a conta com o maior número de seguidores, com 18,2 milhões de seguidores. De fato, a conta que mais destoa e que, portanto, tem o maior número de seguidores falsos é a conta em italiano.

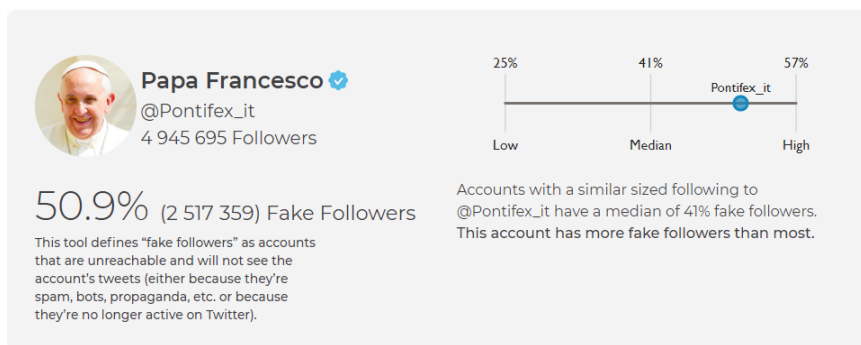


Figura 50: Análise SparkToro Papa Francesco. Disponível em: https://sparktoro.com/fake-followers/pontifex_it

A análise, neste caso, aprofunda o que já foi comentado anteriormente com relação a política interna da Itália. Neste país, Francisco é visto como o grande empecilho do avanço da extrema direita. As redes sociais se tornaram o único espaço para difusão de ideias xenofóbicas e radicais à medida que as linhas editoriais da grande imprensa abandonaram este tipo de posicionamento ainda no século XX, cerceando com razão, este tipo de opinião. Este cerceamento ficou conhecido como “ditadura do politicamente correto” e deixou órfãos àqueles que “bebiam” ódio por meio dos jornais. As TVs mais periféricas com seus programas policiais se tornaram o último reduto destes órfãos antes das redes sociais. Com a chegada desta nova ambiência virtual, muitos encontraram um novo espaço, não apenas para consumir ódio, mas também para destilá-lo, sentindo-se acolhidos, em grupo, percebendo que não estavam sós, mas motivados a expor o que pensavam. Os algoritmos das redes sociais permitiram assim que agissem em grupo, que seus pensamentos antes isolados agora poderiam parecer hegemônicos. Eis o advento da extrema-direita pós moderna.

É impossível entender o advento destes grupos sem entender como elemento fundamental as redes sociais. Este fenômeno ajuda explicar os ataques que o perfil italiano do Papa sofre cotidianamente, a seguir um exemplo de uma atividade comum no perfil do santo padre:



Figura 51: Tuíte de @Pontifex_it. Disponível em: <https://twitter.com/vasgiu1/status/1241366851663409152>

No tuíte acima, o Papa escreve: “*A #Quaresma nos convida a refletir o significado da vida, certos de que somente em Cristo e com Cristo encontramos respostas para o mistério do sofrimento e da morte. Não fomos criados para a morte, mas para a vida, e a vida em abundância, a vida eterna*”¹⁴⁷. Trata-se de um recorte da homilia de Francisco, cuja intenção é chamar para a reflexão quaresmal. É um típico tuíte do papal, geralmente são 3 a 5 tuítes como este. Na sequência, um usuário bastante suspeito responde: “*As piores pessoas do mundo foram trazidas para o nosso país, PESSOAS QUE NÃO SÃO CRISTÃS, PESSOAS QUE NÃO SÃO MAIS CIVIS DO QUE NÓS, PESSOAS QUE TÊM EM BUDA OU EM ALÁ OU EM QUALQUER DEUS OU QUEM SABE O QUE SEUS DEUSES FAZEM QUE FAZEM PECADOS MAIS DO QUE NÓS*”¹⁴⁸. O perfil @vasgiu1 tem apenas 11 seguidores e segue 75 pessoas. Sua foto de perfil é uma imagem da sagrada família com o escrito “*preghiamo per tutte le nostre famiglie*”. Não possui imagem de capa e seu ingresso no Twitter foi em agosto de 2016. Tuítes próprios são muito poucos, apenas 8 e quase todos em 3 de setembro de 2017. Porém ele é bem ativo em responder postagens¹⁴⁹ do Papa, de Matteo Salvini, Donald Trump, L’Osservatore Romano etc. Sempre com uso abusivo de letras maiúsculas o que na etiqueta da internet significa gritar. Ou seja, um típico *hater*.

Este típico usuário é frequente em outras contas papais, não com o mesmo volume da conta italiana. Na conta em português detectamos alguns casos bem semelhantes, cujas

¹⁴⁷ Tradução do Google.

¹⁴⁸ Tradução livre.

¹⁴⁹ Pode ser conferido em: https://twitter.com/vasgiu1/with_replies

acusações são de “comunista”, “esquerdista”, etc. Na sequência uma série de recortes para se ter ideia:



Figura 52: Série de respostas a @Pontifex_pt. Disponível em: https://twitter.com/Pontifex_pt

Esta coletânea de respostas à alguns tuítes papais dão uma ideia do clima que se instaurou nas redes sociais e como o Twitter pode ser um espaço indigesto. Não são necessários muitos exemplares como estes para entender que embora a intenção da Igreja em adentrar nessa ambiência fosse se aproximar dos fieis estabelecendo protocolos de conexão e proximidade, ela se sujeitou também a todo tipo de agressão verbal. É o risco de uma ambiência que permite a publicidade da reação. Percebe-se que este protocolo tornou-se tão violento e perigoso que as

redes sociais mais tradicionais (Twitter, Facebook e Instagram) viram no modal do Snapchat uma saída interessante. O primeiro a assumir foi o Instagram e logo da sequência o Facebook passaram a dispor da ferramenta “*stories*”, mais tarde também o WhatsApp e em ensaio recente o Twitter com o “*fleet*”. A ideia é publicar algo temporariamente e as reações e comentários ocorrerem privadamente, evitando assim a exposição naquela outra forma protocolar.

Voltando ao uso da conta pontifical é possível traçar certo padrão de publicações. Em geral são 4 a 5 publicações diárias, sendo que pelo menos uma é uma frase retirada da homilia da missa do dia, na sua maioria da celebração que o Papa preside todas as manhãs na capela da casa de Santa Marta onde ele reside. É comum também o uso da *hashtag* RezemosJuntos sempre indicando algum evento temático do dia, como o dia das comunicações sociais, o dia internacional das famílias, ou por alguma região do globo que esteja passando por dificuldade ou ainda lembrando do Santo comemorado naquele dia. Quando de audiência geral, costuma-se também extrair uma frase para postagem. Ou quando está em viagem apostólica usam-se frases dos seus pronunciamentos públicos com a *hashtag* ViagemApostólica. Mais recentemente a conta papal começou a compartilhar também imagens e vídeos atualizando o protocolo de uso desta plataforma. Não existe, no entanto, registro de qualquer resposta a qualquer usuário, o que configura também um protocolo de uso.

Diante disso, pode-se afirmar que o uso do Twitter como elemento comunicacional do Papa contribuiu muito para aproximação deste com o público em geral, principalmente tornando familiar a sua rotina, ao passo que torna cotidiana as suas falas. Por outro lado, o fato do Papa ser atacado constantemente por usuários, muitos *haters* e outras pessoas comuns que acabam sendo levadas pelas suas bolhas sociais, demonstram que ninguém está imune a realidade inóspita desta ambiência.

4.4.2 O Papa no Facebook

A presença do Papa no Facebook não se dá de forma direta, ou seja, não existe uma conta oficial que se apresente como Papa Francisco, a mais próxima disso é a página “O vídeo do Papa”. Alguns perfis se passam por ele, são contas pessoais que se apresentam como sendo o próprio Papa. Estes perfis, de maneira geral são pouco ativos e tem poucos amigos. Algumas postagens destes perfis replicam postagens de páginas oficiais ou notícias de outros canais relativos ao Papa, bem como recebem comentários dos mais diversos tipos, desde pedidos de oração até ataques.

É preciso reforçar que Bergoglio é velho conhecido do Facebook, enquanto cardeal na Argentina já existia uma página chamada de “Cardenal Jorge Bergoglio”, criada por Cecília Fernandez Castro em 2009. A página reproduzia, com autorização dele, as mensagens e as posições do então prelado argentino como já comentado anteriormente.

Como já relatamos anteriormente a presença de mensagens oficiais do Papa no Facebook se dá pela página *Vatican News*, antiga página Rádio Vaticano – Programa Brasileiro. No entanto, são inúmeras as páginas que utilizam o nome de Francisco para repassar mensagens. Muitas “*fake quote*”, ou seja, falsamente atribuídas ao Papa, ao estilo do fenômeno “segundo Clarice Lispector¹⁵⁰”. Há também o fenômeno dos grupos privados e públicos que são construídos em apoio a figura do Papa, alguns já citados anteriormente neste trabalho. Em português não foi encontrado uma página específica de “ódio” ao Papa, o que existem são páginas que, vez ou outra, miram em Francisco com publicações. Possivelmente algumas páginas foram criadas com objetivo de atacar o pontífice, no entanto, as regras de publicação do próprio Facebook devem ter eliminado ou bloqueado tais tentativas.

Cabe nesse momento citar as páginas, comunidades e os grupos mais populares que utilizam o termo Papa em sua nomenclatura. Como existe um número muito grande de dados, direcionamos para páginas em português, preferencialmente brasileiras e com relevância (engajamento) apontada pela própria ferramenta de busca do Facebook. No intuito de “burlar” o algoritmo, cruzamos os dados com ferramentas de busca do Google e de uma conta paralela, isto é, uma conta sem histórico de acessos para evitar o efeito bolha do algoritmo.

Começando pelas páginas: a página com o maior número de seguidores é a página “Papa Francisco – amigos e amigas” (@amigosamigasfrancisco), são 4,3 milhões de seguidores, foi criada em 2013 e de lá para cá alterou seu nome duas vezes: primeiramente se chamou Papa Francisco, em 2016 alterou para Papa Francisco Brasil e em 2017 para o nome atual. A página se identifica como *fanpage* e é gerida pela Aleteia. A Aleteia é “uma publicação online de informação e formação, em 8 idiomas (português, inglês, francês, espanhol, italiano, árabe, polonês e esloveno)” (ALETEIA, 2019). Esta empresa é uma iniciativa de leigos e operado pelo Grupo Media-Participations. Este empreendimento possui o aval e o apoio do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais e do Pontifício Conselho para a Nova Evangelização.

A página é bastante movimentada, com cerca de uma publicação por hora, porém, com conteúdos bastante diversos e uma ou outra coisa sobre Francisco. O engajamento da página se dá tanto pelos compartilhamentos como por reações e comentários. Embora existam muitos

¹⁵⁰ “Meme” muito comum nas redes sociais, atribuir uma frase aleatória a Clarice Lispector se tornou o exemplo mais claro de *fake quote*.

comentários, percebe-se que existe certo controle de conteúdo (censura), pois não se encontra qualquer tipo de comentário negativo ou ofensivo ao Papa, no máximo uma ou outra crítica a Igreja que costuma ser rebatida pelos demais usuários. Aliás, o comentário mais comum é “Amém!”

Outra página com um considerável número de engajamento é “Papa Francisco” (@SantoPadreBrasil) com mais de 560 mil seguidores. A página foi criada também em 2013 e nunca mudou de nome. Não possui um proprietário oficial confirmado pelo Facebook, porém se auto identifica na descrição da seguinte forma: “Esta página foi criada e é administrada por jovens católicos leigos, em homenagem ao Papa Francisco. Nela postamos imagens condizentes com a fé católica. Não temos qualquer relação e contato com a Santa Sé ou a Cidade-Estado do Vaticano” (SANTOPADREBRASIL, 2013). Esta página, no entanto, não tem tanta regularidade em suas postagens e geralmente são notícias falando de bons exemplos de vida ou de fatos aleatórios trágicos no intuito de solicitar aos fiéis mais orações. Nesta página não há muitos filtros nos comentários, o que torna possível encontrar críticas ao Papa ou mesmo comentários ofensivos tais quais os mencionados anteriormente quando abordamos o Twitter. Vale ressaltar um efeito interessante encontrado nesta página: muitos dos comentários, mesmo os negativos, falam diretamente ao Papa como se de fato a página fosse um perfil pessoal, ou seja, cumprem um protocolo de conexão sem se darem conta que a página é apenas uma produtora de conteúdo aleatória sem qualquer vínculo direto com Francisco.

Uma terceira página que usa o termo “Papa Francisco” (@PapaFranciscoOficialBrasil) com cerca de 340 mil seguidores é gerida pela organização de mídia Mixcatólico. A página é bastante ativa com muitas publicações diárias, voltadas de maneira geral para divulgação de celebrações católicas no Estado de São Paulo. Algumas publicações são também de frases de orações e da liturgia diária. Tal como nas outras páginas, ocorre o fenômeno de pedidos de oração bem como mensagens pessoais ao Papa, cumprindo um protocolo de conexão pessoal.

A página “Francisco, o Papa da humildade” (@Franciscoopapadahumildade) com mais de 400 mil seguidores publica diariamente conteúdos religiosos, principalmente frases e orações com “*gifs*” e muitos “bom dia” e “boa noite” – certamente essa deve ser uma das fontes de conteúdo daquela sua “tia-do-zap” que enche o grupo da família. A página se apresenta como homenagem ao Papa e não pertence a uma empresa ou entidade. Outra página que usa o nome “Papa Francisco” (@PapaFranciscoI), está com cerca de 58 mil seguidores, divulgava mais imagens, vídeos e frases do Papa, porém, está praticamente inativa. A página informava não ser oficial e era gerenciada por admiradores do Papa Francisco.

O Vídeo do Papa (@ovideodopapa) é a página que introduz oficialmente no Facebook os vídeos produzidos pelo canal homônimo no Youtube. Esta página possui mais de 269 mil seguidores e um ritmo de publicação quase diário e sempre de conteúdos relativos a Santa Sé. Os vídeos, bem como a página se enquadram na “Rede Mundial de Oração do Papa” (Apostolado da Oração), uma iniciativa de Francisco para ampliar as “pontes” e a “cultura do encontro”. Esta página foi criada em 31 de agosto de 2015 e é gerenciada por pessoas de diversas partes do mundo ligados a LaMachi, uma agência de publicidade foca em Marketing Digital para causas sociais.

Quanto aos grupos, destacamos os seguintes: “Apoiamos o Papa Francisco”, “Mensagens do Papa Francisco”, “Papa Francisco Ora por mim”, “Oração pelo Papa Francisco”, “Francisco eu estou aqui” etc. Estes grupos existem por adesão dos usuários, alguns são públicos e outros privados. A lógica dos grupos obedece ao protocolo de compartilhamento de mensagens entre os membros, quando privado ele tem a intenção de restringir o espaço de discussão ao mesmo tempo em que pode servir para a mobilização no engajamento de alguma causa em rede, como por exemplo, chamar a atenção para a publicação de um membro ou comentar a publicação de alguém. Este é o caso dos grupos “Apoiamos o Papa Francisco” e “Francisco eu estou aqui”. Estes grupos têm justamente o intuito de “defender” ou divulgar determinadas mensagens relacionadas ao Papa nas redes. Alguns membros destes grupos encontram postagens “anti-papa”, ou publicações contrárias ao que eles acreditam ser a “posição do Papa” e compartilham nestes grupos no intuito de mobilizarem os demais.

Vale destacar de maneira geral como os protocolos de engajamento são construídos de forma autônoma, onde os vínculos são sempre muito fluidos, como no caso de algumas páginas que foram criadas espontaneamente em homenagem ao Papa, mas que depois se desfizeram sem qualquer protocolo de encerramento, simplesmente foram abandonadas ou deixaram de ser alimentadas.

4.4.3 O uso das imagens: o insta-papa

Durante toda a pesquisa sobre os laços comunicativos nas redes sociais, nenhuma chamou mais a atenção do que o Instagram. Os protocolos desta rede social são baseados na exploração contínua e exaustiva da imagem, ao mesmo tempo em que a subvertem com “efeitos” e “filtros” distanciando a “realidade capturada” da “realidade publicada”. Por outro lado, ao colocar a fotografia como centralidade e o texto em segunda ordem, o Instagram se

torna o inverso do Twitter, fazendo com que os usuários desta plataforma busquem certo distanciamento de longos debates e polêmicas – mesmo que sejam possíveis.

Nesta etapa da tese nos aprofundaremos naquela que é a plataforma mais jovem e, por conseguinte, um espaço privilegiado de exposição papal. Nossa análise busca encontrar como o Instagram ajuda na divulgação das mensagens e da atividade cotidiana de Francisco.

4.4.3.1 Do dispositivo à Fotografia

São muitos e conhecidos os estudos sobre fotografia desde o esplêndido trabalho de Benjamin. Ocorre que, recentemente com o avanço das redes sociais, percebe-se uma verdadeira revolução no campo dos estudos da fotografia. Neste sentido, sustenta Barros (2017, p. 151) que:

A supremacia da visualidade nos processos de comunicação interpessoal mediados tecnologicamente hoje em dia pode ser aferida pela quantidade estratosférica de fotografias compartilhadas diariamente nas redes sociais, mesmo nas que, ao contrário do Instagram por exemplo, não têm na imagem um imperativo para que o usuário publique uma mensagem (Facebook, Twitter, Tumblr, QZone, WeChat, Line, Google+, para citar as mais conhecidas).

Percebe-se assim que a fotografia vai se tornando papel central na mediação das relações sociais, ganhando papel central e imperativo do ser/estar no mundo. Parafraseando Descartes, “sou visualizado, logo existo”. Partindo do pressuposto que o objetivo aqui não é explorar a fundo as questões estéticas implícitas à fotografia, e sim explicar os elementos que são necessários para entender a fotografia como dispositivo, para então compreender como se estabelecem as relações no Instagram. Para entender melhor, pretende-se estabelecer a relação entre Fotografia e o “estar-no-mundo”. Neste interim, é necessário rever o confronto Fotografia e Espelho, para tal, esta empreitada conta com a pesquisa e os argumentos de Lissovky (2008). Benjamin (1992), dedica um profundo ensaio, afirmando que ao contrário do espelho, a fotografia apreende a imagem apartando-a do sujeito. Significa dizer que, se por um lado a fotografia é um sinal de presença, por outro lado, identifica uma ausência do sujeito a quem a imagem pertence. Esta captura do instante nos leva a uma discussão mais profunda, a existência ou não do instante e sua relação temporal.

Uma câmera fotográfica cumpre esse poder fascinante de absorver e autonomizar a imagem refletida, isto é, a imagem que, contraída pela e na presença do próprio atinente se separa e toma distância dele em dois movimentos, a saber, no tempo e no espaço. Em um primeiro instante, a fotografia é como um espelho que pode ser manipulado, pois além, de

maneira fidedigna, a imagem da realidade que nele se projetou. Porém, ao manter a imagem de maneira estática, rompe com a temporalidade especular, sendo assim, a oposição conceitual do próprio espelho.

O principal conteúdo do Instagram é a *selfie*. “Tirar uma *selfie*” é algo semelhante ao se olhar no espelho. Assim, quando o sujeito fotografa a si mesmo, ele é ao mesmo tempo espectador e objeto de captura, sentindo sempre esse descompasso de “ser-eu” e “já-outro”. A fotografia, destinada à fixação do instante, no fluxo contínuo temporal, coloca o sujeito em contraste com a sua passagem, dissociando este sujeito face à sua própria imagem.

Ao separar o sujeito da sua imagem especular o fotógrafo se torna um caçador. “Ao tropeçar a cada passo com a morte, a figura do caçador evoca a do fotógrafo que ao capturar o fortuito e o que lhe passa resvés, surpreende o real e o resguarda, delimitando-o numa forma-cerco (a moldura)”, afirma Oliveira (1984, p. 28). Com base nisto, a fotografia, tal como a caça, representa o instante “embalsamado”. A fotografia é assim este dispositivo de apreensão do instante. Porém há uma pergunta: que instante se quer preservar? Qual o papel do dispositivo nessa dramática necessidade de preservar o instante? Mas, o que é um dispositivo?

Muito mais que um suporte ou um aparato tecnológico, muito mais que uma técnica, o dispositivo é uma máquina relacional ou, nas palavras de Deleuze e Guatarri, “uma máquina diagramática”, “um diagrama maquínico” (BRASIL, 2004). Neste sentido, o “dispositivo coloca em conexão e em funcionamento elementos os mais heterogêneos: trata-se sempre de uma articulação multilinear, composta por fios visíveis e invisíveis, materiais e imateriais, de origem e natureza diferentes” (ANDRADE, 2015, p. 234).

O dispositivo é, portanto, o que “não é nós”, e utilizando a classificação binária de Giorgio Agamben, os dispositivos estão nesta constante relação com os corpos por meio da experiência constante, o que lhes é inescapável. “A experiência da diferenciação é o que permite ao corpo ser sujeito, vivente e substância a um só tempo e, sendo tudo isso, abrir-se aos dispositivos e deles ser causa e efeito” (p. Ibidem). Sendo assim o corpo não é mais àquele da tradição platônica como oposição ao espírito – ou até mesmo um dispositivo da alma – nem mesmo a substância singular aristotélica. Aqui o corpo é “excentricidade fundamental que o faz estar permanentemente fora de si sem jamais sair de si” possibilitando esta contínua relação com os dispositivos, estes sim não corporais. É possível ainda uma aproximação do conceito de dispositivo com o conceito de prótese de Daniel Denett.

4.4.3.2 Fotografia na era do Instagram

A pós-modernidade traz uma nova estética e as novas configurações tecnológicas alteram nossa relação com os dispositivos. Nossa afinidade com o corpo é substancialmente alterada, de maneira que a fotografia reage a este mesmo processo. O rosto é objeto de modificações, operações, transformações, implantes, retoques que põem de lado a dimensão “natural”. A própria arte da maquiagem ganha um novo enlevo. Os ornamentos ganham um novo enfoque. O rosto passa pelo duelo entre subjetivação e alteridade. Ewing (1996) descreve então as crenças sobre a face contestadas pelos fotógrafos atuais. Estas crenças advêm sobre o valor de exteriorização de uma essência que a face e, nela, o olhar levavam a uma visão romântica.

Hoje, de forma antagônica, os fotógrafos contemporâneos acreditam que o rosto é uma superfície alterável, com uma dimensão de máscara sociocultural, facilmente moldável, quer pela manipulação cirúrgica, quer pelas técnicas de maquiagem, quer até pela tecnologia fotográfica a disposição como o famoso photoshop ou pelos variados filtros disponíveis hoje nos aplicativos dos dispositivos móveis (*smartphone*). Do sentido comum que a face demonstra e da sua desconstrução, Ewing passa a analisar o próprio senso comum sobre a fotografia e sua desconstrução. A fotografia não é mais a captação da alma, mas produto; as inúmeras técnicas de manipulação e montagem fotográfica desmentem a verdade especular da câmera escura e abrem as portas à criatividade e à manipulação mediática.

Um dado importante é que a fotografia digital é invisível até o momento em que seus dados são convertidos em informação luminosa na tela. A tela, esta superfície luminosa torna-se o ambiente temporário, uma espécie de espelho manipulável. A ambiência das telas visa atender a uma exigência pertencente ao próprio processo, já que fotografia sempre foi a “escrita pela luz”. Porém, nunca foi possível um dispositivo que pudesse corresponder de forma tão íntima a este caráter particular, a saber, a imagem luminosa.

Existe algo a ser esperado no aparecimento dos suportes eletrônicos para a visualização de imagens fotográficas. Estes écrans, tratados genericamente como telas, representam a forma mais originária de se visualizar uma fotografia, uma maneira quase especular. Ao mesmo tempo, afirma Barros (2017, p. 160):

[...] a velocidade que se imprimiu também no acesso às fotografias, que literalmente rola em nossas telas, empurradas por nossos dedos ansiosos, impede que a abdução se faça, que o clarão do sentido aconteça. A velocidade imposta à experiência do olhar transmuta-o em simples visualização, insuficiente até mesmo para um meio sintético como a imagem. Pode-se lamentar a falta de atenção concentrada dessa experiência, mas não se deve esquecer que olhar sem ver é uma estratégia de sobrevivência nesse

meio de superabundância informativa. A experiência contemporânea do fotográfico está inserida em um ritmo que foi subitamente acelerado com a massificação da comunicação digital.

É neste sentido que se pode afirmar que as fotografias percorrem telas e, graças as redes sociais, elas migram de telas em telas. Esta instrumentalização da imagem se apresenta com mais evidência quando se torna perceptível a escala de recepção que é promovida nas telas, já que estas são também vinculadas à Grande Rede.

Ao longo do século XX os jornais e revistas ilustradas colaboraram enormemente para a proliferação da fotografia, só que quase sempre de maneira restrita a um âmbito profissional de criação fotográfica (jornalística e publicitária, sobretudo). A grande diferença de hoje está na revolução do “instante privado publicado”.

Na era da internet a fotografia migrou dos primeiros *blogs* com fotos, passando pelo *fotolog* – tudo ainda na primeira década do século XXI, atingindo o Tumblr, Flickr, Vimeo ou Youtube – chegando em 2010 ao Instagram, perpassa-se o redimensionamento da divulgação das imagens daqueles que não são necessariamente profissionais, mostrando, no entanto, enlevos técnicos impensados anteriormente.

Se antigamente a fotografia fez parte de um universo de imagens do mundo, sobretudo em sua fase mais material com os papéis, filmes, negativos e cromos, hoje, com os dispositivos pessoais de comunicação e suas écrans interconectadas numa escala de emissão-recepção global, ela se torna porta de acesso imediato a este “presentismo” que é o mundo das imagens na pós-modernidade. Assim, ambiência promovida pelas telas indica a possibilidade de uma experiência fotográfica mais próxima à experiência da imagem, ou seja, tem-se um ambiente voltado a garantir um crescimento da consciência dos usos e papéis que se podem atribuir às imagens fotográficas. Neste sentido, a imagem que não é mais somente uma tecnologia maravilhosa e apenas de entretenimento, tal como a televisão, mas que também promove a fluidez das trocas simbólicas e da construção de sentidos em que todos podem estar aptos a participar, basta usufruir de um dispositivo maquínico de captura e emissão de imagem.

Assim, o Instagram, criado por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançado em outubro de 2010, tem por característica ser uma ambiência virtual cuja finalidade objetiva é a emissão, a recepção e compartilhamento de fotografias, não escondendo assim a finalidade subjetiva dos perfis, que é a construção das suas subjetividades tornando todos espectadores da privacidade alheia.

Faz-se necessário entender como o Instagram se insere neste contexto de icônico do século XXI. Assim com o intuito de construir referenciais de identidade, a utilização de imagens

do Instagram – junto a outros artifícios discursivos – parece produzir uma enormidade de sentidos, confirmando uma tendência atual, característica da cibercultura, que reside na “atualização permanente – e sempre recente – das informações, por meio de fragmentos de conteúdo adicionados a todo o momento” (SIBÍLIA, 2008, p. 116). Desta forma, o “Instante gravado” torna as Redes Sociais uma sucessão de instantes contínuos e descontínuos, onde o espaço e o tempo são “transduzidos¹⁵¹” à uma nova realidade.

Esta realidade fragmentada, composta e disposta nas redes sociais, quando atribuídas a um ator social, representado por um perfil no Instagram ou Facebook (RECUERO, 2009) ajudam a construir o reflexo de si que este indivíduo deseja representar. Em outros termos, aquela instância subjetiva (fiador) que confere autoridade ao autor da enunciação. Pode-se dizer ainda que o sujeito consegue manipular sua imagem especular, migrando esta imagem do âmbito privado para o público. Portanto, “é na qualidade de fonte da enunciação que ele se vê revestido de determinadas características que, por ação reflexa, tornam essa enunciação aceitável ou não” (DUCROT, 1987, p. 187). Essas características, assinaladas por Ducrot, revelam a necessidade subjetiva de construir uma “imagem de si” que possa ser socialmente aceita. Esta “imagem de si” é contaminada de estereótipos culturais que circulam na sociedade como um todo e não apenas nas Redes Sociais.

Conclui-se que os usos das imagens do Papa Francisco podem ser analisados pela ótica da construção dos sujeitos nas redes sociais.

4.4.3.3 @franciscus: O Papa no Instagram

Cabe salientar inicialmente que esta pesquisa pretende abarcar a página oficial “@franciscus” (VATICAN MEDIA, 2016). Neste sentido, a pesquisa está voltada para entender como a exposição da figura papal, que pela sua natureza de líder religioso já é uma figura exposta, é utilizada para a construção de uma imagem intersubjetiva nas redes sociais.

Iniciando pela página oficial do Papa: Esta conta no Instagram é empresarial e seu *copyright* é de responsabilidade da agência de notícias do Vaticano, que antes recebia o nome de L’Osservatore Romano e após a reforma nas comunicações do Vaticano passou a ser nominado *Vatican Media*. Tal conta possui atualmente¹⁵² cerca de 6,8 milhões de seguidores tendo ainda pouco mais de 800 publicações. Ao contrário do que acontece no Twitter, onde o Papa possui praticamente uma conta para cada idioma, no Instagram tem-se apenas uma única

¹⁵¹ Referente à transdução dos conceitos de Simondon.

¹⁵² Dados atualizados em fevereiro de 2020.

conta oficial, porém em cada publicação a legenda é repetida em vários idiomas. Cumprindo radicalmente o objetivo desta rede social, a conta do Papa esbanja fotos do cotidiano papal, porém, ao contrário do que se espera muitas vezes, que é conhecer a “intimidade”, as imagens são geralmente das reuniões, celebrações, entrevistas, recepções, enfim, do cotidiano público. Pergunta-se até mesmo se não se trata mais de peças publicitárias do que meras publicações. A seguir imagens que tiveram um alto índice de engajamento em um curto espaço de tempo:



Figura 53: Papa visita o Refeitório que atende refugiados e imigrantes em Roma. Fonte: [instagram.com/franciscus/](https://www.instagram.com/franciscus/)

Esta publicação data de 29 de agosto de 2016, nela o Papa faz referência ao voluntariado como uma obra de misericórdia. A publicação está no contexto da campanha do Papa em acolhimento aos imigrantes, principalmente os refugiados. O Papa decretou que 2016 seria o ano da misericórdia, incluindo como gesto de misericórdia a atenção aos povos que passam o suplício das guerras. A mensagem que transcende a própria imagem remete a caridade e ao compromisso cristão com aqueles que passam fome. É uma espécie de “mensagem publicitária da misericórdia” que aparece em outras publicações:



Figura 54: Imagem do dia 26 ago. 2017, Praça São Pedro. Fonte: [instagram.com/franciscus/](https://www.instagram.com/franciscus/)

Na legenda da imagem no Instagram está escrito: Consolando os que sofrem, poderemos construir um mundo melhor. Novamente percebe-se que é uma peça publicitária, com técnica profissional, que cumpre o projeto do “Ano da Misericórdia”. As imagens a seguir demonstram que os fotógrafos do Vaticano descobriram certa fotogenia das mãos do Papa.



Figura 55: Publicação de 24 ago. 2016. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BJfPokDBA-4/>

Nesta publicação o Papa pede oração pelos atingidos no terremoto da Itália. Esta publicação tinha no final do mês de agosto de 2016, 162 mil curtidas. Vale ressaltar ainda a relação das mãos do Papa com a oração. São inúmeros os “instantes” eternizados neste sentido.



Figura 56: Mãos do Papa na oração do terço. 02 maio 2017. Fonte: <https://www.instagram.com/p/BTmqUVvDNmc/>



Figura 57: Audiência Geral Sala Paulo VI. 02 fev. 2017. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BQA6r04BLOC/>

Nesta última “série de mãos”, o close das mãos do Papa com as crianças. Na imagem anterior (figura 55) o Papa abençoa uma criança, percebe-se pelo foco e pela centralidade das mãos a intenção do fotógrafo é apresentar o gesto do Papa. A imagem é trabalhada no sentido de expressar acolhida, afeto e carinho. Na imagem seguinte (figura 57), a mão do Papa direcionada a uma criança se constrói dentro da lógica do registro do gesto. O gesto de dar o dedo indicador para uma criança pode ser compreendido em dois sentidos, primeiro como de apoio e segurança, pois o adulto se oferece como base para o equilíbrio, segundo como autonomia, pois não é o adulto que “segura” a criança e sim esta que agarra o dedo do adulto.



Figura 58: Audiência Geral - 15 jan. 2020. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7V6-vnIELX/>

Apesar da oficialidade da página, é possível perceber a “exploração” das expressões do Papa, tanto de Alegria – quesito bastante repetido em várias imagens, como de introspecção nos momentos de oração, como podemos visualizar nas imagens que seguem:

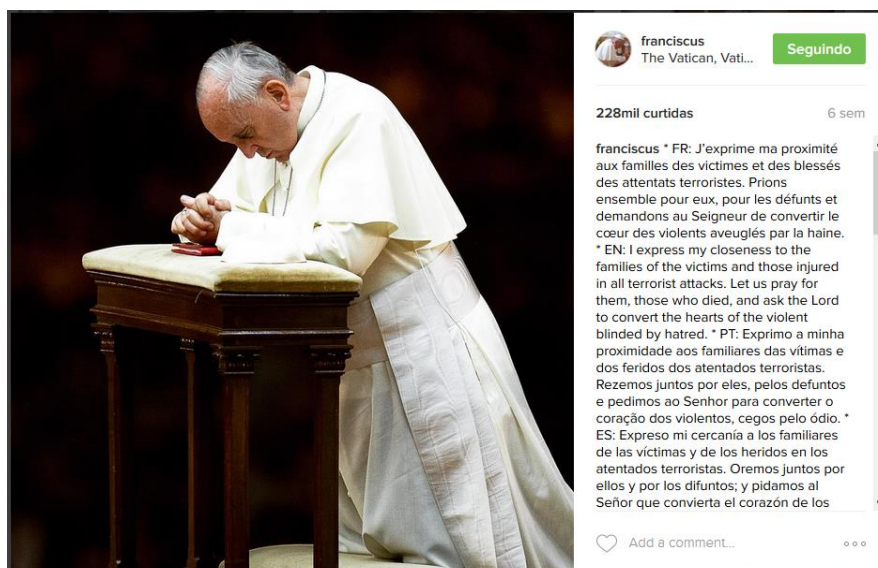


Figura 59: Papa reza pelas vítimas dos atentados terroristas. 15 jul. 2016. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BH4cukVhGlz/>

Não há nada de novo em mostrar um religioso rezando, porém, a oração é dotada de um sentido profético: ela pede a conversão. As imagens do santo padre rezando, confluem para três significativas expressões difundidas pela conta nesta rede social: oração, acolhida e pregação.

Várias das publicações da página buscam exprimir uma mensagem de conteúdo significativo, relacionado com alguma atualidade e que exprima a palavra pontifical.



Figura 60: Papa visita Armênia. 25 jul. 2016. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BHFwFWnBOAW/>.

Francisco tem encampado diversas viagens pelo mundo buscando o ecumenismo. Na imagem anterior o vemos com o chefe da Igreja armeniana em um gesto de união e cordialidade. É perceptível que a cerimônia é toda simbólica e que houve a intenção do fotógrafo em retratar o barco (símbolo da Igreja) e a água (símbolo da purificação/renovação). Também se vê na imagem uma parreira de uva, simbolizando os frutos do ecumenismo. Ambos os chefes nesta cerimônia rezaram pela paz, demonstrando um esforço da Igreja romana e da Igreja armeniana em vencer o passado de sangue e de perseguição entre ambas. Esta postagem em menos de um mês teve 160mil curtidas¹⁵³.

Na imagem seguinte (figura 60), o close é de um pequeno vídeo criado a partir de inúmeras imagens remontando a viagem papal à Suécia em um dos principais encontros ecumênicos com lideranças da Igreja Luterana.

¹⁵³ Depois de quase 4 anos, esta postagem tem número semelhante de curtidas, o que denota o protocolo do Instagram: o instantâneo não é somente a publicidade da imagem, mas também o seu acesso pelos usuários.



Figura 61: Papa visita Suécia. 04 nov. 2016. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BMZI5toB9kZ/>

É perceptível a perspicácia do fotógrafo em capturar durante a cerimônia esta fotografia icônica em que o papa, ao mesmo tempo em que tem suas costas iluminadas em meio a escuridão da noite tem sua cabeça obstruindo a lua, dando o efeito “auréola”. Nota-se a referência à ideia de santidade. Já a imagem que segue, Francisco está em visita ao Cairo e é recebido pelo grande Imã da mesquita de Al-Azhar, Ahmed al-Tayeb. A mensagem escrita anexa a foto fala da incompatibilidade da violência com a fé.



Figura 62: Visita apostólica ao Egito. 28 abr. 2017. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BTcVv4Ej9Cb/>

Na imagem a seguir vemos o Papa em oração em frente ao ícone da Sagrada Família no Phoenix Park em Dublin. Percebe-se que a conta no Instagram procura reforçar a imagem do Papa orante. Isto cumpre dois objetivos: estimular a oração entre os fiéis e passar a ideia de o líder religioso está “conectado” aos fiéis em oração pelos problemas do mundo. Transparece

aqui certo senso de responsabilidade ao mesmo tempo em que “responde” indiretamente aos inúmeros pedidos de oração realizados nos comentários das fotos no Instagram.



Figura 63: Em oração na Phoenix Park. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BsA0Q5IDKIL/>

Embora as imagens mais exploradas nas redes sociais seja a de um “velhinho sorridente” na sua conta do Instagram vemos que a intencionalidade publicitária das imagens percorre muito mais do que a “personalidade alegre”. É possível, cruzando as imagens e as legendas perceber que todas as imagens cumprem uma função “eclesiástica”, no sentido de apresentar o líder do catolicismo como um exemplo a ser seguido pelos católicos.

Em seguida, vemos uma imagem que beira o inusitado:



Figura 64: Praça São Pedro. 8 jun. 2016 Fonte: Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BGZV9F_gQkI/

Em uma audiência geral na Praça São Pedro, o papa é surpreendido por vários cães que acompanhavam seus donos. A simpatia do Papa na imagem associada aos animais reforçou a ideia de uma Igreja “atenada” ao cotidiano das pessoas, como as questões relacionadas ao direito dos animais. A legenda reforça a ideia de que as criaturas de Deus são sinais d’Ele. A associação a São Francisco de Assis é inevitável.

De maneira geral, vemos que a página oficial do Papa cumpre a função semelhante à de qualquer outra página oficial, seja de um artista, seja de uma empresa. É nítida a necessidade publicitária de “passar uma mensagem” ao povo cristão. O uso das redes sociais de maneira geral tem se tornado elemento frequente. Questões fundamentais deste papado não têm ficado apenas em bulas e encíclicas, mas tem alcançado o grande público por meio de contínuas publicações nesta nova ambiência, muitas vezes de maneira despercebida, sem tornar clara a intencionalidade, como esta última, que pode ser relacionada com a carta *Laudatio Si*.

4.5 O PAPA É POP¹⁵⁴?

Quando Humberto Gessinger escreveu um dos seus sucessos tornando a banda gaúcha Engenheiros do Hawaii nacionalmente conhecida e ainda hoje lembrada por este sucesso, certamente ele não pensava em Francisco, mas sim no seu antecessor, João Paulo II. O álbum homônimo foi lançado em 1990, dez anos após a visita do Papa à Porto Alegre e seis anos após o atentado a que a música faz referência. No entanto a letra permanece atualíssima. Tal qual – ou talvez mais – Francisco é Pop.

A grande questão que é preciso levantar, o que é ser “pop” em tempos de redes sociais? A grande promessa subliminar que se tem ao acessar as redes sociais vai muito além do acesso a um meio de comunicação eficiente, ela empreende no inconsciente do sujeito a possibilidade de se tornar celebridade. Qualquer um e a qualquer momento pode “viralizar”. O instante da fama pode ser apenas alguns segundos, ou uns minutos a mais. As redes sociais nos deram a possibilidade de sermos onipresentes a nossa maneira e não a maneira divina, pois à nossa maneira podemos a qualquer momento desconectar, bloquear, interromper... Porém o irônico de tudo isso, é que não queremos, estamos cada vez mais conectados, *on-line*, expostos, não apenas onipresentes, mas “oniconectados”.

¹⁵⁴ O título original da música e do álbum é uma afirmação e não uma pergunta. A letra da música e o clipe estão disponíveis aqui: <https://musicaecinema.com/o-papa-e-pop-engenheiros-do-hawaii/>

Qualquer celebridade da segunda década do século XXI em diante, só será celebridade se a sua fama perpassar pelas redes. Não é exclusividade de Francisco, ele não foi o primeiro a encampar a necessidade de estar presente nesta ambiência enquanto religioso, apenas entendeu o “clamor” do tempo de forma que também estava bem assessorado. Da mesma forma Francisco e os cardeais que elegeram Bergoglio, entenderam a necessidade de renovar a imagem da Igreja, não como uma “jogada de marketing”, mas como uma instituição social milenar que sofria amargamente denúncias e mais denúncias de corrupção financeira e escândalos sexuais. “Afinal, o Pop não poupa ninguém!”

A noção de celebridade imposta pela nova ambiência também se traduz no movimento constante. Alguém que queira manter ou ampliar seu escore de seguidores, subir suas *hashtags*, criar engajamento orgânico e dinâmico, ou seja, viralizar na rede precisa ser constantemente ativo, não pode arrefecer. Suas publicações precisam “emocionar”, pois o afeto é o principal protocolo das redes, que para Francisco chama-se Revolução da Ternura. Neste sentido, a utilização das redes sociais ora analisadas – Twitter, Facebook e Instagram – são fundamentais em tornar Francisco uma das maiores celebridades planetárias.

Vale ressaltar que para além das redes sociais a equipe de comunicação do Vaticano, que passou por uma reformulação importante nos últimos anos, possibilitou a presença do Papa em diversos meios e de diversas formas. Para registro citamos o discurso de Francisco na Assembleia das Nações Unidas, a participação em um TED Talks em abril de 2017, o lançamento do álbum *Wake Up* em 2015 que mescla rock progressivo, canto gregoriano e trechos de homilias papais, em 2018 o documentário “Papa Francisco: Um Homem de Palavra” dirigido por Win Wenders e distribuído pela Universal. Paralelo a estas iniciativas da Igreja, dois outros filmes de produtoras seculares lançam os filmes “Papa Francisco: Conquistando corações”, dirigido por Beda Docampo Feijó, e “Dois Papas” dirigido pelo brasileiro Fernando Meireles, já citado neste trabalho. Ainda podemos lembrar da série “Pode me chamar de Francisco”.

Dada esta efusão de presença constante nas diversas mídias, é inegável responder que Francisco é Pop, e como tal, está sujeito a realidade das celebridades. Da mesma forma, é inegável que ele “ressuscitou” a autoestima da maioria dos católicos através da sua imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como finalizar uma pesquisa viva? Não me refiro ao objeto, as redes sociais de Francisco, que por óbvio permanecem vivas. Refiro-me a pesquisa em si, esta que tenta desvendar como a imagem de Francisco se constrói por meio das redes sociais. Em um mundo cada vez mais conectado, a dinâmica do mundo fica mais evidente ao passo que o registro fica cada vez mais extenso. Porém a intensidade e o volume de registros parecem tornar a análise de qualquer coisa algo a ser adiado. Um movimento análogo ao que fazemos com os registros fotográficos familiares. Quem não tem em seus dispositivos, seja ele o laptop, o smartphone ou *in cloud*, várias pastas, repletas de fotos tiradas cotidianamente para um dia, quem sabe, escolher as melhores? O tempo que teríamos para selecionar, observar, eleger as melhores é sempre traído pela possibilidade de fazer novos registros. Nesta tese couberam apenas alguns poucos registros dos muitos realizados durante o período da pesquisa.

Talvez a redação desta conclusão pareça um pouco “atravessada”, mas se faz necessário expor o que não coube para então amarrar o que coube. Primeiramente, e com muita tristeza, não couberam os *memes*. Seria necessário um capítulo à parte, com uma fundamentação específica só para isso. E como tem *meme* do Papa! Existem páginas específicas como “Memes Católicos” (@MemesCatólicos), “Memes católicos” (@MEMESSANCTOS), “Humor Católico” (@HumorCatólico), “Frases que Francisco não disse” entre outros. Característica forte das redes sociais, a comédia e o sarcasmo fazem parte do sucesso desta ambiência.

Seria interessante, por outro lado, um trabalho mais exaustivo focado apenas nas reações à conta @Pontifex, depurando os perfis que mais reagem as contas. Um trabalho desenvolvido na análise dos comentários, nos retuites e na interpretação das postagens da conta poderia gerar uma pesquisa bem aprofundada. Algo semelhante, que quase foi feito por este pesquisador, seria uma pesquisa profunda no Instagram, o que demandaria uma profundidade nos estudos sobre o uso das imagens bem como os impactos que as imagens causam na divulgação da mensagem papal.

Outra possibilidade de pesquisa aventada durante nosso percurso é o uso que as comunidades religiosas estão fazendo para difundir suas atividades rotineiras, como, por exemplo, os convites para participação de quermesses, festas, bingos, celebrações, missas votivas etc., bem como a transmissão de momentos de oração diários ou semanais. Estas redes, ao passo que buscam atrair ou resgatar fiéis também estão “em trabalho de formiga” virtualizando a religião.

Não coube, por questões de delimitação e de extensão, uma pesquisa profunda no comportamento das demais religiões na ambiência das redes sociais. As especificidades, as múltiplas origens, a matriz africana, a expressão indígena etc. São tantas possibilidades e tantas expressões que merecem um único trabalho sobre tal.

Por fim, cabe também uma pesquisa séria, porém afetivamente pesada, a de perscrutar o mundo das milícias virtuais religiosas, algo que foi apontado neste trabalho em caráter germinal, mas que poderia sim, se transformar em uma profunda pesquisa. Porém, vale lembrar que tal pesquisa demandaria “estômago”, pois ler comentários de redes sociais é no mínimo insalubre.

Mas o que coube então a este nesta pesquisa?

Certa vez me disseram que a tese estaria pronta quando eu conseguisse sintetizá-la em uma frase. Durante todo o processo de amadurecimento da tese, fiquei buscando a frase que pudesse exprimir em poucas palavras tudo o que aqui foi dito. Ensaiei por diversas vezes explicar o que era esta pesquisa a minha avó octogenária (em novembro de 2020 ela completa 90 anos) e por óbvio falhei miseravelmente. Tendo finalizado e amadurecido boa parte daquilo que aqui está escrito, cheguei à conclusão de que não coube em quase duzentas páginas o que aprendi nestes quatro anos. Quiçá caberia em uma frase! Mas enfim, depois desse tempo tentei demonstrar *“como o Papa, que minha vó tanto admira, é mais que o chefe da Igreja, é também o rosto de uma Igreja que se constrói e reconstrói em nosso tempo através das redes sociais”*.

Assim, como fechamento, sempre parcial é claro, desta pesquisa, cabe responder “o quê” coube e “a quê” coube esta tese. Primeiramente, coube a necessidade de discutir uma possibilidade metodológica. A metodologia é sempre um ponto vital numa pesquisa de tese, geralmente ela acaba por ser concebida para a própria pesquisa, o que se chama de originalidade metodológica. Em nossa pesquisa, a originalidade foi nevrálgica, foi necessário, até certo ponto caminhar no escuro. Nesta caminhada, encontramos outros tantos pesquisadores, muitos analisando a partir da própria Igreja, discutindo a comunicação com o olhar “de dentro”, o que nos deu um senso de segurança teórica e metodológica, clareando o caminhar da pesquisa, mesmo que nossos pontos de partida e nossos sentidos fossem opostos. Cabe ainda explicar que utilizar o engajamento como critério foi resultado de uma pesquisa exploratória prévia, que consumiu muito tempo até encontrar a ferramenta certa. Mesmo que nossa pesquisa não seja quantitativa, a audiência, aqui traduzida nesta nova ambiência em engajamento, passa a ser critério de qualidade de uma postagem.

Coube discutir o que é o ser humano na pós-modernidade, sua relação com a religião, com a comunicação e com o afeto. O encontro com *homem-comum* e com o *bios midiático* foi

o maior aprendizado neste período. De certa forma foi também a “lanterna” filosófica que eu precisava para caminhar desvendando este novo caminho. Toda discussão sobre pós-modernidade e sobre quem é o homem neste contexto permitiu entender a quem Francisco fala. Em comunicação aprendemos que comunicar não é apenas o “quê” se expressa, mas também o “como” se expressa, bem como não apenas o “quê” se recebe, mas também o “como” se recebe. Por isso, foi impossível já neste debate teórico não discutir a misericórdia, tema privilegiado em Francisco, como sendo o conteúdo e a forma de Francisco se comunicar com o *homem-comum* na pós-modernidade.

Foi também necessário entender como as religiões se expressam e se compreendem nas redes sociais. Tal sugestão, ocorrida na qualificação, permitiu que esta pesquisa fosse mais longe, em caráter comparativo, reconhecer como outras expressões de fé se comportam, suas linguagens, seus métodos, suas mensagens e, de certa forma, seu “ser” em rede. Claro, é impossível abordar todas essas formas em uma pesquisa como esta, isso seria um trabalho enciclopédico. Correndo o risco de ser superficial, buscaram-se as páginas com maior engajamento dentro do escopo das expressões religiosas monoteístas. Assim, judeus, islâmicos, cristãos de outras denominações, expressões orientais, foram pesquisadas na ânsia de estabelecer comparabilidade com a comunicação estabelecida pelo Papa nas redes sociais. Ainda no terceiro capítulo, também foi necessário entender como outras figuras do próprio catolicismo se comportam nas redes sociais, principalmente clérigos e alguns leigos que se tornaram celebridades no Twitter, Facebook e Instagram.

Por fim, entender como o Papa Francisco se expressa, se constrói, se significa e é significado por meio das redes sociais. A produção de sentido nas redes sociais, fez com que um dos símbolos mais antigos da religião cristã, o papado, se tornasse mais próximo e mais kenótico. Nossa leitura final é que Francisco representa de certa forma, um esvaziamento do poder papal através da comunicação. Ao mesmo tempo em que seus gestos, suas manifestações, suas decisões burocráticas e suas reformas diminuem o “tamanho” do Vaticano e com ele sua corte, seu luxo e sua ostentação, Francisco cresce como autoridade moral dentro e fora da Igreja. Não, claro, sem oposição, que claramente se encontra muito mais dentro da Igreja e de aliados poderosos acostumados a uma Igreja cuja comunicação deveria ser apenas vertical. Francisco é assim, não apenas uma autoridade eclesiástica importante, líder de 1,3 bilhão de pessoas no mundo, ele também não é somente uma celebridade das redes sociais, ele é, além de tudo isso, um fenômeno religioso, construído nas redes sociais e para as redes sociais, mostrando a importância e a amplitude desta ambiência virtual.

Como ficou evidente no último parágrafo, não foi fácil escrever esta pesquisa correndo o risco de ser uma obra apologética. Por vários momentos, páginas inteiras foram apagadas, partes reescritas e elementos alterados, pois a tentação de trair uma leitura com distanciamento era muito grande. Não foram poucas as vezes que este pesquisador se sentiu empático ao Papa, um pouco talvez, pelo vínculo eclesiástico que tive no passado, mas creio que em maior parte pelo próprio carisma de Francisco. E não apenas eu, mas muitos são, dentro e fora da Igreja, que se sentem contagiados por ele. Não foi fácil ler, pesquisar, escrever sobre Francisco, porém foi de um imenso prazer.

Dados estes elementos e tudo o que foi disposto, encerramos esta etapa com a clareza de que estamos construindo um mundo cujas fronteiras físicas, materiais, institucionais, religiosas, econômicas e sociais são cada dia mais difusas, fragmentadas e líquidas, no entanto, ao mesmo tempo estão interconectadas, em rede, não de modo linear e contínuo, mas uma rede com muitos “fios soltos”, desconexões, redundâncias conectivas, alguns laços resistentes, mas muitos laços frágeis. Nesta grande rede, traduzida cada vez mais por meio das redes sociais, apareceu um homem de branco, de caminhar titubeante, e atrás dele uma multidão em rede, construindo com ele, aquele que chamamos de Francisco: um papa em rede.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, G. **O Mistério do Mal**. São Paulo: Boitempo, 2015.

AGOSTINHO. **O Livre Arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. Porto: Afrontament, 2012.

AHLAM. **Islam em Português**. Disponível em:
https://www.facebook.com/pg/IslamPortugues/about/?ref=page_internal. Acesso em: 22 jan. 2020.

ALETEIA. **Quem Somos**. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/quemsomos/>. Acesso em: 10 maio 2019.

ANDRADE, G. Corpo-dispositivo: entre o visível e o invisível da informação. **Revista Eco Pós**, v. 18, n. 2, p. 232-243, 2015.

ANTOUN, H.; MALINI, F. **A Internet e a Rua: Ciberativismo e Mobilização nas Redes Sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ARRESALA. **Arresala: Centro Islâmico no Brasil**. Disponível em:
https://www.facebook.com/pg/Arresala/about/?ref=page_internal. Acesso em: 10 jan. 2020.

AZEVEDO, C. A. A Procurado conceito de Religião: Entre o conceito de Relegere e Religare. **Religare: Revista do Programa de Pós-graduação de Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba**, p. 90-96, mar. 2010.

BARBOSA, C. E. **A construção da figura do papa francisco no discurso da mídia: um papa diferente? VII SEAD**, p. 1-8, 2015.

BARNES, R. **Trolls, fanboys and lurkers: understanding online commenting culture shows us how to improve it**. Disponível em: <https://theconversation.com/trolls-fanboys-and-lurkers-understanding-online-commenting-culture-shows-us-how-to-improve-it-96538>. Acesso em: 03 jun. 2018.

BARROS, A. T. Imagens do passado e do futuro: o papel da Fotografia entre a memória e a projeção. **Matrizes**, n.11, p. 149-164, jan./abr. 2017.

BAUDRILLARD, J. **Simulacro e Simulação**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BEARD, M. **Mary Beard: “O poder do homem está relacionado com sua capacidade de silenciar as mulheres”**. (P. GUIMÓN, Entrevistador). Acesso em: 11 maio, 2018.

BENJAMIM, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio d'água: 1992.

BÍBLIA PASTORAL. **Bíblia Sagrada**: edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BOFF, L. **Teologia do Cativo e da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL, A. Virar a Câmera, estremecer a imagem. **Congresso brasileiro de ciências da comunicação**, Porto Alegre, 2004.

CONCÍLIO VATICANO II. **Apostolicam Actuositatem**: Sobre o Apostolado dos Leigos. Vaticano: Libreria Vaticana, 1965.

D'AMARAL, M. T. **Filosofia da Comunicação e da Linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

D'AMARAL, M. T. **Comunicação e Diferença**: Uma filosofia de Guerra para uso dos homens comuns. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

D'AMARAL, M. T. **Os Assassinos do Sol**: uma história dos paradigmas filosóficos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. v. 1.

DATAFOLHA. **Universo On-Line**: Datafolha Instituto de Pesquisas. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em: 28 dez. 2016.

DELEUZE, G. **A Imagem-Tempo**. São Paulo: Brasiliense: 1992.

DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

DIDI-HUBERMAN, G. **La ressemblance par contact**: archéologie, anachronisme, et modernité de l'empreinte. Paris: Editions de Minuit, 2008.

DRESCHER, E. **Tweet If You Heart Jesus**: Practicing Church in the Digital Reformation. Morehouse Publishing, 2011

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DÜRKHEIM, É. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

EAGLETON, T. **O debate sobre Deus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ERWING, W. **El cuerpo**: fotografías de lácncfiguracion humana. Barcelona: Siruela, 1996.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT,, M. **História da Sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de Pesquisa em Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

FRANÇA, R. O. Habemus Papam: Instituição, acontecimento e performance na formação de uma celebridade instantânea. **Interfaces da Lusofonia: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho**, p. 221-244, 2014.

FRANCISCO, P. **Laudatio SI**. Vaticano: Libreria Vaticana, 2015.

FRANCISCO, P. **Misericordiae Vultus**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

FRANCISCO, P. **Misericordia et misera**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016.

GASPARETTO, P. R. **Midiatização da Religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

GOMES, P. G. **Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GRAMSCI, A. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

HABERMAS, J. **Teoria do Agir Comunicativo**. São Paulo: WMF, 2012. v. 1

HABERMAS, J. **Teoria do Agir Comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, J. **Fé e Saber**. São Paulo: Unesp, 2013.

HABERMAS, J.; RATZINGER, J. **Dialética da Secularização: sobre razão e religião**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

HALFED, P. C. A construção do outro nas redes sociais: uma análise semiolinguística de comunidades do Facebook. **Entretextos: Revista Científica do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem**, p. 133-150, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/14198>.

HEIDEGGER, M. **Fenomenologia da Vida Religiosa**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HERRING, S. **Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured, and emergent**. 2013. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/gurt.2011.prepub.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

IGREJA Internacional da Graça de Deus. **História**. Disponível em: <http://ongrace.com/portal/?historia=r-r-soares>. Acesso em: 10 out. 2018.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOÃO XXIII. **Constituição apostólica humanae salutis**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1961.

KADT, E. **Católicos Radicais no Brasil**. Brasília: UNESCO/MEC, 2007.

KANT, I. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Escala, 2006.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Petrópolis : Vozes, 2012.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: editora 34, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: 34, 2003.

LGBT NEWS. **LGBT Brasil News**. Disponível em: https://www.lgbtnewsbr.com/2018/08/papa-francisco-recomenda-psiQUIATRIA.html?fbclid=IwAR3YNQoJZk0bRqTdm9HSqJ1P6KVU48s_zy7fWlwc0pwmm1PVXH5MHUVRNKA. Acesso em: 12 mar. 2019.

LISSOVSKY, M. **A Máquina de Esperar**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

LOPES, F. L. **Religião e ateísmo nas redes sociais: uma análise de expressões pessoais e de debates no facebook**. 2013. Disponível em: <http://congresso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT14-Fernanda-Lima.pdf>

L'OSSERVATORE ROMANO. **Franciscus**. 2016. Disponível em: <https://www.instagram.com/franciscus/>. Acesso em: 26 ago. 2016.

LYOTARD, J.-F. **O Pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

MAGALHÃES, J. **Coisas Judaicas**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/judaicas/>

MARCONDES, D. **Textos Básicos de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARÍAS, J. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MONTEIRO, D. S.; MELO, M. D. De Joseph a Bento, de Jorge a Francisco: Um estudo sobre a construção do Ethos e sua relação com os nomes dos Papas. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 9, p. 21-38, 2015.

MUHAMMAD, A. **Islam para todos**. 2020. Disponível em:
https://www.facebook.com/pg/portalipt/about/?ref=page_internal

MÜLLER, P. A. Comunicação da fé: uma análise do ambiente do facebook como instrumento para evangelização. **Link Science Place**, p. 147-159, 2014.

NACION, L. **El papa llegó desde el fin del mundo**. Buenos Aires: La Nacion, 2013.

NIETZSCHE, F. Sobre a Verdade e a Mentira no sentido extra-moral. *In.*: A CULTURAL, **Friedrich Nietzsche**: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Ebook Brasil, 2002.

OLIVEIRA, E. R. **Pesquisa em torno da Fotografia**: ou da marca fotológica. 1984.

PORTELLI, H. **Gramsci e a questão religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1984.

RATZINGER, J. **Papa Bento XVI. 2007**. Disponível em:
http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 28 ago. 2016.

RECUERO, R. **As Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

RICARD, M. **Buda Virtual**. Disponível em: <https://www.facebook.com/budavirtual/>. Acesso em: 13 nov. 2016.

SÁ MARTINO, L. M. **Mídia, religião e sociedade**. São Paulo: Paulus, 2016.

SANTOPADREBRASIL. **Papa Francisco**. 2013. Disponível em:
<https://www.facebook.com/pg/SantoPadreBrasil>. Acesso em: 12 fev. 2020.

SBARDELOTTO, M. Entre usos e práticas: a apropriação socioreligiosa de redes digitais e os novos fluxos de circulação midiática. **Mídia e Cotidiano**: Revista eletrônica do programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano, p. 392-413, 2013.

SBARDELOTTO, M. O leigo-amador no contexto da midiaticização: uma análise da circulação do “religioso” na internet. **XXIII Encontro Anual da Compós**, p. 1-17. 2014.

SBARDELOTTO, M. **E o Verbo se fez rede**. São Paulo: Paulinas, 2017.

SCHIMIDT, M. L.; MAFHOUD, M. *Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência*. **Psicologia USP**, 285-298, 1993.

SELL, C. E. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2013.

SHRIVER, M. **Peregrino: Minha busca pelo verdadeiro papa Francisco**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

SIBÍLIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, C.; NALINI, L. E. Religião e mídias sociais: a disseminação do discurso religioso no facebook. **Revista Panorama**, p. 65-77, 2015.

SIMONDON, G. A gênese do Indivíduo. *In.*: P. PELBART; R. COSTA. **O reencantamento do concreto: cadernos de subjetividade**. São Paulo: Hucitec, 2003.

SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. *In.*: MORAES, D. **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para um método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VATICAN MEDIA. **Franciscus**. 2016. Disponível em: <https://www.instagram.com/franciscus/>. Acesso em: 26 ago. 2016.

VATICANO. **Biografia do Santo Padre Francisco**. 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>

VATTIMO, G. **Depois da Cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, G. **Adeus à Verdade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

VAZ, P. A compaixão, moderna e atual. *In.*: J. FREIRE FILHO; M. COELHO. **Jornalismo, cultura e sociedade visões do Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

VAZ, P. **A vida Feliz das Vítimas**. 2014. Disponível em: <https://textosdaeco.wordpress.com/2014/12/07/a-vida-feliz-das-vitimas/>. Acesso em: 2016.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito da Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: UnB, 2012.

ŽIŽEK, S. **O Amor Impiedoso**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.